



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIA LUIZA SOARES DE MEDEIROS

LAXDOELA SAGA E BRENNU-NJÁLS SAGA:
um estudo acerca das relações de gênero nas sagas islandesas medievais

RECIFE
2024

MARIA LUIZA SOARES DE MEDEIROS

LAXDOELA SAGA E BRENNU-NJÁLS SAGA:
um estudo acerca das relações de gênero nas sagas islandesas medievais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (PPGH/UFPE), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.
Linha: Do Antigo Ao Moderno: Poderes, Culturas e Discursos.

Orientador: Felipe Augusto Ribeiro.

RECIFE
2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE – Biblioteca Central

Medeiros, Maria Luiza Soares de.

Laxdoela saga e Brennu-njáls saga: um estudo acerca das relações de gênero nas sagas islandesas medievais / Maria Luiza Soares de Medeiros. - Recife, 2024.
214f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2024.

Orientação: Felipe Augusto Ribeiro.

Inclui referências.

1. Relações de gênero; 2. Literatura medieval; 3. Sagas islandesas; 4. Papéis de gênero. I. Ribeiro, Felipe Augusto.
II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MARIA LUIZA SOARES DE MEDEIROS

LAXDOELA SAGA E BRENNU-NJÁLS SAGA:
um estudo acerca das relações de gênero nas sagas islandesas medievais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (PPGH/UFPE), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Relações de gênero na literatura medieval.

Aprovado em: 22/08/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Augusto Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Dra. Isabela De Albuquerque Rosado Do Nascimento (Examinador Externo à
Instituição)

Universidade de Pernambuco – UPE

Dr. Lukas Gabriel Grzybowski (Examinador Externo à Instituição)

Universidade Estadual de Londrina – UEL

*Dedico esta dissertação a todas as
mulheres que vieram antes de mim e
abriram-me portas. Sigamos juntas.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que poucas Universidades e Programas possuem o privilégio de possuir professores e gestores tão dedicados e apaixonados pela historiografia e a produção científica como o PPGH da Universidade Federal de Pernambuco. Agradeço, portanto, ao meu departamento, destacando a atenciosidade de Sandra e Raquel. Também gostaria de agradecer ao CNPq, cujo apoio foi fundamental para que esta pesquisa fosse possível. Por fim, agradeço ao meu orientador, Felipe Ribeiro. Apesar de conhecer Felipe apenas durante o programa, através de uma disciplina sobre medievo, ele foi uma excelente surpresa que o PPGH me proporcionou. Felipe se mostrou um orientador ímpar. Para além de sua competência e de seus apontamentos sempre muito precisos, Felipe foi o tipo de orientador que, acredito eu, todo orientando gostaria de ter, estando sempre presente e sendo acolhedor durante os momentos de incerteza.

Também agradeço a Christine Dabat, minha primeira orientadora, que me incentivou a ingressar no universo acadêmico e apresentou-me ao conjunto literário que iria se manter como minhas fontes historiográficas até a pós-graduação.

Assim como nas sagas, o desenrolar do fio narrativo da minha vida está profundamente entrelaçado com o de minha família. Agradeço aos meus pais, Renata e Givanilson, que me proporcionaram a melhor educação que eu poderia ter. Agradeço à minha irmã, Sophia Soares, e desejo não a ter traumatizado com os constantes fins de semana em frente ao computador. Ao contrário, desejo ter, talvez, fornecido uma janela para uma inspiração futura sobre o árduo trabalho da ciência. Agradeço aos meus avós, Frederico e Maria do Carmo, que foram fundamentais à minha criação e sempre buscaram dar tudo possível para a primeira neta. Também agradeço à minha tia, Cibele, que sempre compreendeu quando eu não pude mais ter os nossos finais de semana divertidos. Ao meu tio e padrinho, Leonardo Soares, agradeço pela constante convicção em meu potencial. À minha tia e madrinha, Raquel Soares, sou eternamente grata. Minha tia, doutora e professora da Universidade Federal de Pernambuco, foi quem primeiro me incentivou a paixão pelos livros e pela educação. Enquanto ela estava em seu doutorado, lembro-me de, ainda criança, ver os livros em sua mesa e achar uma anomalia para alguém ler todas aquelas páginas, proferindo um “Deus me livre” de maneira sonora. Agora sabemos que nada disso ocorreu como o esperado.

Ao meu namorado, Victor Augusto, disponho uma gratidão imensa, que felicidade a minha compartilhar minha vida com você. Obrigada por todo apoio incondicional e acolhimento, todos os seus abraços e jantares feitos por você me permitiram passar por esse processo de maneira menos penosa.

Por fim, agradeço a Luna, minha cadela. Luna me faz buscar ser uma pessoa melhor todos os dias, ensinando-me o verdadeiro significado do amor.

O contexto político no qual estamos inseridas exige, do meu ponto de vista, que nós, historiadoras e educadoras, tomemos posição clara a respeito da centralidade do pensamento científico para a construção de uma sociedade mais justa. E isso requer, entre outros conhecimentos e práticas, que discutamos e reflitamos sobre as diferenças sexuais atribuídas culturalmente aos corpos biológicos. Por isso acredito ser fundamental continuar me perguntando sobre a pertinência dos estudos de gênero e sua aplicação à história medieval (FORTES, 2019)

RESUMO

Esta dissertação se debruça sobre as relações e a hierarquia de gênero nas obras *Laxdoela saga* (saga Laxdaela) e *Brennu-Njáls saga* (saga de Njáll), ambas produzidas na Islândia do século XIII. O estudo das relações de gênero permite propor às sagas questões sobre a construção do saber acerca da diferença sexual e de que forma esses saberes são legitimados e naturalizados; deste modo, a pesquisa problematiza como tais relações são perpassadas, nessas narrativas, por aspectos como o cristianismo, conflitos políticos e a cultura antiga, através do casamento, da genealogia, da violência, da política e da religião. Com isso, o objetivo é analisar como as relações de gênero estão presentes na narrativa das sagas e entrelaçam-se com a dinâmica complexa de contemporaneidade de sua produção. Assim, em um primeiro momento, o trabalho aborda a sociedade islandesa medieval e seu contexto social, político, econômico e religioso; posteriormente, analisa o contexto de produção de manuscritos nórdicos medievais, com ênfase nas sagas enquanto gênero literário, e discutirei seus aspectos de oralidade, letramento e religiosidade, tanto cristãos quanto antigos, destacando a distância temporal entre os fatos narrados e seu período de produção; em seguida, por fim, discute a categoria de gênero e as possibilidades de seu uso nas sagas definidas.

Palavras-chave: Sagas islandesas. Literatura medieval. Papeis de gênero. Relações de gênero.

ABSTRACT

This project focuses on gender relations and classification in the works *Laxdoela saga* (Laxdaela's saga) and *Brennu-Njáls saga* (Njáll's saga), both produced in 13th century Iceland. The study of gender relations allows sagas to pose questions about the construction of knowledge about sexual difference and how this knowledge is legitimized and naturalized; In this way, the research problematizes how such relationships are permeated, in these narratives, by aspects such as Christianity, political conflicts and ancient culture, through marriage, genealogy, violence, politics and religion. With this, the objective is to analyze how gender relations are present in the narrative of the sagas and intertwined with the complex contemporary dynamics of their production. Thus, initially, the work addresses medieval island society and its social, political, economic and religious context; subsequently, it analyzes the context of production of medieval Norse manuscripts, with an emphasis on sagas as a literary genre, and discusses their aspects of orality, literacy and religiosity, both Christian and ancient, highlighting the temporal distance between the narrated facts and their period of production; then, finally, it discusses the genre category and the possibilities of its use in defined sagas.

Keywords: Icelandic sagas. Medieval literature. Gender roles. Gender relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. Construindo a pesquisa: a situação da escandinavística brasileira, o estudo das sagas islandesas e a formulação dos problemas investigados	1
1.1. As fontes primárias	2
1.2. Problematizando o gênero: como é possível uma análise das relações de gênero na saga Laxdaela e na saga de Njáll?	5
2. Objetivos	6
3. Esclarecimentos.....	6
CAPÍTULO I – A ISLÂNDIA MEDIEVAL: ENCONTROS E DESENCONTROS EM UMA ILHA NO SEIO DO ATLÂNTICO NORTE.....	8
1. Definições terminológicas e espaço-temporais na historiografia escandinavística	8
2. A Escandinávia medieval: vida social, política e religiosa.....	19
CAPÍTULO II – AS SAGAS MEDIEVAIS ISLANDESAS: CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS E TRADIÇÕES MANUSCRITAS	31
1. Língua vernacular: o Nórdico ou Islandês antigo	31
2. A produção de manuscritos no Norte Medieval: o letramento e o cristianismo ...	33
3. As sagas islandesas medievais: o gênero literário e as sagas dos islandeses...	43
4. As sagas: entre a oralidade e a escrita	48
5. Saga de Njáll e saga Laxdaela: o apogeu da literatura islandesa medieval	57
CAPÍTULO III – AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MEDIEVO: IMPOSIÇÕES E QUESTIONAMENTOS NA SAGA LAXDAELA E NA SAGA DE NJÁLL.....	71
1. Gênero: mas afinal, o que seria?	71
2. O Gênero no Medievo: um infinito de possibilidades	86
3. As sagas medievais islandesas inquiridas pelo prisma do gênero	91
3.1. Genealogia e casamento	94
3.2. Violência	145
3.3. Religião e Política	165
CONCLUSÃO.....	179
REFERÊNCIAS.....	193
1. Fontes	193
2. Estudos.....	193

INTRODUÇÃO

Este trabalho se debruça sobre as relações e a hierarquia de gênero da sociedade islandesa medieval, através das *Laxdoela saga* (*saga* Laxdaela) e *Brennu-Njáls saga* (*saga* de Njáll), ambas produzidas na Islândia do século XIII. Os temas relativos aos *vikings* e à sociedade escandinava medieval estão postos em evidência dentro da academia brasileira. É perceptível um aumento na produção intelectual que aborda os estudos escandinavos medievais nos últimos anos. Este crescimento é destacado na análise de Lukas Grzybowski, “A Escandinávia Na Idade Média Em Suas Múltiplas Leituras”¹, e de Leandro Vilar Oliveira, “Invasão viking na atual historiografia brasileira”². Nossa pesquisa busca se inserir nesse novo quadro de avanço da história escandinava.

1. Construindo a pesquisa: a situação da escandinavística brasileira, o estudo das sagas islandesas e a formulação dos problemas investigados

Diante do crescimento da produção acadêmica brasileira que aborda a Escandinávia medieval, resalto aqui três teses de doutorado que abordam esta temática: em História Comparada, *As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do Reino de Wessex com a região da Danelaw (séculos IX-X)*, elaborada por Isabela de Albuquerque³, em Letras, *Literatura e Mito na Escandinávia Medieval. Aspectos da Mulher Guerreira na Saga De Hervör*, produzida por Luciana Campos, e no campo dos Estudos de Tradução, *Brennu-Njáls Saga: Projeto Tradutório e Tradução para o Português*, de Théo de Borba

¹ Grzybowski, Lukas. A Escandinávia Na Idade Média Em Suas Múltiplas Leituras. *Signum*, v. 16, n. 3, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/77560559/A_Escandin%C3%A1via_Na_Idade_M%C3%A9dia_Em_Suas_M%C3%BAltiplas_Leituras. Acesso em: 18 dez. 2023.

² OLIVEIRA, L. V. Invasão viking na atual historiografia brasileira. *Hydra*, v. 2, n. 3, jun. 2017. Disponível: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/9111>. Acesso em: 22 dez. 2023.

³ NASCIMENTO, Isabela de Albuquerque Rosado. *As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do Reino de Wessex com a região da Danelaw (séculos IX-X)*. Rio De Janeiro: UFRJ, 2017. Disponível em: https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=228-as-relacoes-identitarias-entre-anglo-saxoes-e-escandinavos-uma-comparacao-do-reino-de-wessex-com-a-regiao-da-danelaw-seculos-ix-x&category_slug=teses&Itemid=155. Acesso em: 22 dez. 2023.

Moosburger⁴. Em relação à sua tese, Campos se propõe a abordar a criação do “mito da mulher guerreira na literatura, desde a Antiguidade Clássica até a escrita das sagas na Escandinávia Medieval”⁵, com enfoque na *Hervarar saga ok Heiðreks*. Campos utiliza sagas pertencentes ao subgrupo de sagas lendárias ou *fornaldarsögur*. Estas apresentam um enfoque narrativo e temporal diferentes das sagas de família, priorizando uma tradição heróica com presença do romance continental e de aspectos do fantástico.

Apesar das contribuições citadas, ainda são poucas no Brasil as produções que utilizem as sagas enquanto fontes para problematizar as relações de gênero⁶.

Desse modo, apesar do crescimento no número de trabalhos no Brasil que abordem a temática *viking* e as relações de gênero, ainda é incipiente a produção nacional que unam essas duas temáticas. Essa escassez se torna ainda mais evidente ao analisarmos o subgrupo das sagas de família. A perspectiva desta análise e pesquisa encontram-se nessa lacuna.

1.1. As fontes primárias

Em relação às nossas fontes principais, as sagas são um conjunto único de narrativas literárias que apresentam profunda relação com a cultura oral, sendo uma das principais fontes, em conjunto com a arqueologia, para os estudos da expansão escandinava no Atlântico Norte durante o Medieval. O termo saga está vinculado ao verbo “dizer”, do islandês antigo *segja*, sendo sua narrativa elaborada no formato de prosa vernacular. As sagas são um gênero literário único que marcaram a produção literária escandinava e medieval como um todo. Esse gênero literário foi produzido dentro de uma efervescente sociedade islandesa medieval que surge dentro de um conjunto de encontros no seio do Atlântico Norte. As narrativas das sagas expõem e

⁴ MOOSBURGER, T. B. *Brennu-Njáls saga*: Brennu-njáls saga: projeto tradutório e tradução para o português. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132415>. Acesso em: 22 dez. 2023.

⁵ CAMPOS, Luciana. *Literatura e Mito na Escandinávia Medieval*: aspectos da Mulher Guerreira na *Saga De Hervör*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2018, p. 4. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13066?locale=pt_BR. Acesso em: 22 dez. 2023.

⁶ GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; BIRRO, Renan Marques. Um ensaio historiográfico sobre a Escandinávia brasileira. In: AMARAL, Clinio; LISBÔA, João (Org.). *A historiografia medieval no Brasil*: de 1990 a 2017. Curitiba: Prismas, 2019.

revelam em suas narrativas padrões culturais e estruturas sociais do contexto no qual foram produzidas.

Deste modo, as *sagas* formam um valioso grupo de fontes historiográficas, descrevendo um mundo complexo de casamentos, alianças, conflitos, genealogia, posse de terra e assassinatos, que constituíram o processo de assentamento islandês. Elas possuem diferentes classificações que se baseiam no seu enfoque narrativo e em sua cronologia de eventos. Neste estudo serão analisadas duas das *sagas* do subgrupo *Íslendingasögur*, as “*sagas dos Islandeses*”. Conhecidas também como *sagas de família*, as *Íslendingasögur* apresentam como base geral em seu recorte espaço-temporal a Islândia dos séculos IX, X e XI. Posto que estou preocupada em explorar um aspecto ainda incipiente na escandinavística nacional – isto é, as relações de gênero através da genealogia, casamento, violência, religião e política – escolhemos investigar duas *sagas de família*, *saga de Njáll* e *saga Laxdaela*, produzidas no século XIII. Neste trabalho serão utilizadas versões traduzidas na língua inglesa e portuguesa dos manuscritos originais em nórdico antigo.

Ambas as *sagas* são produções célebres do subgrupo citado, que apresentam diversas personagens femininas complexas e essenciais em seu desenrolar narrativo, como Hallgerður, Unn, Gudrun e Thorbiorg. Essas personagens teriam vivido na Islândia entre o período do século IX ao XI. Para a *saga Laxdaela* será utilizada a versão traduzida para o inglês em 1880 por Muriel A. C. e publicada em 2006 no *Icelandic Saga Database* (mantido por Sveinbjörn Þórðarson)⁷; para *saga de Njáll*, empregaremos a tradução de Théo de Borba Moosburger, em sua tese de doutoramento, submetida, em 2014, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina⁸. Em relação à *saga Laxdaela*, Loren Auerbach aponta que há um centro narrativo e protagonismo para Gudrun, de modo que esta e outras personagens femininas são construídas com profundidade. Entretanto, as personagens masculinas, em comparação, seriam mais rasas e não demonstrariam a mesma complexidade.

Em relação à *saga de Njáll*, esta traz, em sua narrativa, uma maior rigidez e clareza de quais deveriam ser os papéis femininos. Este é um fato importante visto

⁷ Visto que a edição digital não é paginada, esta *saga* será referenciada pelos seus capítulos, conforme a organização do *Icelandic Saga Database*. Procedimento similar se dará com outras *sagas* consultadas na mesma circunstância, referenciadas pelas suas partes e capítulos.

⁸ Neste caso, a referência à *saga* será feita por meio do nome de Moosburger.

que para alguns autores, em oposição a *saga* de Njáll, a *saga Laxdaela* carrega um caráter problematizador em sua narrativa ao questionar em certos pontos a hierarquia e os papéis de gênero. Em ambas as produções as personagens femininas são essenciais para o desenrolar narrativo e para o destino dos personagens masculinos.

Para além das sagas acima mencionadas, também utilizaremos algumas outras fontes secundárias. A primeira delas é a *saga* de *Grettis*, também pertencente ao grupo das *sagas* de família ou dos islandeses, produzida na primeira metade do século XIV e excepcional ao relatar um possível caso de estupro. Ademais, ressalto que a produção escrita e literária islandesa medieval não se restringiu apenas às *sagas*. Também utilizaremos como base as *Grágás* ou “Leis do Ganso Cinzento”, que geralmente tem sua origem atribuída ao século XIII e são definidas enquanto uma coletânea de leis islandesas presentes em diversos códices de diferentes períodos. E por fim, destaco aqui o *Landnámabók* ou “Livro do Assentamento” (ou, ainda, “Livro da Tomada de Terras”), provavelmente produzido no século XII e que narra a chegada dos noruegueses à Islândia, o processo de assentamento e a genealogia dos islandeses.

Destacamos, portanto, nesta análise, o contexto da produção de tais obras, incluindo a cristianização da ilha e seus aspectos políticos e religiosos, fundamentais para compreender essas narrativas. Os personagens e as relações de gênero nas sagas carregam valores da Islândia cristianizada do século XIII. A cristianização não apaga instantaneamente os costumes nórdicos pré-cristãos. Este é um processo complexo e gradual, que está presente na narrativa das sagas, cristãs, mas que versam sobre o passado ainda pagão. As sagas não devem ser vistas então como espelhos precisos da Era Viking, mas como produtos do século XIII, inseridos em um contexto diferente. A Islândia do século XIII já era cristianizada e submetida à coroa norueguesa, com influências culturais continentais. Essas obras são valiosas fontes imbuídas de significados sobre as relações sociais e formas de organização do período. As narrativas das sagas são complexas, indicando conflitos e instabilidades nas relações humanas e carregadas de uma historicidade específica. As sagas surgiram em um contexto islandês medieval dinâmico, entre tradições orais e cultura escrita, descrevendo um mundo de casamentos, alianças, conflitos, genealogia e posse de terra. É essencial analisá-las dentro de uma perspectiva historiográfica que reconheça sua diversidade como fontes, sem buscá-las como um espelho fiel do

passado viking, mas como interpretações posteriores desse período. A análise se concentra nas relações de gênero, nos valores sociais e nos conflitos subjacentes presentes nas sagas islandesas do século XIII.

1.2. Problematizando o gênero: como é possível uma análise das relações de gênero na saga Laxdaela e na saga de Njáll?

Para Tatiana Siqueira, ao comentar Joan Scott, o gênero faz parte da composição das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo o gênero a primeira maneira de atribuir sentido às relações de poder⁹. Do mesmo modo, Jóhanna Katrín Friðriksdóttir discorre sobre os papéis exercidos pelas personagens femininas, definidos através de seu sexo, nas sagas, trazendo em sua obra o corpo de gênero enquanto construção cultural¹⁰. Ao abordar a patriarcalidade no Ocidente, a autora, que insere neste contexto a sociedade islandesa medieval, expõe a destinação dos papéis do âmbito privado e doméstico à mulher e dos papéis do âmbito público e dos espaços políticos oficiais ao homem. Para a autora, esta divisão está presente nas sagas, especialmente nas sagas de família que aqui propomos abordar. Nestas sagas, Friðriksdóttir aponta que são perceptíveis questionamentos e insatisfações acerca desta hierarquia de gênero¹¹. Após revisar de modo breve as teorias sobre relações de gênero e suas contribuições nos estudos medievais, defendo que a definição aqui apresentada é influenciada por Scott, Lima, Silva e Bitencourt, compreendendo o gênero como um conhecimento não fixo e relacional, historicamente contextualizado e abrangente em diferentes esferas sociais, como política, religião, economia, raça e classe.

As sagas, carregadas de contexto social, histórico, religioso e político, inseridas na Islândia do século XIII, reinterpretem seu passado. Exploro como essas narrativas, que mesclam o oral e o letrado, o pagão e o cristão, abordam e contestam hierarquias de gênero.

⁹ SIQUEIRA, Tatiana L. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. *Ártemis*. v. 8, 2008, p. 110-11. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2310>. Acesso em: 22 dez. 2023.

¹⁰ FRIÐRIKSDÓTTIR, Jóhanna Katrín. *Women In Old Norse Literature: Bodies, Words, And Power*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 9.

¹¹ Ibidem.

Enfatizo que as sagas e suas representações de gênero oferecem inúmeras possibilidades de análise, desafiando e legitimando construções históricas sobre o gênero. Apesar das limitações, como a escassez de traduções para português das sagas, acadêmicos brasileiros têm explorado figuras femininas nesse contexto.

Discuto também como a cristianização influencia as narrativas das sagas, suas implicações para o ideal feminino e como a economia e a política perpassam e perpetuam hierarquias de gênero. Para a análise das sagas de Njáll e Laxdæla, focarei em genealogia, casamento, violência, política e religião para examinar suas representações de gênero.

2. Objetivos

Em vista dos problemas levantados, a partir dos Estudos de Gênero, estabelecemos, como objetivo geral, analisar as relações de gênero nas sagas de Laxdaela e Njáll. Nossos objetivos específicos são:

- A. abordar o contexto medieval islandês, perpassando sua organização político-sociais e processo de cristianização, analisando assim o cenário historiográfico de produção das *Íslendingasögur* ou sagas de família em análise;
- B. discutir a complexidade de tais fontes, analisando como a tradição oral e o letramento, assim como a cultura pagã e o cristianismo, influenciaram na formação da construção dessas narrativas, destacando a distância temporal entre seu período de produção e os eventos narrados;
- C. apontar de quais maneiras estas sagas reforçaram e/ou questionaram a hierarquia de gênero e as limitações ao âmbito privado impostas aos papéis femininos, através dos elementos que envolvem a genealogia, o casamento, a violência, a política e a religião.

Tais metas serão perseguidas a cada capítulo desta dissertação: o capítulo I contemplará o objetivo A, o capítulo II lidará com o objetivo B e o capítulo III se engajará com o objetivo C.

3. Esclarecimentos

Para finalizar esta introdução, ressalto que todos os textos estrangeiros citados em português foram traduzidos por nós, com a transcrição do texto original nos rodapés. Ademais, todas as datas mencionadas ao decorrer deste trabalho estão inseridas no recorte ao que chamamos de “Era Comum”. Ressaltamos que as sagas, aqui definidas como fontes, serão mencionadas pelos seus títulos em português, mantendo-se, no entanto, a grafia original dos nomes próprios dos personagens presentes nas obras. Embora ambas as sagas analisadas nesta dissertação, enquanto fontes primárias, tenham sido produzidas no mesmo século e na mesma linguagem vernacular, as edições aqui consideradas diferem em termos de idioma e tradutores. Nesse sentido, optou-se por preservar as escolhas feitas pelos tradutores, de modo que os nomes dos personagens, conforme aparecem nas edições utilizadas, foram mantidos de acordo com a tradução específica de cada versão. Portanto, os nomes próprios apresentados aqui estão exatamente como constam nas edições das sagas fontes, sem tradução ou alteração.

CAPÍTULO I – A ISLÂNDIA MEDIEVAL: ENCONTROS E DESENCONTOS EM UMA ILHA NO SEIO DO ATLÂNTICO NORTE

Os trabalhos acadêmicos que abordam a temática comumente denominada de *viking* foram produzidos em distintas áreas do conhecimento, entretanto, a maior parte deles estão inseridos no campo da historiografia¹. O crescimento ao acesso à *internet* foi um dos fatores principais para tal ascensão na academia brasileira, pois esta possibilitou um maior acesso dos nossos intelectuais às obras e autores estrangeiros, bem como às fontes.

Neste primeiro momento do trabalho, buscarei, então, contextualizar a sociedade islandesa medieval, para em seguida abordar diretamente a criação das *sagas* enquanto gênero literário e problematizar o seu uso como fonte historiográfica.

1. Definições terminológicas e espaço-temporais na historiografia escandinavística

Sobre os conceitos de Europa Setentrional, Escandinávia e Norte Europeu, estes divergem dentro da produção acadêmica de acordo com preferências por delimitações linguísticas, históricas e geográficas. A Escandinávia é geralmente definida como o recorte que geograficamente envolve a Dinamarca, a Suécia e a Noruega, definição a qual compartilhamos. Entretanto, alguns autores definem a Escandinávia também considerando a Islândia e Ilhas Faroé, por exemplo, devido ao contexto de expansão ao Atlântico Norte medieval e a cultura e linguagem compartilhadas nesse processo de colonização e assentamento. Desse modo, há divergências e similaridades entre os usos dos termos Escandinávia e Norte Europeu. Neste trabalho o Norte Europeu é compreendido enquanto um recorte que para além da Escandinávia também abrange a Finlândia, a Islândia e as Ilhas Faroé. Já em relação à Europa Setentrional da denominada Era Viking, determinamos uma visão mais ampla, que englobe o contexto vasto e conectado do medievo:

Entendemos a Europa Setentrional da Era Viking até o final da Idade Média como um conjunto que envolve não só os países escandinavos (Dinamarca,

¹ LANGER, Johnni. Contestação de uma Historiografia dos Estudos Nórdicos Brasileiros. *Scandia: Journal Of Medieval Norse Studies*, n. 2, 2019. p. 504-506. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/scandia/article/view/47864>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Islândia, Noruega e Suécia), mas também aqueles que fizeram parte da diáspora e conquistas escandinavas no transcorrer do período (Escócia, Finlândia, Groenlândia, Irlanda, Ilha de Man, Inglaterra, os países bálticos, partes do atual Leste europeu e Rússia)².

A compreensão acerca dos termos “*viking*” e “Era *Viking*” e seus usos também são essenciais para a análise da sociedade islandesa medieval.

Acerca da definição do recorte temporal denominado “Era *Viking*”, este é definido por Stefan Brink como “o período em que os escandinavos se tornaram conhecidos, ou melhor, notórios”³. Desde a expansão norueguesa no Atlântico Norte à presença sueca no oriente bizantino, o autor afirma que, “especialmente os dinamarqueses, mas também noruegueses e suecos, devastaram e tiveram um impacto no desenvolvimento político e social da Inglaterra e de partes da França”⁴. Brink também aponta que as discussões sobre os motivos que geraram tal expansão não cessaram. Entretanto, a abordagem das metodologias mais atuais não se baseia nas teorias de produção alimentar insatisfatória e de superlotação da região escandinava. Tem-se privilegiado um olhar sobre os conflitos políticos e de poder e o contexto de ascensão comercial⁵. Os novos trabalhos também analisam fatores como a estrutura dos navios utilizados pelos escandinavos e o crescimento do comércio no século VIII, que colocava algumas cidades enquanto alvos de interesse político e econômico.

É necessário ressaltar que esta divisão cronológica é uma construção tardia, podendo sofrer alterações de acordo com a metodologia de análise. A Era *Viking* possui como marco tradicional o seu início em 793, com o ataque ao mosteiro de Lindisfarne, ilha na costa nordeste da Inglaterra, e seu fim em 1066, com a batalha de Stamford Bridge e a derrota de Haroldo III da Noruega. Em relação ao marco tradicional da Era *Viking*, alguns autores o questionam, buscando realocar o início da Era *Viking* em cerca de 700, visto o avanço do comércio e a ocorrência de ataques anteriores ao de Lindisfarne, e o fim como a introdução e estabelecimento da

² GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; BIRRO, Renan Marques. Um ensaio historiográfico sobre a escandinavística brasileira. In: AMARAL, Clinio; LISBÔA, João (orgs.). *A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017*. Curitiba: Prismas, 2019, p. 24.

³ “*The Viking Age was the period when the Scandinavians made themselves known, or rather notorious*” [BRINK, Stefan. Who were the Vikings? In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (eds). *The Viking World*. New York. Routledge, 2008, p. 4].

⁴ “*Especially Danes, but also Norwegians and Swedes, ravaged and had an impact on the political and social development of England and parts of France*” (Ibidem).

⁵ Ibidem.

cristianização. Nessa abordagem, o fim da Era Viking seria então marcado pelo fim da expansão escandinava e pelo processo de influência da cristianização. No início da Era Viking então os nórdicos eram notoriamente politeístas e com práticas de expansão não apenas pela Europa, mas também pelo Norte Atlântico e pela América do Norte. O fim dos diferentes cultos e rituais antigos, a decaída de conquistas e invasões, assim como a crescente cristianização seria então um marco mais adequado para alguns autores.

Acerca disso Brinks aponta que, apesar dos argumentos utilizados, “não há razões convincentes para mudar o início e o fim da Era *Viking*, que é apenas uma aproximação e uma construção tardia para nos ajudar a entender um passado complicado”⁶.

Uma parte dos autores também defende uma subdivisão da Era *Viking* em outros dois recortes. O primeiro recorte consiste no período das investidas, ataques surpresa e formação de povoações em determinadas áreas da Europa Ocidental. O segundo recorte é definido pelos processos de ascensão de longas dinastias e da cristianização da região norte europeia.

Em relação ao termo *viking*, este é utilizado de diferentes formas. Seus usos mais comuns são como uma designação étnica, para representar os escandinavos da Era *Viking*, ou como uma designação ocupacional, para designar aqueles homens nórdicos que partiam em expedições ao mar. O uso étnico do termo estaria vinculado à modernidade, sendo uma construção tardia.

É importante ressaltar então que esse termo não era comumente utilizado no período da “Era *Viking*”, de modo que, a depender da localidade, poderia-se utilizar termos como “pagão”, “homens do norte” ou que distinguissem a origem escandinava de determinado grupo⁷. Além disso, apesar do seu amplo uso nos dias atuais, ainda não existe um consenso acerca da sua origem etimológica.

É possível encontrar o termo *viking* em algumas sagas, como na *Olafs Saga Tryggvasonar en mesta*⁸, uma das sagas dos reis que trata da trajetória do Rei Olavo Tryggvason. A palavra *viking* também está presente em algumas inscrições rúnicas,

⁶ “In my opinion there are no cogent reasons for changing the start and the end of the Viking Age, which anyhow is just an approximation and a late construction to help us understand a complicated past” (BRINK, 2008, p. 5).

⁷ Ibidem, p. 4-7.

⁸ LANGER, Johnni. Viking. In: LANGER, Johnni (org). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Luís: Hedra, 2017, p. 710.

como o termo masculino *víkingr*, significando “guerreiro do mar”, e feminino *víking*, que designa “expedição militar no mar”

não há consenso sobre a origem ou o significado da palavra viking. Encontramos o uso de palavras no século VIII no inglês antigo, mas não é certo que estamos lidando aqui com a mesma palavra. No antigo escandinavo, existe o viking masculino, que geralmente é traduzido como “guerreiro do mar”, e o viking feminino, que significa “expedição militar (sobre o mar)”. As palavras são encontradas nas crônicas anglo-saxônicas e nas inscrições rúnicas. O último é especialmente importante para entender a semântica das palavras. O Viking também é usado como o nome de um homem escandinavo e como um nome (como no Toki Viking em uma pedra rúnica). A palavra masculina, *víkingr*, parece – de acordo com inscrições rúnicas – ter sido usada para um homem que partiu em uma jornada, obviamente junto com vários outros – em uma “jornada de grupo” que provavelmente a chamaríamos hoje. Certamente, a maioria, talvez todas, dessas jornadas foram ataques e expedições militares, conduzidas por um grupo de guerreiros, sob a liderança de algum rei ou chefe. Um exemplo é encontrado em uma pedra rúnica de Hablingbo em Gotland, que nos diz que Helge foi para o oeste “com os vikings”. A palavra feminina, *víking*, obviamente denotou a expedição real, a jornada. Isso pode ser exemplificado por outra inscrição rúnica, de Härlingstorp em Västergötland, Suécia, onde podemos ler que um homem Toli foi “morto no oeste em Viking”. Em outra pedra rúnica em Gårdstånga, em Skåne, Suécia, somos informados por vários homens famosos por suas expedições. Mas e o significado original ou etimológico da palavra viking? É aqui que as interpretações começam a divergir⁹.

De modo geral, nas fontes medievais anglo-saxônicas, nas sagas islandesas e nas inscrições rúnicas o termo *víkingr* ou *víking* não é um sinônimo étnico para englobar todo nórdico do medievo.

Outra parcela de autores associam a origem da palavra *víking* ao termo *viken*, esta uma região da costa norueguesa. Entretanto, outra parte vincula sua origem ao

⁹ “There is no consensus regarding the origin or meaning of the word Viking. We find a word wicing in the eighth century in Old English, but it is not certain that we are here dealing with the same word. In Old Scandinavian there is masculine *víkingr*, which is normally translated as ‘sea warrior’, and feminine *víking*, meaning ‘military expedition (over sea)’. The words are found in Anglo-Saxon chronicles as well as in runic inscriptions. The latter are especially important for understanding the semantics of the words. *Víkingr* is also used as a Scandinavian man’s name, and as a by-name (as in Toki *víkingr* on a runestone). The masculine word, *víkingr*, seems – according to runic inscriptions – to have been the word used for a man who has gone away on a journey, obviously together with several others – on a ‘group journey’ we would probably call it today. Most certainly, the majority, perhaps all, of these journeys were raids and military expeditions, conducted by a group of warriors (ON *lið*, *drótt*) under the leadership of some king or chieftain. One example is found on a runestone from Hablingbo on Gotland, which tells us that Helge had gone westward ‘with vikings’ (*meþ víkingum*). The feminine word, *víking*, has obviously denoted the actual expedition, the journey. This may be exemplified by another runic inscription, from Härlingstorp in Västergötland, Sweden, where we can read that a man Toli ‘was killed in the west in viking’ (*varþ dauþr a vestrvegum i víkingu*). On another runestone at Gårdstånga in Skåne, Sweden, we are told of several men famous for their expeditions (*Þe r drængia r wa r u w[íþa] [un]esi r i víkingu*). But what about the original or etymological meaning of the word Viking? It is here that the interpretations start to diverge” (BRINK; PRICE, 2008, p. 6).

termo *vik*, que significa enseada ou baía, fazendo alusão ao escandinavo de *viken* que partisse de uma baía ou enseada.

Em relação à produção acadêmica atual, também não há unanimidade em relação ao seu uso. Parte dos autores define ser mais prudente a utilização de termos como “escandinavos” ou que especifiquem a região de objeto de estudo, ao invés do conceito generalista de *vikings*. Outra parcela de autores defende que devemos permanecer utilizando o termo *viking* como um sinônimo para “nórdico”, no que tange aos processos de “expansão, assentamento e comércio no início da Era *Viking*”¹⁰.

É necessário frisar que a figura “*viking*” foi utilizada como base para a construção de um discurso romântico de identidades nacionais dos estados escandinavos durante os séculos XVIII e XIX. Foi no “*viking*” que se concentrou a busca pela criação de uma figura generalista e romântica do nórdico medieval guerreiro que estaria atrelada a uma ótica nacionalista de resgate de um passado heróico. O termo *viking* ainda permanece atrelado no imaginário ocidental a uma representação generalista de uma sociedade desses guerreiros desbravadores e fortes que não possuíam medo do oceano.

Os estudos acerca das sagas estava inicialmente inserido dentro de um contexto de formação do nacionalismo europeu que buscava então afirmar suas raízes raciais e culturais por meio de uma ancestralidade e passado gloriosos. As sagas, artefatos históricos, tiveram suas narrativas reinterpretadas e adequadas para o embasamento de um discurso que perpassava o racismo e o ideal de soberania nacional.

O caráter generalista desta visão nacionalista implica em uma negligência e invisibilização do multifacetado medievo. Apesar de compartilhar aspectos culturais comuns, não há uma única e homogênea unidade cultural e religiosa em toda Escandinávia do medievo ou da contemporaneidade:

alguns artefatos parecem ter sido desenvolvidos como consequência das migrações escandinavas, sem qualquer ligação óbvia com qualquer terra natal, mas com ligações através de vários assentamentos ultramarinos e, portanto, têm uma ampla gama geográfica. Por exemplo, pequenos sinos de metal que foram chamados de “sinos nórdicos” são encontrados em vários contextos e em números substanciais na Inglaterra, mas também na Escócia, Ilha de Man, norte do País de Gales, Irlanda e Islândia. Um estudo recente os descreveu como “um artefato colonial escandinavo”, alegando que,

¹⁰ LANGER, Johnni. Viking. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Luís: Hedra, 2017, p. 717.

embora não há paralelos para eles das terras natais escandinavas, sua distribuição está claramente relacionada a uma presença escandinava nos locais onde são encontrados. Sua distribuição sugere uma moda que surgiu através do contato entre uma série de diferentes comunidades escandinavas, incluindo a região do Danelaw e do Mar da Irlanda, refletindo a tendência da diáspora de criar novas formas culturais, como será discutido mais adiante¹¹.

Diferenças de produção material e complexas diversidades étnicas eram presentes na Escandinávia da Era Viking. Além disso, os processos de assentamento no contexto de expansão ao Atlântico Norte e a presença escandinava nas ilhas britânicas, apesar de mostrarem uma continuidade cultural, também criaram novos traços culturais e costumes únicos. O uso da palavra viking como apenas como sentido étnico e sinônimo para designar todo nórdico medieval é uma construção romântica que não condiz historicamente com o uso do termo e que carrega uma visão generalista de uma grande amplitude e variedade de culturas, sociedades, comportamentos de um longo período.

Em relação a esta construção romântica, Benedict Anderson, em sua célebre obra “*Comunidades Imaginadas*”, cria um conceito próprio de nacionalismo e aponta o caráter nebuloso cronológico da origem da nação, que lança ao campo do tempo mitológico a sua fundação. Há uma escolha de memórias pré-selecionadas para o ideal da nação, que requer o esquecimento coletivo de determinadas memórias e uma noção de tempo de fundação/criação confuso, baseando-se em uma difusão seleta de memórias de um tempo quase mitológico que criam um laço de comunhão imaginativo¹².

Ernest Renan, em conferência realizada na Sorbonne em 1882, aponta a importância dos usos de glórias do passado para a construção de uma ideia nacional: “um passado heróico, dos grandes homens, da glória (eu entendo da verdadeira), eis

¹¹ “Some artefacts seem to have been developed as a consequence of the Scandinavian migrations, without any obvious link to any homeland, but with links across several of the overseas settlements, and thus have a wide geographical range. For example, small metal bells that have been termed ‘Norse bells’ are found in a range of contexts and in substantial numbers in England, but also in Scotland, the Isle of Man, north Wales, Ireland and Iceland. A recent study has described these as ‘a Scandinavian colonial artefact’ on the grounds that, while there are no parallels for them from the Scandinavian homelands, their distribution is clearly related to a Scandinavian presence in those places where they are found. Their distribution suggests a fashion which arose through contact between a range of different Scandinavian communities, including the Danelaw and the Irish Sea region, reflecting the tendency of diaspora to create new cultural forms, as will be discussed further below” (JESCH, Judith. *The Viking Diaspora*. London and New York: Routledge, 2015. p. 59).

¹² ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

o capital social sobre o qual se assenta uma idéia nacional. Ter glórias comuns no passado, uma vontade comum no presente”¹³.

O resgate de um passado pré-selecionado que serviria de uma base comum no imaginário de uma nação encontrou no *viking* a sua moldura: o homem guerreiro e desbravador, corajoso e imponente. A imagem de um homem nórdico europeu, viril, forte, de pele branca e cabelos ruivos com um elmo de chifre na cabeça ainda é a imagem que prevalece e é reforçada ao falarmos em *viking* no imaginário da maioria das pessoas.

Na obra *A Invenção das Tradições*, Hobsbawn e demais autores desconstróem e desnaturalizam as chamadas tradições inventadas, utilizadas como aparatos nacionais. Esse aparato remonta e simboliza a nação, requerendo respeito e lealdade, evocando também o passado e a cultura dessa. A obra traz uma problematização histórica da criação de “parafernálias nacionalistas características”, como o uso do kilt e da gaita de foles pelos escoceses e os requintes da realeza britânica nas cerimônias públicas, que são tidas quase como naturais. Assim como no uso do kilt e da gaita de foles pelos escoceses, também se naturalizou o uso do elmo com chifres pela figura *viking*.

Entretanto, o ponto chave da perspectiva de Hobsbawn é de problematizar essas associações que são tomadas como naturais:

muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas.[...] Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição.[...] Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos - inclusive o nacionalismo - sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica. por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real seja pela lenda (Boadiceia, Vercingetórix, Armínio, o Querusco) ou pela invenção (Ossian, manuscritos medievais tchecos)¹⁴.

O uso do elmo de chifres foi uma invenção que se construiu entre os séculos XVIII e XIX que não condiz com as fontes arqueológicas do período. Esta associação entre “viking” e o uso desse tipo de capacete é, geralmente, relacionada a Wilhelm

¹³ RENAN, Ernest. O que é uma nação. *Aulas*, Unicamp, v. 4. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2014. p.18.

¹⁴ HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWM, Eric.; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Richard Wagner (1813-1883), maestro e compositor alemão. Através da obra “O Anel dos Nibelungos”, uma série de quatro óperas escritas entre 1848 e 1874 que mescla diversos elementos da mitologia escandinava e da literatura medieval, e outras produções, Wagner representou os “vikings” com roupas de pelagem e capacetes com chifres.

A Alemanha nazista do século XX também utilizou o imaginário *viking* para associar o passado do Terceiro Reich a um passado glorioso. Buscava-se justificar também assim, através desse discurso nacionalista, a superioridade da então chamada raça ariana:

a associação entre virilidade viking e o soldado das Waffen ss é a ponte que une a ancestralidade nórdica à contemporaneidade, levando ao supersoldado da ideologia nazista. O homem do Norte é chamado para participar de uma missão histórica em defesa de sua pátria, tendo ao seu lado a imagem do “seu” antepassado viking¹⁵.

Desse modo, como ressaltado por Hobsbawn, há a criação de um discurso, uma invenção de um imaginário que cria uma continuidade histórica nebulosa e mitológica entre o presente e um passado heróico em que não há rigor historiográfico, mas o desejo intencional de criação de um romantismo nacional generalista. Os discursos de unidade germânica e de busca pela origem da raça e das nações escandinavas defendiam então que a literatura nórdica medieval era uma fonte legítima desse ideal. Através então dessa literatura era possível voltar ao passado heróico, inalterado, sendo esta uma fonte histórica verídica e que permitia o acesso a uma herança cultural pura.

Assim como nos atentou Patrick Geary, em sua obra *O Mito das Nações*, “a interpretação da História do ano 400 a 1000 se tornou o sustentáculo do discurso político na maior parte da Europa”¹⁶. Deste modo, através desta construção romântica e nacionalista, o termo e a figura Viking, que era referido, principalmente, enquanto ocupação nas fontes antigas, passa a significar uma identidade escandinava de caráter homogêneo e heróico que remonta a um passado heróico.

Moosburger, apesar de destacar que sua tese não está inserida na produção historiográfica, destaca a importância de questionarmos o termo *viking* e seus diversos

¹⁵ JÚNIOR, Álvaro. Viking e Alemanha Moderna. In: LANGER, Johnni (org). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. Hedra, 2017, p. 721-722.

¹⁶ GEARY, Patrick J. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad, 2005. p.17.

usos como forma de legitimar discursos políticos. Uma das indagações do autor é como fatores como invasão e outras violências associadas aos então *vikings* são vistas de modo romântico, mas quando atreladas a outros povos são rechaçadas

pensemos em como a atividade bélica e expansionista dos vikings é histórica e contemporaneamente glamurizada tanto na ficção popular quanto na literatura acadêmica popularizadora. Destaca-se o aspecto livre e independente desses navegantes intrépidos, mas se aceita como componente perfeitamente acomodado no mito o fato de que eles subjugavam, conquistavam, escravizavam. Outro tratamento é dado aos piratas islâmicos que levaram a cabo o famoso Tyrkjarán na Islândia em 1627, quando raptaram centenas de pessoas como escravas. Aqui o saque e a escravidão praticada por conquistadores não costuma render narrativas em que o agressor é glamurizado – antes, gerou romances históricos dramatizando as vítimas. Do ponto de vista norte-europeu é fácil explicar, historicamente, a glamurização dos vikings. Mas e do ponto de vista brasileiro? “Vikings” trazem consigo muitos conceitos. Narrar vikings, na contemporaneidade, pode ser uma oportunidade para rever alguns mitos de supremacia e colocar em análise discursos que, em certo sentido, legitimam valores políticos e sociais problematizados na atualidade. Traduzir vikings não é algo desvinculado de ideologias¹⁷.

Esta glamourização é fruto, como dito anteriormente, de um longo processo de criação de um imaginário europeu de passado heróico. Cria-se então discursos que se adequem a legitimar ideologias nacionalistas e mitológicas.

Entretanto, o ponto chave de Moosburger é, para mim, o seu questionamento de como essa glamourização feita por e em serviço de uma ideologia europeia é também recebida no Brasil. Discutir e problematizar o termo *viking* não é um processo ultrapassado, do mesmo modo que o seu uso como forma de embasar discursos supremacistas também não o foi.

É imprescindível destacar que as apropriações inadequadas historicamente do medievo para legitimar posicionamentos políticos não se restringiram ao século XX. Casos como a invasão do Capitólio nos Estados Unidos em 2021 e os protestos no Brasil em 2022 reuniram pessoas vestidas com o que seriam o estereótipo “*viking*”, roupas com pelagem e elmos com chifres. Em relação aos abusos do medievo e seus usos políticos, Silveira afirma:

no Brasil, não faltam exemplos de pronunciamentos equivocados, principalmente proferidos por políticos, que utilizam levemente referências à história, à guisa de legitimarem a exclusão e a hierarquia social entre “os homens de bem” e a “escória do mundo”. [...] No mesmo sentido da

¹⁷ MOOSBURGER, 2014.

importância de “descolonizar” a História, está o desafio do posicionamento acadêmico frente aos usos levianos da História, essas são instigações que, também por sua importância moral, não podem ser ignoradas. O posicionamento do historiador pode ser muito sutil, observável nas escolhas metodológicas e na interpretação, porém, é parte indispensável na construção do conhecimento histórico. O posicionamento acadêmico não é o mesmo que partidarismo ou opinião partidária. É um resultado importante de décadas de estudos e experiências, o qual concede legitimidade a nossas palavras, trazendo consigo também o peso da responsabilidade social, muitas vezes abnegada em nome da ingênua imparcialidade acadêmica¹⁸.

É notório então o abuso do medieval e outros processos históricos como forma de legitimar discursos que, na verdade, não apresentam compromisso algum com a responsabilidade historiográfica. É perceptível então que o uso dos termos *viking* e Era *Viking* perpassam cenários de disputas, influenciados por questões linguísticas, políticas, econômicas, religiosas, entre outros aspectos.

um lado dos Vikings, que foi atenuado nos últimos cinquenta anos, é o do viking devastador, que mata, estupra, queima; Em vez disso, o viking pacífico, trabalhador e dedicado ao comércio esteve na agenda da pesquisa. Os escandinavos da era viking, sem dúvida, passaram algum tempo nas duas atividades. No entanto, o medo dos nórdicos, que lemos em documentos e crônicas da Inglaterra e da Irlanda anglo-saxônicas, provavelmente não teve nada a ver com eles como comerciantes. Ainda hoje, a palavra Viking está associada a piratas e homens violentos no mundo anglo-saxão. A razão para se concentrar nos vikings como comerciantes de pesquisas nas últimas décadas é em parte porque esse lado dos nórdicos foi negligenciado nos escritos históricos romantizados, mas também reflete em parte a sociedade como um todo. Toda época usa a história para seus próprios propósitos; Toda vez molda sua própria história. E especialmente durante períodos de forte hegemonia política e com forte vontade política em um país, é comum apresentar a história que é mais relevante para a vontade e luta política, para sancionar a política que você segue. O uso da história e o foco no guerreiro Viking na Alemanha nazista é um exemplo óbvio. Na Europa do pós-guerra, no entanto, maltratada e cansada da guerra, era mais bem-vindo e natural concentrar-se no lado pacífico dos vikings do que os comerciantes¹⁹.

¹⁸ SILVEIRA, Aline Dias. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, n. 72, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/LdkmyrPVNBspz559rMBdDKw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2024, p. 51- 53.

¹⁹ “One side of the Vikings, which has been toned down during the past fifty years, is the ravaging, killing, raping, burning Viking; instead the peaceful, industrious, trading Viking has been on the research agenda. Viking-age Scandinavians, no doubt, spent time on both activities. However, the fear of the Northmen, of which we read in documents and chronicles from Anglo-Saxon England and Ireland, probably had nothing to do with them as traders. Still today, the word Viking is in the Anglo-Saxon world associated with pirates and men of violence. The reason for focusing on Vikings as traders in research during the past decades, is partly because this side of the Northmen was neglected in early, romanticised history writing, but it partly also mirrors society as a whole. Every era uses history for its own purposes; every time shapes its own history. And especially during periods of strong political hegemony and with strong political will in a country, it has been common to present the history which is the most relevant to the political will and struggle, to sanction the politics you pursue. The use of history and the focus on the warrior Viking in Nazi Germany is an

O uso desses termos carregam então, de modo consciente ou não, uma série de significados e implicações. Cada autor ou cenário busca adequar os termos de acordo com seu interesse, modelando o seu uso ao seu discurso ideológico, seja utilizando *viking* enquanto sinônimo para todo nórdico da Era Viking ou apenas no sentido ocupacional, seja destacando o aspecto rural do norte medieval ou seu lado comercial, seu caráter fazendeiro ou guerreiro.

Deste modo, é nítido que as chamadas “parafernalias nacionalistas características” foram construídas em um complexo processo que envolveu uma escolha consciente de resgate de um passado glorioso em prol de um imaginário nacional. Esse resgate, ao mesmo tempo em que discursa em defesa de um passado heróico a ser lembrado, também está carregado em suas entrelinhas de amnésias coletivas de um passado que deveria ser esquecido e ignorado. O passado heróico está em um tempo nebuloso, homogêneo e quase mitológico, visto seu descompromisso com o tempo e conhecimento historiográfico. O termo viking não foi sempre associado à uma identidade escandinava e a aspectos de força e coragem. É necessário refletir sobre como essa associação identitária foi criada e quem foi esquecido e ignorado para que esse discurso ocorresse. Onde estavam as mulheres escandinavas do medievo? onde estava o povo lapão? estes simplesmente não existiam ou foram julgados como inapropriados para a criação de um passado heróico nacional? as sagas representam então a totalidade do mundo nórdico medieval? todos os escandinavos viviam da mesma maneira?

O ofício do historiador se dá através da palavra, da linguagem e a História se constrói através do tempo e do espaço. Logo, as definições de termos como *viking* e de recortes geográficos como Escandinávia e Norte Europeu são essenciais para a construção deste trabalho, visto que as sagas e suas produções estão mergulhadas no medievo da expansão escandinava ao Atlântico Norte. As sagas devem ser analisadas de maneira contextualizada no mundo complexo e de grande variedade da Idade Média. A realidade de suas produções perpassa os conflitos políticos, econômicos, religiosos e culturais e as diversas trocas e conexões que envolvem a Escandinávia, o Norte europeu e a Europa Setentrional.

obvious example. In post-war Europe, however, battered and tired of war, it was more welcome and natural to focus on the peaceful side of the Vikings, as traders” (BRINK; PRICE, 2008, p. 4-5).

Além disso, é função essencial do historiador desnaturalizar as “tradições inventadas” e as associações, que soam tão naturais, de um passado glorioso à nação. Faz parte do ofício do historiador problematizar a criação e o contexto de formação dos discursos e ícones nacionalistas, assim como refutar no presente os abusos da História que buscam legitimar práticas discriminatórias. O compromisso do historiador se encontra, além do respeito pela fonte e pela produção historiográfica, acima de tudo, com o tempo presente

Aqui tomamos a Era Viking em seu marco cronológico tradicional e utilizamos o termo *viking* no sentido de expedição marítima efetuada por parte de alguns nórdicos no medievo. Não utilizamos o termo enquanto sinônimo étnico generalista para todos os habitantes do Norte Europeu medieval, sendo preferível o uso do termo nórdico, escandinavo ou islandês medieval.

2. A Escandinávia medieval: vida social, política e religiosa

Acerca das razões que levaram à expansão no Atlântico Norte, Johannes Brøndsted defende as disputas de poder na Escandinávia e as circunstâncias econômicas, como a pirataria e o crescimento comercial, como as principais razões. São as expedições de caráter colonizador que para Brøndsted melhor expressam o tamanho do poder e influência do período dos escandinavos da Era *Viking*. A *Laxdœla saga* inicia sua narrativa no século IX, após o personagem Ketill, Nariz Chato, que viveu entre os séculos VIII e IX, e seus filhos partirem da Noruega devido a um conflito com o rei norueguês Haroldo, Cabelos Belos (860-940):

começou a se desenvolver uma monarquia na Noruega. Isto estava diretamente relacionado com a grande vitória de Haroldo, Cabelo Belo em 872 (ou possivelmente poucos anos depois) no fiorde Hafrs e a subsequente ascensão de seu poder. Na verdade, foi seu regime que levou à colonização norueguesa das ilhas Faroé e da Islândia, pois os homens que faziam parte de tais expedições eram os descontentes e os refugiados de sua tirania²⁰.

Embora as *sagas* se concentrem nos atos heróicos e no papel das famílias nobres no processo de assentamento, é vital abordar com cautela a narrativa de que “muitos colonos da Islândia eram nobres noruegueses, que por razões práticas ou

²⁰ BRØNDSTED, Johannes. *Os Vikings: História de uma fascinante civilização*. São Paulo: Hemus, 2004, p. 47.

ideológicas não puderam viver sob o domínio de Haroldo, Cabelos Belos”²¹. As *sagas* representam também uma tentativa dos islandeses de escrever e definir sua própria história, demonstrando assim o anseio dessa nova sociedade por forjar um passado respeitável e uma linhagem distinta, buscando construir uma identidade coletiva baseada na nobreza que permaneceu em terra.

A análise de descobertas arqueológicas revela uma discrepância material entre a Noruega e os assentamentos no Atlântico Norte. Não foram encontrados achados materiais na Islândia que possam ser comparáveis às sepulturas aristocráticas da Noruega, como as de Gjermundbu. Desse modo, apesar de haver uma distinção social nas colônias e nos assentamentos escandinavos no Atlântico Norte, não houve a presença de uma nobreza do mesmo modo como a da Escandinávia continental. Entretanto, os estudos do período de assentamento da ilha revelam que houve um caráter organizacional do processo de instalação na ilha. Isto nos indica a presença de um planejamento e uma existência de autoridades centralizadas que provavelmente coordenaram esse andamento²². Além disso, a expansão escandinava medieval não se limitou apenas às regiões do continente Americano ou do Atlântico Norte. Os escandinavos se fizeram presentes na Rússia, nas ilhas britânicas, especialmente no Norte, na região de Dublin e na França, por exemplo.

É da conjuntura das expedições ao exterior, da ida em *viking*, realizada por parte dos escandinavos do medievo, que floresce a sociedade islandesa. Ambas as *sagas*, a *Laxdaela* e a *Njáll*, apresentam em seu desenrolar narrativo as diversas e profundas relações político-sociais que surgiram e tornaram possível o processo de assentamento da ilha. A Islândia aparece no cenário das expedições com um caráter diferente, sem haver resistência para seu processo de assentamento, em oposição à França, por exemplo.

Além das *sagas*, a sociedade islandesa medieval também criou outras produções escritas que abordaram sua própria história, como o *Landnámabók*. Este é uma obra medieval islandesa, por vezes creditada a Ari Thorgilsson (1067-1148), produzida cerca do início do século XII. Esta obra narra a chegada dos escandinavos à Islândia e descreve detalhadamente o processo de assentamento da ilha durante os

²¹ BRØNDSTED, 2007, p. 47.

²² VÉSTEINSSON, Orri. Archaeology of Economy and Society. In: MCTURK, Rory (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, 2005, p. 11.

séculos IX e X. Sendo uma das fontes mais relevantes para os estudos sobre a Islândia medieval, o *Landnámabók* fornece informações valiosas sobre o período inicial de chegada à ilha, nomeada em um primeiro momento de Terra da Neve:

reza a história que algumas pessoas queriam navegar da Noruega para as Ilhas Faroé – um viking chamado Naddodd, para citar um deles. Eles foram levados para o mar para oeste, e chegaram a um vasto país. Eles desembarcaram nos fiordes orientais, escalaram uma montanha alta, e escanearam o país em todas as direções procurando fumaça ou qualquer outro sinal de que a terra era habitada, mas não viram nada. No verão voltaram para as Ilhas Faroé e, como navegavam para longe da costa, caía muita neve nas montanhas, por isso chamaram o país de Snowland (Terra da Neve)²³.

A produção literária da Islândia e as descobertas arqueológicas são as principais fontes para análise da expansão dos escandinavos no Atlântico Norte. Segundo as sagas, a maioria das famílias que se estabeleceram na ilha procedia da Noruega e das regiões britânicas, trazendo consigo pessoas escravizadas proveniente de diversas origens, como a Irlanda. Essa narrativa, presente na saga Laxdaela, foi corroborada por análises de DNA mais recentes, conforme apontado por Sigurðsson²⁴. Em geral, os envolvidos no processo do assentamento da Islândia apresentam como origem as regiões da Escandinávia continental e dos territórios escandinavos nas Ilhas Britânicas.

Para se datar o período de assentamento utilizou-se análises de partículas de cinzas e outros materiais resultantes da atividade vulcânica da ilha. Estas análises serviram então como base comparativa para a análise das datas presentes na produção literária, seja nas sagas ou em outras obras.

por exemplo, as contas escritas estão corretas na medida em que a Islândia foi rapidamente assentada após 870 por pessoas da Noruega e da Grã-Bretanha, com várias centenas de grandes propriedades pertencentes a chefes e cerca de 3.000 fazendas. A datação deles pode ser verificada a partir da "Camada de Liquidação" de cinzas vulcânicas que cobriu grande parte do

²³ “The story goes that some people wanted to sail from Norway to the Faroes —a viking called Naddodd, to name one of them. They were driven out to sea westwards, and came to a vast country. They went ashore in the Eastfjords, climbed a high mountain, and scanned the country in all directions looking for smoke or any other sign that the land was inhabited, but they saw nothing. In the summer they went back to the Faroes, and as they were sailing away from the coast a lot of snow fell on the mountains, so they called the country Snowland” (LANDNÁMABÓK, The Book of Settlements. Translated with introduction and notes by Hermann Pálsson and Paul Edwards. Winnipeg: University of Manitoba Press, 2007, cap. 3).

²⁴ SIGURÐSSON, Jón Viðar. Iceland. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (eds). *The Viking World*. New York: Routledge, 2008, p. 571.

país após uma erupção em 871 (± 1 ano), como pode ser corroborado por amostras de núcleos de gelo da geleira da Groenlândia²⁵.

Esta abordagem comparativa entre achados arqueológicos e artefatos históricos narrativos, como as sagas, foram a base primordial para a produção de diversos e célebres trabalhos, como o *Mosfell Archaeological Project* (MAP). Este é um projeto interdisciplinar na região sudoeste da Islândia dirigido por Jesse Byock que busca encontrar artefatos arqueológicos que possam ser utilizados como base comparativa para a veracidade histórica das sagas como a Saga de Egil.

No desenrolar do processo de assentamento também foram trazidos animais domésticos para a ilha. No entanto, nos estágios iniciais do assentamento, o peixe representava a base alimentar predominante. Estudos de resíduos agrícolas indicam que, inicialmente, houve consumo de carne bovina, suína e caprina. Apenas posteriormente a carne de carneiro passou a prevalecer. Destaca-se, então, a importância dos peixes, como salmão e truta, para alimentação e economia islandesa:

a pesca costeira de pequenos barcos era de fato praticada amplamente, e estoques abundantes de peixes estavam disponíveis em muitas áreas fora do longo litoral da Islândia. Nosso conhecimento dessa indústria no período anterior ao século XII ainda é limitado, mas o peixe seco (bacalhau) certamente se tornou um alimento básico até então, sendo provavelmente muito procurado pelo longo jejum da Quaresma. Mas foi somente na segunda metade do século XIII que ela se tornou a base da subsistência doméstica geral e não até c.1330–40 que se tornou o principal elemento do comércio exterior²⁶.

As discussões acerca dos hábitos alimentares ainda são pouco difundidas, apesar das sagas também permitirem tal abordagem. Entretanto, para mais informações cito o artigo de Renan Birro, “Colonização, Alimentação, Sobrevivência E

²⁵ “Despite this mutability, however, it is still possible to talk about a continuous tradition lasting several centuries and embodying essential truths which are archaeologically verifiable. For example, the written accounts are correct insofar as Iceland was rapidly settled after 870 by people from Norway and Britain, with several hundred large estates owned by chieftains and some 3,000 farms. Their dating can be ascertained from the ‘Settlement Layer’ of volcanic ash which covered a large part of the country following an eruption in 871 (± 1 year), as may be corroborated by ice-core samples from the Greenland glacier” [SIGURÐSSON, Gísli. The North Atlantic Expansion. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (eds). *The Viking World*. New York. Routledge, 2008, p. 563].

²⁶ “Coastal fishing from small boats was indeed practised widely, and abundant fish stocks were available in many areas off Iceland’s long coastline. Our knowledge of this industry in the period prior to the twelfth century is as yet limited, but dried fish (stockfish) had certainly become a staple food by then, being in all likelihood much in demand for the long Lenten fast. But it was not until the latter half of the thirteenth century that it became the basis for general domestic subsistence, and not until c.1330–40 that it became the major element in foreign trade” [PÖRLÁKSSON, Helgi. Historical Background: Iceland 870–1400. In: MCTURK, Rory (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, 2005, p. 137].

Cultura. A Dieta Islandesa Durante A Era Viking (C. 800-1066)²⁷. Analisando a *saga* de Egil em conjunto com outras fontes secundárias como o Livro do Assentamento, Birro aponta que diante da dificuldade da degradação do solo, foi o alimento proveniente do mar, como o salmão e o bacalhau, que ganhou destaque na manutenção básica alimentar dos islandeses do período. Para Birro uma análise apropriada acerca da alimentação do período nos permite compreender também outras implicações para além da nutrição, como os conflitos envolvidos na busca por boas áreas de pesca, por exemplo, e o prestígio social atrelado a isso:

como é possível notar, os alimentos na Islândia rapidamente adquiriram importância social e cultural. Durante a colonização, os melhores pontos de pesca, agricultura e pecuária foram disputados pelos novos habitantes da ilha, e se tornaram um motivo de prestígio e orgulho em relação aos demais, alardeadas nas tradições familiares e posteriormente transpostas à literatura²⁸.

Porém, é necessário ressaltar também a importância das ovelhas, de tal maneira que inicialmente, havia um predomínio na ilha de criação e consumo de ovelhas do que de peixes²⁹. É na fazenda que se encontra o elemento central na configuração da ilha, desprovida de vilas ou cidades.

A característica rural da ilha, em seu processo de assentamento, assim como na criação de ovelhas, é essencial para a compreensão da dinâmica política, social e econômica da ilha. A lã e a produção de tecido de lã caseiro (*homespun*) eram imprescindíveis para a economia da ilha. A produção desse tecido é um dos elementos destacados na narrativa de diversas *sagas*. Em função da significativa importância da exportação desse tecido de lã caseiro, sua produção tornou-se cada vez mais essencial na dinâmica econômica da Islândia. O tecido caseiro de lã passou a então a substituir a prata como uma unidade de troca mais comum³⁰. Em relação à *saga* Laxdaela, a personagem Thorhalla (X-XI) utiliza uma medida deste tipo de tecido para evidenciar o valor ao qual foi prometido a ele. Além disso, na *saga* de Njáll é

²⁷ BIRRO, Renan Marques. Colonização, alimentação, sobrevivência e cultura: a dieta islandesa durante a era viking (c. 800-1066). *Anais do VIII Encontro de História da ANPUH/ES*. Vitória: ANPUH, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/1274898/COLONIZA%C3%87%C3%83O_ALIMENTA%C3%87%C3%83O_SOBREVIV%C3%80NCIA_E_CULTURA_A_DIETA_ISLANDESA_DURANTE_A_ERA_VIKIN_G_C_800_1066. Acesso em: 22 dez. 2023.

²⁸ Ibidem, p. 8.

²⁹ ÞORLÁKSSO, Helgi. Historical Background: Iceland 870–1400. In: MCTURK, Rory (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, 2005, p. 137.

³⁰ BYOCK, Jesse L. *Viking Age Iceland*. London: Penguin, 2001, p. 45.

perceptível o mesmo comportamento, o uso do tecido como forma de medida de valor econômico comercial: “o bracelete era tão grande e tão bem feito, que valia doze centenas de varas de tecido de fio cru”³¹. Ao longo de séculos, a lã e os produtos feitos a partir dessa, foram os principais produtos das exportações islandesas. A partir do período de assentamento o *wadmal* – ou tecido caseiro de lã – foi amplamente produzido em teares pelas mulheres, dentro do ambiente privado.

a lã era produzida em abundância e o tecido de lã caseiro (homespun), chamado *vaðma'1* (*wadmal*, *wadmole*), tornou-se o elemento básico do comércio exterior. Os islandeses tinham seus próprios navios oceânicos no décimo século, mas parece que estes gradualmente foram diminuindo; até o final daquele século, a frota original do período de assentamento havia desaparecido quase totalmente. [...] Para embarcações oceânicas, os islandeses precisavam procurar no exterior. Durante o século XII, eles foram aliviados do esforço, porque os comerciantes noruegueses navegaram para a Islândia para carregar seus navios com cargas de *wadmal*. Na época, a demanda do tecido de lã caseiro islandês era mais do que nunca exigida na Noruega, sendo cobiçada pelos habitantes das cidades em crescimento e pelos pescadores em um número crescente de estações de pesca ao longo da costa norueguesa³².

No que tange ao desenvolvimento político islandês, o período entre 870 e 930 foi marcado pelo processo de assentamento. Subsequentemente, o período entre 930 e 1262 é definido como o período do Estado Livre, também conhecido como “Commonwealth” ou Comunidade. O Estado Livre teve seu início marcado com a criação da *Althing* ou Assembleia Geral, sendo finalizado com a submissão à monarquia norueguesa.

Assim como o termo *viking*, o uso do termo “Estado” não apresenta unanimidade na academia. Para alguns, este não seria uma escolha correta para descrever a sociedade islandesa do período, em função da ausência de um poder centralizado e presença de características sociais feudais³³. Uma outra parte dos

³¹ MOOSBURGER, 2014.

³² “Wool was produced in abundance, and homespun, called *vaðma'1* (*wadmal*, *wadmole*), became the staple of foreign trade. The Icelanders had their own oceangoing vessels in the tenth century, but it seems that these gradually became fewer; by the end of that century the original fleet of the settlement period had almost totally disappeared. For ocean-going vessels the Icelanders mostly had to look abroad. During the twelfth century they were relieved of the effort, however, because Norwegian merchants sailed to Iceland to load their ships with cargoes of *wadmal*. The Icelandic homespun was then more than ever in demand in Norway, being coveted there by the inhabitants of the growing townships, and by fishermen at an increasing number of fishing stations along the Norwegian coast” (ÞORLÁKSSO, Helgi. Historical Background: Iceland 870–1400. In: MCTURK, Rory (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, 2005, P. 137).

³³ ÞORLÁKSSO, Helgi. Historical Background: Iceland 870–1400. In: MCTURK, Rory (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, 2005, p.136.

acadêmicos defendem o uso do termo “Comunidade” para descrever mais adequadamente a sociedade islandesa do momento em questão. Nesta análise iremos nos ater ao uso do termo “Estado Livre”, seguindo a definição mais tradicional desse recorte espaço temporal.

A submissão à monarquia norueguesa perdurou até meados de 1380, quando ocorreu a União Kalmar, unindo os reinos da Noruega, Dinamarca e Suécia. Margarida I (1353-1412) foi uma figura central nesse contexto, usando a diplomacia e a guerra para implementar políticas dinásticas que formaram a União. Essa união chegou ao fim com a independência da Suécia em 1523, sob o reinado de Gustavo I ou Gustavo Vasa (1496-1560). Entretanto, em 1536, a Noruega tornou-se uma província dinamarquesa, consolidando o Reino da Dinamarca e Noruega, que perdurou até 1814.

No complexo cenário político da Europa napoleônica, a Dinamarca perdeu o controle sobre a Noruega para a Suécia por meio do Tratado de Kiel em 1814. A Noruega só conquistou sua independência em 1905. Por fim, a Islândia alcançou sua independência em 1944, após um longo processo histórico.

A *Althing* é um fator imprescindível para o desenvolvimento político islandês durante o período da denominada *Þjóðveldið* ou Comunidade Islandesa (930-1262). A *Althing* funcionava como uma espécie de Assembleia Geral islandesa de homens livres. Nesta, leis eram formuladas e interpretadas, buscando-se a resolução de conflitos locais. A Assembleia Geral foi estabelecida em 930, sendo realizada anualmente na planície de Þingvellir ou *Thingvellir*, na área sudoeste da Islândia, com duração de duas semanas. Parte da escolha da localização estratégica da *Thingvellir* se deu devido às suas características geográficas: ela proporcionava uma área elevada de terra para o “Recitador das Leis”, sendo ideal para propagação da sua fala, seguida por uma área mais plana, na qual se situaria os membros restantes da Assembléia. Durante o período do Estado Livre, diante da não centralização do poder na figura de um rei, por exemplo, a ilha era dividida em quartos, sendo estes também divididos em distritos. Estes eram chefiados pelo *godí*, que pode ser compreendido enquanto um homem que possuía poder e liderança local, apresentando assim influência política, social e econômica. A dimensão local de sua liderança e chefia era denominada de *goðorð* ou *godord*. Este poderia ser adquirido de diferentes formas, como através da herança ou compra.

O “Recitador Das Leis”, eleito pelos *goðar* (plural de *godí*), estes líderes políticos sociais islandeses, desempenharia na Assembleia Geral uma importante função por um período de 3 anos, sendo responsável por preservar e recitar a lei. O Recitador das Leis também caberia administrar o conselho legislativo ou conselho de leis da Assembleia, *Lögrétta*, composto pelos *goðar* e seus conselheiros, sendo considerado apenas o voto dos primeiros.

Para além da Assembleia Geral, é necessário ressaltar a *Thing*, assembleia de caráter local e regional, e o *þingmenn* ou “homens da *Thing*”. Estes eram homens livres que deveriam estar ligados a um *godí*, ao qual deveriam demonstrar apoio. Os homens da *Thing* acompanhavam o seu *godí* nas assembleias, podendo apoiá-lo através do pagamento de impostos. Era através desta dinâmica que os *goðar* e os homens trocavam apoio nas Assembleias, de âmbito local ou não, como forma de alcançarem seus interesses e objetivos individuais e coletivos. Os *goðar* também desempenhavam funções religiosas, como organização de cultos, entretanto, após o processo de cristianização islandesa, esta função foi perdida. Os *goðar* atuavam como líderes de grupos que disputavam diferentes interesses, políticos, econômicos e sociais, almejando a permanência de seus status. Também era necessário que os *godar* mantivessem uma reputação respeitável e certos direitos hereditários, a fim de estabelecer uma relação de apoio com seus seguidores na Assembleia (*þingmenn*), protegendo-os e solucionando seus conflitos apresentando seus casos na Assembleia Geral.

Em suma, a sociedade islandesa medieval apresentava um forte caráter rural e, por parte de sua História, não apresentou um poder centralizador como a figura de um rei.

as terras para agricultura e pastagem, assim como os produtos agrícolas, eram, portanto, a base da sociedade. O fazendeiro livre era a pedra fundamental, a casa do fazendeiro era o quadro de referência, e as leis foram estabelecidas em conformidade³⁴.

³⁴ “Land for agriculture and grazing, as well as agricultural products, were thus the mainstay of society. The free farmer was the cornerstone, the farmer’s home was the frame of reference, and the laws were set accordingly” [ÞORLÁKSSO, Helgi. Historical Background: Iceland 870–1400. In: MCTURK, Rory (ed.). A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture. London: Blackwell, 2005, p. 138].

A terra era então a grande protagonista da Islândia do medievo e envolta dela o cenário político e econômico se desenvolvia. A propriedade de terras perpassava aspectos da vida social como o casamento, a criação de alianças e a influência política, como veremos no capítulo a seguir.

havia os chamados agricultores pagadores de impostos, aqueles que pagavam taxas (*bingfararkaup*) para cobrir os custos levantados por aqueles que tinham que comparecer ao *Althing*, ou Assembleia Geral (*alþing*, *alþingi*). Os que pagaram essa taxa totalizaram 4.560 em c.1100; os camponeses não pagadores, ou pequenos proprietários, provavelmente somavam cerca de 2.000, e os agricultores e camponeses juntos representavam entre 6.500 e 7.000 de uma população total de pelo menos 50.000. Isso significa que metade da população deve ter sido de trabalhadores agrícolas sob o estrito domínio dos agricultores, com alguns sob o domínio dos camponeses³⁵.

Desse modo é necessário cautela ao associar a existência de uma Assembleia Geral à uma ausência de desigualdades sociais, políticas e econômicas. Como ressaltado acima, ser um homem livre islandês não implicaria necessariamente em uma ampla participação ou influência política. A grande maioria da população islandesa do período estava em uma situação de maior vulnerabilidade política e econômica em comparação com os fazendeiros e detentores de terra.

conforme já discutido, os padrões de assentamento da Islândia são caracterizados por relativamente poucas unidades grandes ocupando as melhores terras e frequentemente localizadas no centro em relação a um número maior de unidades muito menores, mas de tamanho uniforme e espaçadas regularmente. [...] Os agricultores dos assentamentos planejados estavam claramente em uma relação de dependência com os proprietários das fazendas e é mais fácil ver essa relação como uma de senhores e camponeses. Se aceitarmos essa imagem de acesso diferenciado aos recursos como a base da análise social, segue-se que a representação dos agricultores nas sagas deve ser limitada à sociedade dos cerca de 600 proprietários de terras e possivelmente dos 1.000 agricultores independentes. A maioria dos moradores islandeses não era politicamente livre em nada, sendo apenas em um sentido mais técnico³⁶.

³⁵ “There were the so-called taxpaying farmers, those who paid fees (*bingfararkaup*) to cover the costs raised by those who had to attend the *Althing*, or General Assembly (*alþing*, *alþingi*). Those paying this fee numbered 4,560 in c.1100; the non-paying peasants, or smallholders, probably numbered around 2,000, and the farmers and peasants together made up around 6,500–7,000 of a total population of at least 50,000. This means that half the population must have been farm labourers under the strict rule of farmers, with a few under the rule of peasants” [ÞORLÁKSSO, Helgi. Historical Background: Iceland 870–1400. In: MCTURK, Rory (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, 2005, p. 138].

³⁶ “As already discussed, Icelandic settlement patterns are characterized by relatively few large units occupying the very best land and often centrally located vis-a`-vis a larger number of much smaller but evenly sized and regularly spaced units. [...] The farmers of the planned settlements were clearly in a dependent relationship to the estate owners and it is easiest to view this relationship as one of lords and peasants. If we accept this picture of differential access to resources as the basis of social

É importante destacar também que apesar de não haver um grande poder centralizado regulador, a sociedade islandesa legislava acerca do casamento entre pessoas que não eram grandes detentoras de terra. Desse modo, ser um homem livre na Islândia do período da Comunidade ou Estado Geral, como destacado por Vésteinsson, não implicava liberdade ou poder político, a grande propriedade de terras e o controle de fazendas sim.

Em relação ao desenvolvimento político durante o período entre 1120 e 1262, destaca-se uma concentração de poder. Acredita-se que, por cerca do ano 1200, apenas sete famílias, com grande poder e influência política, econômica e social, coordenaram a Islândia³⁷. Porém, a sociedade islandesa, que desde seu assentamento apresentava profundas relações com a Noruega, perpassou no século XIII por uma crescente influência e intervenção norueguesa. Após 1238, os dois bispos islandeses passaram a ser escolhidos pela Noruega, que representavam os interesses da coroa norueguesa. Este processo histórico de intervenção norueguesa, que também se faz presente e perceptível em diversas sagas, resultou no fim do Estado Livre Islandês em 1262. As sagas de islandeses apresentam suas narrativas de modo geral inseridas no período do Estado Livre, de modo que algumas foram produzidas ainda dentro deste recorte político temporal. Entretanto, outras sagas, como a saga de Njáll, foram produzidas após o fim do Estado Livre com a submissão à coroa norueguesa em 1262.

Para finalizar, o âmbito religioso islandês do período passou por uma gradual cristianização. Grande parte do que conhecemos hoje em relação aos cultos e costumes antigos pré-cristãos se deu através de manuscritos de períodos pós-cristianização, seja este um relato nórdico ou não. Do mesmo modo que houve uma perspectiva generalista de uma origem germânica, também persistiu por um tempo estudos que acreditassem em uma unidade pagã escandinava medieval e antiga. Entretanto, as críticas ao caráter generalistas dessas visões culminaram em

analysis, it then follows that the portrayal of farmers in the sagas must be limited to the society of the roughly 600 estate owners and possibly the 1,000 independent farmers (a theme developed in Ve´steinsson forthcoming). The majority of the Icelandic householders were, according to this picture, not politically free in anything but the most technical sense” [VÉSTEINSSON, Orri. Archaeology of Economy and Society. In: MCTURK, Rory (ed.). A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture. London: Blackwell, 2005, p. 18-19].

³⁷ SIGURÐSSON, Jón Viðar. Iceland. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (eds). *The Viking World*. New York. Routledge, 2008, p. 573.

abordagens que priorizam atualmente uma perspectiva de que, embora houvesse um compartilhamento de pontos em comum e similares, havia divergências de acordo com diferentes recortes. Diferentes divindades poderiam ser mais ou menos cultuadas em diferentes localidades, havendo assim um cenário variado e amplo religioso.

Em relação ao processo de cristianização, este ocorreu atrelado à crescente influência norueguesa. O rei Óláfr Tryggvason (960-1000), da Noruega, foi essencial no processo de conversão da Islândia ao cristianismo. Algumas sagas narram o processo de cristianização e apontam que o Rei utilizou de reféns como forma de acelerar tal processo. A conversão ao cristianismo foi decidida na Assembleia Geral por volta do ano 1000. Apesar do caráter aparentemente profundamente pacífico da conversão ao cristianismo narrado nas sagas, esta se deu através de ameaças e de uma crescente interferência norueguesa na vida política, social e econômica islandesa. Sobre isso, André de Oliveira afirma:

as narrativas sobre a conversão islandesa são tipicamente descritas como um exemplo excepcional de uma conversão pacífica. Historiadores como Kathleen Self discordam dessas narrativas ao afirmarem que essa visão ignora as violências físicas, verbais e sociais. (SELF, 2010, p. 182) A história diz que, poucos dias depois do meio do verão um navio atracou em Vestmannaeyjar na costa ao sul da Islândia. Dois goðar eram donos e navegavam o navio, GizurrTeitsson e HjaltiSkeggjasson, e com eles traziam um padre chamado Þormóðr. O rei norueguês Olavo Tryggvason, estava começando a se irritar com a teimosia dos islandeses em não se converterem ao cristianismo apesar de suas tentativas, ele pensava em matar todos os islandeses em seu reinado como retaliação. Os dois goðar assumiram um papel vital em evitar esse derramamento de sangue ao tentar converter a ilha. Os dois foram então, imediatamente na direção da Assembleia Geral que iria acontecer no ano de 999, contudo HjaltiSkeggjasson não poderia ir, pois havia sido banido por blasfemar aos deuses³⁸.

Houve então um aspecto fortemente político no processo de cristianização da ilha, de que modo que a perda das funções seculares do godi após a cristianização anteriormente mencionada é compreendida por alguns autores como um dos indícios de que o processo de cristianização implicou em um domínio “central sobre autoridades locais”³⁹.

Além disso, é perceptível que o processo de cristianização não se deu de modo instantâneo. Por um período foi permitido que houvesse sacrifícios aos deuses antigos

³⁸ OLIVEIRA, André Araújo de. A Importância dos Bispos na Cristianização da Islândia Medieval. *Anais do V Encontro Internacional UFES/ Université Paris-Est*. Vitória: UFES, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/view/11747>. Acesso em: 22 dez. 2023, p. 212.

³⁹ MOOSBURGER, 2014, p. 65.

de modo particular. O cristianismo islandês surge então de forma única, carregando em suas práticas uma hibridização entre aspectos da nova religião cristã da ilha e crenças da antiga religião nórdica e seu folclore. Esta hibridização de elementos religiosos cristãos e nórdicos estão presentes em algumas sagas de bispos e de família. Ademais, Grzybowski, ao analisar a cristianização da Escandinávia, defende que este processo deve ser analisado priorizando “a perspectiva do homem medieval se o intuito for discutir suas visões de mundo e as significações que oferecem do processo histórico”⁴⁰. Para o autor, é essencial, portanto, uma análise metodológica que, ao se debruçar sobre o processo de cristianização escandinava, faça-o considerando a própria compreensão medieval sobre tal processo⁴¹. Desse modo, o processo de cristianização do Norte medieval iniciou-se no século IX, culminando em práticas religiosas que alternavam entre aspectos cristãos e não cristãos, em uma complexa dinâmica política, religiosa e cultural.

⁴⁰ GRZYBOWSKI, Lukas. O início da missão cristianizadora da Escandinávia e sua interpretação nas Gesta Hammaburgensis de Adam de Bremen. *Signum*, v. 17, n. 1. 2016, p. 160. Disponível em: https://www.academia.edu/31906482/Grzybowski_2016_O_in%C3%ADcio_da_miss%C3%A3o_cristianizadora_da_Escandin%C3%A1via_e_sua_interpreta%C3%A7%C3%A3o_nas_Gesta_Hammaburgensis_de_Adam_de_Bremen. Acesso em: 22 dez. 2023.

⁴¹ Idem.

CAPÍTULO II – AS SAGAS MEDIEVAIS ISLANDEASAS: CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS E TRADIÇÕES MANUSCRITAS

Este capítulo está subdividido de uma forma que busco conduzi-los ao cerne principal das discussões que envolvem os artefatos históricos aqui definidos como fontes: o que são as sagas? Quais são suas origens? O que há de especial na produção literária islandesa medieval? Estas nos informam sobre a Era Viking ou o século XIII?

Em um primeiro momento abordarei o nórdico antigo e as runas, definindo-as, para posteriormente analisar de modo breve a produção de manuscritos no norte medieval. Em seguida analisaremos a produção das sagas islandesas, problematizando o contexto de sua criação e sua relação com a tradição oral. Por fim, debruçar-me-ei sobre a saga de Njáll e a saga Laxdaela e como estas nos proporcionam não um transporte imparcial ao passado islandês da Era Viking, mas uma visão posterior que busca recontar e revisitar este passado com olhares do presente.

1. Língua vernacular: o Nórdico ou Islandês antigo

O norte medieval foi o seio de produção de uma literatura única, principalmente quando analisamos o caso islandês, um dos aspectos a serem ressaltados nessa produção foi a sua linguagem vernacular. Desse modo, antes de iniciarmos uma breve análise sobre a produção de manuscritos nórdicos medievais, é necessário mencionarmos a língua sobre a qual tais produções foram versadas.

a forma mais antiga documentada do idioma germânico do norte é o nórdico arcaico (ou proto-nórdico), preservado em inscrições rúnicas datadas de cerca de 150 d. C. a 800 d. C., quando o nórdico fragmentou-se em dois dialetos distintos, o nórdico oriental (antigo sueco e antigo dinamarquês) e o nórdico ocidental (antigo norueguês, que logo dividiu-se em antigo norueguês e antigo islandês). [...] As runas são letras (de uma escrita alfabética),⁷⁷ e existem inscrições diversas em línguas germânicas, sendo a grande maioria em escandinavo antigo (protonórdico) e variantes dialetais do nórdico da Era Viking. O alfabeto rúnico consistia, originalmente, de vinte e quatro caracteres (o chamado fupark antigo). Suas origens são objeto de discussão, mas é consenso que as letras rúnicas foram inspiradas por ou adaptadas de escritas mediterrâneas¹.

¹ MOOSBURGER, 2014.

As famosas runas apresentam então uma influência de escrita mediterrânea e consistem em letras de uma escrita alfabética² que são encontradas em inscrições em línguas germânicas, de modo que o alfabeto rúnico era inicialmente composto por vinte e quatro caracteres³. A análise da fala de Moosburger nos mostra também que as runas estão regadas de outras influências, como a mediterrânea, latina e grega⁴, e que são muito mais antigas do que a denominada Era Viking. Além disso, esta não permaneceu homogênea, sofrendo variações, entre o chamado nórdico oriental e ocidental, indicando-nos, mais uma vez, a complexidade e variedade do Norte medieval.

Os caracteres dessa escrita alfabética passaram por mudanças, de modo que a partir do século VIII foi adotada uma forma que consistia em dezesseis letras.⁵ É nesta versão que foram produzidas as inscrições rúnicas dos escandinavos da Era Viking. A escrita rúnica foi inscrita em diferentes materiais, como madeira e pedra, porém o ponto importante a ser ressaltado é que estudos apontam que esta escrita não foi utilizada na criação de textos longos⁶.

Os diversos manuscritos medievais escritos dos séculos XII ao XV em língua vernacular foram produzidos então no que definimos como nórdico antigo. Esta seria então a língua escandinava presente nas inscrições rúnicas da Era Viking⁷.

nessa aplicação genérica, o termo “nórdico antigo” refere-se a uma língua com um espectro de variação temporal de cerca de sete séculos, e que apresenta, além das naturais modificações que acumulou no curso desse longo período, uma diferenciação dialetal, diferenciação esta que se faz cada vez mais sensível até a clara ruptura em línguas distintas, no final da Idade Média⁸.

Desse modo, a produção de manuscritos em língua vernacular da Islândia dos séculos XII ao XV, como ambas as sagas aqui analisadas, estão em nórdico antigo, que por vezes também é denominado “islandês antigo”. Alguns autores fazem uma distinção entre nórdico e islandês antigos baseados no manuscrito ao qual debruçam suas análises. Moosburger defende o uso do termo islandês medieval para as sagas

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem, p. 62.

e o termo nórdico antigo para os poemas escáldicos e éddicos. Essa diferenciação é baseada na percepção de que a análise da língua vernacular presente na narrativa das sagas construídas em prosa, como a saga de Njáll, apresenta diferenciações da construção poética. Mais sobre essa diferenciação veremos a seguir.

2. A produção de manuscritos no Norte Medieval: o letramento e o cristianismo

Apesar do alfabeto rúnico, o norte era marcado por uma cultura oral, na qual transcorria, por exemplo, “uma tradição de poesia oral e de narrativas orais”⁹. Não havia então inicialmente uma tradição literária e produção de longos manuscritos, sendo notório aspectos do caráter oral da cultura nórdica medieval, como o papel do Recitador das Leis, anteriormente mencionado.

Entretanto, transformações transcorreram no norte medieval, de modo que este foi responsável pela produção de inúmeros manuscritos e códices. Grande parte dessa produção foi elaborada em manuscritos feitos a partir de pele de animal, que, após tratada, era cortada e costurada para encadernação em madeira, couro ou metal.

Através do processo de cristianização do norte, houve um letramento e uma produção de textos religiosos para leitura nas igrejas. A Igreja Católica então era responsável por inúmeras bibliotecas que apresentavam diversas versões da Bíblia, textos para missa, etc. Fortemente influenciada pelo cristianismo e por uma ampla cultura atrelada à transmissão oral, a produção escrita do nórdico medieval apresenta diversas singularidades e carrega em suas entrelinhas as múltiplas conexões do mundo medieval.

o cristianismo trouxe letramento para a Islândia, e os historiadores medievais que aplicaram seus conhecimentos sobre livros para escrever sobre o passado na Islândia buscaram todas as suas informações em histórias e histórias orais. As tradições orais vivas estudadas em muitas partes do mundo mostraram uma tendência a se adaptar à realidade contemporânea, na qual os fatos mudam de acordo para o contexto em que são repetidas, mesmo que as pessoas se considerem preservando memórias do passado. Apesar dessa mutabilidade, no entanto, ainda é possível falar de uma tradição contínua que dura vários séculos e que incorpora verdades essenciais que são arqueologicamente verificáveis¹⁰.

⁹ Ibidem.

¹⁰ “Christianity brought literacy to Iceland, and medieval historians who applied their knowledge of book-making to write about the past in Iceland sought all their information in oral stories and lore. Living oral traditions studied in many parts of the world have shown a tendency to adapt to contemporary reality, whereby facts change according to the context in which they are repeated even though people

Deste modo, a conversão ao cristianismo e o conseqüente maior contato com a cultura letrada criou um terreno fértil para a produção de manuscritos no norte medieval. Esta produção escrita aflorou no formato de prosa vernacular literária dos contos e das histórias antes transmitidas oralmente. O formato de códice em pergaminho foi a base principal da produção dos manuscritos marcados pela influência cristã.

com a escrita rúnica, ao que tudo indica, não havia uma tradição de produção de textos literários. O que existiu entre os escandinavos foi provavelmente uma oralidade primária, tal qual define Zumthor (1985: 5; 1993: 18); existia, entre os escandinavos da Era Viking, uma tradição de poesia oral e de narrativas orais¹¹.

Desse modo, a Islândia, assim como a Escandinávia, medieval apresentava uma cultura oral e o alfabeto rúnico e suas inscrições não eram encontradas em textos longos.

antes do século XII praticamente só existem registros em inscrições rúnicas; a partir do século XII, a utilização do alfabeto latino e do pergaminho propicia o desenvolvimento de uma tradição literária e a produção de um volumoso corpus em vernáculo¹².

Não havia então inicialmente uma cultura e uma ampla produção literária e de manuscritos nórdicos medievais, apesar da transmissão oral de poesias e outros contos. “Foi a igreja que levou à Islândia a cultura do letramento e o alfabeto latino, com o qual, a partir do séc. XII, produziu-se o corpus literário islandês.”¹³ Foi no entrelaçar dos fios das conexões políticas, culturais, religiosas, sociais, como o processo de cristianização, que surgiu o tecido do complexo contexto em que o letramento, assim como a influência literária, culminaram na produção única de manuscritos medievais nórdicos.

Em relação ao norte medieval, a Dinamarca apresentou ampla produção de

consider themselves to be preserving memories from the past. Despite this mutability, however, it is still possible to talk about a continuous tradition lasting several centuries and embodying essential truths which are archaeologically verifiable” [SIGURÐSSON, Gísli. The North Atlantic Expansion. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (eds.). *The Viking World*. New York: Routledge, 2008, p. 563].

¹¹ MOOSBURGER, 2014, p. 61-62.

¹² Ibidem, p. 62-63.

¹³ Ibidem, p. 63.

textos latinos e teve no século XV o auge de sua produção vernacular¹⁴. A escrita latina era predominantemente marcada pelo caráter religioso, enquanto que em língua vernacular o primeiro destaque foi a produção baseada em textos de caráter jurídico¹⁵.

Destacamos também que a partir do século XVI, através da imprensa, houve um destaque para a produção de escritos que abarcavam orações pessoais, predominantemente associados às mulheres da nobreza¹⁶. Além disso, emergiram obras de cunho privado que englobavam baladas dinamarquesas, as chamadas *folkeviser*, que já eram há séculos transmitidas oralmente desde o medievo.¹⁷

Outro ponto a ser mencionado é a caligrafia presente nos manuscritos dinamarqueses do medievo.

a letra na maioria dos manuscritos medievais dinamarqueses segue com um pequeno atraso a evolução paleográfica do continente, especialmente a da Alemanha, sendo predominantemente gótica ou cursiva gótica, letras caracterizadas pela união de certas letras e traços ornamentais, embora certos caracteres, como o "y", sugiram uma influência anglo-saxônica. A letra carolíngia, de curvas suaves e largas, introduzida na França durante a reforma intelectual de Carlos Magno no século IX, é encontrada em alguns poucos manuscritos escritos em latim entre os anos de 1050 e 1250, como, por exemplo, no já mencionado livro de Dalby (GKS 1325 4to)¹⁸.

A produção dos manuscritos dinamarqueses apresenta influência gótica, anglo-saxã e carolíngia. É nítido então que a análise da produção de manuscrita nórdica medieval desde a sua caligrafia e traços pode nos indicar as amplas conexões que ocorreram no medievo. Os manuscritos do norte medieval, apesar de serem uma literatura única, não estavam isolados do restante da Europa e das demais influências literárias e escritas.

Já em relação ao cenário sueco medieval, este compartilha semelhanças com a Dinamarca. Houve a produção de diversos textos religiosos em latim e a produção

¹⁴ MARINÉ, Sebastián Mortensen. *“La tradición manuscrita”*. In: El mundo nórdico medieval : una introducción. Santiago Barreiro y Renan Birro (eds). 2017. Sociedad Argentina de Estudios Medievales.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ *“La letra en la mayoría de los manuscritos medievales daneses sigue con un corto retraso la evolución paleográfica del continente, en particular la de Alemania, siendo así principalmente gótica o cursiva gótica, letras caracterizadas por la unión de ciertas letras y trazos ornamentales, aunque ciertos caracteres como la y sugieren una influencia anglosajona. La letra carolingia de curvas suaves y anchas, introducida en Francia durante la reforma intelectual de Carlomagno en el siglo IX, se encuentra en unos pocos manuscritos escritos en latín entre los años 1050 y 1250, por ejemplo, en el ya mencionado libro de Dalby (GKS 1325 4to)”* (Ibidem, p. 125).

vernacular teve destaque inicial para o âmbito jurídico¹⁹.

Entretanto é necessário abordar a produção de manuscritos em língua vernacular que fogem do âmbito religioso e jurídico sueco. Destacamos aqui a *Eufemiavisor*, produção do século XIV que apresenta um grupo de três romances medievais. Estes possuem origem francesa e alemã, sendo traduzidos para o sueco, e estão inseridos no contexto produção escandinava influenciada pelo romance de cavalaria da Europa Continental. As três baladas foram traduzidas por encomenda da rainha Eufemia de Arnstein (1270-1312) para o casamento de sua filha²⁰. Além da *Eufemiavisor*, ressaltamos a crônica de Érico, também produzida no século XIV na qual a narrativa se desenrola através dos feitos do rei Erik Magnusson (1282-318)²¹.

Acerca da Noruega, os manuscritos preservados mais antigos datam do século XII, anteriores, portanto, à produção sueca e dinamarquesa. As primeiras produções se voltam acerca das vidas de santos, sendo traduções de textos em latim.²² Destaca-se, mais uma vez, a importância e a influência do cristianismo no processo de letramento e de produção de manuscritos.

O *Gammelnorsk Homiliebog* é o manuscrito integral conservado mais antigo em língua nórdica, sendo datado do século XIII, e contém em sua narrativa relatos sobre o rei Óláfr Haraldsson(995-1030). Os relatos de milagres efetuados pelo rei no *Gammelnorsk Homiliebog* são semelhantes aos narrados na saga *Óláfs saga hins helga*, saga do rei Óláfr, o Santo²³. É importante destacar que Óláfr Haraldsson foi rei da Noruega de 1015 a 1028, tendo se convertido ao cristianismo e canonizado e reconhecido santo da Igreja Católica.

Através da análise dos manuscritos também é possível concluir que a importação de manuscritos das Ilhas Britânicas no período entre os séculos X e XII influenciaram a grafia norueguesa²⁴. Entretanto, a relação próxima entre a Noruega e a Islândia acabou criando um “um híbrido comum aos dois países no século XIII, com a presença de letras insulares e a adição de caracteres especiais para adaptar a

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem.

escrita latina à antiga língua nórdica”²⁵. Relembro aqui então que dentre o Norte Medieval, a Islândia e a Noruega compartilham diversos processos históricos, como a influência norueguesa no processo de assentamento, de cristianismo e de, por fim, submissão à sua coroa.

Por fim, analisemos brevemente o cenário islandês. A Islândia enfrentou algumas dificuldades particulares na produção de seus manuscritos em função do seu clima e da falta de disponibilidade de alguns materiais na ilha. Os escribas relataram em comentários às margens de alguns manuscritos suas queixas acerca das peles, de bezerro e ovelha, utilizadas para manuscritos que sofriam com o clima e umidade da ilha, assim como eles²⁶. Os manuscritos islandeses continham então de modo geral pouca decoração e ilustrações e o texto escrito, em tinta preta, ao oxidar com o tempo acabava por apresentar uma tonalidade esverdeada²⁷. Entretanto, também houve a produção de manuscritos com ilustrações, principalmente para os que eram voltados para o âmbito jurídico e religioso²⁸.

Apesar das adversidades, a Islândia ocupa uma posição de destaque na produção de manuscritos do norte medieval por inúmeros aspectos. A produção de manuscrito encontrou na ilha uma maior amplitude de produção.

a cultura escrita, ao contrário do continente onde os escribas pertenciam apenas à ordem monástica, na Islândia tornou-se também acessível aos leigos, geralmente de posição moderadamente elevada, o que foi uma importante contribuição para a produção de manuscritos. Estes incluem homens ricos ou agricultores com acesso à educação e ansiosos por adquirir mais material de leitura. É interessante e inusitado notar que entre os manuscritos mais antigos que conhecemos encontramos os textos didáticos *Elucidarius* em AM 674a 4to e *Physiologus* em AM 673a I 4to, ambos da segunda metade do século XII, que eram utilizados para o ensino escolar²⁹.

²⁵ “Sin embargo, el contacto cercano entre Noruega e Islandia resulta en la creación de un híbrido común a los dos países en el siglo XIII con la presencia de letras insulares y la adición de caracteres especiales para adaptar la letra latina a la lengua antiguo nórdica” (MARINÉ, 2017, p. 132).

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem.

²⁹ “la cultura escrita, contrariamente al continente donde los escribas pertenecían únicamente al orden monástico, llegó en Islandia a ser accesible también a los laicos, generalmente de rango moderadamente elevado, lo cual supuso una contribución importante a la producción de manuscritos. Entre estos se cuentan los hombres ricos o granjeros con acceso a educación y deseosos de procurarse más material para leer. Es interesante e inusual notar que entre los manuscritos más antiguos que conocemos encontramos los textos didáticos *Elucidarius* en el AM 674a 4to y *Physiologus* en el AM 673a I 4to, ambos de la segunda mitad del siglo XII, que se usaban para la enseñanza escolar” (Ibidem, p. 135-134).

Desse modo, a ilha criou um cenário particular em que a população também passou por um processo de letramento e também promovia a produção de manuscritos. O letramento, o conhecimento e o desejo por leitura, ultrapassou então as igrejas, e os manuscritos produzidos continham conteúdos voltados para o ensino do letramento. Criou-se então um cenário de incentivo ao aprendizado e de surgimento para novos leitores e escribas.

Entretanto é necessário ressaltar, assim como fez Mariné, que este letramento não era acessível a toda população, mas a um recorte associado a grupos mais privilegiados, como os detentores de terra. Além disso, promover e arcar com a produção de um manuscrito também não era possível para grande parte da população.

Além da extrapolação dos muros das igrejas da cultura letrada, a Islândia também se destaca pelo conteúdo de produção de seus manuscritos, encontrados em diferentes formatos e temáticas. A produção islandesa medieval perpassa textos de caráter religioso, jurídico, literário e histórico.

Em relação a produção poética literária, a ilha elaborou a poesia éddica e a poesia escáldica, ambas influenciadas por narrativas atreladas a uma tradição oral. Entretanto, apesar da importância e da presença da influência dos aspectos de oralidade, tais obras foram redigidas de modo escrito posteriormente. Desse modo, não há um consenso na origem desses poemas, se suas narrativas têm origem islandesa ou se foram trazidas da Escandinávia ou quais alterações sofreram no processo de escrita. Apesar desses fatores, alguns estudiosos apontam que esta forma literária seria o mais próximo do que poderíamos acessar da antiga poesia nórdica e da oralidade narrativa da Era Viking³⁰.

“A Edda poética é uma coletânea de poemas mitológicos e heróicos anônimos (que não foi concebida como obra unitária) organizados segundo critérios cronológicos em vista do tempo mítico”³¹. A poesia éddica encontra-se preservada em um manuscrito de 1275, de modo que o conjunto das poemas deste manuscrito e outras preservações são definidos como Edda poética³².

É necessário cautela ao diferenciar a Edda poética e a Edda em prosa, esta foi

³⁰ MOOSBURGER, 2014.

³¹ Ibidem, p. 68.

³² Ibidem.

produzida por Snorri Sturluson (1178-1241), em cerca de 1220. Também conhecida como Edda de Snorri ou Edda jovem, a Edda em prosa é caracterizada pelas informações acerca da mitologia e da arte poética nórdica, de modo que “apresenta o arcabouço imagético necessário à poesia escáldica, além de aspectos técnicos dessa poesia”³³.

Outra produção literária poética de destaque islandês medieval é a poesia escáldica, esta era produzida nas cortes e enaltecia os reis e a corte.

Desse modo, há diferenciações entre a poesia éddica e a poesia escáldica no que tange a sua métrica, forma, construção narrativa e autoria.

com o termo poesia escáldica designamos a poesia dos skáld, ou, em simples tradução: “poetas”. Por redundante que possa parecer, falar de “poesia de poetas” no contexto da literatura islandesa e nórdica antiga serve para traçar uma fronteira entre a poesia produzida por e atribuída a indivíduos (muitos dos quais figuras históricas) e a poesia tradicional, anônima (basicamente a poesia éddica, mencionada anteriormente)³⁴.

A poesia escáldica, portanto, apresenta sua autoria e motivação de produção geralmente definidas, apesar de não podermos garantir a autoria de todo o volume dessas obras, diferente da poesia, produções anônimas.

Além disso, a escrita éddica e escáldica apresentam outros pontos de divergência:

a poesia escáldica, por outro lado, é muito mais complexa, tanto no repertório métrico quanto nas construções sintáticas e, principalmente, no uso de imagens poéticas. Enquanto a poesia éddica era basicamente narrativa, a poesia escáldica era, muitas vezes, descritiva. Enquanto a poesia éddica era mais simples e direta e mais facilmente compreendida numa recitação, a poesia escáldica muitas vezes era impenetrável e obscura para o não-iniciado³⁵.

A poesia éddica apresenta portanto sua construção narrativa mais direta, em contraposição ao caráter complexo e descritivo escáldico.

Outro importante aspecto a ser frisado é a presença da poesia escáldica em algumas sagas de islandeses, como a saga de Njáll. A motivação por trás de tal presença e o impacto e recepção na audiência é fonte de inúmeros debates, de modo que as atuais análises enfocam na problematização da função dessas poesias no fio

³³ MOOSBURGER, 2014, p. 69.

³⁴ Ibidem, p. 70.

³⁵ Ibidem.

narrativo da sagas³⁶.

Ao analisarmos a produção de manuscritos islandeses medievais é também perceptível o esforço islandês para escrever a sua própria história. Produzido no início do século XII, em língua vernacular, o *Landnámabók* narra a chegada dos escandinavos à Islândia e descreve detalhadamente o que seria o processo de assentamento da ilha durante os séculos IX e X. Com uma proposta similar, o *Íslendingabók*, “O livro dos Islandeses”, é uma obra em formato de prosa também em língua vernacular e produzida no século XII. A produção narra a história da ilha, perpassando aspectos como a chegada dos escandinavos à ilha, a legislação islandesa, a formação política da ilha e a Assembléia Geral, a definição do calendário, a formação das assembleias locais, a ida à Groenlândia, o processo de cristianização, de modo que os últimos capítulos se voltam acerca dos bispos e os Recitadores Das Leis. O Livro do Assentamento por vezes é creditado a Ari Thorgilsson (1067-1148), este foi responsável pela composição do Livros dos Islandeses. Ari, o Sábio, como é conhecido, foi um dos primeiros cronistas medievais da Islândia que então buscaram escrever em língua vernacular a história e genealogia da ilha, tornando-se um padre cristão posteriormente em sua vida.

No âmbito jurídico, as *Grágás* são uma coletânea de leis islandesas presentes em diversos códices de diferentes períodos, podendo ser definida como

uma coletânea de leis encontradas em mais de uma centena de códices, alguns fragmentos de passagens e cópias de antigos manuscritos produzidos em diferentes momentos na Islândia. A primeira vez que o termo *Grágás* surgiu no contexto da cultura escrita islandesa foi parte de um inventário feito em 1548 sobre o arcebispado em Skálhot. Apesar do termo surgir apenas no século XVI, acredita-se que o conteúdo pertence a um período muito mais antigo da história da Islândia. De modo geral, a origem desses escritos pode ser datada do século XIII, com leis provenientes do fim do século XI e início do século XII, frações de tempo pertencentes aos períodos anteriores e posteriores ao cristianismo na ilha³⁷.

As Leis do Ganso Cinzenta então constituem uma coleção de leis islandesas presentes em diversos códices de diferentes períodos que estão inseridas no contexto de produção de manuscritos islandeses no medievo.

Em relação a escrita dos manuscritos islandeses, sua letra apresentou

³⁶ MOOSBURGER, 2014.

³⁷ MIRANDA, Pablo Gomes. *Grágás*. In: LANGER, Johnni (org). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Luís: Hedra, 2017, p. 319-320.

influência carolíngia, sendo posteriormente marcada pela influência e variações góticas³⁸.

inicialmente, esta letra carolíngia tinha características continentais, ao contrário da norueguesa, que mostrava uma clara influência anglo-saxônica (insular), indicando um modelo para a escrita islandesa com origens nas sedes arquiépiscopais da época, Hamburgo-Bremen e Lund, e a partir de 1152-3, a sede de Niðarós. Após essa aproximação com a Noruega, surgiu o mencionado híbrido entre os dois países com a presença de letras insulares³⁹.

Como abordado no capítulo anterior, ao decorrer da História islandesa no medievo houve uma crescente influência da coroa da Noruega, que culminou, inclusive, na submissão à monarquia norueguesa em 1262. A influência norueguesa na ilha perpassou não apenas a cristianização e a política, mas também aspectos cotidianos e às vezes não tão claros, como a letra presente nos manuscritos, que carregam este caráter chamado “híbrido” por Mariné.

Também é necessário ressaltar Árne Magnússon (1663-1730), formado em teologia pela Universidade de Copenhague em 1685, este teve seu foco na história e na literatura nórdica. Árne viajou pela Noruega, Suécia e Islândia colecionando manuscritos. Parte de sua vasta coleção foi então enviada para a Dinamarca em 1720. Entretanto, parte dela foi perdida devido ao incêndio de ocorreu em Copenhague em 1728. O que havia restado da sua coleção foi mantido na Universidade de Copenhague. A Islândia apenas alcançou sua independência em 1944 e, ao final da década de 1990, a maioria dos manuscritos islandeses foram então devolvidos à Islândia, Estes se encontram atualmente, em maioria, conservados no Instituto Árne Magnússon, da Universidade da Islândia, que levam o nome do grande colecionador.

Em relação à Reforma Protestante e a introdução da impressão, estes não impediram a produção de manuscritos islandeses. Estes continuaram a ser copiados com um aumento da produção de manuscritos voltados para leitura e entretenimento nos rigorosos invernos.

Ressaltamos novamente então a importância da consideração da influência do

³⁸ MARINÉ, 2017.

³⁹ *“En un principio, esta letra carolingia tenía rasgos continentales a diferencia de la noruega, que mostraba una clara influencia anglosajona (insular), lo cual indica un modelo para la escritura islandesa con orígenes de las sedes archiepiscopales de la época, Hamburgo Bremen y Lund, y a partir de 1152-3, la sede de Niðarós. Después de este acercamiento a Noruega, se crea el mencionado híbrido entre los dos países con la presencia de letras insulares”* (Ibidem, p. 136-137).

cristianismo no norte no processo de letramento e na produção de manuscritos. O norte medieval, marcado pela cultura oral, através de uma complexa rede de relações, em conjunto com o cristianismo fomentou o contexto para uma produção única de manuscritos.

Não é apropriado, portanto, pensar as produções culturais materiais e imateriais dos mais diversos grupos étnicos enquanto produtos “de um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como se fosse uma ilha”⁴⁰. A produção manuscrita do norte medieval só pode ser compreendida quando analisada enquanto um fenômeno único que carrega consigo a influência de múltiplos traços sociais.

a Islândia não teve nenhuma livraria entre os séculos dezesseis e meados do século dezenove. Também não tinha escolas. Contudo, até o final do século dezoito a população era quase toda alfabetizada. Famílias situadas em fazendas espalhadas por uma enorme área ensinavam seus filhos a ler — e os islandeses liam bastante, especialmente durante os longos meses de inverno. Além das obras religiosas, sua leitura consistia primordialmente em sagas nórdicas, copiadas e recopiadas por várias gerações em livros manuscritos, milhares deles, que hoje formam as principais coleções dos arquivos desse país. A Islândia constitui, portanto, um exemplo de uma sociedade que contradiz meu diagrama. Vale repetir: por três séculos e meio, ela contou com uma população altamente alfabetizada e dada à leitura de livros, embora não tivesse praticamente nenhuma gráfica, nenhuma livraria, nenhuma biblioteca e nenhuma escola. Uma aberração? Talvez, mas a experiência dos islandeses pode nos dizer algo a respeito da natureza da cultura literária na Escandinávia ou até em outras partes do mundo, notadamente em áreas rurais remotas, onde culturas orais e de escribas reforçavam umas às outras para além do mundo da palavra impressa. O exemplo da Islândia sugere a importância de desviar-nos do caminho batido que relaciona grandes centros como Leipzig, Paris, Amsterdam, Londres, Filadélfia e Nova Iorque. E quaisquer que sejam as maneiras de se interpretar os islandeses, deve-se admitir que diagramas servem tão-somente para aperfeiçoar percepções de relações complexas⁴¹.

É notório que a Islândia apresenta então um letramento e uma produção de manuscritos para além das paredes da Igreja e dos mosteiros. Desenvolveu-se ao longo dos séculos na Islândia uma cultura marcada pela leitura. Desse modo, apesar de seu isolamento geográfico, a ilha desenvolveu um cenário literário em que a literatura, a cultura letrada e a influência cristã entrelaçada com a tradição oral, estava presente nos mais diversos âmbitos.

⁴⁰ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 190.

⁴¹ DARNTON, R. O que é a história do livro? *ArtCultura*, v. 10, n. 16, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1503>. Acesso em: 7 mai. 2024.

A análise dos manuscritos da ilha no medievo nos permite perceber a influência dos romances de cavalaria, do cristianismo e da Noruega, por exemplo, que culminaram em narrativas inusitadas em formato de prosa vernacular.

Esta perspectiva analítica nos permite perceber então que os manuscritos islandeses medievais carregam em suas entrelinhas e em sua grafia as amplas conexões presentes no medievo.

3. As sagas islandesas medievais: o gênero literário e as sagas dos islandeses

Após uma breve análise geral acerca da produção de manuscritos no medievo nórdico, iremos neste momento abordar especificamente a produção das sagas islandesas medievais.

Dentro do corpo de manuscritos medievais as sagas se destacam não apenas pela sua quantidade, mas também pelo seu conteúdo. Indo além do padrão literário religioso europeu medieval escrito em latim em verso, as sagas se desenvolveram enquanto um estilo literário próprio em formato de prosa em língua vernacular. Seu fio narrativo perpassa a história da ilha, suas famílias, seus santos, seus reis, seus feitos heróicos e suas terras em um complexo enlaço de casamentos e divórcio, conflitos e alianças, morte e nascimento, cristianismo e costumes antigos. As sagas são apontadas por Le Goff como “epopeias tão originais que serão um dos florões da literatura cristã medieval”⁴². O surgimento de uma produção tão especial não pode ser então baseada em único fator, mas em um complexo tecido de fios que emaranham o social, o político, o religioso, o cultural e o social.

As sagas são, portanto, artefatos históricos, aqui postos em análise através de dois exemplares. Constituem uma produção única de narrativas literárias, sendo uma das principais fontes, acompanhada da arqueologia, dos estudos medievais sobre as expansões escandinavas ao Atlântico Norte.

do ponto de vista do uso linguístico, elas apresentam similaridades; encontramos nelas técnicas narrativas comuns e um narrador quase neutro. As orações costumam ser breves. Predomina o discurso direto, sendo bem menos frequente o discurso indireto. A narrativa segue um fluxo temporal contínuo, com raras digressões ou interrupções. O texto é dinâmico e há, em primeiro lugar, ação⁴³.

⁴² LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 134.

⁴³ MOOSBURGER, 2014, p. 72.

O termo *saga* está vinculado ao verbo "dizer", do islandês antigo *segja*, sendo sua narrativa em prosa vernacular. Esta narrativa apresenta um caráter direto que segue uma linha temporal ininterrupta e seu desenvolvimento recai sobre as ações de seus personagens. As sagas islandesas medievais podem então ser definidas enquanto narrativas em formato de prosa em língua vernacular que versam sobre o passado islandês, sendo “mais ou menos históricas, mais ou menos fantasiosas, mais ou menos lendárias, mais ou menos elaboradas segundo critérios estéticos”⁴⁴.

Ao nos debruçarmos sobre as *sagas*, faz-se também necessário refletir acerca de sua relação com a tradição oral anteriormente mencionada. A tradição oral envolve a sua construção e transmissão em torno da oralidade. Mediante a comunicação oral que perpassa diferentes gerações, o conhecimento, a arte e a cultura de um grupo social são propagados, compreendidos, conservados e alterados. A transmissão oral também não se restringe a apenas uma forma, fazendo-se ocorrer em músicas e contos populares, por exemplo. Além disso, a transmissão cultural oral está profundamente relacionada à formação da memória e da identidade do seu grupo social. A sociedade islandesa medieval apresentava um caráter oral, por exemplo, ao analisarmos a figura do Recitador das Leis, que tinha como uma de suas funções a recitação da lei na *logberg*, a pedra da lei, nos encontros da Assembleia Geral. Diversas narrativas presentes na produção dos manuscritos islandeses carregam em si traços do caráter de transmissão cultural oral da sociedade islandesa, como a poesia éddica, já mencionada.

A produção escrita islandesa ocorreu, como ressaltado anteriormente, principalmente após o processo de cristianização da ilha. Moosburger aponta que “o primeiro uso que provavelmente foi feito do idioma islandês com o alfabeto latino foi a tradução de textos religiosos cristãos”⁴⁵. Corroborando tal afirmação, cito aqui as sagas das vidas dos santos ou *Heilagra manna sogur*. Estudos apontam que este seria o primeiro tipo de literatura feita em prosa introduzida na Islândia, de modo que as sagas dos santos mais antigas produzidas em islandês são datadas do início do século XII.

Essas seriam então anteriores à produção das outras formas de classificação

⁴⁴ Ibidem, p. 73.

⁴⁵ Ibidem, p. 63.

de *saga*. Deste modo, a influência da conversão ao cristianismo é nítida na produção escrita no formato de prosa vernacular literária dos contos e das histórias antes transmitidas oralmente.

Durante o período de submissão à coroa norueguesa, os escribas islandeses produziram uma quantidade significativa de manuscritos com conteúdo norueguês. Assim como Árni, também é importante citar Snorri Sturluson, que contribuiu com sua coleção de sagas de reis, a *Heimskringla*. Infelizmente, os manuscritos mais antigos foram perdidos no incêndio de Copenhague em 1728 já mencionado, mas duas cópias exemplares sobreviveram: o Codex Frisianus e o Jǫfraskinna. Estudos linguísticos sugerem que os originais datam da primeira metade do século XIII, enquanto as cópias remanescentes são do início do século XIV.

Em relação à veracidade histórica das narrativas das sagas, Byock aponta que as sagas carregam inúmeros eventos e personagens não verídicos historicamente.

A Laxdaela saga mostra muitos toques literários e a história de Thorgerd pode ser uma invenção autoral. Sua situação, no entanto, como uma mulher de alto status forçada a contar com a ajuda de um grupo familiar relutante em um conflito, não é ficção. Pelo contrário, é um retrato dramático de um conflito social profundamente enraizado⁴⁶.

Apesar da então inerente ficção presente, a narrativa das sagas estão atreladas a um contexto, uma historicidade do seu momento de produção. Byock conclui então que “as sagas são uma janela para mundos perdidos de vida privada, valores sociais e cultura material”⁴⁷. Desse modo, as sagas nos permitem analisar, problematizar, identificar, destrinchar aspectos da complexa vida política, social, econômica e religiosa e das relações de poder e de gênero que perpassam sua narrativa.

Birro também contribuiu para essa discussão ao defender que a busca por uma separação exata e precisa entre veracidade e ficção não são cabíveis para a análise das sagas, visto que é intrínseco a este documento a presença de ambas

⁴⁶ “*Laxdcela saga shows many literary touches, and Thorgerd’s story may be an authorial invention. Her plight, however, as a high-status woman forced to rely for assistance in feud on a reluctant family group, is no fiction. On the contrary, it is a dramatic portrayal of a deeply rooted social conflict*” (BYOCK, Jesse L. *Viking Age Iceland*. London: Penguin, 2001, p. 202-203).

⁴⁷ “*The sagas are a window into otherwise lost worlds of private life, social values and material culture*” (BYOCK, 2001).

características⁴⁸. A análise desses textos nos proporciona um olhar acerca dos costumes e valores do seu momento de produção⁴⁹.

A dupla função das sagas reitera a necessidade de nos atentarmos acerca dos recortes presentes em suas narrativas. As sagas possuem diversos recortes sociais, regionais, políticos, econômicos, entre outros. A Islândia medieval, assim como a Escandinávia do período, era uma sociedade ampla e complexa, as sagas não devem ser tomadas como uma generalização total desse cenário.

aos estudos mais atuais, produzidos nos últimos 40 anos – a nova Escandinavística – tende a considerar tanto o período viking quanto o feudo-cristão como altamente complexos, enfatizando que na maioria dos registros literários figuram membros da realeza e alta aristocracia (além do mundo Clerical) e não toda a sociedade nórdica, além de privilegiar recortes regionais e o contexto sócio-histórico do momento em que o documento-fonte foi produzido⁵⁰.

As sagas não são, portanto, representações da totalidade ou um espelho verdadeiro e imparcial da sociedade islandesa medieval. As sagas carregam uma escolha consciente de quem deve e merece ser narrado, quem é digno de ter sua história contada ou não. Apenas uma pequena parcela da população islandesa medieval estaria então presente na narrativa das sagas dos islandeses.

Em relação às classificações das sagas, essas se baseiam em seu enfoque narrativo e em sua cronologia de eventos. Cito, de modo breve, algumas: *fornaldarsögur* ou sagas lendárias, sagas de reis ou *konungasögur*, sagas dos bispos ou *biskupasögur*, sagas de cavalaria traduzidas ou *riddarasögur*. É necessário ressaltar que nossa classificação e percepção acerca das sagas e outras produções literárias medievais são uma construção moderna e podem apresentar variações metodológicas de acordo com cada percepção de análise.

Nosso foco principal encontra-se nas sagas de classificação *Íslendingasögur* (sagas dos Islandeses). Conhecidas também como sagas de família, as *Íslendingasögur* apresentam como recorte espaço-temporal principal a Islândia dos

⁴⁸ BIRRO, Renan Marques. A Batalha de Hafrsfjord (c. 890) na Egils saga (c. 1220-1230). *Aedos*, v. 2, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9852>. Acesso em: 19 dez. 2023.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ LANGER, Johnni. História E Sociedade Nas Sagas Islandesas: Perspectivas Metodológicas. *Alétheia*, v. 1, 2009, p. 6. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Aletheia/article/download/32/27/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

séculos IX, X e XI. Entretanto, é comum que as sagas narrem a ida de seus personagens em expedições ao exterior, como a Noruega, e o local de origem desses antes de partirem para a ilha. Reitero que esta classificação é uma construção tardia e apresenta variações de acordo com as escolhas de análise. A classificação das *Íslendingasögur* é considerada por alguns como o auge da produção literária islandesa medieval. As sagas dos islandeses buscam narrar a história da Islândia e das famílias mais importantes no processo do assentamento, porém, mesmo dentro de sua própria classificação, as sagas desse grupo diferem umas das outras, indicando assim a grande riqueza desse gênero.

A categoria de sagas dos islandeses ou sagas de família contém cerca de quarenta textos produzidos no formato de prosa vernacular e foram, em maioria, elaboradas no século XIII. Porém as produções com datações mais antigas são do século XII e as mais recentes do século XV. Seu fio narrativo perpassa a Era Viking, retratando acontecimentos e processos dos séculos IX ao XI que se entrelaçam com a construção da história islandesa. Apesar das diferenças entre as obras, todas compartilham características comuns que as alocam na categoria de sagas dos islandeses, como a criação narrativa do relato do passado islandês. Desse modo, as sagas dos islandeses por diversas vezes abordam os mesmos processos, como a chegada dos noruegueses à ilha e a cristianização, e as mesmas famílias e personagens.

Os manuscritos das sagas dos islandeses chegam a nós com prováveis alterações da narrativa da saga original, de modo que diferentes manuscritos de uma mesma saga podem apresentar variações narrativas⁵¹.

Destacamos aqui o manuscrito *Mǫðruvallabók*, da primeira metade do século XIV e que contém onze sagas em seu corpo. Neste compilado estão presentes as sagas dos islandeses mais notórias, como a saga de Njáll, a saga Laxdaela e a saga de Egill.

A autoria das sagas são anônimas e o seu fio narrativo segue a história dos seus personagens que geralmente estão fortemente atrelados a genealogia bem destrinchada. Grande parte das sagas dos islandeses iniciam o seu fio narrativo com a partida dos seus colonos da Noruega, de modo que uma parcela dessas descrevem de modo sucinto os motivos da saída da Noruega. Como mencionado anteriormente,

⁵¹ MOOSBURGER, 2014.

a saga Laxdaela, por exemplo, tem como ponto de partida de sua narrativa o conflito do rei norueguês Haroldo, Cabelos Belos (860-940) com a personagem Ketill, Nariz Chato, que viveu entre os séculos VIII e IX, e seus filhos, que partiram da Noruega. A partida da Noruega é o contexto inicial, portanto, da chegada dessas famílias à ilha. A narrativa segue então o estabelecimento dessas famílias na Islândia, suas alianças, casamentos, organização e divisão de terras. A narrativa também perpassa outros momentos da história islandesa para além do período do assentamento, como o estabelecimento do Estado Livre e da Assembleia Geral e o processo de cristianização.

As sagas dos islandeses apresentam então um caráter duplo em sua narrativa. Além do caráter de entretenimento para leitura em tempos frios de inverno, as sagas de família ou sagas dos islandeses também tinham o papel educador acerca da história da ilha e de suas famílias fundadoras⁵². É neste esforço em criar um discurso acerca de sua história que torna as sagas narrativas únicas em meio ao medievo. A singularidade das sagas se encontra na sua forma própria de construir uma narrativa para legitimar sua sociedade, criando uma memória e um discurso coletivo islandês acerca de sua genealogia e terras. As sagas, assim como o Livro do Assentamento, diferenciam-se do corpo do restante dos manuscritos do medievo ao buscarem fixar uma narrativa de memória social definindo uma elite para a ilha, através de determinadas famílias e figuras. A narrativa das sagas transcorre então o contexto da história da Islândia enquanto desenrola a história dos próprios personagens e suas famílias, validando estas enquanto figuras centrais para representar a história da ilha e assumir suas terras e decisões políticas no passado e no momento de sua produção.

4. As sagas: entre a oralidade e a escrita

A influência da cultura oral nas sagas é um dos fatores nos quais inúmeras discussões estão centradas. Seriam as sagas relatos escritos fidedignos de histórias antes transmitidas oralmente e de uma Islândia pré cristã ou narrativas baseadas na criatividade da mente de sua autoria?

⁵² ANTÓN, TEODORO MANRIQUE. *Las sagas de islandeses*. In: BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan Marques (eds.). *El mundo nórdico medieval: una introducción*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2017.

As sagas foram interpretadas por um período enquanto narrativas do passado da Era Viking em que seus relatos, provenientes de uma tradição oral, foram escritos de modo inalterado. Desse modo, no século XVII houve o uso desses artefatos enquanto fontes historiográficas tomadas enquanto relatos escritos de histórias oralmente transmitidas, como um espelho imparcial que refletisse o passado da Era Viking.

Parte das discussões que cercavam as sagas estavam também inseridas em um contexto político conturbado entre a Suécia e a união entre a Dinamarca e a ainda subjugada Noruega. A União de Kalmar, como mencionada anteriormente, perdurou de 1397 a 1523 e uniu Dinamarca, Noruega e Suécia sob uma única monarquia. Após a saída da Suécia em 1523, a Dinamarca e a Noruega permaneceram em união até 1814.

Diante deste contexto, os noruegueses tinham interesse nas sagas para utilizá-las como base narrativa para contar sua própria história, que agora buscava-se desvincular das demais monarquias. Também neste cenário havia duas visões opostas em relação às sagas, a alemã e a dinamarquesa⁵³.

a escola alemã defendia as raízes germânicas comuns do material islandês, especialmente da poesia éddica, enquanto os dinamarqueses reivindicavam o espírito nórdico subjacente a cada um dos poemas. Os noruegueses, por sua vez, não aceitavam a teoria do passado germânico comum e, até certo ponto, compartilhavam a tese da origem nórdica, embora defendendo que as sagas e as Eddas eram produtos do espírito e da cultura dos islandeses, que eram, afinal de contas, os noruegueses⁵⁴.

Desse modo, os alemães buscavam defender uma perspectiva generalista de uma base única germânica, ignorando então toda complexidade do cenário medieval nórdico e escandinavo. Os dinamarqueses buscavam demonstrar a influência nórdica nas sagas, já que isto os inseririam no contexto da origem dessa produção. E, por fim, a Noruega desenvolvia sua narrativa em volta de um esforço de se colocar enquanto verdadeira propulsora da literatura medieval islandesa e da história presente em suas

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ “La escuela alemana defendía las raíces germánicas comunes del material islandés, especialmente la poesía éddica, mientras que los daneses reivindicaban el espíritu nórdico que subyacía en cada uno de los poemas. Los noruegos, por su parte, no aceptaban la teoría del pasado germánico común y en cierta medida compartían la tesis del origen nórdico, aunque defendiendo que las sagas y las Eddas eran producto del espíritu y la cultura de los islandeses, que en definitiva eran los de los noruegos” (ANTÓN, 2017, p. 150).

narrativas. Ressalto que o uso das sagas e de outros artefatos para legitimação de discursos políticos já foi anteriormente mencionado ao analisarmos os abusos do medievo e da figura “*viking*” em prol de políticas nacionalistas românticas.

Neste contexto também foi discutido a veracidade histórica e a origem das sagas. Estas, utilizadas como fontes para a criação de discursos nacionalistas. Diante desse cenário, alguns estudos negligenciaram a influência do letramento e do processo de cristianização e priorizaram ressaltar o caráter oral da produção literária medieval nórdica. Esta perspectiva então toma a narrativa das sagas enquanto espelhos puros de um passado *viking* heróico e verídico nórdico.

Dentro deste debate em relação a oralidade e letramento, origem e finalidade, no século XIX, estudos alemães, baseados principalmente em Konrad von Maurer(1823-1902), defenderam a origem islandesa das sagas e problematizaram a tomada das sagas enquanto narrativas com veracidade histórica e imparcial. Andreas Heusler (1865-1940) criou a terminologia *Freiproza* ou prosa livre, e *Buchprosa* ou prosa literária. Heusler não buscava propor uma perspectiva de completa oposição, mas destacar o papel da transmissão oral na produção desses artefatos. A perspectiva oral defende que a base das narrativas das sagas seriam relatos provindos de uma tradição oral muito mais antiga, que posteriormente foram escritos. A segunda teoria então propõe que a origem das saga seria fruto da influência letrada latina cristã e do seu autor.

Seguiu-se então uma longa discussão entre o que deveria ser priorizado ao analisarmos as sagas, sua oralidade ou seu letramento. Os defensores da teoria da prosa livre defendiam então que as sagas eram produto da tradição oral, enquanto os defensores da teoria da prosa literária apontavam que as sagas eram, antes de tudo, uma produção de uma tradição literária, destacando assim o papel da autoria escrita na construção de sua narrativa⁵⁵.

Diante então dessa divisão de perspectiva, surgem então análises que buscam reiterar seus posicionamentos. O norueguês Knut Liestøl (1881-1952) buscou comprovar a teoria da prosa livre que histórias e narrativas, apesar de longas, podem ser preservadas mesmo transmitidas oralmente. Desse modo, as sagas teriam suas narrativas com origem na Noruega, chegando na Islândia e sendo transmitidas

⁵⁵ MOOSBURGER, 2014.

oralmente e posteriormente tomando formato escrito⁵⁶. Em oposição a estes trabalhos, surgiu a “Escola Islandesa”, de Björn Ólsen (1850-1919), primeiro reitor da Universidade da Islândia e presidente da Sociedade Literária Islandesa. Este defendia a prosa literária e que parte então da narrativa das sagas eram fruto de uma escolha consciente da autoria. As sagas não seriam então um relato escrito de uma história oral transmitida de modo inalterado, mas uma produção literária que carregaria em sua escrita traços de seu autor anônimo.

Desse modo, a prosa livre buscava indicar que os processos e personagens históricos foram transmitidos através da tradição oral em uma padronização já definida, até que foram postas em manuscritos anônimos que se prenderam a este mesmo padrão. Em contraposição, a teoria da prosa literária, apesar de reconhecer que os autores das sagas utilizaram narrativas e contos da tradição oral como fonte, justifica que as sagas são produções literárias⁵⁷.

As diferentes perspectivas também culminaram em diferentes abordagens acerca das análises das sagas. As análises da prosa literária eram centradas no método comparativo de diferentes manuscritos de uma mesma obra, buscando assim o seu formato original, visto que diferentes autores teriam então diferentes versões de uma mesma narrativa. Já as contribuições da prosa livre buscavam analisar a historicidade das sagas, analisando pontos em comum na narrativa de diferentes sagas, o que seria explicado por uma base única de transmissão oral⁵⁸.

Também é necessário ressaltar que as sagas podem estar inseridas em estudos que se denominam enquanto literatura escandinava medieval, nórdica medieval ou antiga e literatura islandesa medieval. Diversas produções de diferentes nacionalidades e idiomas que abordam as sagas e as relações de gênero e a figura das mulheres nestas perpassam diferentes usos dos termos como *Women In Old Norse Literature Bodies, Words, And Power*⁵⁹, *Women in Old Norse Society*⁶⁰, *El*

⁵⁶ ANTÓN, 2017.

⁵⁷ MOOSBURGER, 2014.

⁵⁸ ANTÓN, 2017.

⁵⁹ FRÍÐRIKSDÓTTIR, 2013.

⁶⁰ JOCHENS, Jenny. *Women in Old Norse Society*. Ithaca: Cornell University Press, 1995.

*mundo nórdico medieval: una introducción*⁶¹ e *Literatura e Mito na Escandinávia Medieval, aspectos da Mulher Guerreira na Saga De Hervör*⁶².

Este notório dissenso entre os termos antigo e medieval, islândes e nórdico acerca dos estudos desses artefatos históricos também permeia a discussão entre oralidade e letramento, cultura pré e pós cristã.

por “literatura islandesa medieval” entendo uma literatura produzida num contexto cultural cristão letrado medieval; por “literatura nórdica antiga” entendo uma literatura de origens orais pré cristãs que teria sobrevivido em transmissão oral e teria sido registrada por escrito por redatores cristãos que, assim, pouco teriam contribuído para a sua natureza literária. No caso de várias obras, é provável que esses dois contextos tenham contribuído, donde o composto preferido em inglês hoje: Old Norse-Icelandic literature, que poderia ser traduzido em português “literatura islandesa-nórdica antiga”. No entanto, o problema de usar essa designação em português é o termo “antigo”, que sugere algo pré-medieval. Com relação à literatura produzida na Islândia nos séculos XII XV, a qualificação “literatura nórdica antiga” sugere a vinculação com uma tradição anterior ao desenvolvimento de uma consciência cultural islandesa diferenciada do mundo escandinavo e salienta seu aspecto pré-cristão. Em alguns gêneros, tal caracterização pode ser apropriada: vários poemas mitológicos e heroicos e boa parte da poesia escáldica são produto de uma cultura escandinava oral, sem influência do letramento, ou com pouca influência dele. Essa parte da literatura islandesa foi, acredita-se, redigida na Islândia após alguns séculos de preservação oral. Já no caso das sagas, atribuir-lhes ora uma “antiguidade”, ora uma “medievalidade” tem implicações mais profundas. Com o termo “antigo” entende-se um universo arcaico ainda livre da influência cultural da latinidade medieval e do cristianismo. Mas, seja como for, todos os textos dessa literatura foram redigidos e adquiriram a forma em que os conhecemos já depois de estabelecido o cristianismo na Islândia⁶³.

Para alguns autores o uso do termo antigo demonstra um posicionamento por destacar a influência do aspecto antigo da cultura escandinava e nórdica. Nesta perspectiva, associada a um período pré-cristianização, as histórias e relatos teriam sido transmitidas através da cultura oral até culminaram na produção escrita. Entretanto, parte da crítica ressalta que o uso do termo antigo poderia indicar para alguns uma produção anterior ao medieval. Além disso, para outra parcela de estudos, o uso do termo medieval seria mais adequado, pois implicaria em uma ótica que

⁶¹ BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (eds.). *El mundo nórdico medieval: una introducción*. Buenos Aires: SAEMED, 2017.

⁶² CAMPOS, Luciana. *Literatura e Mito na Escandinávia Medieval: aspectos da Mulher Guerreira na Saga De Hervör*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13066?locale=pt_BR. Acesso em: 07 abr. 2024, p. 4.

⁶³ MOOSBURGER, 2014, p. 39.

compreende a produção dos manuscritos já emergida em uma sociedade islandesa medieval que carrega aspectos culturais pós-cristianização e sua influência letrada.

Moosburger defende que o idioma islandês presente na narrativa das sagas difere da língua poética. Para o autor, “a poesia é provavelmente mais antiga do que sua fixação por escrito, pois suas origens estão numa tradição oral.”⁶⁴ Desse modo, apesar da produção em manuscritos, as poesias estão mais fortemente atreladas a narrativas da tradição oral. Entretanto, as narrativas da sagas, apesar da existência da influência dessa mesma tradição, são corpos de textos produzidos por escrito⁶⁵. A tradição oral então teria influência nessas narrativas que, através de temas comuns, como casamento, disputa de terras, entre outros, seguiram um modelo de escrita em formato de prosa vernacular influenciado pelo letramento cristão e outras influências, como romances de cavalaria.

é mais aceito hoje que tanto uma quanto outra dessas teorias seja meia verdade. O elogiado trabalho de Gísli Sigurðsson (2004) deixa claro que a existência de uma tradição oral de sagas (de “sagas orais”) não exclui o papel autoral dos escritores das sagas de islandeses. Uma visão comedida, que não defenda uma tese em detrimento da outra, parece-me mais profícua tanto para a avaliação das sagas enquanto fonte para o estudo da história do período que retratam quanto para uma valoração literária do gênero: permitenos compreender a relação entre os textos do século XIII e os eventos supostamente ocorridos nos séculos X e XI e fornece-nos meios para encontrar méritos literários no desigual e heterogêneo (do ponto de vista estético) corpus das sagas⁶⁶.

Diante disso, os novos estudos que utilizam as sagas enquanto fontes de análise buscam considerar o papel da tradição e da cultura oral, mas também o impacto do autor e da cultura letrada na criação de um novo gênero e volume literário de produção. As sagas dos islandeses são então obras literárias elaboradas por autores que também bebem de uma tradição oral.

Essas análises buscam propor perspectivas não antagonistas em relação às sagas.

de acordo com essa nova interpretação, as sagas seriam o resultado de um processo no qual seu conteúdo, ideologia e estrutura teriam sido forjados à

⁶⁴ Ibidem, p. 64.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ MOOSBURGER, 2014, p. 79.

sombra tanto da cultura escrita de origem europeia introduzida pela Igreja quanto das tradições orais específicas da cultura islandesa⁶⁷.

A compreensão mais atual das sagas perpassa então uma perspectiva em que ambos os traços do letramento latino cristão e da cultura oral nórdica devem ser considerados. Considerar a importância e a influência da tradição oral nórdica na construção narrativa das sagas não deve, portanto, impedir-nos de tomar tais artefatos enquanto produções literárias magníficas que estão atreladas ao contexto letrado e cristão.

Diante do que foi aqui elucidado, o uso dos termos literatura nórdica ou islandesa medieval englobam de modo geral as produções dos diversos manuscritos em língua vernacular na Islândia do medievo, sendo o século XIII o auge desta produção. Aqui entendo as sagas enquanto gênero literário único que fazem parte da produção literária islandesa medieval, mas que, dependendo da abordagem metodológica, também podem ser inseridas no âmbito geral da literatura nórdica medieval.

Reitero, por fim, que as sagas só podem ser compreendidas dentro de uma ótica ampla que considere a influência da cultura e da tradição oral e que reflita acerca do contexto pós cristianização do período de sua produção.

a Islândia Medieval pode ser vista como um espaço em que tradições orais escandinavas pré-cristãs e cristãs convivem com o letramento latino clerical e secular. Em última análise, somente o contexto letrado, submetido a uma tradição clerical e monástica, pôde gerar uma tradição literária (escrita) na Islândia⁶⁸.

A compreensão das sagas deve transcorrer, portanto, a importância das narrativas e dos relatos da tradição oral e o fato de que este cenário rico de produção literária só emergiu diante do complexo processo de letramento associado ao cristianismo e outras influências.

A produção dos manuscritos no medievo islandês, em seus mais diversos âmbitos, religioso, jurídico, literário e histórico, diante da distância temporal entre os

⁶⁷ “De acuerdo con esta nueva interpretación, las sagas serían el resultado de un proceso en el que su contenido, su ideología y su estructura se habrían forjado a la sombra tanto de la cultura escrita de procedencia europea introducida por la Iglesia, como de las tradiciones orales específicas de la cultura islandesa” (ANTÓN, 2017, p. 154-155).

⁶⁸ MOOSBURGER, 2014, p. 73-74.

eventos narrados e o seu período de produção, carrega consigo, acima de qualquer outra característica, o seu tempo presente de produção. A maioria das produções literárias islandesas medievais citadas surgem a partir do século XII, mas se debruçam sobre o passado islandês e a Era Viking. As Leis do Ganso Cinzento se apresentam como legislações antigas, mas também são reinvenções tardias. Diversos dos manuscritos, como o *Livro de Assentamento* e o *Livro dos Islandeses*, estão inseridos em um contexto de tentativa de reinvenção e resgate do passado da ilha, que não necessariamente refletem a História da Islândia tal qual um espelho.

muitos homens dizem que escrever sobre o assentamento é desnecessário. Mas parece-me que seríamos mais capazes de responder aos estrangeiros que nos censuram por nossa descendência de canalhas ou escravos, se soubéssemos com certeza nossas verdadeiras origens⁶⁹.

A justificativa da elaboração do Livro dos Assentamentos e de sua narrativa sobre o passado islandês recaí sobre a busca por uma resposta, no momento de produção, às “censuras” que sofrem por terem sua história e genealogia associadas à “canalhas e escravos”.

Há, portanto, uma distância temporal de séculos entre o período de produção da obra e o período em que se passa os eventos narrados, seja nas sagas, nas poesias ou nos livros. O complexo contexto político, religioso, econômico, social e cultural do período de produção transborda nas entrelinhas dos manuscritos. Apesar de versarem sobre a Era Viking, estes manuscritos só foram produzidos em função de um cenário letrado e cristianizado e sua grafia carrega influência norueguesa, entre outros fatores.

As sagas lançam então uma interpretação do passado islandês influenciados por tradições orais e tendo também como base outros manuscritos, como poemas, Livro dos Islandeses, outras sagas, entre outros⁷⁰. Desse modo, apesar da particularidade de cada saga, todas estão emergidas no complexo e conectado mundo de influência da cultura oral e letramento e no contexto de esforço islandês para escrever o que seria sua própria história.

⁶⁹ “Many men say that writing about the settlement is unnecessary. But it seems to me that we would be better able to answer foreigners who censure us for our descent from scoundrels or slaves if we knew our true origins for certain” (LANDNÁMABÓK, *The Book of Settlements*. Translated with introduction and notes by Hermann Pálsson and Paul Edwards. Winnipeg: University of Manitoba Press, 2007, introdução, parte VI).

⁷⁰ ANTÓN, 2017.

“As sagas são, percebe-se, uma recepção cristã medieval de um passado pré-cristão e do período da conversão”⁷¹. As sagas dos islandeses surgem enquanto uma produção única e são produzidas principalmente no século XIII, olhando sobre o passado islandês, mas somente o enxergando através dos olhos do seu presente.

Desse modo, podemos afirmar três pontos importantes e que se interligam. O primeiro é que as sagas e toda a produção literária islandesa medieval são únicas e surgiram diante do emaranhado proporcionado por aspectos nórdicos antigos, como a tradição oral, e a cristãos, como o letramento. O segundo aspecto é que a narrativa das sagas nos permite analisar em suas entrelinhas muito mais sobre o presente de sua produção do que sobre o passado sobre o qual versam. “Na medida em que se busca nessa literatura apenas um retrato do universo nórdico pré-cristão, deixa-se de ver o papel do contexto cultural que a gerou”⁷². Não se deve negligenciar a relevância do contexto de produção dessas obras e a distância temporal entre os eventos narrados e a sua escrita. Como dito anteriormente, os manuscritos islandeses medievais, as sagas inclusas, estão embebidas de presente. Suas narrativas carregam traços atrelados à cultura oral e versam sobre o passado islandês, mas inseridos em um mundo já diferente sobre o qual escrevem. Apesar do esforço de alguns em colocar as sagas enquanto um portal imparcial de acesso ao passado da Era Viking, a narrativa das sagas foram elaboradas por cristãos para um universo também já cristianizado. A compreensão da particularidade da produção de manuscritos islandeses medievais, seja no âmbito literário, através das sagas e das eddas, ou jurídico, como as Leis do Ganso Cinzento, só é possível, portanto, ao percorrermos o multifacetado tecido de seu contexto de elaboração. O terceiro e último é que este mundo do período presente de produção era altamente complexo, com traços de cultura oral, letramento, cristianização, submissão à coroa norueguesa, entre outros fatores. O próprio processo de cristianização não se finalizou em um único dia, ocorrendo práticas de hibridização entre aspectos da nova religião cristã da ilha e crenças da antiga religião nórdica e seu folclore.

As sagas relatam um mundo complexo de casamentos, conflitos, alianças, terra, religião, política, gênero, herança vistos a partir de olhos tardios que se voltam para o seu próprio passado carregados de visões do presente. As sagas são uma

⁷¹ MOOSBURGER, 2014, p. 76.

⁷² MOOSBURGER, 2014, p. 67.

descrição e uma reinterpretação do passado histórico da Era Viking da Islândia de séculos posteriores que são construídas no envolto da tradição oral e da cultura letrada. Os manuscritos islandeses medievais produzidos versam, portanto, sobre o passado com mãos embebidas do presente.

5. Saga de Njáll e saga Laxdaela: o apogeu da literatura islandesa medieval

Nesta dissertação serão utilizadas duas sagas da classificação das sagas de família: a saga de Njáll e a saga Laxdaela. Esta narra principalmente as trajetórias de Gudrun, Bolli e Kjartan. Entretanto, ela não seria uma história de um triângulo amoroso, mas de uma mulher, Gudrun. Loren Auerbach, além de defender uma provável autoria feminina à *saga*, afirma que “a tragédia da *saga* Laxdaela é o que acontece a Guðrún: a mulher forte, inteligente e potente que é forçada a um papel submisso, ‘feminino’ – uma ação que desencadeia amargura, angústia, maldade e destruição”⁷³.

A *saga Laxdaela* está inserida, em sua versão integral mais antiga de seu manuscrito, apresentando 78 capítulos, no códice “Möðruvallabók”, datado do século XIV. Esse códice está preservado no momento no Instituto Árni Magnússon, em Reiquiavique, Islândia. Entretanto, outra parcela de estudiosos definiram como base para análise da *saga Laxdaela* um segundo grupo de manuscritos. Estes apresentam fragmentos mais antigos, datados do século XIII, além de um acréscimo de dez capítulos à *saga*. De modo geral os especialistas apontam que estes capítulos não foram produzidos pelo autor original, sendo classificados como uma produção separada ou uma ampliação para aprofundar a personagem Bolli ou Bolla þátrr Bollasonar. Na comparação entre os manuscritos também há outras divergências, como o episódio narrado acerca do roubo da espada de Kjartan.

A autoria da *saga Laxdaela*, assim como de tantas outras, permanece anônima. Entretanto, esta permanece fruto de amplo debate. Alguns autores creditam sua autoria às figuras de Óláfr Hvítaskáld ou Sturla Thordarson, ambos sobrinhos de Snorri

⁷³ “The tragedy of Laxdœla saga is what happens to Guðrún: the strong, intelligent and potent woman who is forced into a submissive, ‘female’ role – an action which unleashes bitterness, anguish, evil and destruction” (AUERBACH. L. Female Experience And Authorial Intention In Laxdœla Saga. In: VIKING SOCIETY FOR NORTHERN RESEARCH. Saga-Book, v. XXV. London: University College, 1998-2001, p. 30).

Sturlusson (1178-1241). Este foi uma importante figura do período islandês medieval, com grande relevância para produção literária e vida política islandesa. Desse modo, os dois homens associados à autoria da *saga* Laxdaela faziam parte de uma importante família, tendo destaque no cenário político islandês. Seria a proximidade com o cenário político, em função de suas famílias, que explicaria o conhecimento da autoria sobre as relações políticas das influentes famílias do período do assentamento e a cultura literária. Porém, estudos mais recentes surgiram com novas propostas, defendendo a ideia de uma autoria feminina para essa *saga*.

Tornar-se poeta da corte – um papel que se situa entre o de analista político, o assessor, o gestor e o fã público do monarca – foi uma das carreiras de maior prestígio disponíveis para jovens inteligentes e ambiciosos. As sagas contam-nos as histórias de sucesso de muitos jovens islandeses rebeldes que ascenderam na hierarquia e se tornaram os poetas favoritos do rei, recebendo tanto estatuto como bens para os preparar para a vida em troca de cimentarem a reputação do rei em versos. [...] Tal como as convenções poéticas, esta profissão era extremamente exclusiva e a grande maioria dos poetas conhecidos eram do sexo masculino, tal como os comissários de poemas. Mas alguns poemas sobreviventes de skalds femininos – embora uma pequena quantidade em comparação com a montanha de poemas de homens – indicam que também as raparigas e as mulheres jovens receberam formação na arte da poesia, embora provavelmente não fosse comum. Da mesma forma, as sagas ocasionalmente representam rainhas como a poesia encomendada por Gunnhildr, mas não com tanta frequência quanto os homens⁷⁴.

Ao analisar a *saga* Laxdaela, é perceptível em sua narrativa a presença de diversas figuras femininas. Essas personagens, além de imprescindíveis para a construção do enredo, são narradas de forma complexa, profunda, de modo a destacar suas vontades e anseios.

tais atividades permitiram-lhes encomendar (ou escrever) textos e influenciar sua cultura: a rainha Eufemia da Noruega (c.1280-1310) foi uma importante patrona das artes, e a *saga* Laxdæla foi provavelmente composta para um

⁷⁴ *“Becoming a court poet – a role somewhere between the monarch’s political pundit, spin doctor, advisor, manager and public fan – was one of the most prestigious careers available for intelligent, ambitious young men. The sagas tell us the success stories of many scrappy young Icelanders who rose through the ranks and became a king’s favourite poet, receiving both status and assets to set them up for life in return for cementing the king’s reputation in verse. [...] Like the poetic conventions, this profession was extremely exclusive and the vast majority of known poets were male, as were the commissioners of poems. But a few surviving poems by female skalds – although a tiny amount compared to the mountain of poems by men – indicate that girls and young women, too, were given training in the craft of poetry, though it was probably not common. Similarly, sagas occasionally represent queens such as Gunnhildr commission poetry, but not anywhere as often as men”* (FRIDRIKSDÓTTIR, Jóhanna Katrín. *Valkyrie: The Women of the Viking World*. London: Bloomsbury, 2020. p. 52-54).

círculo de mulheres que haviam perdido maridos. e parentes nos horrores da guerra civil na Islândia. As histórias das mulheres vikings atraíram essas mulheres que viveram no século XIII, mais de duzentos anos após o fim da Era Viking, e contribuíram para manter vivas essas histórias para a posteridade. E, tal como os islandeses medievais que escreveram as sagas, espelhamo-nos nos Vikings⁷⁵.

O caráter narrativo da saga *Laxdaela* e a presença de mulheres na produção de manuscritos, seja em sua elaboração ou em sua encomenda, mesmo que em menor quantidade do que homens, podem indicar que as autorias dessas obras podem não ser restritas aos homens

A *saga Laxdaela* também evidencia em sua narrativa uma ampla influência de diferentes tendências. É necessário ressaltar que, apesar dos estereótipos relacionados ao medievo, a Europa do mundo medieval foi um rico período de criações literárias, trocas culturais, desenvolvimento do conhecimento, entre outros fatores. Através da influência das complexas relações políticas, sociais, comerciais e culturais e das diversas expansões e expedições escandinavas é que se deu a construção narrativa das *sagas* islandesas. Embora as *sagas* islandesas tenham sido escritas seguindo o modelo de prosa vernácula e tratassem principalmente de personagens, famílias e regiões islandesas, os seus fios narrativos também carregam aspectos de tendências literárias externas.

A *saga Laxdaela* é, pois, um dos exemplos mais acabados de uma época da literatura islandesa em que estão representadas tanto as obras originalmente concebidas em língua vernacular [...] como as obras traduzidas de originais latinos e franceses, que são uma prova da permeabilidade dos literatos islandeses a influências, modelos e temas de origem estrangeira⁷⁶.

Em relação a *saga* de *Njáll*, esta é tomada por muitos como o auge da produção literária islandesa medieval, sendo sua narrativa a mais longa dentre as sagas dos islandeses.

Alguns estudos defendem que a *saga* de *Njáll* é uma construção narrativa de

⁷⁵ “Such activities enabled them to commission (or write) texts and influence their culture: Queen Eufemia of Norway (c.1280–1310) was a major patron of the arts, and *Laxdæla* saga was likely composed for a circle of women who had lost husbands and kinsmen in the horrors of civil war in Iceland. The stories of Viking women appealed to these women living in the thirteenth century, over two hundred years after the Viking Age ended, and they contributed to keeping these tales alive for posterity. And, like the medieval Icelanders who wrote the sagas, we mirror ourselves in the Vikings.” (FRIDRIKSDÓTTIR, 2020, p. 198).

⁷⁶ ANTÓN, Teodoro Manrique. *Laxdaela* Saga. In: LANGER, Johnni. *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Luís: Hedra, 2017, p. 471.

um autor, imbuída de métricas e formas de uma tradição literária, mas também de aspectos provindos de uma oralidade.

Desse modo, a narrativa das sagas dos islandeses e, conseqüentemente, da saga de Njáll e saga de Laxdaela, demonstra que aspectos de uma tradição oral estavam atrelados à criação de uma nova e única tradição literária, com autores munidos da influência letrada. Além disso, era comum que as sagas servissem de fontes umas para as outras, por isso também a repetição de personagens e acontecimentos. Moosburger defende que a saga de Njáll utilizou como fonte a saga Laxdaela, que foi produzida no mesmo século, porém décadas anteriores⁷⁷.

“A saga de Njáll, apesar de conter elementos satíricos, é, em primeira instância, uma obra séria sobre questões sérias, e que, a despeito do humor, tem um tom grave e trágico”⁷⁸. Alguns autores como vão então ainda mais longe e defendem que a saga de Njáll é na verdade uma sátira do gênero das sagas, sendo nítido a presença de elementos satíros.

A autoria da saga de Njáll permanece anônima e a sua produção é datada, assim como a *saga Laxdaela*, do século XIII, tendo sido produzida entre 1280 e 1285⁷⁹. A saga de Njáll está conservada em diversos manuscritos pertencentes aos séculos XIV e XVII, sendo seu manuscrito mais antigo datado de 1320. Entretanto, diferente da *Laxdaela*, a *saga* de Njáll não é encontrada conservada de modo integral em nenhum manuscrito. Sua narrativa se desenvolve entre os séculos X e XI, narrando eventos que se passam entre 963, com a ida de Hrútr à Noruega, e 1015, com a batalha de Brjánn.

A obra apresenta dois personagens principais, Gunnar e Njáll. Gunnar é apresentado enquanto um jovem corajoso e Njáll como um homem sábio, que possui dons proféticos. Em uma teia de disputas, conciliações na Assembleia Geral, vinganças de sangue, honra e desentendimentos, ambos acabam fadados à morte.

A saga de Njáll apresenta um fio narrativo principal que, diferente de outras sagas, como a *saga Laxdaela*, desenvolve-se em 159 capítulos complexos e que se mantém em uma mesma geração. Para além então da sua extensão, os fios da narrativa da saga de Njáll são construídos de modo a criar um belo e coerente tecido.

⁷⁷ MOOSBURGER, 2014.

⁷⁸ Ibidem, p. 83.

⁷⁹ Ibidem.

O personagem mencionado no título da obra e um dos seus protagonistas nos é apresentado apenas no capítulo 20 e a narrativa após o capítulo 130, no qual é narrado o incêndio que temos contato já através do título da obra, *Brennu-Njáls saga* ou saga de Njáll do incêndio, desenvolve-se acerca dos procedimentos e conflitos legais⁸⁰.

Moosburger defende que analisar a saga de Njáll sob uma ótica de divisão de blocos narrativos é possível:

enxergar a saga em episódios quase independentes é possível e até auxilia a sua compreensão num primeiro contato: Temos um prelúdio (história de Hrútr) entre os Capítulos I e VIII que pode ser lido como narrativa independente. Então temos o que podemos chamar de saga de Gunnarr, entre os Capítulos IX e LXXXI: essa unidade começa com os casamentos de Hallgerðr, apresenta-nos Gunnarr e Njáll, temos a viagem de Gunnarr à Escandinávia, seus feitos no continente e depois na Islândia, seu casamento com Hallgerðr, a inimizade entre as esposas de Gunnarr e Njáll e a amizade entre os dois, a morte de Gunnarr e a ida de seu irmão Kolskeggr a Constantinopla¹³⁷, deixando na saga apenas os parentes de Gunnarr que serão inimigos da família de Njáll. Entre os Capítulos LXXXII e CV temos um longo interlúdio, em que Grímr e Helgi, filhos de Njáll, viajam para o exterior e ganham um amigo: Kári Sǫlmundarson. Kári será o personagem principal da parte final da saga. Þráinn Sigfússon, da família de Gunnarr, é colocado pelo narrador agora como inimigo da família de Njáll. A antiga inimizade de Hallgerðr pela família de Njáll enceta nova querela, que termina com a morte de Þráinn e muitos de seus homens. Por fim, dá-se a cristianização da Islândia. Após a cristianização tem início a segunda grande unidade narrativa, com o plano doloso de Valgarðr e Mǫrðr para levar os filhos de Njáll a cometerem o homicídio de Hǫskuldr Þráinsson, gerando, assim, a grande sequência de disputas que culmina no incêndio. Após o incêndio, Kári Sǫlmundarson, sobrevivente, persegue os incendiários e mata a maioria, mas, por fim, concilia-se com o líder deles: Flosi⁸¹.

Desse modo, a percepção em diferentes unidades narrativas pode facilitar a análise da obra. Temos inicialmente a narrativa acerca de Hrútr que se segue acerca de Gunnarr e seu casamento com Hallgerðr. Temos contato então com o conflito entre as esposas de Gunnarr e Njáll em oposição à sua amizade. Há então a morte de Gunnarr e o intervalo com enfoque nos filhos de Njáll. Diante de novos conflitos ocorre a cristianização da ilha e o início do segundo bloco de unidade narrativa, no qual se desenvolverá o incêndio e a conciliação final.

Em relação à cristianização, como dito anteriormente, esse processo está presente na narrativa de diversas sagas.

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ Ibidem, p. 85.

antes da cristianização, Njáll antevê a chegada de uma fé que ele considera que será muito melhor: “Eu tenho a impressão de que a nova religião será muito melhor, e que será bem-aventurado quem a preferir. E se vierem até esta terra homens pregando esta religião, eu me pronunciarei bem sobre ela.” (Cap. C). A caracterização de Njáll como sábio e vidente confere ao evento importância e valor. No extremo oposto do universo ético da narrativa, Valgarðr recusa-se a aceitar o cristianismo quando retorna à Islândia e seu filho Mǫrðr lhe fala das mudanças ocorridas. [...]Esse mesmo Valgarðr é quem desencadeia a discórdia que culminará no incêndio de Bergþórshváll. No Cap. CXXII Njáll dirá que o assunto “brotou de raízes ruins”. Quais são essas raízes? Valgarðr encetara toda a discórdia, no Cap. CVII, quando desdenhara a nova fé. A morte de Hǫskuldr e, conseqüentemente, o incêndio, brotaram do plano doloso de Valgarðr⁸².

Njáll, personagem que tem sua sabedoria e visões destacadas na narrativa, afirma na saga que a nova fé, o cristianismo, seria mais proveitosa para quem a seguisse, estando disposto a converter-se caso esta nova fé chegue à ilha. Em contraposição, Valgarðr recusa a nova fé e difama-a, sendo um dos responsáveis pelo desenvolvimento dos conflitos que gerará o incêndio de Bergþórshváll. O final da saga se desenvolve em torno da conciliação entre Kári e Flosi, que não conta com pagamentos indenizatórios e violência. Há então uma relação de ação e consequência entre Valgarðr, o menosprezo pela nova fé, o desenvolvimento dos conflitos, o incêndio e a violência e morte atrelados a este. Flosi, mesmo envolvido na busca de vingança, toma suas ações a partir de uma autorização e perdão cristão de seus atos.

O elemento religioso não tem grande destaque nas descrições da Saga de Njáll. É verdade que há o episódio da conversão, em que o tema religioso é bastante explorado, com referências explícitas tanto a práticas de magia quanto ao poder da cruz trazida pelo missionário. Mas a cristianização assume quase as dimensões de uma querela legal e se resolve, mais do que qualquer outra disputa legal na saga, com uma resolução na Assembleia Geral. Ao longo da saga, são poucas as referências a práticas religiosas, sejam elas pagãs ou cristãs. Mesmo após a conversão, as referências a igrejas, missas e questões religiosas ficam em segundo plano e aparecem em momentos estratégicos. A obra parece muito mais centrada em questões legais e éticas mais amplas. É justamente nessa ética, que perpassa o enredo, que podemos ver uma cosmovisão cristã. A Saga de Njáll apresenta um profundo questionamento da noção de justiça e uma visão surpreendente sobre a agonia de uma sociedade que busca organizar-se com leis, apesar do insucesso dessas leis frente à execução ancestral do direito e do dever da vingança de sangue: “é com a lei que nossa terra será composta, e com a ilegalidade será desfeita” diz Njáll (Cap. LXX). Temos, em meio a isso, a cristianização da Islândia e como que o estabelecimento simbólico de uma nova ordem social. Talvez não seja descabido pensarmos na Oréstia de Ésquilo. Se, por um lado, o mythos é tratado na narrativa sob uma ótica historicizante, por outro lado, o modo como o narrador organiza o mito é

⁸² Ibidem, p. 86-87.

cristão. Seu foco recai sobre aspectos éticos; a sucessão de eventos é retratada dentro de uma unidade conceitual que passa pela separação de bons e maus até uma escatologia que aniquila os maus e, por fim, os bons se conciliam⁸³.

Apesar da também presença na narrativa das sagas de aspectos não cristãos, como as visões de Njáll, a destinação da maldosa de Hallgerðr e seus olhos de ladra, as valquírias, entre outros, alguns autores defendem que o que prevalece na saga são narrativas e perspectivas cristãs e influenciadas de cultura letrada do séc. XIII sobre aspectos pagãos da Era Viking⁸⁴. Na saga de Njáll o processo de cristianização desempenha então um papel importantíssimo para compreendermos a sua construção narrativa e o horizonte social do seu autor. A linha sobre a qual a teia narrativa da saga de Njáll é elaborada não tem como centro o cristianismo. Ao olharmos para o emaranhado de linhas que formam a teia não vemos em seu meio o processo de cristianização da Islândia, mas, apenas ao considerarmos isso em nossa análise, é que podemos de fato nos aproximar da compreensão da visão do autor. Há um impasse entre a tradição vingativa de busca por honra no derramamento de sangue e a legalidade da Assembleia Geral. A saga de Njáll perpassa, principalmente, disputas e conflitos diante da não resolução legal, que põe em discussão a ética e a moral, assim como o senso de justiça. É no cerne dessa discussão, desse conflito e emaranhado entre o justo e o ético, o honrado e o violento, que torna-se reluzente a ótica cristianizada do presente de produção do seu autor, de uma Islândia já cristã.

a saga se inicia no fatídico círculo vicioso da vingança de sangue que gera novas vinganças; as leis não bastam; a sociedade perde seus melhores homens; surge o cristianismo, dá-se uma reformulação no universo humano narrado e, por fim, o conflito se resolve numa conciliação plena e pacífica⁸⁵.

O fio narrativo da saga de Njáll perpassa então ciclos de violência que estão atrelados ao menosprezo da fé cristã e a ineficiência legislativa em resolver conflitos. O processo de cristianização então, apesar de não ser o ponto central da narrativa, é essencial para compreendermos a perspectiva autoral de desenvolvimento de ação de seus personagens.

⁸³ Ibidem, p. 92.

⁸⁴ Ibidem.

⁸⁵ Ibidem. p. 91.

entendo esse crescendo como ondas circulares que se formam sobre um lago após atirar nele um pequeno seixo: no ponto onde o seixo submerge, formam-se ondas pequenas, que se alastram, se alargam, se amplificam e atingem a margem sem que se possa mais pensar que um ínfimo seixo as provocara, caindo num ponto perdido em sua superfície 89 tomada por ondulações. O seixo já se encontra no fundo do lago, pouco nos importa: restam as ondas. A necessidade irradia-se, gerando conflitos que se amplificam na narrativa. A Saga de Njáll tem quase o aspecto de um construto literário megalítico. Trata-se de um relato de fluxo contínuo de eventos em ordem cronológica, que abarca décadas e em que aparecem e desaparecem inúmeros personagens. Mas é, basicamente, o mesmo conflito, artisticamente elaborado por seu autor anônimo, que se afigura na saga: para além da aparente profusão de ações e agentes, há uma unidade conceitual, que nos permite entrever um sentido maior talhado por meio de figuras aparentemente independentes e até, por vezes, desconexas. De fato, não há ações nem agentes supérfluos⁸⁶.

Apesar de blocos e unidades narrativas que podem ser analisadas separadamente, a narrativa da saga de Njáll se desenvolve de modo coeso, com uma profunda complexidade. A construção narrativa da saga de Njáll é para Moosburger é como um grande e complexo quebra cabeça, em que cada peça, quando isolada, pode parecer trivial, mas é, na verdade, imprescindível para a construção da imagem da figura como um todo. Desse modo, apesar da extensa narrativa e da grande quantidade de personagens, todos são essenciais para a construção narrativa que, mesmo diante da possível análise em fragmentos separados, estão inseridas em um contexto maior de sentido narrativo e ciclos que desabrocham. O coração da saga de Njáll está em demonstrar o ciclo contínuo de mortes e desgraças de homens honrados em função das falhas da antiga ordem social, que antecede o cristianismo.

Em relação às personagens femininas, ambas as sagas, a saga de Njáll e a saga *Laxdaela*, apresentam em sua narrativa personagens femininas complexas e fundamentais para seu desenrolar narrativo, como Hallgerður, Unn, Gudrun e Thorbiorg. Além disso, as sagas em questão apresentam características divergentes ao abordar os papéis e a hierarquia de gênero. A saga de Njáll parece apresentar uma ideia clara do que deveria ser o homem e seu papel. O homem deveria ser um guerreiro corajoso que impõe sua força e suas vontades à mulher. Entretanto, para alguns autores, como Auerbach, a saga *Laxdaela*, apesar de definir quais deveriam ser os papéis femininos, parece questionar em suas entrelinhas tal hierarquia de gênero. Abordarei mais questões sobre gênero, hierarquia de gênero e como estes estão presentes nas sagas posteriormente.

⁸⁶ Ibidem, p. 88-89.

Como mencionado anteriormente, as *sagas* aqui tratadas foram produzidas no século XIII e apresentam seu desenrolar narrativo nos séculos IX ao XI. “As sagas de islandeses são, em seu conjunto, o registro da fundação da sociedade islandesa, tal qual vista pelos islandeses do século XIII”⁸⁷. A narrativa da saga de Njáll e da saga Laxdaela nos oferece então um olhar sobre a percepção que os islandeses do período de produção têm sobre seu passado, sua história, sua genealogia e sua sociedade. A análise da saga de Njáll e da saga Laxdaela deve, portanto, perpassar pela contextualização da realidade de produção das sagas. As saga aqui abordadas são, portanto, produções tardias do século XIII que se voltam para o passado islandês, são elas mesmas um relato e uma interpretação da história islandesa que carregam a ambiguidade e complexidade do presente.

Dentro deste aspecto, o fio narrativo de algumas sagas tem o seu início voltado aos costumes pré cristãos que posteriormente perpassam o processo de cristianização, em uma dinâmica que culmina na presença de aspectos cristãos e não cristãos.

Na saga Laxdaela, por exemplo, é notória tal ambiguidade. Gudrun, a protagonista descobre, no capítulo 33, que os sonhos que teve são profecias acerca dos seus futuros casamentos. Já no capítulo 35, seu segundo marido, Thord, morre no mar por feitiços e encantamentos que foram feitos contra ele. Este evento narrado é descrito como acontecido em 991, antes então da cristianização da ilha.

mas na primavera seguinte, Ingun, mãe de Thord, veio do oeste de Skalmness. Thord a recebeu calorosamente: ela disse que desejava se colocar sob sua proteção, e disse que Kotkell e sua esposa e filhos estavam lhe causando muitos problemas ao roubar seus bens e por meio de bruxaria, mas tinham um forte apoio em Hallstein, o Sacerdote. Thord tratou prontamente do assunto e disse que deveria ter o direito desses ladrões, não importa o quanto isso desagradasse a Hallstein. Ele se preparou rapidamente para a jornada com dez homens, e Ingun foi com ele para o oeste. Ele conseguiu um barco a remo em Tjaldness. Então eles foram para Skalmness. Thord havia colocado a bordo do navio todos os pertences de sua mãe lá, e o gado deveria ser conduzido ao redor dos cabeços dos fiordes. Eram doze ao todo no barco, com Ingun e outra mulher. Thord e dez homens foram para o local de Kotkell. Os filhos de Kotkell não estavam em casa. Ele então convocou Kotkell e Grima e seus filhos por roubo e bruxaria, e reivindicou a ilegalidade como punição. Ele levou o caso à Assembleia Geral, e então voltou para seu navio. Hallbjorn e Stigandi chegaram em casa quando Thord tinha acabado de sair um pouco da terra, e Kotkell contou a seus filhos o que havia acontecido lá. Os irmãos ficaram furiosos com isso, e disseram que até então as pessoas haviam tomado cuidado para não mostrá-los de maneira

⁸⁷ Ibidem, p. 75.

tão descarada uma inimizade tão aberta. Então Kotkell mandou fazer um grande andaime de feitiçaria, e todos subiram nele, e cantaram canções encantadas. E logo surgiu uma grande tempestade. Thord, filho de Ingun, e seus companheiros, continuaram no mar como estavam, logo souberam que a tempestade foi levantada contra eles. Agora o navio é impulsionado para oeste além de Skalmness, e Thord mostrou grande coragem com sua habilidade marítima. Os homens que estavam em terra viram como ele jogou ao mar tudo o que compunha a carga do barco, salvando apenas os homens; e as pessoas que estavam em terra esperavam que Thord chegasse à costa, pois haviam passado pelo lugar que era o mais rochoso; mas em seguida surgiu uma onda em uma rocha um pouco longe da costa que nenhum homem jamais soubera que quebrasse antes, e atingiu o navio de tal forma que imediatamente virou de quilha para cima. Ali Thord e todos os seus seguidores se afogaram, e o navio se despedaçou, e a quilha foi arrastada para um lugar agora chamado Keelisle. O escudo de Thord foi arrastado para uma ilha que desde então foi chamada de Shieldisle. O corpo de Thord e os corpos de seus seguidores foram todos arrastados para a costa, e um grande monte foi erguido sobre seus cadáveres no lugar agora chamado Howesness⁸⁸.

Diante do relato, percebemos diversos aspectos que são de suma importância. O primeiro que destaque é a importância da família e de outras alianças para apoio em contextos de conflito. A mãe vai em busca de seu filho por proteção, Thord convoca também seus homens na jornada de reivindicação de proteção de sua mãe. Como dito anteriormente, a Assembleia Geral e local eram um sistema em que parte dos

⁸⁸ “*But in the following spring Ingun, Thord's mother, came west from Skalmness. Thord greeted her warmly: she said she wished to place herself under his protection, and said that Kotkell and his wife and sons were giving her much trouble by stealing her goods, and through witchcraft, but had a strong support in Hallstein the Priest. Thord took this matter up swiftly, and said he should have the right of these thieves no matter how it might displease Hallstein. He got speedily ready for the journey with ten men, and Ingun went west with him. He got a ferry-boat out of Tjaldness. Then they went to Skalmness. Thord had put on board ship all the chattels his mother owned there, and the cattle were to be driven round the heads of the firths. There were twelve of them altogether in the boat, with Ingun and another woman. Thord and ten men went to Kotkell's place. The sons of Kotkell were not at home. He then summoned Kotkell and Grima and their sons for theft and witchcraft, and claimed outlawry as award. He laid the case to the Althing, and then returned to his ship. Hallbjorn and Stigandi came home when Thord had got out but a little way from land, and Kotkell told his sons what had happened there. The brothers were furious at that, and said that hitherto people had taken care not to show them in so barefaced a manner such open enmity. Then Kotkell had a great spell-working scaffold made, and they all went up on to it, and they sang hard twisted songs that were enchantments. And presently a great tempest arose. Thord, Ingun's son, and his companions, continued out at sea as he was, soon knew that the storm was raised against him. Now the ship is driven west beyond Skalmness, and Thord showed great courage with seamanship. The men who were on land saw how he threw overboard all that made up the boat's lading, saving the men; and the people who were on land expected Thord would come to shore, for they had passed the place that was the rockiest; but next there arose a breaker on a rock a little way from the shore that no man had ever known to break sea before, and smote the ship so that forthwith up turned keel uppermost. There Thord and all his followers were drowned, and the ship was broken to pieces, and the keel was washed up at a place now called Keelisle. Thord's shield was washed up on an island that has since been called Shieldisle. Thord's body and the bodies of his followers were all washed ashore, and a great howe was raised over their corpses at the place now called Howesness” (THE LAXDAELA SAGA. [S. I.]: Muriel A. C. Press, 1880. Disponível em: https://saqadb.org/laxdaela_saga.en. Acesso em: 18 jul. 2024, cap. 35).*

homens livres estavam inseridos em uma dinâmica de apoio e pagamento de impostos. Dessa forma, através de alianças políticas, de pagamento de impostos, entre outros fatores, parte dos homens livres defendiam seus interesses nos momentos de conflito com apoio dos seus aliados. Ressalto novamente que esta dinâmica de reivindicação e de influência nas assembleias não era possível para a maior parte da população islandesa, mesmo que livre.

Outro fator a ser ressaltado neste trecho é a ida à Assembleia Geral. É notório então que há um esforço narrativo em demonstrar a busca por resoluções legais, que perpassam as decisões da Assembleia. Destaca-se então neste trecho valores e uma moral associados com a moderação, a justiça, a lei, a coletividade e a importância da Assembleia.

O último ponto que analisamos neste recorte se volta ao aspecto religioso. A morte de Thord se deu através da revolta do mar, promovida por feitiços, um costume não cristão. Esta morte foi motivada em função de sua reivindicação e convocação na Assembleia, que acusava de roubo e feitiçaria Kotkell, sua esposa e filhos. Thord que mostrou grande coragem e buscou até o fim salvar seus homens e sua mãe e que recorreu à Assembleia, morreu por uma vingança que foi decidida e promovida por Kotkell e seus filhos. Tal decisão partiu então de um local fora da Assembleia e do sistema legal. A violência e a morte estão, neste caso, atreladas à ilegalidade e a um costume não cristão.

Outro ponto que retrata bem a presença de ambos aspectos cristãos e não cristãos encontra-se no capítulo 76. A neta de Gudrun, Herdis, tem um sonho com uma mulher que a diz para avisar a sua avó que ela está descontente com ela, pois ela “se arrasta sobre mim todas as noites e deixa cair sobre mim gotas tão quentes que estou queimando por toda parte delas”⁸⁹. Gudrun, ao saber da mensagem, ordena que o chão da Igreja seja cavado no local em que se ajoelhava, sendo achados ossos com aparência azul e malévola junto a um broche e uma varinha de feiticeiro. Os ossos foram então retirados e levados para outro local. Gudrun, mesmo frequentando a Igreja e já convertida, envolve-se em acontecimentos que mesclam aspectos não cristãos e cristãos.

A discussão acerca da prática legal, ligada à Assembleia, e a ambiguidade

⁸⁹ “for she creeps about over me every night, and lets fall down upon me drops so hot that I am burning all over from them” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 76).

cristã e antiga nórdica também está presente na saga de Njáll.

O processo de cristianização da ilha, além de presente na narrativa, é essencial para a construção narrativa da saga de Njáll.

é nítido que a Saga de Njáll é uma obra cristã, e essa cristandade não parece ser fruto apenas de declarações moralizantes pontuais do narrador; de fato, ela está no cerne do universo de valores expresso pela obra e na construção de seus personagens e do enredo. [...] Para o tradutor, a cristianização daquela longínqua cultura é um fenômeno histórico que, antes de ser louvado ou lamentado, deve ser compreendido. E, no caso de uma obra literária complexa, deve ser compreendido em função de sua significação dentro da narrativa e seu universo de valores. Valorar uma obra cristã como cristã não significa recebê-la como texto doutrinário; significa reconhecer que ela, textual e conceitualmente, foi concebida com valores cristãos⁹⁰.

Diante da fala de Theo novamente destacamos que a narrativa das sagas, apesar de versarem sobre o passado islandês, realiza tal tarefa com mãos presas ao presente. Considerar a contextualização da produção, a cristianização da ilha e seu aspecto político, religioso, e sua influência letrada são pilares indispensáveis para a construção da compreensão dessa e de outras sagas. A construção dos personagens, suas intenções, suas complexidades, e, neste caso também, as relações de gênero presentes na narrativa de ambas as sagas aqui analisadas perpassam valores e perspectivas de uma Islândia cristianizada do século XIII.

em outras sagas, como no caso da saga de Njáll, testemunhamos a tentativa do autor de mostrar a supremacia de valores como a moderação e a justiça, em detrimento de outros mais tradicionais, como a honra ou a vingança. Isso não impede, no entanto, que seu autor harmonize sem problemas a morte quase cristã de Njáll, com sua resoluta resposta à oferta de abandonar a casa em chamas: “Não quero sair, pois já sou velho e mal poderia vingar meus filhos, e não gostaria de viver com essa vergonha”⁹¹.

A saga de Njáll apresenta portanto sua narrativa em uma complexa via de mão dupla, em que não se pode negligenciar a importância da cristianização da ilha, mas sem conceber este processo como algo instantâneo e que extinguiu a cultura e todos os costumes nórdicos pré-cristãos. Além disso, é necessário mais uma vez atentar à

⁹⁰ MOOSBURGER, 2014, p. 59

⁹¹ “En otras sagas, como es el caso de Njáls saga, asistimos al intento del autor de mostrar la supremacía de valores como la moderación y la justicia, en detrimento de otros más tradicionales, como el honor o la venganza. Esto no quita, sin embargo, que su autor armonice sin problemas la muerte casi cristiana de Njáll, con su resuelta réplica al ofrecimiento de que abandonara la casa en llamas: “No quiero salir, pues ya soy viejo y mal podría vengar a mis hijos, y no quisiera vivir con esa vergüenza” (ANTÓN, 2017, p. 143-144).

presença na narrativa das tentativas de resolução frustradas de conflitos, que nos leva a discutir aspectos ligados à justiça e à legalidade.

Também é notório diante dessa análise que alguns personagens das sagas sigam um fio narrativo em que suas ações no início, pré cristão, sejam violentas, imprudentes, vingativas e agitadas, mas, após a conversão ao cristianismo, outros traços são ressaltados. Após a cristianização são então narrados como fiéis e pacíficos, longe da inquietude e das práticas de violência dos antigos costumes. Diante disso retomo a fala de Grzybowski de que a análise da cristianização da Escandinávia e do norte medieval deve perpassar uma perspectiva que considere a própria compreensão que o período tinha acerca desse processo.

Desse modo, devemos nos debruçar analisando tais manuscritos não tomando-os enquanto um espelho da realidade da Era Viking, mas como obras do século XIII que versam sobre o seu passado já inseridas em um diferente contexto. No século XIII a Islândia já havia sido cristianizada, portanto a cristianização não pode ser ignorada na análise das sagas. A produção das sagas é então transversal, assim como os demais manuscritos, sendo atravessada por aspectos culturais, políticos, econômicos, religiosos e sociais. O cenário da ilha do século XIII, submetida à coroa norueguesa, cristã, letrada, influenciada pela cultura continental, entre outros pontos, não é, portanto, o mesmo cenário da Islândia da Era Viking que buscam retratar.

As sagas, para além de legitimar a elite islandesa e suas célebres famílias, criticam a antiga ordem social, pois esta foi incompetente em trazer paz aos conflitos. A antiga ordem social islandesa, pré cristã, simbolizada, principalmente pelas ações das mulheres, é o alvo dessas narrativas. A nova ordem social islandesa posterior aos eventos narrados, é quem carrega a perspectiva cristã com novos valores.

A riqueza do uso dessas obras enquanto fontes se baseia no fato de que a sua narrativa carrega consigo uma série de significados acerca das relações e das formas de organizações sociais do seu período de produção. É em uma complexa dinâmica de equilíbrio e desequilíbrio, conflito e fixação que os discursos e as representações se entrelaçam nas relações humanas. As narrativas das sagas, portanto, estão enraizadas de uma historicidade de relações sociais, de uma realidade social e material de seu contexto de produção. Alguns estudos defendem que algumas sagas foram produzidas com o objetivo de legitimar reivindicações de algumas famílias sobre a propriedade de terras, além de enaltecer o papel de algumas dessas famílias no

processo de assentamento da ilha e de sua formação política e religioso, através do Estado livre e do processo de adesão ao cristianismo⁹².

Deste modo, as *sagas* enquanto gênero literário surgiram na efervescente sociedade islandesa medieval dentro de um conjunto de encontros e desencontros no seio do Atlântico Norte. As *sagas* surgiram em um contexto particular em que se emaranharam fios de tradição oral e cultura letrada. Elas descrevem em sua narrativa um mundo complexo de casamentos, alianças, conflitos, genealogia, posse de terra e relações de gênero. A análise das *sagas* é possível dentro de uma perspectiva historiográfica que compreenda que essas fontes são as mais diversas e não um espelho ao passado imparcial da Era Viking, mas um olhar posterior sobre este período. Devemos nos debruçar sobre estas interrogando-as, historicizando-as, percebendo seus recortes, buscando seus padrões, problematizando a presença das relações de gênero em sua narrativa. O foco da presente abordagem não se baseia, assim, na mera discussão da veracidade histórica de cada evento presente nas *sagas* ou em buscar uma generalização da sociedade escandinava medieval, mas em priorizar as relações de gênero, os valores sociais e os padrões e pontos de atrito carregados em suas entrelinhas narrativas que estão emergidas na Islândia do século XIII, apesar de versarem sobre a Islândia da Era Viking.

⁹² ANTÓN, 2017.

CAPÍTULO III – AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MEDIEVO: IMPOSIÇÕES E QUESTIONAMENTOS NA SAGA LAXDAELA E NA SAGA DE NJÁLL

Para além das pesquisas acerca da Escandinávia Medieval, destaco, nesta dissertação, que uma perspectiva das relações de gênero dentro da historiografia nos possibilita questionar os motivos pela ocultação das mulheres enquanto agentes históricos ativos, como apontou Joan Scott¹.

1. Gênero: mas afinal, o que seria?

Dentro dos estudos da História das Mulheres e das relações de gênero, a linguagem, a representação, o discurso e as imagens tornam-se elementos de suma importância para análise. Através de uma produção historiográfica que privilegiou os homens e foi produzida por estes, criou-se um imaginário que a História não pertencia às mulheres ou que discussões como gênero não fariam parte dos estudos históricos. A mulher foi compreendida então como sujeito não ativo da História. Além disso, a mulher, quando narrada na historiografia tradicional o foi vista sob o olhar masculino, que a delegou um papel subalterno e inferior ao homem.

Criou-se, assim, um imaginário social que aponta como natural os papéis políticos, sociais e econômicos da hierarquia de gênero, que seriam resultados inevitáveis das características do sexo biológico. É através da análise da construção e legitimação dessa hierarquia, tanto na História como em outros âmbitos, que está o centro de diversos trabalhos que envolvem as relações de gênero. O que nos faz crer que a natureza feminina remete aos papéis da maternidade e subordinação ao homem? Como se naturalizou o discurso de inferioridade feminina? O feminino está fadado ao gênero inferior? O que é o gênero? Ao optar por uma perspectiva historiográfica que aborde e problematize as representações e os discursos, busca-se compreender a construção das identidades, das diferenciações, das relações de gênero e sua legitimação para a naturalização das relações de poder. Os estudos de gênero surgem, portanto, como uma forma de problematizar o caráter natural que se associa à hierarquia de gênero, questionando a subordinação feminina ao homem.

¹ SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, p. 13, jul-dez 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Losandro Tedeschi afirma, segundo Chartier, que as representações sociais podem ser compreendidas enquanto o reflexo e o resultado que as mais diversas sociedades formam frente a variadas problemáticas, que se tornam assim uma normativa. Desse modo, para que as relações de poder sejam legitimadas, as representações sociais se apoiam na produção de discursos. É através das representações e dos discursos, que moldam nosso imaginário social e coletivo, que se legitima esta divisão de papéis e as relações de poder que perpassam as relações de gênero.

é no centro das representações, dos imaginários, que o problema da legitimação do poder se encontra. E, como nenhum poder advém de qualquer princípio universal, físico, biológico ou espiritual, para se impor ele precisa ser legitimado por um conjunto de relações de sentido. Por isso, as representações sociais tornam-se inteligíveis e comunicáveis por meio da produção de discursos [...] através do imaginário, as sociedades estabelecem e distribuem papéis e posições sociais, exprimem e impõem crenças e regras de conduta, constroem códigos de comportamento, produzindo representações de si próprias, nas quais as pessoas encontram um lugar, uma identidade e uma razão de ser².

A importância da linguagem dentro de uma análise de gênero se dá em função de que é através desta que a identidade de gênero é construída. Ao nascer, a criança se depara com representações, com a linguagem e com um conjunto de signos que vão lhe impor um saber acerca da diferença sexual. Ao corpo é então imposto regras e condutas de interação social e de papéis com base no gênero. A criação da identidade de gênero está atrelada a um conjunto de diferenciações. Dentro de uma concepção binária, por exemplo, a identidade masculina existe enquanto e baseia-se na recusa do que seria o dito feminino. Desse modo, compreender o gênero e utilizar este enquanto modo de análise não implica em olhar apenas para as “mulheres” ou ao que seria o âmbito feminino. Uma análise de gênero só é possível ao compreender seu caráter relacional, a identidade só existe enquanto está atrelada à diferença e ambas são frutos linguísticos. A identidade e a diferença não devem ser, portanto, naturalizadas, mas compreendidas enquanto resultados de um complexo emaranhado cultural e social, estando emergidas dentro de relações de poder.

Ocorre então uma disparidade entre a forma em que diferentes corpos são

² TEDESCHI, Losandro Antonio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. Dourados: UFGD, 2012, p. 31-32. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1046>. Acesso em: 22 dez. 2023.

introduzidos na sociedade. É através desta diferente experiência social que perpassa a linguagem, a educação, a representação, o político, a arte que se cria e legitima-se uma imagem feminina que está contida dentro do âmbito familiar, em uma situação de desigualdade em relação ao homem e nas relações de poder.

A inferioridade feminina frente ao homem e a hierarquia de gênero foram construídas e consolidadas nas diversas mentalidades ao longo de vários séculos, utilizando diferentes mecanismos. É através da perspectiva masculina que se cria a representação do feminino e impõe-o à inferioridade. Esta criação da representação, este uso da palavra e seu sentido ideológico, refletem e reforçam as estruturas sociais. Se a palavra, como visto anteriormente, é “o fenômeno ideológico por excelência [...] o modo mais puro e sensível de relação social”³, é através da linguagem e da representação que se determina a consciência, o pensamento e a mentalidade. Desse modo, uma análise que parta da filosofia da linguagem é de uma estimada contribuição, pois permite-nos problematizar a perspectiva de quem representa e de quem está sendo representado. É este olhar masculino sobre o corpo feminino que busca legitimar a subordinação e inferioridade feminina.

O discurso filosófico grego antigo moldou parte da cultura e da mentalidade ocidental. A perspectiva filosófica grega antiga influenciou e legitimou a mulher enquanto objeto e ser irracional, inferior ao homem. O pensamento de Aristóteles foi essencial para a construção e perpetuação do saber da diferença dos sexos, atribuindo ao homem o caráter criador, racional, político, e à mulher o vazio, o imperfeito e inacabado. Para Aristóteles, “o homem é por natureza um animal político”⁴, ao qual cabe o debate, a palavra, a capacidade de nomear e racionalizar. As mulheres, assim como os escravos, não teriam tal capacidade. O discurso filosófico clássico antigo buscou naturalizar, através da diferença biológica, a hierarquização e desigualdade entre os gêneros. A sociedade compreende e constrói então o corpo sexuado e neste deposita e impõe os papéis e a hierarquia de gênero. É a diferença biológica que vai ser utilizada no discurso de legitimação e naturalização da diferença e desigualdade construída socialmente entre os corpos sexuados através do gênero. A ideia do sexo, da diferença sexual e seu entendimento só se dá, portanto, através de um discurso. A binariedade é uma identidade e diferença proveniente de um

³ BAKHTIN, M. *Marxismo E filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 34.

⁴ ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 3-4.

discurso e de uma realidade cultural. Desse modo

uma das tarefas primordiais do(a) historiador(a) do gênero consiste em desconstruir esses conteúdos, em mostrar sua fragilidade e polissemia, em expôr tanto a seletividade dos procedimentos pelos quais eles adquiriram um sentido único quanto as lutas de interpretações concorrentes que os produzem. Expôr as estratégias de dominação que sustentam a construção binária da diferença dos sexos, seja em documentos do passado (discursos normativos, reivindicações de trabalhadores, textos estatísticos e econômicos) ou do olhar lançado sobre estes documentos pela historiografia contemporânea, é o aspecto essencial do gênero enquanto categoria de análise formulada por Scott⁵.

Para além do discurso filosófico grego clássico, a cristandade também corroborou para a criação e legitimação da representação feminina inferior ao homem, impondo modelos do ideal feminino. Os relatos bíblicos narram a criação da mulher após a criação do homem, a mulher é, na realidade, criada a partir e para Adão. Além disso, a narração bíblica impõe à mulher a tentação e a culpa pela expulsão do jardim do Éden por meio de Eva. Entretanto, é por meio da figura de Maria que a figura feminina irá, em partes, redimir-se. É através de Maria que se dá a chegada de Cristo. Deste modo, apesar da importância de Maria, esta foi um veículo para a chegada do verdadeiro salvador, o filho homem de Deus. É Maria, portanto, que será a figura modelo para o comportamento ideal feminino: submisso, obediente, virgem e imaculado. Maria representa então o modelo ideal em oposição ao modelo indesejado de Eva: desobediente, tentadora e que leva o homem ao pecado. Entretanto, é importante ressaltar que este ideal de Maria para as mulheres será sempre inalcançável, enquanto o caráter pecaminoso, argiloso e perigoso feminino ligado a Eva sempre estará presente na visão da figura feminina.

Santo Tomás de Aquino, influenciado pela visão aristotélica, reforça a superioridade masculina, colocando a mulher em uma posição de inferioridade racional, biológica e espiritual. A mulher é uma versão defeituosa, incompleta, inferior do homem, dependente dele. É esta dependência e inferioridade que vão colocar a mulher enquanto um objeto, que deve ser dominado, controlado pelo homem. É deste pensamento que decorre o discurso da necessidade da tutela feminina pelos seus

⁵ VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu* (3) 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1723/1707>. Acesso em: 22 dez. 2023.

pais, irmãos e maridos.

O discurso cristão, então, reforçou, através do olhar masculino e suas representações, o papel da maternidade, a restrição ao âmbito familiar, a submissão e a obediência que devem caber à mulher. Dentro deste contexto, buscou-se retirar a mulher do ambiente público, do espaço político. Séculos depois, durante a modernidade, mesmo os grandes intelectuais do iluminismo permanecem reforçando as representações e discursos da inferioridade feminina. Mais uma vez, é o olhar masculino que irá ditar as representações sobre o que é o feminino e suas diversas deficiências. Essas representações e discursos sobre o feminino decorrem na criação de diversas leis, normas de conduta e padrões sociais sobre as mulheres, subjugando-as à inferioridade e tutela masculina, legitimando, assim, a desigualdade de gênero.

Além disso, Tomás da Silva aponta que nas oposições binárias um dos lados da moeda está fadado a ser associado ao prejudicial, maléfico, nocivo, enquanto o outro goza do caráter bondoso, benigno, benfeitor. Deste modo, em uma sociedade que conceba o gênero enquanto binário, homem e mulher, a um destes caberia a inferioridade.

a mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas [...] em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa⁶.

A partir da década de 1960 houve um crescimento no movimento feminista e na reivindicação da mulher enquanto objeto e sujeito ativo da História, o que culminou nas produções acerca da História das Mulheres. As primeiras produções buscavam então trazer as mulheres enquanto agentes históricos ativos, comprovando a influência feminina na construção da História e da sociedade humana. Entretanto, os estudos dentro do campo da História das Mulheres, de modo geral, apresentavam um caráter descritivo, não problematizando o gênero ou a categoria mulher. Desse modo, tais produções só eram relevantes dentro da História das Mulheres, que ainda era associada com a esfera privada e doméstica. Foi, entretanto, durante a década de 1970 que surgem análises que buscam problematizar o discurso e a concepção de que o gênero é algo natural. O gênero enquanto categoria de análise emerge então

⁶ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

negando o determinismo biológico acerca da hierarquia de gênero.

Uma das grandes precursoras do estudo de gênero é Joan Scott, historiadora estadunidense, que propôs o gênero como categoria de análise de modo não apenas descritivo. Para Scott, o gênero é um produto social, não natural, forçado e imposto a cada um de nós. Desse modo, o gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder”⁷. De acordo com Foucault, “o poder é uma prática social e, por isso mesmo, é constituído historicamente e articula-se com o econômico, o social, o político e o cultural”⁸. Influenciada por Foucault, para Joan Scott é por meio das relações de poder que se legitima a superioridade e inferioridade associada aos gêneros masculino e feminino. Scott defende então em seu trabalho que o “gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais”⁹. Baseada novamente em Foucault, a autora compreende o saber enquanto “compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas, no caso, relações entre homens e mulheres”¹⁰. O saber, por ser produzido por diferentes formas de organização humana, não é total e universal. A utilização e o sentido que se dão ao saber são fruto de disputas políticas, sendo através dessa dinâmica do saber que as relações de poder são desenvolvidas e estruturadas¹¹. “O saber é um modo de ordenar o mundo e, como tal, não antecede a organização social mas é inseparável dela”¹². Desse modo, os corpos sexuados só adquirem significado através do saber, das formas que as diferentes culturas e sociedades compreendem as diferenças sexuais e constroem, assim, o gênero. “O gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais”¹³. Para a autora, a construção da identidade de gênero se dá através da relação entre aspectos simbólicos, normativos e

⁷ SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, p. 13, jul-dez 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 22 dez. 2023, p. 20.

⁸ TEDESCHI, Losandro Antonio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. Dourados: UFGD, 2012, p. 31-32. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1046>. Acesso em: 22 dez. 2023.

⁹ SCOTT, Joan Wallack. Prefácio a Gender and Politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, p. 11-27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Acesso em: 24 abr. 2024

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem

¹³ Ibidem.

políticos¹⁴. O simbólico e a linguagem atuam diretamente na construção e na forma que se dão as relações sociais.

Entretanto, Scott e Silva apontam que a criação do gênero e da identidade binária, como homem e mulher, apesar de buscarem parecer algo sólido e estável, são na realidade instáveis e voláteis. Desse modo, apesar do caráter de fixação da linguagem e da identidade, estas também encontram brechas¹⁵. Os estudos históricos de gênero só podem ser possíveis ao compreendermos as categorias de gênero enquanto uma via de mão dupla, tanto vazias quanto transbordantes. “Vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas”¹⁶. O saber não carrega compreensões pré-estabelecidas, dadas ou naturais, mas varia de acordo com a organização social e as disputas de poder, sendo, portanto, uma categoria vazia. O gênero possui então diversas e amplas formas de construção e desconstrução de acordo com o recorte espaço-temporal, devendo ser historicizado e compreendido como objeto de disputa de poder. Diferentes sociedades constroem diferentes saberes e impõem diferentes padrões de ações, pensamentos, comportamentos e papéis acerca das diferenças sexuais. A categoria gênero é vazia, pois não há um determinismo na construção deste saber. Desse modo, não há uma determinação ou um pré-estabelecimento natural que define em todas as sociedades existentes o mesmo saber acerca do gênero ou que enquadre o gênero feminino enquanto inferior.

Em relação a Scott e a interdisciplinaridade, ela discute o uso de textos literários ou de ficção enquanto objeto de estudos historiográficos. O historiador ao se debruçar sobre o gênero e fontes literárias não deveria ter como enfoque as origens ou causas únicas para produção e legitimação da hierarquia de gênero, mas aos diversos processos culturais e sociais que envolvem tal hierarquia. Ambas, História e Literatura, produzem saber acerca do gênero e podem se debruçar sobre sua própria análise, priorizando assim os processos, os discursos, o uso da linguagem nessa construção

¹⁴ BITENCOURT, Silvana Maria. A contribuição de teóricas feministas para os estudos de gênero. *Ártemis*, v. XVI n. 1; ago-dez, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/17356/9870>. Acesso em: 22 dez. 2023.

¹⁵ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

¹⁶ SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, p. 13, jul-dez 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 22 dez. 2023.

do saber

ambas são suscetíveis à utilização do mesmo tipo de análise, uma análise dirigida aos conceitos, aos significados, aos códigos linguísticos e à organização da representação [...] Se, ao invés de fazer isso, tomarmos as disciplinas enquanto analistas e produtores de saber cultural, percebemos que o que está em jogo não é simplesmente uma técnica literária de leitura mas uma teoria epistemológica que oferece um método de análise dos processos pelos quais os significados são constituídos e pelos quais nós constituímos os significados. Além disso, tal teoria é profundamente política nas suas implicações, pois coloca o conflito no centro da sua análise, aceitando que hierarquia e poder são inerentes aos processos linguísticos analisados¹⁷.

A proposta de Scott aponta também para uma análise do gênero considerando o seu caráter relacional. As relações de gênero são fundamentadas na relação entre os sexos, não separadamente. As relações de gênero só fazem sentido e fazem-se compreensíveis dentro de uma abordagem que implique em uma análise relacional. É a partir das diferenças sexuais que se constroem o saber acerca do gênero. Dentro de uma concepção binária, por exemplo, a identidade masculina só é formulada a partir da sua diferenciação da feminilidade. A identidade e a diferença dependem uma da outra. Não há identidade sem diferença, não há saber sem relação social, não há construção do saber gênero sem a diferença sexual. Desse modo, “a compreensão dos sexos não se dá pelo estudo dos dois separadamente. Ou seja, mulheres e homens são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão destes seria possível se fossem estudados em separado”¹⁸.

Os estudos acerca do gênero não devem, portanto, propor uma História das Mulheres em oposição à História dos Homens. Pensar uma produção historiográfica que restrinja a categoria mulher e gênero apenas à História das Mulheres não implicaria, necessariamente, em problematizar de que forma se dão as hierarquias de gênero. Além disso, pensar o gênero inserido unicamente no campo das História das Mulheres reforçaria a ideia de que haveria uma oposição de campos completamente distintos e não correlacionados. Scott nos alerta sobre o uso meramente descritivo do

¹⁷ SCOTT, Joan Wallack. Prefácio a Gender and Politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, p. 11–27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Acesso em: 24 abr. 2024.

¹⁸ FORTES, Carolina Coelho. Estudos de gênero, história e a idade média: relações e possibilidades. *Signum*, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/489/0>. Acesso em: 22 dez. 2023.

gênero e sua restrição aos estudos do âmbito doméstico e familiar. Uma análise de gênero deve ter uma perspectiva ampla, mantendo em vista outros sistemas sociais, econômicos, políticos e de poder. O estudo de gênero aponta para uma via de mão dupla, em que as mais diversas relações sociais são construídas e legitimadas pelo gênero e este também legitima e constroi relações sociais. O gênero não se resume apenas aos estudos das mulheres ou do ambiente doméstico e familiar, ambos associados ao “feminino”. É através dessa visão ampla e de mão dupla, que percebemos “ a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constroi o gênero e o gênero constroi a política”¹⁹. O gênero é um recurso possível para a compreensão e decifração das mais diversas, multifacetadas e complexas relações presentes nas mais divergentes sociedades.

O caráter relacional defendido por Scott é imprescindível, então, para uma ampliação das abordagens acerca da História das Mulheres e das relações de gênero. Diversos documentos, inclusive do período medieval, foram produzidos por homens e apresentam assim um olhar masculino acerca das mulheres, o que gera uma relutância em admitir a possibilidade de análise de relações de gênero nessas fontes. Entretanto, mesmo que não produzidas por mulheres, as fontes carregam em si um saber acerca das relações de gênero, visto o seu traço relacional.

Scott defende então a necessidade de se problematizar o discurso naturalizante das relações de gênero, este fruto de uma produção social e cultural que permeia as relações de poder. Essa perspectiva, portanto, analisa o gênero enquanto um fator relacionado aos âmbitos culturais, sociais, econômicos, políticos e que implica diretamente nas disputas das relações de poder. A criação, portanto, do gênero se dá em um processo conectado ao contexto histórico e interligado com aspectos como raça, classe, entre outros.

Um dos pontos chaves do trabalho de Scott é, portanto, a análise dos diferentes processos e métodos que se criaram ao longo da História para legitimar a hierarquia de gênero. Esta abordagem implica então em uma maior atenção aos discursos, de que formas estes poderiam então ter atuado e permanecem atuando no processo de

¹⁹ SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, p. 13, jul-dez 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 22 dez. 2023.

naturalização do saber acerca da diferença entre os dois sexos.

Scott também traz para o debate a forma que a produção historiográfica contribuiu para a legitimação da hierarquia de gênero. A História não seria portanto uma figura passiva e imparcial diante do processo de produção e legitimação do saber da diferença sexual, do gênero e sua naturalização. A História, para Scott, possui um papel ambíguo nas análises da relação de gênero, a História pode ser nosso próprio objeto de estudo no processo de criação do discurso do saber gênero como pode ser o meio pelo qual nos debruçamos sobre essa criação. A História das Mulheres ou qualquer outra proposta historiográfica que parte do pressuposto da naturalização da hierarquia de gênero apenas reforça e torna legítima a discriminação entre os sexos²⁰. O objetivo maior de Scott é, portanto, político, questionando e buscando desconstruir a desigualdade entre homens e mulheres. Uma análise das hierarquias de gênero e de como essas foram produzidas e naturalizadas são uma forma de auxiliar o alcance deste objetivo. Desse modo, a luta política feminista e os estudos e produções historiográficas acerca do gênero são aspectos interligados, não distantes. A contribuição de Scott nos possibilita então uma nova forma de compreender e produzir a historiografia, buscando entender o gênero e como sua hierarquia foi construída, legitimadas e impostas, inclusive, dentro de nosso próprio ofício.

Desse modo, Joan Scott trouxe uma enorme contribuição ao propor uma análise que traz o gênero enquanto um produto humano, não natural. Dessa forma, as desigualdades entre os gêneros são uma construção social, humana e histórica. Não é o sexo biológico que impõe à mulher uma incapacidade de ocupar espaços públicos políticos e ao homem uma inabilidade de cuidar de sua família. O uso do gênero enquanto categoria de análise pode nos indicar padrões e estruturas da construção social de uma sociedade, visto que ele mesmo também é uma construção social. A sua análise então nos permite perceber como esse está atrelado às relações de poder e como foram socialmente construídas as diferentes associações de quais seriam os papéis cabíveis ao homem e à mulher. Desse modo, o uso do gênero enquanto categoria de análise recusa e denuncia as justificativas biológicas dadas a esta divisão de papéis. A imposição e a hierarquia de gênero estão inseridas dentro

²⁰ SCOTT, Joan Wallack. Prefácio a *Gender and Politics of History*. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, p. 11–27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Acesso em: 24 abr. 2024.

de “uma eloquente grade cultural sobre uma natureza que, em si mesma, é – culturalmente falando – silenciosa. As chamadas interpretações biológicas são, antes de serem biológicas, interpretações, isto é, elas não são”²¹.

Entretanto, com o desenrolar das décadas, surgiram novas propostas e concepções acerca das relações de gênero e seus estudos. A perspectiva de Scott passou por críticas, visto que para alguns a autora toma as categorias homem e mulher como dadas, não construídas, e que não haveria apenas dois gêneros. Esta visão binária em relação ao gênero seria também uma visão social, não universal, pautada em uma mentalidade e imposição branco europeia. Para seus críticos, se Scott defende que o gênero é uma categoria vazia e transbordante, não fixa e variando de acordo com a sociedade e o recorte temporal, a concepção de gênero dentro apenas de uma binaridade seria uma incongruência. A principal crítica a Scott se baseia em sua rigidez, no caráter fixo que o gênero apenas dentro da dualidade entre homem e mulher carregam.

Judith Butler filósofa pós-estruturalista estadunidense, surge então como outra grande contribuição para os estudos de gênero, constituindo-se como uma das principais referências teóricas sobre a teoria queer. Através da obra *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* lançada em 1990, Butler lança problematizações que até hoje são frutos de debate. A autora propõe em sua discussão refletirmos não apenas o gênero, mas a própria idéia de sexo biológico e de rigidez binária. Para Butler, o sexo não deve ser compreendido como algo indiferente aos discursos, enquanto algo dado e natural. O sexo teria também um caráter regulador e discursivo.

É insuficiente argumentar que não há “sexo” pré-discursivo que atue como ponto estável de referência no qual – ou em relação ao qual – a construção cultural de gênero se realiza. Reivindicar que sexo é desde sempre gênero, desde sempre construído, ainda não é o mesmo que explicar de que forma a “materialidade” do sexo é produzida à força²².

Desse modo, Butler critica a concepção de que o gênero é algo construído culturalmente e imposto em uma tela em branco e natural que seria o sexo, que precede o gênero. “Essa visão falha por não perceber que a natureza tem uma história

²¹ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

²² BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: Crocodilo, 2019.

que não é unicamente social, e também que o sexo é ambigualmente posicionado em relação a esse conceito e à sua história”²³. Butler questiona o que sobra do sexo após a imposição do gênero socialmente construído e a diferenciação e linha tênue entre sexo e gênero. “Se o gênero consiste nos significados sociais que o sexo assume, então o sexo não acumula significados sociais como propriedades aditivas, mas, em vez disso, é substituído pelos significados sociais que perpetua”²⁴. Ambos o sexo e o gênero são produções humanas culturalmente construídas e que impoem um discurso regulador e normativo. A divisão entre sexo enquanto algo natural e imparcial e o gênero enquanto socialmente construído seria, para Butler, errôneo. O sexo é, portanto, uma produção cultural do mesmo modo que o gênero, “a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”²⁵. A diferenciação entre o natural, o sexo, e o cultural, o gênero, não existem. A concepção do sexo enquanto algo dado e não socialmente construído é também então fruto de um discurso. Para Butler faz-se necessário e urgente problematizar novamente nossa concepção acerca do gênero, compreendendo ainda o gênero dentro das relações de poder e suas disputas, mas também questionando o sexo enquanto elemento pré-discursivo e natural. Não seria, de acordo com Butler, o sexo que cria o gênero. Apesar disso, Butler não nega a existência biológica do sexo, mas que a isto é atribuído significado, sentido e importância através de uma produção cultural. “É o sexo que aparece enquanto efeito discursivo, dando forma e perfil ao feminino/masculino binário, pela atribuição de valores a certos detalhes anatômicos”²⁶. O gênero então seria uma performance que independe do órgão sexual do corpo em questão, não existindo assim uma pré-determinação do corpo sobre o gênero que ele irá performar. A perspectiva do gênero enquanto performance renega então a naturalização do que seria o feminino e o masculino. “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem.

²⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 25.

²⁶ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWcc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2023.

hierarquizam de forma coercitiva”²⁷. Através de uma série de repetições de caráter normativo e regulador, o gênero é então performado pelo indivíduo. A crítica de Butler é que através da binaridade e da heteronormatividade, que normatiza e regulariza, define-se quais vidas importam, quais vidas possuem valor, legitimando a discriminação com as vidas que não encaixam neste padrão normativo. A perspectiva binária e heteronormativa é então limitante e excludente, impossibilitando a visão de outras formas de performance de gênero que não estejam dentro da categoria homem e mulher.

A contribuição de Butler também aponta para ao fato de que relações de gênero, a heteronormatividade binária e seu discurso naturalizante ocorrem antes mesmo do nascimento. Um bebê, mesmo no ventre, já é introduzido ao gênero, perpassando por um processo que o regula e normatiza-o

Consideremos o caso da interpelação médica que (apesar de o surgimento da ultrassonografia ser recente) desloca uma criança de “bebê” para “menina” ou para “menino” e, nessa nomeação, a menina é “feminilizada” por essa denominação que a introduz no terreno da linguagem e do parentesco por meio da interpelação de gênero. Mas essa “feminilização” da menina não termina aí; pelo contrário, essa interpelação fundacional é reiterada por várias autoridades e ao longo de vários intervalos de tempo que reforçam ou contestam esse efeito naturalizado. A denominação é ao mesmo tempo um modo de configurar um limite e também de inculcar repetidamente uma norma²⁸.

Desenvolve-se, portanto, uma crítica à visão da rigidez binária e heteroformativa.

Butler declara que seu maior compromisso é com a pauta feminista e que ao publicar *Problemas de Gênero* buscava criticar a heterossexualidade compulsória e a ausência de estudos que fugissem do padrão heteronormativo e binário²⁹.

Alguns autores denominam como diferencialista a perspectiva de estudos de gênero e feministas que tenham tomado essa visão binária entre masculino e feminino³⁰. Nesta visão, o marcador comum entre todas as mulheres seria o sexo,

²⁷ BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária, 2002, p. 55-81.

²⁸ BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: Crocodilo, 2019.

²⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 25.

³⁰ BITENCOURT, Silvana Maria. A contribuição de teóricas feministas para os estudos de gênero. *Ártemis*, v. XVI n. 1; ago-dez, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/17356/9870> . Acesso em: 22 dez. 2023.

natural e dado, e, a partir deste, sendo-lhes imposto o gênero, culturalmente produzido. Diante disso, Judith Butler e outros criticam o uso da categoria “mulher” enquanto fixa e universal.

Dentro deste contexto efervescente de problematizações acerca do gênero, emerge então a denominada teoria queer. Esta surgiu em meados do final da década de 1980, principalmente nos Estados Unidos e influenciada por Butler. O ponto principal da teoria queer é a crítica à heteronormatividade e à visão rígida do gênero apenas enquanto binário. Diante disso, surgem diversos trabalhos que abordam aspectos como sexualidade, identidade, regulações sexuais, normas de gênero e performance. A teoria queer então é ampla e diversificada, não se restringindo a um único recorte-temporal e objeto.

Esboçando a noção de gênero como modo de ser “despossuído” (descentrado, em processo, relacional), as teorias queer constituem-se como uma crítica à organização social capitalista (fundada na lógica da “identidade” e do “indivíduo”), denunciando o conteúdo violento/normatizante da noção de humano construída/normalizada/naturalizada³¹.

Desse modo, há pontos de atrito entre as contribuições de Scott e Butler. Para Scott o gênero é uma construção cultural imposta ao corpo sexuado, um saber fruto de produção social baseada na diferença sexual e ligado às relações de poder. Já Butler põe em cheque a diferença entre gênero e sexo, tomando o último também enquanto parte do discurso regulador normativo. Entretanto, é inegável a importância de ambas contribuições. De acordo com a proposta de cada análise, Scott e Butler ainda permanecem relevantes para as inesgotáveis abordagens possíveis da análise do gênero na historiografia

Joan Scott com sua teoria de gênero associada à organização social e a noção de poder mostra-se viável para trabalharmos em pesquisas que abordem os significados que ainda permeiam a distinção binária masculino/feminino historicizando estas categorias, mostrando os motivos, os interesses sobre determinada ordem estabelecida. Linda Nicholson e Judith Butler, embora estejam refletindo e compartilhando com Joan Scott, pois ambas falam das “manhas de poder”, possuem preocupações centralizadas

³¹ NICOLAU, Marcio. Gênero: *Uma categoria útil de análise?* In: BUENO, André; PAES, Érica de Aquino; SILVA, Natanael de Freitas; VELOSO, Wendell dos Reis (Orgs.). *Gêneros e Sexualidades em Perspectiva Histórica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020.

no corpo e seu caráter historicamente construído. E tudo que é construído, pode ser mudado. Essa é a boa notícia³².

Por séculos as mulheres não foram compreendidas enquanto agentes históricos ativos. A História, como alertou Scott, não foi indiferente na construção do saber gênero, mas também fez parte ativa do processo de sua formulação. É necessário também ressaltar que diversas fontes carregam o olhar masculino sobre a mulher e que, por séculos, a nossa produção perpetuou este mesmo olhar. As fontes não devem, portanto, serem tomadas como universais, representações totais de um recorte espaço temporal. A memória coletiva perpassa por silenciamentos não frutos do acaso, mas de uma ampla rede de mecanismos escolhidos de forma consciente que prezam por aquele resultado. A partir da década de 1960, o feminismo reivindicou na historiografia uma História que trouxesse como centro de objeto a mulher, considerando-a agente histórico ativo dos mais diversos processos históricos. Através de Joan Scott, Foucault, Michelle Perrot, Marc Bloch houve uma ruptura com a historiografia tradicional, utilizando novas fontes e novos métodos que nos permite nos debruçar sobre a cultura, a mentalidade, as mulheres, as representações, os discursos, a sexualidade, etc. Esta nova abordagem também só se tornou possível alinhada a uma interdisciplinaridade, que permitisse à História se apoiar em conceitos e métodos linguísticos e filosóficos, por exemplo. São as relações de poder que definirão quem produzirá o discurso, quem será representado e de que forma isso se dará. É através das representações e do discurso, sempre carregados de signos ideológicos, como afirma Bakhtin, que as relações de poder irão se legitimar.

É importante destacar que o enfoque deste trabalho não se encontra na História das Mulheres da sociedade islandesa medieval ou discutir de modo minucioso a veracidade histórica de cada fato narrado nas sagas. Nosso cerne se baseia em problematizar como as representações masculinas e femininas, como as relações de gênero estão presentes nessas narrativas e estão interligadas com a hierarquia de gênero e as relações de poder. Buscamos focar então no processo de construção das relações de gênero, de modo a historicizar e contextualizar o saber gênero e as sagas, que perpassam dinâmicas de disputa de poder.

³² BITENCOURT, Silvana Maria. A contribuição de teóricas feministas para os estudos de gênero. *Ártemis*, v. XVI n. 1; ago-dez, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/17356/9870> . Acesso em: 22 dez. 2023.

Os trabalhos historiográficos acerca das relações de gênero revelam a importância de uma análise das representações, dos discursos e de como estes constroem o imaginário coletivo. Alinhado à luta feminista, é preciso repensar o papel da historiografia e problematizar assim a naturalidade do que se entende, nas diferentes sociedades, enquanto o saber da diferença sexual: o gênero³³.

2. O Gênero no Medievo: um infinito de possibilidades

Sobre uma perspectiva de gênero nos estudos medievais e o exercício feminino nas diversas esferas de poder, Marcelo Pereira Lima afirma:

o(s) gênero(s) pode(m) constituir o tema-objeto ou o fenômeno a ser compreendido e explicado. Mas é no debate medular sobre a unidade e diversidade que se pode direcionar as perspectivas de gênero para se entender a Idade Média³⁴.

As diferentes abordagens das relações de gênero possibilitam novos olhares acerca do medievo nas mais diversas fontes.

Neste momento realizaremos uma breve revisão da literatura sobre o conceito de gênero nos estudos medievais, que será expandido durante a aplicação da teoria sobre as fontes, que acontecerá no capítulo a ainda ser formulado.

Diante do que foi dito, nota-se que uma análise das relações de gênero é mais do que possível, é necessária. A reflexão acerca das relações de gênero permanecem relevantes e fundamentais visto que a hierarquia de gênero, a imposição de papéis e as violências físicas e simbólicas que essas relações carregam permanecem nos mais diversos âmbitos da sociedade contemporânea.

Entretanto, tal percalço, o estudo acerca das relações de gênero no Medievo, não ocorre sem contestações, visto que muitos acusam os medievalistas que se debruçam sobre o gênero de cometer anacronismo. Ora, todo historiador é fruto de

³³ VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu* (3) 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1723/1707>. Acesso em: 22 dez. 2023.

³⁴ LIMA, Marcelo Pereira. Os Gêneros, Os Poderes e as Aporias Binárias da e na Idade Média. *Sacralidades Medievais*, 2021. Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais/f/os-g%C3%AAneros-os-poderes-e-as-aporias-bin%C3%A1rias-da-e-na-idade-m%C3%A9dia?fbclid=IwAR0Zr2XchIHJwLI3sEBiHS5MXrIY6x9T3vgVZmekBTX6xrXNICSamOP3kI>. Acesso em: 7 set. 2021.

seu tempo, como já nos alertava Bloch, e lança ao documento questões que dizem mais sobre o presente do que sobre o passado. Ao abordarmos e analisarmos o passado, mais nos debruçamos e refletimos sobre o presente. Bloch, através da denominada História Problema, incentivou o uso de uma nova gama de fontes e documentos, inclusive literários. Propondo um novo olhar sobre os documentos, Bloch afirma que o historiador é fruto de seu tempo e o documento nada lhe conta, se não interrogado. Para Bloch, mesmo o mais acessível e direto dos documentos não traz nenhuma informação a não ser quando questionado. Na perspectiva de Annales o documento não é um espelho que permite ao historiador um acesso verdadeiro e imparcial ao passado. Na História-Problema, portanto, o documento só ganha importância a partir do momento que o historiador o interroga, carregado de questões do presente. O presente e o passado estão, portanto, profundamente ligados e o ofício do historiador se encontra nesta via de mão dupla. A compreensão do presente não se dá sem o passado, mas ao buscarmos compreender o passado apenas o fazemos com o olhar e as indagações do presente: “se, para quem quer compreender mesmo o presente, a ignorância do passado deve ser funesta, a recíproca – embora não nitidamente alertado – não é menos verdadeira”³⁵. A maior preocupação do historiador deveria então estar em sua interrogação ao documento, é neste processo que o documento ganhará significado para o presente e para a produção historiográfica. Desse modo, independente do objeto definido pelo historiador, este, ao analisar o documento, sempre o fará com um olhar do presente. Ao analisar o gênero no medievo, buscamos compreender não apenas os processos que construíram e legitimaram o saber e a hierarquia de gênero, mas também nosso tempo presente.

Além disso, diversas categorias e concepções utilizadas em diversos estudos historiográficos não necessariamente existiam ou existiam do mesmo modo séculos atrás, mas isso não invalida nosso ofício. A compreensão e recepção que temos atualmente sobre as sagas enquanto gênero literário e suas subclassificações são também construções modernas. A compreensão que temos sobre gênero, relações de gênero, sexualidade, performance, construção social na produção historiográfica é fruto de um amplo e longo esforço teórico. Todas essas concepções, modos de análise e categorização poderiam não existir no medievo, mas isso não implica dizer que as diversas formas de sociedade medieval não experienciaram relações de gênero.

³⁵ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 65.

Deste modo, uma análise historiográfica que problematize as diferenças sexuais atribuídas e impostas culturalmente e socialmente aos corpos biológicos é possível nos mais amplos recortes temporais.

Brian A. Catlos, medievalista que aborda o Mediterrâneo e suas amplas relações étnicas e religiosas, também aponta que diversos conceitos que utilizamos para analisar o medievo não estavam presentes no período analisado, mas que isso não os invalida enquanto fonte ou categoria de estudo historiográfico.

Grande parte de nossos estudos concentra-se em categorias, ideias e conceitos que eram desconhecidos ou não reconhecidos pelas pessoas que estudamos. Praticamente toda a história econômica medieval baseia-se em conceitos que não tinham lugar na imaginação pré-moderna – incluindo princípios tão básicos como a inflação e as teorias do dinheiro. Assim, de fato, pode ser que “o Mediterrâneo” seja uma categoria inventada pelos historiadores modernos; no entanto, isso dificilmente o desacredita (enquanto quadro de análise histórica e cultural)³⁶.

Inserir a categoria gênero na análise historiográfica proporciona novas abordagens e perspectivas sobre o medievo. Ao longo dos anos surgiram diversos trabalhos que trazem a perspectiva da problemática de gênero à História Medieval.

Em relação aos estudos do medievo e uma perspectiva de análise do gênero, Carolina Coelho Fortes, destaca que novos trabalhos com uma abordagem de recusa de uma visão rígida binária é não apenas possível, mas também fundamental:

Por mais ampla e ousada que seja essa hipótese, vejo-a como bastante pertinente, necessária até, para avançarmos na compreensão tanto das questões de gênero quanto do período medieval.[...]Mas a jovem pesquisadora, na seara aberta pelas reflexões de Butler e Preciado, aborda o problema de forma muito mais satisfatória, perguntando-se se aquilo que considerei desvios dos modelos de feminino e masculino não seriam a constituição de outro gênero que escapa ao binarismo que a contemporaneidade atribui aos sexos³⁷.

³⁶ “*In fact, in many ways the whole question can be dismissed as irrelevant. Much of our scholarship focuses on categories, ideas and concepts that were unknown or unrecognized by the people we study. Virtually all of medieval economic history is based on concepts that had no place in the pre-modern imagination—including principles as basic as inflation and theories of money. So, indeed, it may be that “the Mediterranean” is a category invented by modern historians; however, this hardly discredits it*” (CATLOS, Brian A. Why the Mediterranean? In: CATLOS, Brian A.; KINOSHITA, Sharon (eds.). *Can We Talk Mediterranean? Conversations on an Emerging Field in Medieval and Early Modern Studies*. London: Palgrave MacMillan, 2017).

³⁷ FORTES, Carolina Coelho. Estudos de gênero, história e a idade média: relações e possibilidades. *Signum*, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/489/0>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Uma perspectiva ampla acerca das relações do gênero no medievo possibilita novos olhares acerca das fontes. Um olhar que vai além da rigidez binária pode nos proporcionar novas reflexões que apontam para comportamentos que não se encaixavam em papéis claros dito masculinos ou femininos. É perceptível então identificar novos indícios nas fontes de uma perspectiva de gênero que não está inserida em um parâmetro de binaridade.

Do mesmo modo, Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva contribui na historiografia brasileira acerca do medievo e do estudo de gênero desde 2001. Silva, influenciada por Scott e por Foucault, compreende o gênero enquanto um saber sobre as diferenças sexuais. O gênero enquanto saber, assim como para Foucault, não é fixo e está atrelado a formação das diversas organizações sociais e suas relações de poder. Para Silva, as relações de poder e sua interligação com o gênero se dá pelo fato de que o gênero é um saber que produz e funciona enquanto mecanismo para se construir e legitimar processos de submissão e dominação³⁸. Além disso, o gênero é vazio e passível de historicidade, visto que os saberes não são fixos e estão fundidos às diversas possibilidades de organização social³⁹. O uso do gênero como categoria de análise então oferece infinitas possibilidades de uso dentro da historiografia, inclusive na medievalística:

Na perspectiva teórica que adoto o gênero refere-se a um saber específico da organização social: as diferenças sexuais, o que compreende saberes sobre os corpos, as sexualidades, as identidades, os papéis sociais, etc. Logo, como saber, o gênero é construído cultural e historicamente⁴⁰.

Silva debruça-se, então, em suas análises, acerca de como o saber sobre a diferença sexual, o gênero, é formulado, enraizado e atrela-se às relações de poder. Entretanto, a autora também alerta ao fato de que é necessário perceber também as rupturas e contradições do processo de produção e legitimação desse saber. A produção social e cultural do saber gênero está envolvida e entrelaçada pelos mais amplos e diversificados âmbitos da organização social, atrelando-se às práticas e normas sociais, à memória, às representações, à linguagem, aos significados, à

³⁸ LIMA, Marcelo Pereira. Fazendo gênero na medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão Da Silva. *Veredas da História*, v. 9, n. 2, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48028/26166> Acesso em: 22 dez. 2023.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Ibidem.

economia, à cultura, à religião. Em função disso, seu caráter vazio e não fixo, o gênero é um saber que não é inalterável ao longo das diversas sociedades históricas.

Em sociedades que concebem a diferença sexual como binária – homens e mulheres – e hierárquica – homens superiores e mulheres inferiores – um olhar geral e inicial pode induzir a uma resposta que concorde com a afirmativa de que a superioridade implica em dominação e que esta é sempre masculina. Contudo, quando rejeitamos o uso das dicotomias - tais como superior X inferior; dominante X dominado; masculino X feminino - como instrumento de análise, é possível perceber o quanto a organização social é repleta de descontinuidades, paradoxos, contradições, assimetrias, negociações, etc. Analisando sob esta perspectiva, não é possível afirmar que a dominação é uma constante social que é sempre exercida pelos homens, pois a relação entre gênero, relações sociais e de poder são dinâmicas e históricas⁴¹.

O gênero é um saber então inserido em uma dinâmica de construção e desconstrução, que tenta se impor enquanto fixo e natural, mas entra também em contradição. Isto implica dizer que, mesmo em sociedades que compreendam o gênero enquanto binário, não há necessariamente uma relação de dominação em que a mulher é sempre dominada pelo homem, isso não é um aspecto pré-determinado.

Em relação às fontes, Silva aponta que inseridas em uma metodologia pós-moderna, os estudos medievais acerca do gênero não as compreendem como representações totais do passado. As análises atuais debruçam-se sobre as fontes priorizando percepções acerca de como se produzem os diferentes saberes acerca das diferenças sexuais nas diversas sociedades e como estes saberes se interligam com as relações de poder⁴².

Marcelo Pereira Lima, que foi orientando de Silva, é um dos nomes recentes da historiografia brasileira que propõe novas visões acerca do medieval e do estudo de gênero. Lima destaca o papel problematizador de sua perspectiva ao desnaturalizar o masculino, o feminino e outras concepções não binárias que envolvem o gênero. O autor então discute o caráter naturalizador que as relações de gênero, a sexualidade e os corpos perpassam. Outra importante contribuição de Lima é o destaque do autor, através da influência foucaultiana, pela necessidade de se historicizar o gênero considerando também sua transversalidade. O gênero, aponta

⁴¹ LIMA, Marcelo Pereira. Fazendo gênero na medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão Da Silva. *Veredas da História*, v. 9, n. 2, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48028/26166> Acesso em: 22 dez. 2023.

⁴² Ibidem.

Lima, está em uma via de mão dupla em que ao mesmo tempo que perpassa também é perpassado. Isso implica dizer que as relações de gênero não estão separadas de outros aspectos da vida social, como raça, classe, religião, entre outros fatores.

Diversos estudos historiográficos de medievalistas brasileiros então buscam compreender o papel que caberia à mulher dentro das mais diversas narrativas, problematizando os discursos e as representações que corroboram com as expectativas de papel feminino e sua naturalização.

3. As sagas medievais islandesas inquiridas pelo prisma do gênero

Diante do que foi apresentado sabemos então que uma análise historiográfica acerca das relações de gênero no medievo são possíveis.

Sabemos pouco sobre as mulheres da Idade Média. Quase tudo o que lemos sobre elas nos foi deixado pelos homens e é através dos olhos deles, filtradas pelo o que pensavam é que as vislumbramos. A visão da mulher medieval era muito influenciada pelo relato bíblico contido no Gênesis⁴³.

Mesmo diante de fontes literárias medievais não produzidas por mulheres, que carregam uma visão masculina sobre o feminino, é possível a análise das relações de gênero, devido ao caráter relacional do saber gênero.

Deste modo, após uma breve revisão acerca das teorias das relações de gênero e as contribuições desta abordagem nos estudos do medievo, afirmo que a definição aqui tratada das relações de gênero é fortemente influenciada por Scott, Lima e Silva. Entretanto, reitero, assim como Bitencourt, que a escolha aqui feita não é a única possível. As contribuições de Butler são de grande valor para análises acerca da sexualidade, dos corpos e que questionam o próprio conceito de sexo e as categorias binárias. As possibilidades de uma perspectiva de gênero que analisam o medievo são inesgotáveis.

Diante do que foi elucidado, neste trabalho o gênero é compreendido enquanto um saber sobre as diferenças sexuais e um saber não fixo e relacional e, portanto, passível de historicidade e atrelado a uma transversalidade. Desenvolvemos, então, os pontos mencionados: a) o saber, tomado aqui de acordo com as definições

⁴³ ZIERER, 2003.

anteriormente mencionadas de Scott e Foucault, é compreendido como o entendimento gerado pelas culturas e sociedades através das diferentes interações humanas. O saber é uma maneira de organizar o mundo que está intrinsecamente atrelado à organização social. O gênero é a organização social, o saber das diferenças sexuais; b) este saber, esta forma de organização social não é fixa, pois é construído culturalmente e historicamente em diferentes sociedades de formas diferentes. O gênero está, portanto, atrelado a uma historicidade, não existindo uma definição fixa ou universal; c) o gênero também é relacional, pois como saber construído acerca da diferença sexual, esse é produzido não separadamente e não pode ser compreendido isoladamente; d) por fim, o saber gênero é transversal, visto que, como organização social acerca da diferença sexual, a construção do saber gênero perpassa os mais diversos âmbitos de uma vida em sociedade, como política, religião, economia, raça, classe, etc. Destacamos aqui então a historicidade da construção desse saber e as hierarquias geradas por ele.

Como vimos no capítulo anterior, é essencial ressaltar que as sagas estão carregadas da realidade social, histórica, religiosa e política de sua produção. Tais narrativas não são uma chave de acesso imparcial ao passado islandês da Era Viking, mas uma reinvenção desse passado que perpassa a contemporaneidade de sua produção. Se a narrativa das sagas estão embebidas do seu tempo de produção, a perspectiva das relações de gênero da Islândia do século XIII também está presente em sua narrativa, mesmo que esta não seja produzida por mulheres. Buscamos então aqui problematizar de quais maneiras as sagas aqui abordadas tratam as relações de gênero e reforçaram e/ou questionaram esta hierarquia através de seus discursos. As narrativas das sagas não são, portanto, imparciais acerca da construção do saber gênero, do mesmo modo que não são imparciais religiosamente. Devemos nos debruçar sobre as sagas historicizando e analisando seus recortes para então problematizar de que maneira as relações de gênero estão dispostas em sua narrativa e entrelaçam-se com outros aspectos da vida social.

Diante do que foi esclarecido, as sagas e as relações de gênero podem construir juntas uma ponte sem fim, que nos fornece uma caminhada frente a um infinito de possibilidades e abordagens. Esses caminhos inesgotáveis de análise perpassam então a construção e a desconstrução, a legitimação e a contestação, a naturalização e a historicidade do saber acerca do gênero.

Apesar das dificuldades como a ausência de traduções para a língua portuguesa das inúmeras sagas, o cenário intelectual brasileiro já se debruçou acerca das sagas e das figuras femininas. Destaco aqui a tese de doutorado na área de Letras, pela Universidade Federal da Paraíba, produzida por Luciana Campos. A tese, de título *Literatura e Mito na Escandinávia Medieval. Aspectos da Mulher Guerreira na Saga De Hervör*, é uma das poucas produções brasileiras que unem as temáticas aqui propostas, sendo uma produção pioneira. Em relação à sua tese, Campos se propõe a abordar a criação do “mito da mulher guerreira na literatura, desde a Antiguidade Clássica até a escrita das sagas na Escandinávia Medieval,” com enfoque na *Hervarar saga ok Heiðreks*. Para além de Campos, cito Valéria Sabrina Pereira, Professora adjunta na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, e sua dissertação de mestrado sobre o papel das personagens femininas no desenrolar narrativo da Canção dos *Nibelungos* e na *saga dos Volsungo*⁴⁴. Tais sagas também pertencem ao subgrupo de sagas lendárias ou *fornaldarsögur*. Estas apresentam um enfoque narrativo e temporal diferentes das sagas de família, priorizando uma tradição heroica com presença do romance continental e de aspectos do fantástico. Também é essencial citar obras como *Women In The Viking Age*, de Judith Jesch, e *Valkyrie The Women of the Viking World*, de Jóhanna Katrín Friðriksdóttir. Ambas as obras utilizam uma gama muito maior de fontes de análise, como fontes arqueológicas, e possuem um enfoque diferente, priorizando uma análise acerca da História das mulheres do período da Era Viking.

O cenário dos eventos descritos nas sagas da Era Viking não está, portanto, em sua essência, muito longe da verdade, na medida em que podemos descobrir isso. Mas a interpretação desses acontecimentos é caracteristicamente do século XIII, tal como o são as ações, os motivos e o carácter das pessoas envolvidas nesses acontecimentos. Para saber mais sobre a vida das mulheres na Era Viking, temos de nos livrar do encanto das ficções românticas que nos legaram os islandeses medievais e considerar uma gama muito mais ampla de evidências⁴⁵.

⁴⁴ PEREIRA, Valéria Sabrina. Táticas de poder empregadas por personagens femininas em A Canção dos Nibelungos e A Saga Volsungos. *Brathair*, v. 8, n. 2, 2008. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/502>. Acesso em: 22 dez. 2023.

⁴⁵ “*The Viking Age setting of the events described in the sagas is thus in its essentials not too far from the truth, in as much as we can find that out. But the interpretation of those events is characteristically thirteenth-century, as are the actions, motives and characters of the people involved in those events. To find out about the lives of women in the Viking Age, we have to shake off the spell of the romantic fictions bequeathed us by the medieval Icelanders and consider a much wider range of evidence*” (JESCH, Judith. *Women in the Viking Age*. Woodbridge, Suffolk: Boydell Press, 1991, p. 202).

Apesar então do possível uso das sagas islandesas medievais para as análises da História das Mulheres na Era Viking, a nossa preocupação é muito mais em como as relações de gênero estão presentes na narrativa das sagas e entrelaçam-se com a dinâmica complexa de contemporaneidade de sua produção, problematizando a transversalidade das relações de gênero nas sagas com outros aspectos da vida social. Não buscamos nas sagas uma veracidade histórica acerca da História das mulheres do passado da Era Viking islandês.

A partir deste ponto é possível lançar aqui algumas questões: de que forma a cristianização está atrelada à narrativa das sagas no que tange ao gênero? De que modo este processo transpassou as relações de gênero e o ideal feminino? A economia e a vida política narradas nas sagas, pautadas na terra e sua propriedade, perpassam a hierarquia de gênero de que maneira?

Problematizo aqui como as relações de gênero são perpassadas na narrativa por aspectos como o cristianismo, conflitos políticos e a cultura antiga, através do casamento, da genealogia, da violência, da política e da religião.

Para prosseguirmos então com a análise das sagas de Njáll e Laxdaela, iremos abordar as relações de gênero diante de aspectos como genealogia, casamento, violência, política e religião.

3.1. Genealogia e casamento

As sagas dos islandeses possuem como um de seus traços característicos uma longa construção genealógica de seus personagens. De modo geral, o início narrativo e a introdução de um novo personagem se desenrolam nas sagas a partir da genealogia. Ambas as sagas aqui analisadas se iniciam desta maneira: “um homem chamava-se Mjǫrðr, e era apelidado Rabeca; ele era filho de Sighvatr, o Vermelho; morava em Vǫllr, em Rangárvellir”⁴⁶. Há, portanto, um padrão narrativo, em que se apresenta o nome do personagem e em seguida sua linhagem familiar, perpassando marido, esposa, os pais destes, e seus filhos. Também é importante ressaltar, como dito anteriormente, que as sagas de família desenvolvem seu fio narrativo a partir dos feitos e acontecimentos que perpassam uma ou mais gerações de famílias que se interligam através de casamentos, conflitos, alianças, política, religião, entre outros

⁴⁶ MOOSBURGER, 2014.

fatores.

Desse modo, a saga de Njáll e a saga Laxdaela apresentam diversos personagens de uma mesma família como Hallgerd, Hoskuld, Hruttt, Bolli, Kjartan, Olaf, Pavão. No caso da saga de Njáll já nos é apresentado em seu primeiro capítulo a ligação entre ambas as obras e seus personagens: “Hoskuldr morava em Hoskulsstaðir, em Laxárdalr. [...] Os irmãos de Hallgerðr eram Þorleikr (o pai de Bolli), Óláfr (o pai de Kjartan) e Bárðr”.

Assim como as sagas, o Livro do Assentamento registra a genealogia dos islandeses no processo de assentamento.

muitos homens dizem que escrever sobre o assentamento é desnecessário. Mas parece-me que seríamos mais capazes de responder aos estrangeiros que nos censuram por nossa descendência de canalhas ou escravos, se soubéssemos com certeza nossas verdadeiras origens. Da mesma forma, para aqueles homens que querem conhecer a tradição antiga ou contar genealogias, é melhor começar do início do que pular direto para o meio. E claro, todas as pessoas sábias querem saber sobre o início de seu assentamento e de suas próprias famílias⁴⁷.

Deste modo, ambas as obras, sagas de família e o Livro do Assentamento, dedicam importante parte de sua escrita à formação genealógica das figuras do processo de estabelecimento na ilha. Como apontam Edwards e Pálsson:

as genealogias do Livro do Assentamento apresentam a continuidade da vida islandesa desde o início da sociedade islandesa até o período do próprio autor. Nesta situação, os imigrantes eram mais do que meros colonos, eram os próprios progenitores do povo islandês, de modo que as genealogias assumiram um significado particular para esta sociedade⁴⁸.

A apresentação desta rede genealógica, como visto anteriormente, indica o esforço islandês de escrever sobre seu passado, buscando trazer à tona relações de

⁴⁷ “Many men say that writing about the settlement is unnecessary. But it seems to me that we would be better able to answer foreigners who censure us for our descent from scoundrels or slaves if we knew our true origins for certain. Similarly, for those men who want to know old lore or to reckon genealogies, it is better to begin at the beginning rather than to jump right into the middle. And of course all wise people want to know about the beginnings of their settlement and of their own families” (LANDNÁMABÓK, The Book of Settlements. Translated with introduction and notes by Hermann Pálsson and Paul Edwards. Winnipeg: University of Manitoba Press, 2007, introdução, parte VI).

⁴⁸ “The genealogies of the Book of Settlements show the continuity of Icelandic life from the beginning of Icelandic society down to the author’s own times. In this situation, the immigrants were more than merely settlers, they were the very progenitors of the Icelandic people, so that genealogies took on a particular significance for this society” (Ibidem).

identidade e pertencimento, como também uma importância prática nas relações político-sociais, ao destacar a nobreza de sua história.

Deste modo, não são todas as famílias que alcançam destaque na saga de Njáll e saga de Laxdaela, mas apenas aquelas nobres o suficiente. Um bom casamento nessas narrativas são casamento entre iguais, com ambas famílias de prestígio, dessa forma, ambos os lados da família, pai e mãe, são exaltados ao se tratar de uma união nobre.

um homem chamava-se Hǫskuldr; ele era filho de Dala-Kolr. Sua mãe chamava-se Þorgerðr e era filha de Þorsteinn, o Vermelho, filho de Ingjaldr, filho de Helgi; a mãe de Ingjaldr foi Þóra, filha de Sigurðr Serpente-no-Olho, filho de Ragnarr Loðbrók. A mãe de Þorsteinn, o Vermelho, foi Uðr Mente-Profunda, filha de Ketill Nariz-Chato, filho de Björn Buna⁴⁹.

A saga Laxdaela e a saga de Njáll não apresentam então restrições em também destrinchar a genealogia das mulheres envolvidas com o personagem, seja sua mãe ou esposa, desde que essas também agreguem valor e prestígio político e social. Essas sagas, portanto, não abordam a vida cotidiana ou os conflitos de toda a sociedade islandesa da Era Viking, mas narra processos de grupos, famílias, seletas, buscando associar sua história à nobreza. Não por acaso é narrado como vários personagens eram nobres antes de chegarem à ilha e, posteriormente, têm seus descendentes tornando-se amigos e membros da corte das coroas escandinavas. Dentro também desta discussão, ressaltamos que a escolha, consciente, das mulheres que serão narradas por cronistas perpassam condições sociais. As mulheres que são valorizadas o suficiente para serem narradas geralmente estão inseridas em famílias privilegiadas, sendo associadas a homens nobres e conhecidos por sua sabedoria e poder, por exemplo, as sagas e suas narrativas carregam recortes da sociedade islandesa medieval e não representam sua totalidade.

Diferente da saga Laxdaela, em que o primeiro capítulo é mais curto e voltado apenas para a apresentação genealógica de seus personagens, a saga de Njáll em seu primeiro capítulo dedica parte de sua narrativa à destrinchar características de seus personagens, sejam homens ou mulheres, como Unnr: “tinha uma filha, de nome Unnr; ela era uma mulher bela e cortesã e muito ensinada, e tida como o melhor

⁴⁹ MOOSBURGER, 2014, p. 95.

partido de Rangárvellir”⁵⁰. Do mesmo modo, o primeiro capítulo nos apresenta Hallgerd:

Höskuldr tinha uma filha chamada Hallgerðr. Ela brincava no chão com outras meninas; era bela e alta, e seu cabelo era tão bonito quanto seda e tão longo que lhe atingia o cinto. Höskuldr a chama: “Vem aqui até mim,” disse ele. Ela se aproximou imediatamente. Ele a segurou pelo queixo e a beijou; em seguida ela se afastou. Então Höskuldr falou para Hrútr: “Que achas desta menina? Não te parece bela?” Hrútr permaneceu calado. Höskuldr insistiu mais uma vez. Hrútr respondeu então: “É bastante bela essa menina, e muitos ainda hão de pagar por isso; mas isto eu não sei: de onde surgiram olhos de ladra em nossa família.” Então Höskuldr se irritou, e durante algum tempo os dois irmãos ficaram aborrecidos um com o outro⁵¹.

O primeiro capítulo da saga de Njáll é, na verdade, um alerta à personagem de Hallgerd, que apesar de extremamente bela, tem olhos de ladra. A saga de Njáll apresenta ciclos e Hallgerd se mostrará como uma das personagens centrais do fio narrativo que abre e fecha tais processos. Mais sobre seu impacto no desenrolar narrativo da saga veremos adiante, por enquanto, destacamos como a saga de Njáll destaca também já em seu primeiro capítulo duas personagens femininas, uma de modo a ser exaltada, como Unnr, e outra com um tom de alerta para sua beleza que disfarça sua verdadeira índole, como Hallgerd.

As mulheres narradas não representam, portanto, a condição real feminina e de todas as mulheres da Islândia da Era Viking, mas nos permitem portanto problematizar a visão idealizada do período de produção sobre as relações de gênero e quais deveriam ser seus papéis e de como isto também se atrela a outros aspectos da organização social, como status político.

Diante então da importância da genealogia para tais sagas, também é de extrema relevância para o desenrolar narrativo o casamento. O casamento é um fator presente em diversas sagas de família e está atrelado na sociedade islandesa medieval a aspectos como a genealogia, a família, a propriedade e as relações políticas. O casamento constitui um dos pontos amplamente abordados nos estudos de gênero. É através do casamento que se alcança um maior controle sobre os corpos femininos. O casamento era, acima de tudo, uma forma de organizar relações políticas, sociais e econômicas e ordenar o repasse de propriedade. Diante disso,

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Ibidem.

portanto, há uma preocupação no controle das mulheres e seus corpos.

Neste cenário, as festas de casamento nas sagas aqui analisadas também tinham a função de ostentar a riqueza e o prestígio social e político das novas alianças formadas. Na saga Laxdaela é notável nos capítulos 9 e 23 a grande quantidade de convidados e o investimento nos banquetes, além de troca de presentes realizadas nos casamentos:

o banquete foi admirável e os convidados foram vistos com bons presentes ao sair [...] Hoskuld também convidou muitos convidados, ambos amigos e parentes, e o banquete foi dos maiores. Agora, quando a festa acabou, cada um voltou para sua casa em boa amizade e com presentes decentes⁵².

Na saga Laxdaela também nos é apresentado dois casamentos que tiveram suas celebrações organizadas e custeadas por mulheres. No capítulo 7, o casamento de Olaf “Feilan”, organizado por sua avó, Unn, Mente-Profunda, a saga aponta o alto investimento na celebração do casamento em função da presença de convidados de grande importância. Já no capítulo 68, no último casamento de Gudrun, esta afirma que deseja arcar sozinha com os custos do seu casamento com Thorkell Eyjolfson: “é meu desejo que o banquete seja realizado aqui em Holyfell. Não hesito em arcar com o custo disso, e não chamarei Thorkell ou qualquer outra pessoa para se preocupar com este assunto”⁵³.

o casamento era principalmente uma transação comercial entre homens: o corpo e as capacidades reprodutivas da mulher, juntamente com qualquer dote que ela recebesse, eram trocados por capital possuído pela família do noivo, como bens materiais (o preço da noiva), influência política ou estatuto social mais elevado. Cada novo casamento criava um conjunto de deveres recíprocos importantes entre os grupos, de modo que casar não era um assunto privado entre duas pessoas; dizia respeito às suas famílias alargadas – pais, avós, irmãos e quaisquer filhos que já pudessem ter⁵⁴.

⁵² “The feast was a brave one, and the guests were seen off with good gifts on leaving. [...] Hoskuld had also asked many guests, both friends and relations, and the feast was of the grandest. Now, when the feast was over each one returned to his home in good friendship and with seemly gifts” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, caps. 23 e 9).

⁵³ “It is my wish that the feast be held here at Holyfell. I do not blench at standing the cost of it, nor shall I call upon Thorkell or any one else to trouble themselves about this matter” (THE LAXDAELA SAGA, 1880).

⁵⁴ “Marriage was primarily a business transaction between men: the woman’s body and reproductive capabilities along with any dowry she received were exchanged for capital possessed by the groom’s family, such as material assets (the bride price), political clout or higher social status. Each new match created a set of important reciprocal duties between groups, so getting married wasn’t a private matter between two people; it concerned their extended families – parents, grandparents, siblings and any children they might already have” (FRIDRIKSDÓTTIR, 2020, p. 60-61).

É através do casamento nas sagas que se define então as alianças entre famílias e o repasse ordenado de heranças. Por ser uma forma organizada de formação de alianças e repasse de terras, a genealogia e o casamento carregavam consigo não apenas uma importância simbólica e social, mas também um fator decisivo nas disputas político-sociais. Seja este conflito incitado por homens ou mulheres, é nítido nas sagas que os familiares eram os primeiros envolvidos em busca de apoio, tanto no conflito dentro da legalidade, na Assembleia, como fora, nas vinganças de sangue.

Outro aspecto valioso neste trecho da *saga* é a forma a qual o casamento é negociado. O acordo de casamento é geralmente realizado entre os pais dos noivos, não sendo o consentimento da mulher necessariamente considerado. Entretanto, houve no medievo um esforço da Igreja Católica em definir o casamento de acordo com a intenção de criação de laço, sendo necessário o consentimento de ambas as partes envolvidas, não apenas o ato sexual.

concluimos que do início do século XI até o final do século XII a doutrina da Igreja para o casamento foi sendo construída e fixada através de várias obras. Dentro do processo de reforma moral, legal e papal, o matrimônio passa de um costume completamente dominado pelo laicado e sem leis específicas para a sua regulamentação, para um sacramento protegido pela Igreja. Em relação à espiritualização do matrimônio, vemos que o papel do sexo na consolidação do casamento não desaparece, mas ele deixa de ser o fundamento para a formação do laço de união. Esta união agora é determinada pelo consentimento, pela bênção nupcial, pela indissolubilidade, pelo sacramento e por fim, pela relação sexual⁵⁵.

O incentivo do clero no século XII em influenciar e delegar importância para o consentimento feminino na formação do matrimônio é então notório nas narrativas dessas obras produzidas um século depois⁵⁶. O ato sexual então também seria um fator para definição do casamento, mas apenas este não valida aquela relação enquanto matrimônio. Desse modo, homem que tiver relações sexuais com uma mulher não estaria necessariamente casado com ela. Esta perspectiva está presente em diversos momentos nas sagas aqui analisadas. Logo no início da saga de Njáll,

⁵⁵ SILVA, Carolina Gual da. Processo de normatização do casamento nos séculos XI e XII: a construção de uma doutrina do matrimônio. In: Associação Nacional de História – ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

⁵⁶ FRÍÐRIKSDÓTTIR, 2020.

Hrútr parte para a Noruega e conhece a mãe do rei, Gunnhildr, com a qual desenvolve uma relação íntima, mesmo já estando prometido a uma mulher na Islândia:

quem governava a Noruega era Haraldr Casaco-Cinza; ele era filho de Eiríkr Machado-Sangrento, filho de Haraldr Belos-Cabelos. Sua mãe chamava-se Gunnhildr. [...] Em seguida, sentou-se ela ao lado de Hrútr, e eles beberam. E à noite ela falou: “Tu te deitarás ao meu lado no quarto superior durante a noite – e nós dois sós”⁵⁷.

Gunnhildr está presente em diversas obras, como a saga de Egil. Sua descrição geralmente perpassa aspectos dúbios, que contrastam sua beleza com sua malícia e inteligência. Outro aspecto que é por vezes ressaltado são as suas relações sexuais, sendo associadas com magia e uma vontade quase que insaciável.

Do mesmo modo, Hrappr tem relações com Gudrun, filha de Gulbrand, que não aprova o relacionamento:

e, por fim, ele se pôs a conversar com Guðrún, de modo a muitos comentarem que ele a seduziria. Mas, ao tomar conhecimento disso, Guðbrandr repreendeu-a muito por estar a conversar com ele, e pediu-lhe que evitasse trocar palavras com ele sem que todos pudessem escutar. Ela o obedeceu bem primeiramente, porém logo tudo voltou a estar como antes com relação às suas conversas.[...] Certa vez aconteceu de ela pedir para ir a uma floresta de castanheiras para entreter-se, e Ásvarðr a acompanhou. Hrappr segue-os e os encontra na floresta, e toma-a pela mão e condu-la até estar a sós com ela. Em seguida, Ásvarðr foi procurá-la e encontrou os dois numa moita deitados juntos⁵⁸.

Gulbrand, ao descobrir que Hrappr teve relações sexuais com sua filha e que teve seu supervisor de trabalho morto ao tentar atacar Hrappr, ordena que ele seja morto por seus homens.

No que tange a saga de Laxdaela há também o exemplo de Hoskuld, que, mesmo casado com Jorunn, tem relações sexuais com uma mulher escrava.

A partir da análise dos três casos citados podemos ter três conclusões: a primeira é que, apesar de haver a relação sexual, nenhuma delas resultou em casamento, estando Hoskuld já casado e Hrutt prometido em casamento a uma outra mulher. A definição do casamento então nas sagas perpassa não a mera relação sexual, mas uma demonstração formal entre famílias em formar aliança, laços através

⁵⁷ MOOSBURGER, 2014.

⁵⁸ Ibidem, p. 213.

do matrimônio. A segunda conclusão é que a decisão para formação dessa aliança é, geralmente, decidida entre os homens das famílias envolvidas, como o futuro esposo e o pai da noiva, visto o fato de que a mulher deveria estar sob uma tutela masculina, mas há um esforço narrativo das sagas em demonstrar que os casamentos que considerem também o consentimento da noiva são mais propensos a se tornarem prósperos. Terceira e última conclusão é que caberia ao homem da família proteger a integridade sexual da mulher. Gulbrand demonstrou desde o início interesse em proteger sua filha de Hrappr, ordenando seu supervisor de trabalho vigiá-la, e ao descobrir que mesmo assim sua filha teve relações sexuais com outro homem não estando casado ordenou a sua morte como pena. De modo parecido, Gunnhildr ao ter relações com Hrutt o ameaça que este seria um segredo dos dois, que ele pagaria com a morte. Há, portanto, uma preocupação com o corpo feminino, porém que perpassa o status social. No caso de Hoskuld e sua mulher escrava não há segredo e não há ameaças, afinal, ele já está casado com uma mulher a seu nível social, Jorunn, e a mulher que ele está tendo relações sexuais é uma escravizada. A saga Laxdaela também não deixa claro, como a saga de Njáll com Gunnhildr e Gudrun, em que a primeira seduziu e a outra foi seduzida, se a relação entre Hoskuld e a mulher escravizada foi consensual ou não. A preocupação com o corpo feminino na narrativa dessas obras perpassa portanto o desejo da tutela masculina em preservar a mulher, no caso a filha de Gulbrand, por exemplo, para o arranjo de um futuro casamento valioso e uma criação de aliança entre iguais. A relação sexual não necessariamente resultará em casamento, mas a relação sexual para uma mulher não casada, mesmo que diante do desejo dela, iria diminuir o seu valor para uma proposta de casamento. Seria então dever do homem a sua tutela, guardá-la e punir o homem que a desvalorizou com a morte. Mas não há a mesma preocupação no corpo feminino caso a mulher esteja em uma situação subalterna, como de escravizada, mesmo que a relação sexual não tenha sido consensual. As relações de gênero, como anteriormente analisadas, são transversalizadas pelos demais âmbitos da organização da vida em sociedade. Essas relações só podem ser compreendidas de maneira não isolada, como saber acerca da diferença sexual, e enquanto entrelaçadas com os demais aspectos que constituem a construção desse saber, como o status social. A construção do Livro dos Assentamentos e de sua narrativa sobre o passado islandês, como dito no capítulo anterior, está enraizada no desejo de

criar uma narrativa, um discurso em que se associe a genealogia islandesa a famílias nobres, distanciando-se de “canalhas e escravos”. As sagas islandesas também trazem um recorte bem definido de quem deve e como deve ser narrado em suas narrativas. As mulheres escravizadas, seus corpos, vivências e violências sofridas não são pontos de atenção desse corpo de manuscritos, apesar de sua presença inegável na mão de obra e cotidiano da ilha.

Em relação à segunda conclusão, o estímulo ao consentimento feminino no estabelecimento do acordo de casamento, citamos agora Gudrun. Esta nos é apresentada no capítulo 32:

Gudrun era o nome da filha deles. Ela foi a mais bela das mulheres que cresceram na Islândia, tanto em aparência quanto em inteligência. Gudrun era uma mulher de tal estado que, naquela época, tudo o que as outras mulheres usavam como enfeites de vestuário era considerado uma bugiganga infantil ao lado dela. Ela era a mais astuta e a mais eloquente de todas as mulheres, e também uma mulher generosa na casa de Osvif⁵⁹.

Gudrun é dita por muitos como a protagonista da saga Laxdaela, é através de suas ações que o fio narrativo principal da saga se desenrola. É importante frisar que Gudrun, assim como Hallgerd que teve sua beleza e seu olhar de ladra destacados, é caracterizada para além de seu físico. O caso de Gudrun é ainda mais notório pois sua beleza é fortemente destacada, ela é a mais bela da Islândia e as outras mulheres não se comparam a ela, porém, na mesma medida, é ressaltada sua inteligência e astúcia. Ela não é apenas a mais bela mulher da ilha, como também a mais inteligente.

Logo no início ao sermos introduzidos a Gudrun, a saga narra que esta deverá se casar quatro vezes, sendo Thorvald, Thord, Bolli e Thorkell seus maridos. Seu primeiro casamento foi com Thorvald, que demonstrou seu interesse no acordo de casamento na Assembleia ao seu pai, quando Gudrun tinha quinze anos. O casamento foi acordado então apenas entre Thorvald e Osvif, pai de Gudrun.

depois disso, Gudrun ficou noiva de Thorvald, e Osvif firmou sozinho o contrato de casamento, segundo o qual estava previsto que Gudrun deveria cuidar sozinha de seus assuntos financeiros imediatamente quando eles

⁵⁹ “Gudrun was the name of their daughter. She was the goodliest of women who grew up in Iceland, both as to looks and wits. Gudrun was such a woman of state that at that time whatever other women wore in the way of finery of dress was looked upon as children’s gewgaws beside hers. She was the most cunning and the fairest spoken of all women, and an open-handed woman withal” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 32).

fossem para a mesma cama, e ter direito a metade dela como sua, seja sua a vida de casado era longa ou curta⁶⁰.

É interessante ressaltar então dois pontos: o primeiro é que o sexo, como dito anteriormente, ainda é parte do casamento, mas apenas este não basta. O que marca esta relação enquanto casamento é o acordo formal entre as famílias e, neste caso, entre o pai da noiva e o noivo. O segundo ponto é que, apesar de o acordo feito por seu pai determinar que Gudrun deveria administrar sozinha as questões financeiras do casal imediatamente após eles irem para a mesma cama e que ele também deveria comprar para ela joias, esta não foi consultada para firmar o acordo. Apesar do acordo feito por seu pai a favorecer em determinados aspectos, os desejos de Gudrun não foram considerados nas tomadas de decisões por seu pai. “Gudrun não foi perguntado sobre isso, e ela ficou muito magoada com isto”⁶¹.

A narrativa da saga não se intimida em deixar explícito o descontentamento de Gudrun. O casamento entre Gudrun e Thorvald ocorre de toda forma, visto que é o desejo de seu pai que deve prevalecer diante da tutela masculina. É nítido que Gudrun não está contente com o casamento, em contraponto a isso a saga indica que Gudrun está desenvolvendo uma relação afetuosa com Thord: “Thord, filho de Ingun, tornou-se muito amigo de Thorvald e Gudrun, e ficou com eles por muito tempo juntos, e falou-se muito sobre o amor de Thord e Gudrun um pelo outro”⁶². Diante deste contexto, Gudrun pede de forma constante presentes a Thorvald, o que constava em seu acordo de casamento. Entretanto, o excesso de pedidos de Gudrun irrita seu marido Thorvald, que lhe dá um tapa: “Numa certa vez, Gudrun pediu a Thorvald que comprasse um presente para ela, e Thorvald disse que ela não mostrava moderação em suas exigências, e deu-lhe um tapa na orelha”⁶³. Em relação à tapas e outras questões de violência iremos discutir mais posteriormente, por enquanto iremos focar no que tange ao casamento. Ainda mais descontente Gudrun recorre a Thord, pedindo

⁶⁰ “After that Gudrun was betrothed to Thorvald, and Osvif settled alone the marriage contract, whereby it was provided that Gudrun should alone manage their money affairs straightway when they came into one bed, and be entitled to one-half thereof as her own, whether their married life were long or short” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 34).

⁶¹ “Gudrun was not asked about it, and took it much to heart” (Ibidem).

⁶² “Thord, Ingun's son, made himself very friendly with Thorvald and Gudrun, and stayed with them for long times together, and there was much talk of the love of Thord and Gudrun for each other” (Ibidem, cap. 35).

⁶³ “Once upon a time Gudrun bade Thorvald buy a gift for her, and Thorvald said she showed no moderation in her demands, and gave her a box on the ear” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 34).

conselhos de como ela poderia retribuir a atitude de Thorvald:

Thord sorriu e disse: "Conheço um conselho muito bom para isso: faça para ele uma camisa com um decote tão grande que você possa ter uma boa desculpa para se separar dele, porque ele tem um decote baixo como o de uma mulher"⁶⁴.

Gudrun segue o conselho de Thord, divorcia-se de Thorvald, sendo o dinheiro dividido entre Gudrun e Thorvald, de modo que ela ficou com metade de toda a riqueza. Neste trecho podemos analisar que o primeiro casamento de Gudrun, que iniciou-se já com seu descontentamento diante do fato de que ela não havia sido levada em consideração, terminou em divórcio. Outro aspecto que também merece destaque é a justificativa utilizada para o pedido de separação, uma camisa decotada para Thorvald vestir, fazendo-o parecer que tem o "pescoço de uma mulher"⁶⁵. Há então uma divisão do que seria a vestimenta adequada para cada gênero e transpassar esta divisão poderia legitimar ações como divórcio.

Gudrun está então divorciada, mas Thord, ao qual a saga nos indica que ela desenvolveu uma relação de amor, está casado com Aud. A saga Laxdaela então retoma a justificativa do conselho de Thord, agora através de Gudrun, incitando que

Gudrun disse: "É verdade, Thord, que sua esposa Aud sempre anda de calças com recortes no assento, enrolando faixas em volta das pernas quase até os pés?" Thord disse: "Ele não tinha percebido isso." "Bem, então, deve haver pouco de verdade no conto", disse Gudrun, "se você não notou, mas então, por que ela é chamada de Aud Calças?" Thord disse: "Acho que ela foi chamada assim por um curto período de tempo." Gudrun respondeu: "O que é mais importante para ela é que ela carregue esse nome por muito tempo no futuro." Depois disso, as pessoas chegaram à Assembleia e nada aconteceu lá. Thord passou muito tempo na barraca de Gest e sempre conversava com Gudrun. Um dia, Thord Ingunson perguntou a Gudrun qual era a pena para uma mulher que sempre andasse de calças como homens. Gudrun respondeu: "Ela merece a mesma pena que um homem que está vestido com uma camisa com um decote tão baixo que seu peito nu seja visto — separação em ambos os casos." Então Thord disse: "Você me aconselharia a proclamar minha separação de Aud aqui na Assembleia ou no país pelo conselho de muitos homens? Pois tenho que lidar com homens de temperamento forte que se considerarão maltratados neste assunto." Gudrun respondeu depois de um tempo: "Para a noite espera o traje do ocioso". Então Thord se levantou e foi até a rocha da lei e nomeou testemunhas, declarou sua separação de Aud e deu como motivo que ela fazia para si mesma calças com recortes como um homem. Os irmãos de Aud não gostaram disso muito, mas as coisas ficaram calmas. Então Thord partiu da Assembleia com os

⁶⁴ "Thord smiled, and said: 'I know a very good counsel for this: make him a shirt with such a large neck-hole that you may have a good excuse for separating from him, because he has a low neck like a woman'" (Ibidem).

⁶⁵ "I am quite tired of sitting at home like a woman" (Ibidem, cap. 70).

filhos de Osvif. Quando Aud ouviu estas notícias, ela disse: "Bom! Bem, que eu saiba que estou assim deixada solteira." Então Thord partiu para dividir o dinheiro, indo para o oeste em direção a Saurby e doze homens com ele, e tudo correu facilmente, pois Thord não fez dificuldades quanto à forma como o dinheiro foi dividido. Thord trouxe do oeste para Laugar muitos animais. Depois disso, ele cortejou Gudrun e esse assunto foi facilmente resolvido; Osvif e Gudrun não disseram nada contra isso. O casamento estava marcado para a décima semana do verão, e foi uma festa nobre. Thord e Gudrun viveram felizes juntos⁶⁶.

Gudrun incita em Thord o questionamento sobre o comportamento de sua esposa, até que ele, da mesma forma que Gudrun fez no capítulo anterior, busca o conselho de Gudrun sobre qual seria a pena de uma mulher que veste calças como um homem. A saga então retoma a fala anterior de Thord para justificar o divórcio de Gudrun, de modo que esta responde que uma mulher que se veste como homem deve ser penalizada da mesma forma que um homem que veste um decote baixo como uma mulher, fazendo uma alusão clara a Thorvald. Mais uma vez a narrativa da saga deixa nítido que as vestimentas também perpassam as relações de gênero, havendo uma expectativa, uma idealização, uma divisão do que homens e mulheres deveriam vestir. A saga também deixa claro a inteligência de Gudrun em incitar Thord em seu divórcio, retomando o conselho que ele deu a ela, para que possam ficar juntos. Diferentemente do seu primeiro casamento, a união de Gudrun com Thord foi fruto de sua iniciativa e é dita como feliz, gerando um filho chamado Thord. A união tem fim apenas com a morte precoce de Thord no afogamento que citamos no capítulo

⁶⁶ "Gudrun said, 'Is it true, Thord, that your wife Aud always goes about in breeches with gores in the seat, winding swathings round her legs almost to her feet?' Thord said, 'He had not noticed that'. 'Well, then, there must be but little in the tale', said Gudrun, 'if you have not found it out, but for what then is she called Breeches Aud?'. Thord said, 'I think she has been called so for but a short time'. Gudrun answered, 'What is of more moment to her is that she bear the name for a long time hereafter'. After that people arrived at the Thing and no tidings befell there. Thord spent much time in Gest's booth and always talked to Gudrun. One day Thord Ingunson asked Gudrun what the penalty was for a woman who went about always in breeches like men. Gudrun replied, 'She deserves the same penalty as a man who is dressed in a shirt with so low a neck that his naked breast be seen – separation in either case'. Then Thord said, 'Would you advise me to proclaim my separation from Aud here at the Thing or in the country by the counsel of many men? For I have to deal with high-tempered men who will count themselves as ill-treated in this affair'. Gudrun answered after a while, 'For evening waits the idler's suit'. Then Thord sprang up and went to the law rock and named to him witnesses, declared his separation from Aud, and gave as his reason that she made for herself gored breeches like a man. Aud's brothers disliked this very much, but things kept quiet. Then Thord rode away from the Thing with the sons of Osvif. When Aud heard these tidings, she said, 'Good! Well, that I know that I am left thus single'. Then Thord rode, to divide the money, west into Saurby and twelve men with him, and it all went off easily, for Thord made no difficulties as to how the money was divided. Thord drove from the west unto Laugar a great deal of live stock. After that he wooed Gudrun and that matter was easily settled; Osvif and Gudrun said nothing against it. The wedding was to take place in the tenth week of the summer, and that was a right noble feast. Thord and Gudrun lived happily together" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 35).

anterior.

O terceiro casamento de Gudrun é o de mais destaque dentro da narrativa da saga Laxdaela. No capítulo 28 somos introduzidos a Kjartan, filho de Olaf e Thorgerd. Como vimos anteriormente com o exemplo da justificativa de casamento, a saga Laxdaela carrega ciclos narrativos que se repetem. Kjartan nos é apresentado pela primeira vez da mesma maneira que Gudrun será descrita posteriormente:

ele era o mais belo de todos os homens que já nasceram na Islândia. Ele tinha um rosto marcante e traços bonitos, os olhos mais bonitos de todos, e era de pele clara. Tinha muito cabelo, tão justo quanto seda, caindo em cachos; era um homem grande e forte, puxando para o avô materno Egil, ou para o tio Thorolf. Kjartan tinha uma proporção melhor do que qualquer homem, de modo que todos se admiravam ao vê-lo. Ele era mais habilidoso com armas do que a maioria dos homens; era um artesão habilidoso e o melhor nadador de todos. Em todas as proezas de força, ele estava muito à frente dos outros, mais gentil do que qualquer outro homem, e tão cativante que todas as crianças o amavam; ele tinha um coração leve e era generoso com seu dinheiro⁶⁷.

Ambos os personagens são iniciados na narrativa da saga com a mesma descrição, o melhor e mais belo homem e mulher que nasceram na Islândia. A saga induz então a audiência a tomarem Gudrun e Kjartan como pares, apenas um estaria ao nível do outro na ilha.

Outro personagem importante neste cenário é Bolli, irmão de criação de Kjartan.

Bolli, seu irmão de criação, era um grande homem, ele vinha logo depois de Kjartan em todas as proezas de força e habilidade; ele era forte, bonito de rosto e cortês, e muito guerreiro, além de ser um grande vaidoso. Os irmãos de criação gostavam muito um do outro⁶⁸.

Diante dos dois trechos em relação a Kjartan e Bolli é importante frisar dois pontos, o primeiro é que os irmãos nutrem uma relação de profundo afeto e que Bolli,

⁶⁷ *“He was of all men the goodliest of those who have been born in Iceland. He was striking of countenance and fair of feature, he had the finest eyes of any man, and was light of hue. He had a great deal of hair as fair as silk, falling in curls; he was a big man, and strong, taking after his mother’s father Egil, or his uncle Thorolf. Kjartan was better proportioned than any man, so that all wondered who saw him. He was better skilled at arms than most men; he was a deft craftsman, and the best swimmer of all men. In all deeds of strength he was far before others, more gentle than any other man, and so engaging that every child loved him; he was light of heart, and free with his money”* (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

⁶⁸ *“Bolli, his foster-brother, was a great man, he came next to Kjartan in all deeds of strength and prowess; he was strong, and fair of face and courteous, and most warrior-like, and a great dandy. The foster-brothers were very fond of each other”* (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

apesar de também ser descrito de modo lisonjeado, não é páreo para seu irmão, Kjartan, logo, também não estaria a altura de Gudrun.

Outro aspecto que podemos frisar diante da descrição dos três personagens, Gudrun, Bolli e Kjartan, são os elogios ressaltados. Apesar de a beleza de todos os três serem exaltadas, Gudrun é a mais inteligente e sagaz de todas, enquanto Bolli e Kjartan tem habilidades como força, sendo guerreiros habilidosos. À mulher é destacada sua perspicácia, enquanto aos homens é destacado sua força física e habilidade de impor sua força aos outros.

A partir disso então a saga desenvolve o relacionamento de Gudrun e Kjartan, mais uma vez nos indicando de que ambos são os pares recíprocos um do outro: “Kjartan gostava de conversar com Gudrun, pois ela era uma mulher inteligente e de fala inteligente. Todo mundo falava que, de todos os homens que cresciam na época, Kjartan era o mais páreo para Gudrun”⁶⁹.

No capítulo 40, Kjartan relata ao seu pai que deseja ir a *viking* e partir para o exterior, o que seu pai lhe responde que ele decidiu isto repentinamente, mas que não iria impedi-lo. Ao relatar o seu desejo a Gudrun, ela então expõe seu desagrado com essa decisão, que julga como repentina de Kjartan. Gudrun então expressa seu desejo de ir com ele, visto que ela não se importa com a Islândia. Kjartan lhe dá uma resposta negativa, visto que caso ela deixasse a ilha seus irmãos e seu velho pai estariam desprovidos de todos os cuidados, ele pede então que ela então o esperasse por três invernos. Olaf então, que é descrito na saga sempre de modo lisonjeado, julga a decisão de Kjartan repentina, do mesmo modo que Gudrun. É importante frisar que mais uma vez Gudrun deixa explícito suas vontades e desejos, além de deixar claro que gostaria de ir com Kjartan ao exterior, visto que não se importa com a Islândia. A frustração que fará desenrolar as vinganças e intrigas que envolvem Gudrun e a maior parte da narrativa da saga surgem então neste momento. É a partir da negativa de Kjartan, o par ideal de Gudrun, através da justificativa de que cabe a ela, mulher, cuidar de seus parentes homens e permanecer na Islândia, que os demais acontecimentos irão discorrer. Kjartan e Bolli então partem para o exterior e é dito que Kjartan estava em boas relações com o rei Olaf (963-1000) da Noruega e sua irmã,

⁶⁹ “Kjartan liked talking to Gudrun, for she was both a woman of wits and clever of speech. It was the talk of all folk that of all men who were growing up at the time Kjartan was the most even match for Gudrun” (Ibidem, cap. 70).

Ingibjorg.

Bolli tomou a decisão de viajar com Gazor e Hjalti, e foi até Kjartan, seu parente, e disse: "Estou pronto para partir agora; eu deveria esperar por você durante o próximo inverno, se no próximo verão você estivesse mais livre para partir do que está agora. Mas não consigo deixar de pensar que o rei de forma alguma permitirá que você vá livremente. Também considero verdade que você mesmo lembra apenas de poucas das coisas que proporcionam diversão na Islândia quando está conversando com Ingibjorg, a irmã do rei". Ela estava na corte do Rei Olaf, e era a mais bonita de todas as mulheres que estavam naquele tempo na terra. Kjartan disse: "Não fale tais coisas, mas transmita minha saudação a ambos, meus parentes e amigos"⁷⁰.

Bolli decide retornar sozinho à Islândia e questiona então Kjartan se este perderia o interesse de também retornar à ilha em função de sua proximidade com Ingibjorg, mas Kjartan o pede para que não fale sobre isso, apenas mande suas saudações. É narrado o encontro de Gudrun e Bolli, que parte de volta para a ilha antes de Kjartan.

Gudrun perguntou muito cuidadosamente sobre sua jornada e então sobre Kjartan. Bolli respondeu prontamente tudo o que Gudrun perguntou e disse que não havia notícias para contar sobre sua jornada. "Mas no que diz respeito a Kjartan, há, na verdade, as notícias mais excelentes a serem contadas sobre seus modos de vida, pois ele está na guarda do rei e é lá considerado acima de todos os outros homens; mas não me surpreenderia se ele não quisesse ter muito a ver com este país nos próximos invernos." Gudrun então perguntou se havia algum outro motivo além da amizade entre Kjartan e o rei. Bolli então conta que tipo de coisas as pessoas estavam falando sobre a amizade de Kjartan com Ingibjorg, irmã do rei, e disse que não conseguia deixar de pensar que o rei preferiria casar Ingibjorg com Kjartan do que deixá-lo partir se a escolha fosse entre as duas coisas. Gudrun disse que essas eram boas notícias, "mas Kjartan só estaria justamente equiparado se conseguisse uma boa esposa." Então ela deixou a conversa de repente e foi embora, muito vermelha no rosto; mas outras pessoas duvidavam se ela realmente achava essas notícias tão boas quanto ela fazia parecer. Bolli permaneceu em casa em Herdholt durante todo aquele verão e ganhou muito prestígio com sua jornada; todos os seus parentes e conhecidos davam grande valor ao seu comportamento valente; além disso, ele havia trazido consigo muita riqueza. Ele costumava ir com frequência até Laugar e passava o tempo conversando com Gudrun. Um dia, Bolli perguntou a Gudrun o que ela responderia se ele a pedisse em casamento. Gudrun respondeu imediatamente: "Não há necessidade de você falar uma coisa dessas, Bolli, pois não posso me casar com nenhum homem enquanto souber

⁷⁰ "Bolli made up his mind to journey with Gazor and Hjalti, and went to Kjartan, his kinsman, and said, 'I am now ready to depart; I should wait for you through the next winter, if next summer you were more free to go away than you are now. But I cannot help thinking that the king will on no account let you go free. I also take it to be the truth that you yourself call to mind but few of the things that afford pastime in Iceland when you sit talking to Ingibjorg, the king's sister'. She was at the court of King Olaf, and the most beautiful of all the women who were at that time in the land. Kjartan said, 'Do not say such things, but bear my greeting to both my kinsfolk and friends'" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

que Kjartan ainda está vivo." Bolli respondeu: "Então acho que você terá que ficar sem marido por vários invernos se quiser esperar por Kjartan; ele poderia ter escolhido me enviar alguma mensagem sobre o assunto se realmente se importasse com isso." Eles trocaram algumas palavras, cada um discordando do outro. Então Bolli voltou para casa⁷¹.

Bolli ao se encontrar com Gudrun é rapidamente perguntado sobre Kjartan, respondendo que este poderia não voltar à Islândia visto a proximidade com a irmã do rei. Bolli então nega o pedido de Kjartan de não mencionar aos outros a relação que ele nutria com Ingibjorg. É também nítido que, mesmo depois de uma resposta gentil, Gudrun está furiosa e descontente, visto que ainda gosta de Kjartan. Bolli agora, com Kjartan longe, desenvolve sua relação com Gudrun e questiona-a se esta se casaria com ele. Bolli recebe uma resposta negativa, pois Gudrun não poderá se casar com outro enquanto Kjartan viver. Entretanto, no capítulo seguinte é descrito mais uma tentativa de Bolli em casar com Gudrun:

"Mas já disseste alguma coisa a Gudrun sobre isso?" Bolli disse que uma vez ele tinha insinuado o assunto, mas que ela não lhe tinha dado muita importância "mas eu acredito, no entanto, que Osvif terá mais a dizer sobre o assunto". Olaf disse que Bolli poderia prosseguir com o negócio como bem entendesse. Não muito tempo depois, Bolli partiu de casa com os filhos de Olaf, Halldor e Steinthor; eles eram doze ao todo. Eles cavalgaram até Laugar, e Osvif e seus filhos os receberam calorosamente. Bolli disse que desejava falar com Osvif e expôs sua proposta de casamento, pedindo a mão de Gudrun, sua filha. Osvif respondeu da seguinte maneira: "Como você sabe, Bolli, Gudrun é viúva e ela mesma tem que responder por si, mas, quanto a mim, vou apoiar isso". Osvif foi ver Gudrun e disse a ela que Bolli Thorliekson havia chegado lá, "e pediu sua mão em casamento; agora cabe

⁷¹ "Gudrun asked very carefully about his journey and then about Kjartan. Bolli answered right readily all Gudrun asked, and said there were no tidings to tell of his journey. "But as to what concerns Kjartan there are, in truth, the most excellent news to be told of his ways of life, for he is in the king's bodyguard, and is there taken before every other man; but I should not wonder if he did not care to have much to do with this country for the next few winters to come." Gudrun then asked if there was any other reason for it than the friendship between Kjartan and the king. Bolli then tells what sort of way people were talking about the friendship of Kjartan with Ingibjorg the king's sister, and said he could not help thinking the king would sooner marry Ingibjorg to Kjartan than let him go away if the choice lay between the two things. Gudrun said these were good tidings, "but Kjartan would be fairly matched only if he got a good wife". Then she let the talk drop all of a sudden and went away and was very red in the face; but other people doubted if she really thought these tidings as good as she gave out she thought they were. Bolli remained at home in Herdholt all that summer, and had gained much honour from his journey; all his kinsfolk and acquaintances set great store by his valiant bearing; he had, moreover, brought home with him a great deal of wealth. He would often go over to Laugar and while away time talking to Gudrun. One day Bolli asked Gudrun what she would answer if he were to ask her in marriage. Gudrun replied at once, 'No need for you to bespeak such a thing, Bolli, for I cannot marry any man whilst I know Kjartan to be still alive'. Bolli answered, 'I think then you will have to abide husbandless for sundry winters if you are to wait for Kjartan; he might have chosen to give me some message concerning the matter if he set his heart at all greatly on it'. Sundry words they gave and took, each at variance with the other. Then Bolli rode home" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 42).

a você dar a resposta a este assunto. E aqui posso rapidamente fazer conhecida minha própria vontade, que é que Bolli não será rejeitado se meu conselho valer". Gudrun respondeu: "Você faz um trabalho rápido ao investigar este assunto; O próprio Bolli falou-me disso uma vez, e eu rejeitei-o, e o mesmo ainda está mais em cima da minha mente". Osvif disse: "Muitos homens dirão que isso é falado mais em orgulho presunçoso do que em sabedoria se você recusar um homem como Bolli. Mas enquanto eu estiver vivo, vou cuidar de você, meus filhos, em todos os assuntos, pois sei melhor como lidar com as coisas do que vocês". E como Osvif tinha uma visão tão forte sobre o assunto, Gudrun, no que dizia respeito a ela, não deu uma recusa absoluta, mas estava muito relutante em todos os aspectos. Os filhos de Osvif instigaram o assunto com entusiasmo, vendo quão grande vantagem uma aliança com Bolli seria para eles; assim, o noivado aconteceu ali mesmo, e o casamento seria realizado no período das noites de inverno. Em seguida, Bolli voltou para casa e contou este acordo para Olaf, que não escondeu sua insatisfação com isso. Bolli ficou em casa até o casamento. Ele pediu a aprovação de seu tio, mas Olaf não a aceitou de forma alguma rapidamente, embora, no final, tenha cedido às súplicas de Bolli. Foi uma festa nobre em Laugar. Bolli ficou lá durante o inverno seguinte. Não havia muito amor entre Gudrun e Bolli, no que dizia respeito a ela⁷².

Bolli mente para seu pai de criação, Olaf, afirmando que Gudrun não havia dado muita importância para a possibilidade de casamento quando ele a questionou. O bom caráter de Olaf então é mais uma vez ressaltado, ele questiona Bolli sobre o consentimento de Gudrun em função de sua relação com Kjartan. Bolli, mesmo já tendo uma resposta clara de Gudrun de que ela não gostaria de casar com ele, vai até Osvif, seu pai, para propor um acordo de casamento. Osvif responde que, como viúva, Gudrun deve ter seu consentimento no acordo. A mulher viúva então parece

⁷² "But have you said anything to Gudrun about it?' Bolli said that he had once hinted at it, but that she had not given much heed to it, "but I think, however, that Osvif will have most to say in the matter'. Olaf said Bolli could go about the business as it pleased himself. Not very long after Bolli rode from home with Olaf's sons, Halldor and Steinthor; there were twelve of them together. They rode to Laugar, and Osvif and his sons gave them a good welcome. Bolli said he wished to speak to Osvif, and he set forth his wooing, and asked for the hand of He is accepted Gudrun, his daughter. Osvif answered in this wise, 'As you know, Bolli, Gudrun is a widow, and has herself to answer for her, but, as for myself, I shall urge this on'. Osvif now went to see Gudrun, and told her that Bolli Thorliekson had come there, "and has asked you in marriage; it is for you now to give the answer to this matter. And herein I may speedily make known my own will, which is, that Bolli will not be turned away if my counsel shall avail'. Gudrun answered, "You make a swift work of looking into this matter; Bolli himself once bespoke it before me, and I rather warded it off, and the same is still uppermost in my mind'. Osvif said, 'Many a man will tell you that this is spoken more in overweening pride than in wise forethought if you refuse such a man as is Bolli. But as long as I am alive, I shall look out for you, my children, in all affairs which I know better how to see through things than you do'. And as Osvif took such a strong view of the matter, Gudrun, as far as she was concerned, would not give an utter refusal, yet was most unwilling on all points. The sons of Osvif's urged the matter on eagerly, seeing what great avail an alliance with Bolli would be to them; so the long and short of the matter was that the betrothal took place then and there, and the wedding was to be held at the time of the winter nights. Thereupon Bolli rode home and told this settlement to Olaf, whodid not hide his displeasure thereat. Bolli stayed on at home till he was to go to the wedding. He asked his uncle to it, but Olaf accepted it nowise quickly, though, at last, he yielded to the prayers of Bolli. It was a noble feast this at Laugar. Bolli stayed there the winter after. There was not much love between Gudrun and Bolli so far as she was concerned" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

apresentar um nível maior de independência financeira e sexual, visto a morte de seu marido e sua herança deixada, o que pode ser interpretado como algo preocupante em alguns dos casos⁷³. Ao conversar com sua filha, ela deixa mais uma vez claro que já havia recusado Bolli e que a resposta permanece a mesma, que, apesar de não haver uma recusa completa, ela estava absolutamente resistente. Entretanto, seu pai estava a favor do casamento e, após a insistência de seus irmãos que viram no casamento com Bolli uma aliança valiosa, o acordo de casamento foi firmado. “No texto, a natureza forçada deste casamento fica clara, direcionando assim a simpatia do leitor para Guðrún pelo resto da saga, em vez de para longe dela”⁷⁴. Fica evidente que, assim como no primeiro casamento, o terceiro casamento de Gudrun não foi de sua vontade, a narrativa deixa claro o descontentamento e infelicidade de Gudrun com o matrimônio. Bolli mentiu para seu pai de criação Olaf e ignorou o desejo de Gudrun indo diretamente ao seu pai. Ela, mesmo viúva, ainda estaria à mercê da tutela masculina na tomada de decisões e caráter político social do casamento prevaleceu em seus irmãos, do que sua própria vontade. É válido lembrar que Kjartan é o único homem narrado enquanto semelhante a Gudrun e Bolli é explicitamente descrito o segundo melhor, superior a diversos homens, mas sempre inferior a Kjartan. A saga então narra no mesmo capítulo do casamento entre Gudrun e Bolli o retorno de Kjartan a ilha:

e quando o navio ficou pronto, Kjartan foi ver Ingibjorg, a irmã do Ingibjorg. Ela deu-lhe as boas-vindas alegremente e abriu espaço para que ele se sentasse ao lado dela, e eles começaram a conversar, e Kjartan disse a Ingibjorg que organizou sua viagem para a Islândia. Então Ingibjorg disse: "Estou inclinada a pensar, Kjartan, que você fez isso por sua própria vontade e não porque foi instado por homens a deixar a Noruega e ir para a Islândia." Mas daí em diante as palavras entre eles foram afogadas no silêncio. Em meio a isso, Ingibjorg se volta para um "barril de hidromel" que estava perto dela, e tira dele uma touca branca tecida com ouro e a dá a Kjartan, dizendo que era bom demais para a filha de Gudrun Osvif dobrá-la em volta da cabeça dela, mas "você lhe dará a touca como presente de noiva, pois desejo que as esposas dos islandeses vejam que aquela com quem você conversou na Noruega não tem sangue de escravo". Estava em um bolso cheio de coisas caras e era, no geral, uma coisa muito preciosa. "Agora não irei me despedir de você", disse Ingibjorg. "Adeus e saudações!" Depois disso, Kjartan se

⁷³ O'DONOGHUE, Heather. Women in Njáls Saga. In: HINES, John; SLAY, Desmond (Eds.). *Introductory Essays on Egils Saga and Njáls Saga*. London: Viking Society for Northern Research, 1992.

⁷⁴ "In the text the enforced nature of this marriage is made clear, thus directing the reader's sympathies towards Guðrún for the rest of the saga rather than away from her" (AUERBACH, 1998-2001, p. 49).

levantou e abraçou Ingibjorg, e as pessoas contaram como uma história verdadeira que eles ficaram muito magoados com a separação⁷⁵.

Ao decidir partir posteriormente, Kjartan recebe de Ingibjorg um presente que deve ser dado a Gudrun, que apesar de ser bom demais para ela, como presente de noiva para demonstrar aos islandeses que aquela com quem Kjartan conversou na Noruega é nobre. Ingibjorg demonstra então que sabe que a motivação por trás da partida de Kjartan da Noruega se dá por interesse próprio do mesmo e não por motivações terceiras e que seu desejo de retornar à ilha perpassa casar com Gudrun, por isso o presente de casamento, mesmo que ele não tenha a dito. Além disso, ao dar um presente tão bem quisto, Ingibjorg demonstra a sua própria nobreza frente a Gudrun e às demais islandesas. A partida de Kjartan de volta à Islândia e o presente de casamento de Ingibjorg deixam claro a expectativa seria do matrimônio dele com Gudrun, o qual a audiência já sabe que não ocorrerá, devido às ações de Bolli.

ele agora ouviu falar do casamento de Gudrun, mas não se preocupou nem um pouco com isso; mas isso até então era motivo de ansiedade para muitos. [...] nesse momento, Hrefna pegou o lenço e o desdobrou, e tiveram muito a dizer sobre o quanto era uma coisa preciosa. Então Hrefna disse que iria se cobrir com ele, e Thurid disse que seria melhor, e Hrefna o fez. [...] Gudrun agora falou com Bolli, e disse que não achava que ele tinha lido a verdade em todas as coisas sobre o retorno de Kjartan. Bolli disse que havia dito a verdade sobre isso da melhor maneira que sabia. Gudrun falou pouco sobre esse assunto, mas podia ser facilmente visto que ela estava muito descontente, e a maioria das pessoas acreditava que ela ainda estava sofrendo por Kjartan, embora ela tentasse esconder isso. Agora o tempo passa até que a festa de outono fosse realizada em Laugar. Olaf se preparou e pediu a Kjartan que fosse com ele. Kjartan disse que ficaria em casa e cuidaria da casa. Olaf pediu-lhe que não mostrasse que estava zangado com seus parentes. "Lembre-se disso, Kjartan, que você nunca amou tanto um homem como seu irmão adotivo Bolli, e é meu desejo que você venha, pois as coisas logo se resolverão entre vocês, parentes, se se encontrarem." Kjartan fez o que seu pai mandou. Ele pegou as roupas escarlates que o rei Olaf lhe havia dado na despedida, e se vestiu alegremente; ele cingiu sua espada, o presente do rei, e usava um elmo dourado na cabeça, e em seu

⁷⁵ "And when the ship was all ready Kjartan went to see Ingibjorg, the ing's sister. She gave him a cheery welcome, and made room for him to sit kbeside her, and they fell a-talking together, and Kjartan tells Ingibjorg that he has arranged his journey to Iceland. Then Ingibjorg said, 'I am minded to think, Kjartan, that you have done this of your own wilfulness rather than because you have been urged by men to go away from Norway and to Iceland'. But thenceforth words between them were drowned in silence. Amidst this Ingibjorg turns to a 'mead-cask' that stood near her, and takes out of it a white coif inwoven with gold and gives it to Kjartan, saying, that it was far too good for Gudrun Osvif's daughter to fold it round her head, yet 'you will give her the coif as a bridal gift, for I wish the wives of the Icelanders to see as much as that she with whom you have had your talks in Norway comes of no thrall's blood.'" It was in a pocket of costly stuff, and was altogether a most precious thing. 'Now I shall not go to see you off', said Ingibjorg. 'Fare you well, and hail!'. After that Kjartan stood up and embraced Ingibjorg, and people told it as a true story that they took it sorely to heart being parted" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

lado um escudo vermelho com a Santa Cruz pintada em ouro; ele tinha em sua mão uma lança, com a base cravejada de ouro. Todos os seus homens estavam vestidos alegremente. [...] Depois disso, eles foram vistos entrando na casa, Bolli foi muito alegre com eles, e Olaf respondeu a isso com muito entusiasmo, mas Kjartan ficou bastante silencioso. A festa correu bem. Agora Bolli tinha alguns cavalos considerados os melhores de sua espécie. O garanhão era grande e bonito e nunca falhou na luta; era de pelagem clara, com orelhas e topete vermelhos. Acompanharam-no três éguas, da mesma cor do garanhão. Bolli queria dar esses cavalos a Kjartan, mas Kjartan disse que não era um homem que gosta de cavalos e não poderia aceitar o presente. Olaf ordenou-lhe que levasse os cavalos, "pois estes são presentes muito nobres". Kjartan recusou categoricamente. [...] Kjartan esteve bastante sombrio durante todo o inverno e as pessoas não falavam muito dele. Olaf considerou isso um grande infortúnio⁷⁶.

⁷⁶ *"He now heard of the marriage of Gudrun, but did not trouble himself at all over it; but that had heretofore been a matter of anxiety to many. Kjartan bade his sister Thurid have such of his wares as she liked, and the same Kalf said to Hrefna. Kalf now unlocked a great chest and bade them go and have a look at it. That day a gale sprang up, and Kjartan and Kalf had to go out to moor their ship, and when that was done they went home to the booths. Kalf was the first to enter the booth, where Thurid and Hrefna had turned out most of the things in the chest. Just then Hrefna snatched up the coif and unfolded it, and they had much to say as to how precious a thing it was. Then Hrefna said she would coif herself with it, and Thurid said she had better, and Hrefna did so. When Kalf saw that he gave her to understand that she had done amiss, and bade her take it off at her swiftest. "For that is the one thing that we, Kjartan and I, do not own in common." And as he said this Kjartan came into the booth. He had heard their talk, and fell in at once and told them there was nothing amiss. So Hrefna sat still with the head-dress on. Kjartan looked at her heedfully and said, 'I think the coif becomes you very well, Hrefna', says he, 'and I think it fits the best that both together, coif and maiden, be mine'. Then Hrefna answered, "Most people take it that you are in no hurry to marry, and also that the woman you woo, you will be sure to get for wife'. Kjartan said it would not matter much whom he married, but he would not stand being kept long a waiting wooer by any woman. 'Now I see that this gear suits you well, and it suits well that you become my wife'. Hrefna now took off the head-dress and gave it to Kjartan, who put it away in a safe place. Gudmund and Thurid asked Kjartan to come north to them for a friendly stay some time that winter, and Kjartan promised the journey. Kalf Asgeirson betook himself north with his father. Kjartan and he now divided their partnership, and that went off altogether in good-nature and friendship. Kjartan also rode from his ship westward to the Dales, and they were twelve of them together. Kjartan now came home to Herdholt, and was joyfully received by everybody. Kjartan had his goods taken to the west from the ship during the autumn. The twelve men who rode with Kjartan stayed at Herdholt all the winter. Olaf and Osvif kept to the same wont of asking each other to their house, which was that each should go to the other every other autumn. That autumn the wassail was to be at Laugar, and Olaf and all the Herdholtings were to go thither. Gudrun now spoke to Bolli, and said she did not think he had told her the truth in all things about the coming back of Kjartan. Bolli said he had told the truth about it as best he knew it. Gudrun spoke little on this matter, but it could be easily seen that she was very displeased, and most people would have it that she still was pining for Kjartan, although she tried to hide it. Now time glides on till the autumn feast was to be held at Laugar. Olaf got ready and bade Kjartan come with him. Kjartan said he would stay at home and look after the household. Olaf bade him not to show that he was angry with his kinsmen. 'Call this to mind, Kjartan, that you have loved no man so much as your foster-brother Bolli, and it is my wish that you should come, for things will soon settle themselves between you, kinsmen, if you meet each other'. Kjartan did as his father bade him. He took the scarlet clothes that King Olaf had given him at parting, and dressed himself gaily; he girded his sword, the king's gift, on; and he had a gilt helm on his head, and on his side a red shield with the Holy Cross painted on it in gold; he had in his hand a spear, with the socket inlaid with gold. All his men were gaily dressed. There were in all between twenty and thirty men of them. They now rode out of Herdholt and went on till they came to Laugar. There were a great many men gathered together already. [...] After that they were seen into the house, Bolli was of the merriest towards them, and Olaf responded to that most heartily, but Kjartan was rather silent. The feast went off well. Now Bolli had some stud-horses which were looked upon as the best of their kind. The stallion was great and goodly, and had never failed at fight; it was light of coat, with red ears and forelock. Three mares*

Os capítulos referentes à chegada de Kjartan a ilha fornece à audiência diversos pontos-chaves para o desenrolar narrativo do restante da saga. Quem recebe Kjartan é sua irmã, Thurid, juntamente a Hrefna. A saga então nos dá os primeiros indícios de que ela e Kjartan irão desenvolver uma relação, visto que é ela quem primeiro encontra o presente de Ingibjorg e usa-o. Presente este que foi dado para Kjartan como um presente de casamento para Gudrun. A saga narra que Kjartan ao saber do casamento entre Bolli e Gudrun não demonstra incômodo, porém, no capítulo seguinte é nítido o descontentamento dele. A saga deixa claro então que Kjartan está magoado com Bolli, recusando seus presentes, e triste por não casar com Gudrun, permanecendo triste durante aquele período. Do mesmo modo, a saga informa a audiência da infelicidade de Gudrun ao saber do retorno de Kjartan, que acusa Bolli de mentir para ela sobre a volta de seu irmão de criação. Mais uma vez é criado um paralelo narrativo entre Gudrun e Kjartan, ambos buscam disfarçar suas insatisfações, mas acaba sendo claro a sua infelicidade em não estarem juntos.

na manhã seguinte, foram enviados homens a Asgeir para o convidar para ir a Asbjornness. Kjartan cortejou Hrefna, a filha de Asgeir. Asgeir aceitou o assunto com boa vontade, pois era um homem sábio e viu que a oferta era honrosa para eles. Kalf, também, insistiu muito no assunto, dizendo: "Não deixarei que nada seja poupado (para o dote)." Hrefna, por sua vez, não deu respostas relutantes, mas disse a seu pai que seguisse seu próprio conselho. [...] Kjartan e Hrefna se amavam muito⁷⁷.

Thurid então, diante da tristeza do irmão, aconselha-o a se casar, destacando Hrefna como excelente pretendente. Kjartan acata o conselho da irmã e vai até o pai de Hrefna propor o acordo de casamento, que recebe bem a proposta, assim como Hrefna. Mais uma vez então seguimos o mesmo padrão, no qual o homem define quem deveria ser a sua noiva e propõe o acordo de casamento diretamente com seu tutor masculino, neste caso, assim como na maioria, o pai da noiva. A resposta

went with it, of the same hue as the stallion. These horses Bolli wished to give to Kjartan, but Kjartan said he was not a horsey man, and could not take the gift. Olaf bade him take the horses, "for these are most noble gifts". Kjartan gave a flat refusal. [...] Kjartan was rather gloomy all the winter, and people could have but little talk of him. Olaf thought this a great misfortune" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

⁷⁷ *"The next morning men were sent to Asgeir to ask him to Asbjornness. And now they had a parley between them on this affair, and Kjartan wooed Hrefna, Asgeir's daughter. Asgeir took up the matter with a good will, for he was a wise man, and saw what an honourable offer was made to them. Kalf, too, urged the matter on very much, saying, "I will not let anything be spared (towards the dowry)." Hrefna, in her turn, did not make unwilling answers, but bade her father follow his own counsel. [...] Kjartan and Hrefna loved each other very dearly" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).*

positiva de Hrefna em relação à proposta nos indica que este seria um casamento frutífero, o que é confirmado ao final do capítulo que se encerra com o destaque do amor do casal um pelo outro.

Logo no capítulo seguinte há uma celebração promovida entre o pai de Kjartan e o pai de Gudrun, o que iria unir em um mesmo espaço ambas as famílias.

Ao escutar as mulheres discutindo sobre a organização dos assentos da celebração, Kjartan declarou que Hrefna deveria se sentar na cadeira mais alta e ser a mais honrada em todas as coisas enquanto estivesse vivo. No entanto, a saga destaca que Gudrun sempre esteve no assento mais honrado, tendo sempre o maior destaque em Herdholt e em todos os lugares. Ao escutar Kjartan, Gudrun enrubesceu, mas não interferiu. Gudrun sugeriu que Hrefna exibisse seu tesouro, o presente de Ingibjorg, mas Kjartan respondeu negativamente. No dia seguinte, Gudrun então pediu às escondidas a Hrefna para que lhe mostrasse o presente e ela assim o fez. Em seguida, é narrado o desaparecimento da espada de Kjartan, presente que recebeu do Rei da Noruega em sua partida, juntamente aos presentes de Ingibjorg. Ao relatar o desaparecimento ao seu pai Olaf, este ordena que homens espiem discretamente os grupos de homens que estão indo embora em busca da espada. An, Branco, foi o responsável por acompanhar o grupo de Osvif, pai de Gudrun. An seguiu então seguiu as pegadas na neve de Thorolf, filho de Osvif, e encontrou a espada, retornando-a Kjartan. Apesar de estar irritado com a situação, Kjartan não a leva adiante, em função do conselho do seu pai que busca evitar mais problemas.

Hrefna estava relutante em levar sua touca para a festa, mas Thorgerd a persuadiu a levá-la, argumentando que seria uma lembrança valiosa. Durante a viagem para Laugar, a touca desapareceu misteriosamente, deixando Hrefna preocupada. Apesar dos esforços para encontrá-la, a touca não foi recuperada. Kjartan sugeriu que ela provavelmente tinha sido deixada para trás ou perdida no caminho, pedindo para deixar o assunto de lado.

Por conselho de sua sogra, Thorgerd, Hrefna decide usar então sua touca ornamentada, o que Kjartan acaba aceitando visto que foi um pedido de sua mãe. Porém, Hrefna percebeu depois o sumiço do seu presente, Gudrun então sugere que Hrefna deve ter perdido no caminho ou permanecido em casa. Agora mais uma vez lidamos com o sumiço de um dos presentes que Kjartan recebeu em sua viagem à Noruega. É importante ressaltar que a espada foi achada após An seguir as pegadas

do irmão de Gudrun e esta pediu à Hrefna às escondidas que lhe mostrasse a touca, sabendo onde esta estava guardada. A saga então repete o mesmo ciclo em que Olaf aconselha Kjartan a não causar reclamações e alardes com Bolli e Osvif. Entretanto, desta vez Kjartan cobra a Bolli um posicionamento, visto o sumiço de seus bens valiosos. Bolli responde a Kjartan de modo defensivo, afirmando que não tem culpa nos desaparecimentos e não deveria ser acusado de roubo.

Kjartan diz: “Tenho de pensar que as pessoas que juntaram suas cabeças neste assunto são tão próximas de vós que deveriam estar em condições de resolver as coisas, se quisessem. Vós afrontais-nos muito para além da necessidade, e durante muito tempo mantivemo-nos pacíficos face à vossa inimizade. Mas agora é preciso fazer saber que as coisas não vão ficar como estão agora”. Então Gudrun respondeu ao seu discurso e disse: “Agora atijais um fogo que seria melhor não fumar. Agora, que se admita, como dizes, que há aqui algumas pessoas que juntaram as cabeças com o objetivo de fazer desaparecer o coifa. Só posso pensar que foram buscar o que era seu. Pensem o que quiserem sobre o que aconteceu com o toucado, mas não posso dizer que não gosto dele, embora deva ser concedido de tal forma que Hrefna tenha pouca chance de melhorar sua vestimenta com ele daqui para frente. Depois disso Partiram-se de coração pesado, e os Herdholtings voltaram para casa. Era o fim das festas, mas tudo estava aparentemente calmo. Nunca mais se ouviu falar do toucado. Mas muitas pessoas acreditavam que Thorolf o tinha queimado no fogo por ordem de Gudrun, sua irmã⁷⁸.

Kjartan não aceita a resposta de Bolli e fala para ele que, apesar de não ter sido ele quem de fato roubou seus presentes, foram pessoas próximas a ele que arquitetaram tal plano e, caso fosse de seu desejo, ele poderia fazer algo sobre isso. Gudrun, sempre descrita por sua inteligência, entende a fala de Kjartan como direcionada a ela e é ela quem o responde, não Bolli. A resposta de Gudrun retoma a acusação de Kjartan com as mesmas palavras, afirmando que haja ali algumas pessoas que tenham juntado suas cabeças para pensar no desaparecimento da

⁷⁸ “Kjartan says, ‘I must think that the people who have been putting their heads together in this affair are so near to you that it ought to be in your power to make things good if you but would. You affront us far beyond necessity, and long we have kept peaceful in face on your enmity. But now it must be made known that matters will not rest as they are now’. Then Gudrun answered his speech and said, ‘Now you rake up a fire which it would be better should not smoke. Now, let it be granted, as you say, that there be some people here who have put their heads together with a view to the coif disappearing. I can only think that they have gone and taken what was their own. Think what you like of what has become of the head-dress, but I cannot say I dislike it though it should be bestowed in such a way as that Hrefna should have little chance to improve her apparel with it henceforth.’” After that The end of the coifthey parted heavy of heart, and the Herdholtings rode home. That was the end of the feasts, yet everything was to all appearances quiet. Nothing was ever heard of the head-dress. But many people held the truth to be that Thorolf had burnt it in fire by the order of Gudrun, his sister. Early that winter Asgeir Eider-drake died. His sons inherited his estate and chattels” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

touca, mas que ela pensa que essas pessoas apenas foram buscar o que era delas. É essencial então retomar a fala de Ingibjorg, que ao presentear Kjartan com a touca disse que esta era boa demais para Gudrun, mas que Kjartan deveria mesmo assim dar para ela a touca como presente de noiva. A touca foi dada a Kjartan desde o início com o objetivo de ser de Gudrun, que deveria, por consequência, ser a noiva de Kjartan. Apesar de Gudrun não afirmar diretamente que foi a responsável pelo desaparecimento da touca, a narrativa torna claro que ela está por trás do feito, visto que foi ela quem respondeu diretamente a acusação de Kjartan, não Bolli, e defendeu que apenas foi pego de volta o que deveria estar com seu verdadeiro dono. O capítulo se finaliza então com a saga narrando que muito se foi dito que a touca foi queimada pelo irmão de Gudrun a mando dela, o mesmo irmão relacionado ao desaparecimento da espada anteriormente mencionada.

Gudrun então incita os seus irmãos a se juntarem em uma emboscada para Kjartan. Ela criticou sua inércia diante das ações de Kjartan, enfatizando a vergonha e desgraça causada por Kjartan à família. O mesmo pedido também recai sobre Bolli, que inicialmente nega o pedido de Gudrun, em função da sua relação com Kjartan e Olaf. Após a ameaça de divórcio, Bolli acata o pedido de Gudrun e junta-se aos seus cunhados na emboscada. Kjartan diz aos seus homens que podem ir e seguirem sozinhos, que seu retorno para casa é seguro naquela região, visto que Bolli, seu parente, nunca iria atentar contra sua vida. O capítulo se encerra então com um choque de interesses e perspectivas, enquanto Bolli se prepara para a emboscada, Kjartan afirma que está seguro que Bolli não iria atentar contra ele. Partem assim para a jornada e inicialmente Bolli é acusado pelos seus cunhados de se posicionar de modo a favorecer Kjartan, fazendo que este o visse primeiro e descobrisse a emboscada.

Ao iniciar a batalha, Kjartan confronta Bolli, questionando sua quietude, instigando-o a tomar sua decisão e não permanecer neutro no confronto. Bolli, instigado por Ospak, finalmente se volta contra Kjartan. Este então diz a Bolli que sua ação é covarde, mas que, mesmo assim, escolhe ser morto por ele do que lhe causar ferimento. Após um breve confronto, Bolli mata Kjartan. Arrependido, Bolli assume a responsabilidade pelo assassinato. Apesar do destaque de Gudrun na narrativa, suas principais relações entrelaçam-se com seus maridos, enquanto Kjartan possui uma profunda relação com seu pai e seu irmão adotivo, para além das relações amorosas

e políticas. Há um padrão nas sagas em destacar a amizade entre os homens, enquanto as mulheres possuem seu ciclo de relacionamento em torno de seus maridos e seus pais. O maior descontentamento de Kjartan não foi apenas Gudrun estar casada com outro se não ele, mas estar casada com seu irmão de criação, Bolli. A traição de Bolli não se restringiu a mentir e impor a Gudrun uma posição em que esta seria obrigada a casar com ele, mas em negligenciar o afeto que seu irmão nutria por ela e sua intenção ao voltar para a Islândia. Para além da intenção evidente da autoria em enfatizar que Gudrun não desejava se casar com Bolli, a decepção causada em Kjartan é a maior traição de Bolli. Kjartan, que era o homem com maior habilidade com armas da ilha, acolhe a morte, mesmo com o pesar da traição, frente a desferir golpes em seu irmão.

Gudrun disse “essas coisas eu não conto entre percalços. Pareceu-me que você estava em uma estação mais alta durante o ano em que Kjartan estava na Noruega do que agora, quando ele pisou você sob os pés quando voltou para a Islândia. Mas eu conto que o último que para mim é mais querido, que Hrefna não vai ir para sua cama rindo esta noite”. Então Bolli disse, e estava muito zangado: “Acho que é muito incerto que ela fique mais pálida com estas notícias do que tu; e tenho as minhas dúvidas se não terias ficado menos assustada se eu tivesse ficado para trás no campo de batalha e Kjartan tivesse contado as novidades”. Gudrun viu que Bolli estava zangado e disse: “Não me perturbe com tais coisas, pois sou muito grato a você por sua ação; pois agora penso que sei que não farás nada contra a minha vontade”⁷⁹.

Há então um contraste narrativo entre a felicidade de Gudrun e o pesar de Bolli na morte de seu irmão de criação, apesar de sua covardia. A saga também mais uma vez destaca o sentimento de Gudrun, seu contentamento em saber que Hrefna, que já alertava para sua sogra a inveja que sentia sofrer de Gudrun, não irá dormir naquela noite sorrindo, devido a morte de seu marido. Bolli então questiona os sentimentos de Gudrun para com ele, afirmando que acredita que, na verdade, ela iria estar mais contente se fosse ele quem morresse naquela batalha, sendo o sofrimento de Hrefna menor do que o dela. Bolli então demonstra saber, apesar de não ser dito

⁷⁹ “Gudrun said ‘Such things I do not count among mishaps. It seemed to me you stood in higher station during the year Kjartan was in Norway than now, when he put you under foot when he came back to Iceland. But I count that last which to me is dearest, that Hrefna will not go laughing to her bed to-night’. Then Bolli said and right wroth he was, “I think it is quite uncertain that she will turn paler at these tidings than you do; and I have my doubts as to whether you would not have been less started if I had been lying behind on the field of battle, and Kjartan had told the tidings’. Gudrun saw that Bolli was wroth, and spake, ‘Do not upbraid me with such things, for I am very grateful to you for your deed; for now I think I know that you will not do anything against my mind” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

explicitamente, que o sentimento de Gudrun para com Kjartan sempre foi maior do que o que ela sentia por ele e que, nem mesmo a esposa de Kjartan, deveria sofrer por ele como ela o faria. Gudrun então reitera sua felicidade com o feito de Bolli e o fato de que este tomou a ação tal qual ela o falou. Gudrun não nega o sentimento que nutria por Kjartan e, ao demonstrar a gratidão a Bolli, destaca que nutre tal emoção pois este a obedeceu e apenas seguiu suas vontades.

Olaf ao saber da morte do filho sente um grande pesar, visto que Kjartan era seu filho mais querido, mas, ainda assim, incita aos seus outros filhos que não façam nenhum mal a Bolli. Em relação a Hrefna, é dito que ela foi para o norte com seus irmãos e que, apesar do tremendo sofrimento, ela se portava com dignidade. Hrefna não se casou novamente e faleceu pouco tempo depois, de modo que as pessoas afirmam que sua causa da morte foi coração partido.

A morte de Kjartan então foi causada por uma rede de frustrações que acometeram Gudrun. Apesar de não ter sido ela quem empunhou a espada, foi a sua incitação aos irmãos e a ameaça a Bolli que tornaram possível tal emboscada. A frustração de Gudrun com a resposta negativa de Kjartan ao pedir para ir com ele ao exterior, sendo imposta ao papel feminino privado, doméstico, de cuidados com os entes masculinos na Islândia, com o casamento forçado com Bolli decidido por estes mesmos parentes de quem ela deveria cuidar e que foi utilizado como justificativa para permanência na Islândia, com a perda do presente de noiva e do assento mais nobre nas celebrações para Hrefna desencadearam um complexo emaranhado em que, no final da linha, estava a morte de Kjartan, já prevista no seu sonho.

A narrativa se desenrola então até a ação de vingança da família de Kjartan, incitada por sua mãe, contra Bolli. Este, ao perceber a emboscada dos irmãos de Kjartan, diz para Gudrun deixá-lo e então enfrenta os seus algozes. Helgi, que fazia parte do comboio, ao se encontrar com Gudrun, após a morte de Bolli, limpou o sangue da lança com ela, a mesma lança com a qual ele havia atravessado Bolli. Gudrun olhou para ele e sorriu levemente.

Helgi Hardbienson foi até Gudrun, agarrou a ponta do lenço e limpou o sangue da lança com ela, a mesma lança com a qual ele havia atravessado Bolli. Gudrun olhou para ele e sorriu levemente. Então Halldor disse: "Isso foi desleal e terrivelmente feito." Helgi pediu-lhe para não ficar zangado com isso, "Pois estou inclinado a pensar que sob esta ponta de cachecol reside o causador de minha morte." Então eles pegaram seus cavalos e partiram. Gudrun foi junto com eles conversando por um tempo, e então ela voltou. Os

seguidores de Halldor começaram a conversar sobre como Gudrun deve pensar pouco no assassinato de Bolli, já que os viu partir conversando e falou com eles como se nada tivesse acontecido. Então Halldor respondeu: "Essa não é minha opinião, que Gudrun pensa pouco na morte de Bolli; acho que a razão dela nos ver partir com uma conversa foi muito mais para obter um conhecimento completo sobre quem eram os homens que haviam participado dessa jornada. Nem é exagero dizer que Gudrun, em toda sua coragem e determinação, está muito acima das outras mulheres. Na verdade, é apenas o que se esperaria que Gudrun sentisse profundamente a morte de Bolli, pois, verdade seja dita, em homens como Bolli está a maior perda, embora nós, parentes, não tenhamos a sorte de viver em paz juntos"⁸⁰.

O choque entre a limpeza do sangue de Bolli na roupa de Gudrun e sua risada causa então uma estranheza, que culmina em Helgi um sentimento de agouro de sua morte. A risada de Gudrun e sua conversa com os algozes de Bolli causaram inicialmente em parte dos personagens a ideia de que esta não se importava com Bolli. Entretanto, Halldor aponta que algo está por trás das ações de Gudrun. Mais uma vez é destacado que não há na Islândia outra mulher como ela e que esta deveria estar próxima a ele para saber mais sobre os envolvidos na morte de Bolli. Esta fala de Halldor fecha o ciclo retomando a sensação de agouro de morte de Helgi.

É narrado então que Thorkell vai até Snorri, amigo e conselheiro de Gudrun, em busca de propostas de quem poderia se tornar sua noiva. Snorri então sugere Gudrun para Thorkell, mas este demonstra preocupação com o fato de que, o futuro marido de Gudrun, iria ser persuadido por ela a buscar vingança de Bolli, e Thorkell então parte para o exterior por sugestão de Snorri.

Logo após este acontecimento, após 12 anos da morte de Bolli, Gudrun expressou para Snorri seu desejo de vingança pela morte de Bolli, revelando que ela esperava que todos os filhos de Olaf sofram as consequências. Gudrun então discutiu quem lideraria a jornada, mencionando Thorgils como uma opção, mas indicando que

⁸⁰ "Helgi Hardbienson went up to Gudrun, and caught hold of the scarf end, and wiped the blood off the spear with it, the same spear with which he had thrust Bolli through. Gudrun glanced at him and smiled slightly. Then Halldor said, 'That was blackguardly and gruesomely done'. Helgi bade him not be angry about it, 'For I am minded to think that under this scarf end abides undoer of my life'. Then they took their horses and rode away. Gudrun went along with them talking with them for a while, and then she turned back. The followers of Halldor now fell a-talking how that Gudrun must think but little of the slaying of Bolli, since she had seen them off chatting and talked to them altogether as if they had done nothing that she might take to heart. Then Halldor answered, 'That is not my feeling, that Gudrun thinks little of Bolli's death; I think the reason of her seeing us off with a chat was far rather, that she wanted to gain a thorough knowledge as to who the men were who had partaken in this journey. Nor is it too much said of Gudrun that in all mettle of mind and heart she is far above other women. Indeed, it is only what might be looked for that Gudrun should take sorely to heart the death of Bolli, for, truth to tell, in such men as was Bolli there is the greatest loss, though we kinsmen, bore not about the good luck to live in peace together" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

ele tinha outras intenções. Snorri sugeriu um estratagema para garantir o compromisso de Thorgils na jornada, sugerindo que ela promettesse se casar com ele, mas com um significado duplo, que no final a livraria do casamento. Gudrun concordou com o plano e Snorri ofereceu seu apoio para garantir que funcionasse. Após o planejamento com Snorri, Gudrun conversa com seus filhos, Bolli, filho de Bolli, e Thorleik, filho de seu segundo marido, incitando-os por vingança pela morte de Bolli. Os filhos, incapazes de suportar mais a dor, decidiram buscar vingança. No dia seguinte, Gudrun conversou com Thorgils sobre liderar a vingança, mas Thorgils estava relutante até que Gudrun concordasse em se casar com ele após o cumprimento da vingança. Os irmãos concordaram com Thorgils como líder e Gudrun faz a promessa ambígua de casamento: “Agora juro, com o vosso testemunho, que prometo a Thorgils que, de todos os homens desta terra, não casarei senão com ele, e não pretendo ir e me casar em qualquer outra terra”⁸¹. A vingança então ocorre e ao retornar Thorgils cobra Gudrun para casar com ele. Gudrun então diz para Thorgils que não irá casar com ele e que cumpre com o que prometeu, pois irá casar com Thorkell Eyjolfson, que naquele momento não está na ilha. Gudrun então alcança o seu desejo de vingar Bolli, mesmo que 12 anos após o ocorrido. Entretanto, é importante frisar que a morte de Bolli só ocorreu como consequência do assassinato de Kjartan, incitado por Gudrun. O terceiro e segundo casamento de Gudrun acabam com a morte de seus respectivos maridos, mas no segundo casamento Gudrun não esteve ligada direta ou indiretamente na causa de sua morte. Diferentemente do segundo casamento, o terceiro casamento de Gudrun, forçado e contra o seu desejo, chegou ao fim através da morte de Bolli, que estava ligada às ações de Gudrun.

Snorri e Thorkell partem então para se encontrarem com Gudrun e fazerem o acordo e proposta de casamento. Gudrun responde a proposta dizendo que irá considerar a opinião de seus dois filhos, Thorleik e Bolli, e que Snorri também deve expressar para ela o seu desejo, visto que ele é o terceiro em quem ela mais confia para conselhos. É importante frisar que neste período o pai de Gudrun já está morto. Snorri argumenta a favor de Thorleik e os filhos de Gudrun, apesar de frisarem que a visão de Gudrun sobre o assunto deverá prevalecer, também é necessário considerar

⁸¹ “Now I avow, with you to witness, that I promise this to Thorgils, that of men in this land I shall marry none but him, and I do not purpose to go and marry in any other land” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

a vontade de Snorri. Gudrun então acata os conselhos de Snorri e escolhe ela mesmo arcar com a celebração do acordo de casamento, que contou com uma grande festa. A saga então afirma que entre Gudrun e Thorkell houve uma relação de amor, que gerou um filho, Gellir.

Mais uma vez então seguimos o mesmo padrão, apesar da proposta inicial do casamento ocorrer ter sido de Snorri através do seu conselho com Thorkell, o desejo de Gudrun foi respeitado e realizado. Ela obteve a vingança contra os assassinos de Bolli, não se casou com Thorgils, estava consciente e condizente com o plano de Snorri, e, apesar de considerar as opiniões de seus filhos e de Snorri, foi a sua decisão final que tornou o acordo de casamento com Thorkell oficializado.

Posteriormente, Bolli, filho de Gudrun, solicita a Thorkell que o ajude no arranjo de um acordo de casamento com Thordis, filha de Snorri. Snorri então recebe a proposta de Thorkell e fica extremamente feliz, pois Bolli é um homem muito honrado. Porém Snorri afirma que o mais importante nesta questão é o posicionamento de Thordis, “pois ela só casará com um homem a quem der o seu coração”⁸². Apenas quando soube da decisão positiva de sua filha para o acordo, Snorri firmou o acordo com Bolli. Thorkell falece mais adiante por afogamento e Gudrun fica muito triste com o ocorrido.

Também na saga Laxdaela, para além do exemplo de Gudrun, Egil consultou sua filha, Thorgerd, ao receber a proposta de casamento de Olaf, alegando que “não é tarefa de nenhum homem tomar Thorgerd por esposa contra sua vontade”⁸³. É oportuno pontuar que o casamento entre Olaf e Thorgerd é um dos mais bem sucedidos de toda a narrativa da *saga*.

Deste modo, a saga Laxdaela traz em sua narrativa diferentes formas de acordo de casamento. Apesar de os acordos e propostas serem intermediados pelos tutores masculinos das noivas, os casamentos que consideraram o consentimento de suas filhas mencionam que grande amor floresceu entre os noivos. Esses casamentos são de modo geral prósperos e não acabam em divórcio ou na busca proposital da esposa pela morte de seu marido.

Este mesmo padrão pode também ser observado na saga de Njáll através

⁸² “for she shall marry such a man only on whom she sets her heart” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

⁸³ “It is no man's task to get Thorgerd for wife against her will” (Ibidem).

da análise da figura de Hallgerd.

Gudrun é a figura na qual a saga Laxdaela desenrola a linha principal do seu fio narrativo, aprofundando suas motivações, casamentos, frustrações e características, como sua inteligência. Apesar de não ser dita como a protagonista da saga, Hallgerd é também essencial para o desencadear de acontecimentos da saga de Njáll. Ambas são exaltadas por sua beleza, não são consultadas em seus primeiros casamentos, que acaba de modo ainda mais desastroso para Hallgerdr, e são responsáveis, de modo direto ou indireto, pela morte dos seus terceiros maridos. Além disso, Hallgerdr faz parte da mesma família principal da saga Laxdaela: Hallgerd é filha de Hoskuldr, sendo então tia de Bolli e Kjartan. Hallgerd é, portanto, irmã do sogro de Gudrun.

Como abordamos no capítulo anterior, a saga de Njáll segue padrões cíclicos que nos indicam acontecimentos previamente, do mesmo modo que na saga Laxdaela. Em relação à Hallgerd, todos os seus três maridos, Thorvald, Glum e Gunnar, haviam dado um tapa em seu rosto. Foram estes tapas que, de forma direta ou indireta, culminou na morte de todos eles.

No seu primeiro casamento, Hallgerdr é casada com Thorvald, de modo que Hoskuldr, apesar de alertar sobre o temperamento difícil de sua filha, realiza o acordo de casamento juntamente ao noivo.

Porvaldr respondeu: “Faze uma oferta, pois não deixarei que o temperamento difícil dela seja um obstáculo para nosso acordo”. Em seguida discutem o acordo, e Hoskuldr não consulta sua filha sobre o assunto, pois está determinado a casá-la, e eles chegam a um acordo sobre todo o negócio. Depois Hoskuldr estendeu a mão e Porvaldr apertou-a, e ele noivou com Hallgerðr, e cavalgou de volta para casa com isso feito⁸⁴.

Do mesmo modo que Gudrun, Hallgerdr tem seu primeiro casamento acordado sem o seu consentimento.

Hoskuldr contou do acordo a Hallgerðr; ela falou: “Agora finalmente certifiquei-me do que há tempos venho suspeitando, de que tu não me amas tanto quanto sempre disseste, uma vez que não julgaste digno que este assunto fosse discutido comigo; e este arranjo não me parece tão notável como me havias prometido;” – e estava nítido que ela se sentia mal casada. Hoskuldr falou: “Eu não anuo aprovo tanto a este teu orgulho a ponto de deixar que ele se torne um obstáculo para meus negócios, e eu decidirei, e não tu, se nós discordarmos.” “É grande a arrogância dos meus parentes,”

⁸⁴ MOOSBURGER, 2014, p. 109.

diz ela, “e não é de se espantar que eu tenha um pouco dela” – e afastou-se em seguida⁸⁵.

Este trecho, apesar de curto, indica-nos pontos importantes acerca da visão do trato do casamento na saga de Njáll. O primeiro ponto é que Hallgerd ao descobrir do acordo que seu pai fez sem a consultá-la questiona o amor que o pai sente por ela e critica a escolha do pai, que estaria casando-a abaixo do nível de noivo que ela mereceria. Na saga Laxdaela, é narrado que Gudrun está magoada com seu pai por não ser considerada no seu primeiro acordo de casamento, mas, diferente de Hallgerdr, ela não critica claramente a decisão do seu pai diretamente a ele, mas, inteligentemente, busca uma justificativa para o divórcio posteriormente. O segundo ponto a ser destacado é a posição de Hoskuld diante do questionamento da filha: o orgulho de Hallgerdr não o impedirá de seguir suas decisões e que é a palavra dele que prevalece entre um conflito entre os dois. O casamento é um negócio, é, acima de tudo, um acordo para consolidação de alianças entre famílias, que perpassa a decisão da tutela masculina e que, diante do impasse entre filha e pai, é a decisão do último que deverá triunfar. Além deste desentendimento, a saga de Njáll narra que Hrútr, irmão de Hoskuld, ao saber do acordo afirma que este casamento não trará benefícios a nenhum deles.

Diante então da decepção do seu casamento, Hallgerdr vai até Þjóstólfr, seu pai de criação, e ele diz “sê de bom ânimo: serás dada em casamento uma segunda vez, e então serás consultada sobre o acordo; pois em toda parte farei tua vontade, exceto onde teu pai ou Hrútr estiver”⁸⁶. Þjóstólfr então, apesar de ser seu pai de criação e desejar acatar as vontades de Gudrun, não pode transpassar os desejos e decisões de seu pai e seu tio, mas afirma que ela deverá se casar novamente e ser consultada sobre o futuro acordo.

O casamento ocorre, mas a saga de Njáll fornece à audiência diversos indícios de que aquela relação não terminará bem, mas o primeiro e mais importante fator para isto foi a falta do consentimento de Hallgerdr.

Hallgerðr fez grandes provisões para o inverno e foi magnânima, e, não bastasse isso, demandava tudo que os outros tinham na vizinhança, e era pródiga com tudo; e, quando chegou a primavera, as provisões da dispensa escassearam, e faltou tanto farinha quanto peixes secos. Hallgerðr foi ter com

⁸⁵ MOOSBURGER, 2014, p. 110.

⁸⁶ Ibidem.

Porvaldr e falou: “Não haverás de quedar-te sentado para sempre, posto que o lar precisa tanto de farinha quanto de peixes secos.” Porvaldr falou: “Eu não abasteci a casa com menos do que de costume, e as provisões sempre duravam até o verão.” Hallgerðr falou: “Não me importa que tu e teu pai tenhais passado fome para acumular bens.” Então Porvaldr se enfureceu e acertou-lhe o rosto, de modo que ela sangrou, e em seguida se foi e reuniu os homens do lar, e eles deitaram um esquife à água, e oito homens embarcaram nele e remaram até as ilhas Bjarneyjar; foram lá apanhar sua farinha e peixes secos⁸⁷.

Como esperado pela audiência, ocorre um desentendimento entre os noivos. O relato desse ocorrido também nos fornece a ideia da divisão de papéis, à mulher cabe a organização dos mantimentos da casa, porém, ao homem caberia prover tais insumos. Thorvald, diante dos grandes gastos de Hallgerdr e ao ser acusado de passar fome para acumular bens, então a agride no rosto, o que gera um corte.

“ele nada disse em resposta, e remou até chegar de volta à costa, e varou o barco e retornou para casa empunhando o machado, que estava muito ensanguentado. Hallgerðr encontrava-se do lado de fora e falou: “Teu machado está ensanguentado; que praticaste?” “Agora acabei de fazer,” diz ele, “com que te possas casar uma segunda vez.” “Estás a dizer que Porvaldr está morto,” ela diz. “Assim é,” disse ele, “e pensa agora num plano para mim.” “Assim será,” disse ela; “desejo enviar-te a Bjarnarfjörðr, ao norte, para Svanshól, e Svanr te acolherá de braços abertos; e ele é tão poderoso que lá ninguém há de apanhar-te”⁸⁸.

Hallgerd relata o ocorrido para Porvaldr, seu pai adotivo, e questiona se este realmente se importa com ela, visto que estava por perto para impedir tal acontecimento. Como indicado para a audiência através do não consentimento de Hallgerdr, do mal presságio de Hrútr e da descrição violenta do caráter de Þjóstólfr, chega ao fim o primeiro casamento de Hallgerdr quando Þjóstólfr então decide matar Thorvald e assim o faz. Também é importante destacar que Þjóstólfr ao relatar o assassinato a Hallgerdro faz destacando que a partir daquele momento Hallgerdr poderá se casar mais uma vez, como havia dito ao confortá-la ao saber do acordo de casamento inicialmente.

Desse modo, mais um casamento em que as filhas expressaram explicitamente seu descontentamento em não serem consultadas resultaram em desgraça. Hallgerdr, assim como Gudrun, é uma mulher descrita como extremamente bela e que questiona constantemente o papel que lhe é imposto.

⁸⁷ MOOSBURGER, 2014, p. 111.

⁸⁸ Ibidem, p. 112.

A partir disso, é narrado o interesse de Glúmr em casar com Hallgerdr. Porém, Glúmr é alertado por seu irmão de que esta não seria uma boa pretendente, visto que Hallgerdr armou a morte de seu primeiro marido. Apesar do conselho de seu irmão, Glúmr está decidido em buscar um acordo de casamento com Hoskuldr.

“E isso não deve ser realizado como outrora, com Hallgerðr alheia ao caso; ela deve saber de todo este acordo e ver Glúmr e decidir por si própria se o quer ou não, e que ela não venha a culpar outrem, se as coisas não se saírem bem; isso tudo deve ser realizado sem artimanhas.” Þórarinn disse: “E agora, como de costume, o melhor a fazer é seguir o teu conselho.” Então Hallgerðr foi chamada, e lá chegou acompanhada de duas mulheres; ela estava coberta com um manto azul tecido e, por baixo dele, trajava uma túnica escarlate e estava cingida com um cinto de prata, e a cabeleira lhe escorria sobre o peito, de ambos os lados, atingindo-lhe a cintura. Sentou-se entre Hrútr e seu pai; saudou a todos com boas palavras e pronunciou-se bem e de modo notável, e perguntou quais eram as novas; então parou de falar. Glúmr disse: “Eu e meu irmão Þórarinn estávamos conversando com teu pai sobre um acordo, a fim de que eu te recebesse, Hallgerðr, como mulher, caso seja a tua vontade conforme é a deles. Tu podes ora dizer, pois és notável, se a ideia te agrada de algum modo; mas, se não estás nem um pouco disposta a fazer conosco este acordo, então nós também não queremos discutir nada.” Hallgerðr falou: “Eu sei que vós irmãos sois homens muito valorosos, e também sei que estarei agora muito mais bem casada do que antes; mas quero saber sobre o que já conversastes e quanto já avançastes no negócio. Mas me dás a impressão de que poderei amar-te muito, caso selemos o acordo.” Glúmr lhe disse sobre todo o acordo e nada lhe ocultou nem mudou, e então perguntou a Hoskuldr e Hrútr se fizera corretamente o relato. Hoskuldr disse que sim. Hallgerðr falou então: “Já que agistes tão bem comigo, pai e Hrútr, nesta questão, eu desejo fazer a vossa vontade, e esse acordo de casamento há de concretizar-se nos termos que estipulastes.” Então falou Hrútr: “Então me parece aconselhável que eu e Hoskuldr nomeemos testemunhas, e que Hallgerðr se prometa ela própria, caso isso pareça correto ao jurisperito.” “Está correto,” disse Þórarinn. Em seguida, os bens de Hallgerðr foram avaliados, e Glúmr haveria de dispor de igual quantia, e o casamento seria uma sociedade com divisão igual de bens⁸⁹.

Hrútr, irmão de Hoskuldr, dessa vez também participa do acordo de casamento e aconselha que, caso o casamento seja firmado, que Þjóstólfr não acompanhe o casal e que Hallgerdr dessa vez deve ser consultada. O conselho de Hrútr é que a decisão final sobre o casamento seja então de Hallgerdr, de modo que, caso haja algum problema, não haverá outro culpado se não ela. Hallgerdr é então chamada, Glúmr lhe conta os detalhes da conversa com seu pai e tio e de que cabe a ela a resolução do acordo. Hallgerdr afirma que a proposta a agradou, visto que o seu pretendente é um homem de alto valor, em oposição ao seu primeiro marido, que estava abaixo de suas expectativas. Entretanto, o fator decisivo para a resposta

⁸⁹ MOOSBURGER, 2014, p. 116.

positiva de Hallgerdr para a proposta de acordo foi o conselho de Hrútr em consultá-la para a decisão. “Já que agistes tão bem comigo, pai e Hrútr, nesta questão, eu desejo fazer a vossa vontade, e esse acordo de casamento há de concretizar-se nos termos que estipulastes”. A partir do momento em que Hallgerdr toma conhecimento de que seus tutores, parentes homens, depositaram nela o consentimento para o avanço do acordo, ela decide seguir em frente com a proposta e com os desejos deles. Desse modo, há um grande contraste em como se deu o primeiro e o segundo casamento de Hallgerdr, a sua postura em aceitar o casamento não partiu apenas dela julgar Glúmr um pretendente adequado, mas de ter sido consultada, deixando claro que isto a motivou a acatar o desejo de seu pai e seu tio. Hallgerðr então promete, ela própria, a Glúmr e o acordo fixa que no casamento haverá uma divisão igual de bens. Glúmr e Hallgerðr tiveram uma filha, Þorgerðr, descrita como bela como sua mãe, e, como esperado de um acordo que leva em consideração o consentimento da mulher, a saga narra explicitamente que o casal nutria uma boa relação um com outro: “Glúmr e Hallgerðr entendiam-se bem”⁹⁰.

Em relação a Þjóstólfr, este, que Hrútr afirma que deve permanecer distante do novo casal, estava na celebração do casamento com tom provocador, indicando que estava insatisfeito com o decorrer dos acontecimentos.

É também necessário frisar que Þórarinn, irmão de Glúmr, pergunta a Hallgerðr se esta desejaria tomar conta da casa, ao qual ela nega. Como dito anteriormente, ambas sagas explicitam que o âmbito privado e doméstico cabe à mulher. Desse modo, a administração da casa e seus mantimentos era função da esposa. É deste cenário que surge a figura da mulher escandinava medieval que carregava em sua cintura as chaves das dispensas, que estavam sob seu domínio⁹¹. Foi do excesso de gastos e da crítica à falta de mantimentos que houve o desentendimento entre Hallgerdr e seu primeiro marido, que acabou morto por lhe dar um tapa. A saga de Njáll então relata que “Hallgerðr controlou-se bastante durante o inverno, e não causou desgostos”⁹². Há então um esforço por parte de Hallgerðr de ser adorável, desejável, evitando conflitos, um contraste com o seu comportamento do casamento anterior.

Entretanto, após um desentendimento com Hoskuld, Þjóstólfr parte em busca

⁹⁰ MOOSBURGER, 2014, p. 118.

⁹¹ Ibidem.

⁹² Ibidem.

de proteção e estadia em Hallgerdr. O contraste do comportamento de Hallgerdr entre o segundo e primeiro casamento mais uma vez se sobressai, de modo que ela afirma que ela não poderia lhe abrigar antes de conversar com seu esposo. Ao ser questionado por seu pai de criação sobre como estava o casamento, Hallgerdr responde que estão “bem enamorados”⁹³.

depois disso, foi ela ter com Glúmr, e envolveu-lhe o pescoço com o braço e falou: “Tu me concederás um pedido que tenho para fazer-te?” “Conceder-te-ei, se te for honroso,” diz ele, “mas qual é o pedido?” Ela falou: “Þjóstólfr foi expulso de casa lá do oeste, e eu gostaria que tu lhe permitisses permanecer aqui. Mas não desejo opor-me, caso a ideia não te agrade.” “Agora que te portas tão bem, conceder-te-ei o pedido, mas te digo que, se ele vier a portar-se mal, será mandado embora imediatamente.” Ela vai até Þjóstólfr e lhe conta isso. Ele respondeu: “Tu ages bem como sempre, conforme era esperado.” Em seguida ele se alojou por lá, e permaneceu quieto por um tempo, até que se pôs a estragar tudo. Não poupava ninguém, tão somente Hallgerðr, mas ela nunca o defendia quando ele se envolvia com outros. Þórarinn censurou o irmão Glúmr por haver permitido que ele ficasse lá, e disse que isso acabaria mal e que ocorreria como outrora, caso ele permanecesse por lá. Glúmr concordou, porém deixou que tudo continuasse conforme havia já antes decidido⁹⁴.

A escolha do narrador em contar que Hallgerdr ao falar com Glúmr colocou os seus braços em seu pescoço pode indicar a tentativa de Hallgerdr em seduzir, encantar e agradar seu marido para que lhe seja favorável à decisão. A saga também narra que Gunnhildr envolveu o pescoço com os braços, dando-lhe um beijo, quando, quando lançou a ele a sua condenação a não sentir prazer com a mulher que fosse encontrar na Islândia.

Glúmr então acata o pedido de Hallgerdr com a justificativa de que ela está se comportando bem. Entretanto, um dos conselhos de Hrútr para o acordo de casamento entre os dois, era a distância que Glúmr e Hallgerðr deveriam manter de Þjóstólfr, alerta que é ressaltado pelo seu irmão, Þórarinn. A saga então inicia os indícios de que mais uma vez o desastre irá transcórrer sobre o casamento de Hallgerdr. A partir disso é narrado um desentendimento entre Glúmr e Þjóstólfr, e Glúmr, ao relatar o ocorrido para Hallgerðr, enfurece-se e dá-lhe um tapa no rosto ao hallgerdr defender Þjóstólfr. A partir desse tapa, Hallgerdr desaba em choro, visto o grande amor que nutria por seu marido. Þjóstólfr ao ver o que ocorreu a Hallgerdr afirma que isto não deve acontecer mais, porém Hallgerdr afirma que nada ele deverá

⁹³ MOOSBURGER, 2014, p. 119.

⁹⁴ Ibidem.

fazer, não se envolvendo entre o casal e não vingando o tapa. Há então mais um contraste entre o primeiro e o segundo casamento: no primeiro tapa, apesar do semblante abatido, Hallgerdr não chora profundamente e incita e provoca Þjóstólfr a agir. Após o tapa de Glúmr, o narrador demonstra claramente os sentimentos de Hallgerdr, que chora extensivamente, destacando o amor dela por seu marido. Desta vez, Hallgerdr assume o papel oposto, pedindo que Þjóstólfr nada faça. Entretanto, há um novo conflito entre as partes e Þjóstólfr mata Glúmr, de modo que saga então constrói na audiência o ápice do que viria a ser seu assassinato.

Hallgerðr estava fora de casa e viu que o machado estava ensanguentado. Ele lhe atirou a pulseira de ouro. Ela falou: “Que notícias vens contar-me? Por que teu machado está ensanguentado?” Ele respondeu: “Não sei como te parecerá: anuncio-te o homicídio de Glúmr.” “E tu deves ser o responsável.” “Assim é,” diz ele. Ela riu e falou: “Tu não és um qualquer nesse jogo.” “Que plano tens para mim agora?” ele disse. “Vai até Hrútr, irmão de meu pai,” ela diz, “e possa ele tomar conta de ti.” “Eu não sei,” disse Þjóstólfr, “se isso é um bom plano, contudo farei conforme me aconselhas neste caso”⁹⁵.

A saga de Njáll então traça um paralelo narrativo, assim como saga de Laxdaela também o faz, entre o relato do assassinato. Mais uma vez Þjóstólfr se aproxima com o seu machado ensanguentado e ao ser questionado por Hallgerdr, anuncia o assassinato, “assim é”, e pede para que ela crie um plano para ele se proteger da punição daquele ato. Diferente da resposta do primeiro assassinado, Hallgerdr ao saber da morte de Glúmr ri. Isto para a audiência atual pode parecer como uma ação contraditória, mas quando analisamos a reação de Hallgerdr a morte de seu primeiro marido, esta não ri ou sorri. Entretanto, de modo parecido, Gudrun ao saber da morte de Bolli, seu terceiro marido, sorri para os algozes e conversa com eles. O que causa inicialmente estranheza e soa como indiferença à morte de seu marido, na verdade se prova, como a suspeita de Halldor, de que Gudrun estava coletando informações para, depois de 12 anos, vingar seu marido. A risada de Hallgerdr não deve ser, portanto, interpretada necessariamente como uma indiferença ou satisfação pela morte de Glúmr, mas o contrário, visto o destaque que a narrativa traz para seu amor para com ele e o contraste com sua reação à morte de seu primeiro marido. Þjóstólfr ao anunciar a Hrútr a morte de Glúmr e dizer que foi até ele pois Hallgerðr o enviou é morto por ele. Hrútr, ao qual é destacada sua perspicácia na

⁹⁵ MOOSBURGER, 2014, p. 120.

narrativa, compreende que se Hallgerdr enviou Þjóstólfr até ele então ela, dessa vez, não é responsável pela morte de seu marido. A risada de Hallgerdr, na verdade, indica-nos que, assim como Gudrun em seu sorriso, transcorre um plano por trás de suas ações que culminará na morte e na vingança dos algozes de seus respectivos maridos. Apesar de ter sido um casamento com fim desastroso, é notória a diferença de tratamento de Hallgerdr entre o seu primeiro e segundo casamento. Neste ela busca desde o início não contrariar seu esposo, o que não a impediu de persuadi-lo de maneira inteligente, e não fomentou sua morte, buscando, na verdade, vinga-lo, enviando Þjóstólfr para o seu tio. A risada dela é um sinal para a audiência de que há algum significado que transcorre sua motivação, que depois é então melhor explicada com a fala e ação de Hrútr, que entende o desejo de Hallgerdr e vinga Glúmr.

É válido também ressaltar a destacada insatisfação de Þjóstólfr na narrativa com os casamentos de Hallgerdr.

O contentamento conjugal de Hallgerdr com Glúmr é quebrado pelo ciúme sexual de seu pai adotivo[...] Þjóstólfr destrói todos os outros relacionamentos para Hallgedr, na esperança de que os dois possam voltar àquela antiga confederação, quando ele era seu confidente mais próximo, o único homem que ela precisava para servi-la⁹⁶.

Após o primeiro casamento de Hallgerdr, Þjóstólfr afirma que ela ainda irá ter um segundo marido. Já no segundo casamento, é descrito sua inquietude na celebração dela com Glúmr, mesmo ela estando satisfeita com o novo acordo. Esses fatores, assim como assassinato de ambos os noivos, indicam que o próprio Þjóstólfr nutria sentimentos por Hallgerdr e gostaria ele de se casar com ela. Em função disso, ele julga os noivos de Hallgerdr como incompetentes e inferiores a ele, matando-os.

Gunnarr é então introduzido na narrativa da saga de Njáll, este será um dos personagens centrais da obra. A saga de Njáll destrincha bem a descrição de Gunnar, destacando seus adjetivos e grandeza. Gunnar é dito enquanto um homem extremamente forte, ágil, belo, valente e o melhor de todos com o arco e flecha. A descrição de Gunnar é semelhante a de Kjartan na saga Laxdaela, tornando nítido que como estes personagens não há semelhantes dentro daquela narrativa.

⁹⁶ “Hallgerdr’s marital contentment with Glúmr is broken by the sexual jealousy of her fosterfather [...] Fulano destroys all other relationships for Hallgedr, in the hope that the two of them may revert to that old confederacy, when he was her closest confidant, the only man she needed to serve her” (DRONKE, Ursula. *The Role of Sexual Themes in Njal's Saga*. London: Viking Society for Northern Research, 1981, p. 17).

Logo após sermos introduzidos a Gunnar, a saga nos apresenta o personagem ao qual leva o título da obra: Njáll. Njáll é descrito como belo, porém sua falta de barba é destacada como uma de suas características. Entretanto, o aspecto de Njáll, diferente da força e proeza com armas de Gunnar, é o seu conhecimento legal. Ele era o melhor conselheiro, tendo o maior conhecimento acerca da legislação islandesa, e previa o futuro, sendo também muito bondoso. Njáll era casado com Bergþóra, que tinha um temperamento considerado difícil.

Gunnar e Njáll nutrem uma profunda amizade, de modo que o conselheiro auxilia Gunnar em uma ação contra Hrútr.

Gunnar posteriormente conhece Hallgerdr na assembleia e conversa com ela. Encantado por sua beleza e com o diálogo que aflorou entre os dois, Gunnar pergunta se ela era solteira e qual seria sua resposta caso a quisesse casar com ela. Porém, Hallgerdr o alerta que muitos não estão dispostos a se relacionar com ela, mas caso ele queira casar-se com ela deverá ir conversar com seu pai.

Hrútr respondeu: “Não me parece um casamento parelho.” “O que te faz pensar assim?” diz Gunnarr. Hrútr falou: “Responder-te-ei com sinceridade: és um homem valente e valoroso, ao passo que ela é muito maculada, e não desejo enganar-te em nada.” “Tua intenção deve ser boa,” diz Gunnarr, “porém considerarei certo que levas em conta nossa antiga inimizade se não desejares conceder-me o pedido.” “Não é isso,” diz Hrútr, “é mais que eu vejo que tu não podes resistir. E, ainda que não selemos o acordo de casamento, desejamos ser teus amigos.” “Eu já conversei com ela, e isso não lhe contraria a vontade,” diz Gunnarr. “Eu sei que será para vós ambos um casamento desejado, e sois vós dois que mais se arriscas com o que pode suceder.” Hrútr conta espontaneamente a Gunnarr tudo que diz respeito ao temperamento de Hallgerðr, e num primeiro momento Gunnarr julgou que eram muitas as falhas, mas, no fim, acabaram por selar o acordo de casamento. Hallgerðr foi então chamada, e tudo foi discutido na sua presença. Eles agora agiram como outrora, e ela própria se prometeu. [...] Njáll demonstrou preocupação com relação ao acordo. Gunnarr perguntou lhe o que o fazia considerar tão desaconselhável o negócio. “Dela partirá todo o mal, quando vier aqui para o leste,” diz Njáll. “Ela jamais estragará a nossa amizade,” diz Gunnarr. “Não, mas será por pouco,” diz Njáll, “contudo, terás sempre que pagar compensações por ela”⁹⁷.

Ao receber inicialmente uma resposta negativa de Hrútr, tio de Hallgerdr, Gunnar julga que isto ocorre pela ação que ele anteriormente moveu contra este. Entretanto, Hrútr afirma a Gunnar que ele não está em igualdade com Hallgerdr, que esta, em contraposição a ele, não tem honra e outras qualidades que vemos em

⁹⁷ MOOSBURGER, 2014, p. 139.

Gunnar. Gunnar conta então que havia conversado com Hallgerdr e que ela não se impôs contra o acordo. Apesar das advertências de Hrútr, Gunnar permanece interessado e Hallgerdr jura ela própria a Gunnar, como em seu segundo casamento.

Apesar do consentimento de Hallgerdr na relação, a oposição de Hrútr ao casamento e a fala de Njáll, que é descrito como o mais astuto e advinho, de que de Hallgerdr decorrerá todo o mal indica à audiência que mais uma vez o casamento irá terminar em tragédia. O casamento ocorreu e é dito que “Hallgerdr assumiu a administração do lar e foi pródiga e enérgica”⁹⁸.

Devido a grande amizade entre Gunnarr e Njáll, eles criaram o costume de receber um ao outro no período de inverno. Gunnarr e Hallgerðr permanecem um tempo com Njáll até que chega Helgi, filho de Njáll, e Þórhalla, sua esposa. Bergþóra, esposa de Njáll, ordena que Hallgerdr dê seu lugar a Þórhalla

“não darei nenhum lugar, pois não desejo ser uma velha de canto.” “Eu decidirei aqui,” disse Bergþóra. Em seguida Þórhalla se sentou. Bergþóra levou à mesa a água para lavar as mãos. Hallgerðr segurou a mão de Bergþóra e falou: “Sois um belo casal, tu e Njáll: tu tens unhas retorcidas em todos os dedos, e ele é imberbe.” “Isso é verdade,” disse Bergþóra, “mas nenhum de nós dois culpa o outro por isso; mas teu marido Þorvaldr não era imberbe, e, não obstante, mandaste matá-lo.” “De pouco me serve,” diz Hallgerðr, “ser casada com o mais valente homem da Islândia, se tu não vingares isso, Gunnarr.” Ele sobressaltou e subiu na mesa e falou: “Irei para casa, e é mais cabido altercares com as pessoas de tua casa, e não no lar de outros homens, e, além disso, eu devo muitas honrarias a Njáll, e não cairei como um tolo em tuas incitações.” Depois disso, Gunnarr e Hallgerðr retornaram para casa. “Lembra-te, Bergþóra,” disse Hallgerðr, “que nós não encerramos isso ainda”⁹⁹.

É neste momento que se inicia o conflito entre Hallgerdr e Bergþóra, o que colocará à prova a amizade de Gunnar e Njáll. É importante frisar também que ambas as sagas aqui analisadas destacam em suas narrativas os assentos de seus personagens. Também foi uma mudança no local de assento que fez com que aflorasse ainda mais em Gudrun a sua aversão a Hrefna, perdendo o assento mais nobre e alto para ela, a pedido de Kjartan, seu marido. Hallgerdr então toma como uma ofensa a ordem de Bergþóra de abrir mão de seu lugar para outra mulher, Þórhalla. Abrir mão de seu lugar implica em uma diminuição de sua honra e valor, Hallgerdr não quer ser confundida enquanto uma velha escanteada, sem serventia.

⁹⁸ Ibidem, p. 142.

⁹⁹ Ibidem.

Em sua casa, Bergþóra reafirma sua posição e decisão, o que Hallgerdr responde com um insulto ao casal. Como veremos posteriormente, o insulto desempenha um papel crucial nas sagas, de modo a demonstrar o descontentamento e inconformidade com a situação, mas, principalmente, como um fator provocador e incitador, que indica que mais conflitos estão por vir. Hallgerdr insulta Njáll e Bergþóra no que tange diretamente ao que é esperado dentro dos papéis e expectativas das relações de gênero. Njáll não possui barba, o que seria uma característica feminina, enquanto sua esposa, Bergþóra, não possui a beleza esperada de uma mulher. O homem é corajoso, forte e viril, pronto para exercer sua força bélica e sexual aos outros para defender a sua honra e penalizar os que a feriram. Hallgerdr insulta a masculinidade de Njáll, questionando-a. Bergþóra responde então com um novo insulto diretamente a Hallgerdr, destacando que, apesar da barba de Þorvaldr, este ainda teve sua morte encomendada por ela. O envolvimento de Hallgerdr na morte de seu primeiro marido é então constantemente lembrado como algo vergonhoso, sendo motivos de insulto e de alerta para os seus outros pretendentes. A agressão que ela sofreu, o tapa em seu rosto, por seu marido nunca é mencionado como defesa por parte de Hallgerdr, seu dever enquanto esposa deveria ter permanecido com ele e honrá-lo.

É da defesa pela honra que o casal deveria nutrir um pelo outro que Hallgerdr se frustra com Gunnar.

Ela sabia que ele a rejeitou em seu coração desde o momento em que ele se recusou a defender sua dignidade em um feito na casa de Njall: quando ele escolheu se aliar a Njall e não a ela. Hallgedr não procura provocar, mas provocou, ela revida¹⁰⁰.

Diferente de Kjartan na saga Laxdaela que deixa evidente que o assento de sua esposa deve ser o mais honrado, Gunnar é criticado por Hallgerdr por ser o mais valente e corajoso da ilha, mas mesmo assim não defender sua esposa. A narrativa então indica a audiência, mesmo antes de Gunnar dar um tapa em Hallgerdr, o que serviu como um mecanismo de alerta para seus casamentos anteriores, que Hallgerdr não irá se dar por satisfeita com Gunnar e Bergþóra.

É a partir desse cenário que se segue uma série de assassinatos ordenados

¹⁰⁰ “She knew he had rejected her in his heart from the moment when he refused to defend her dignity at a feat at Njall’s home: when he chose to ally himself with Njall and not with her. Hallgedr does not seek to provoke, but it provoked, she retaliates” (DRONKE, 1981, p. 21).

por Hallgerdr e Bergþóra, que se inicia com a morte de Svartr, servo doméstico de Njáll e Bergþóra, por Kolr, supervisor de trabalho de Hallgerdr. Apesar das mortes incitadas por ambas na busca por vingança e defesa da honra, Njáll e Gunnar mantêm a amizade e ordenam a arbitragem dos casos legalmente. Desse modo, a visão de Njáll de que o mal surgirá devido à presença de Hallgerdr se concretiza.

Posteriormente, a saga de Njáll narra que houve um período difícil de produção, que gerou uma grande fome. Gunnar então buscou comprar feno e comida de Otkell em Kirkjubær, que recusa o pedido. Njáll ajuda Gunnar fornecendo tudo que ele precisa.

Gunnar vai até a assembleia no verão e hospedou diversos homens em sua casa. Hallgerdr ordena que o escravo Melkólfr vá até Kirkjubær roubar comida e incendiar o restante do galpão. Inicialmente o escravo recusou o pedido, mas depois concordou diante da ameaça de morte de Hallgerdr. Após o roubo, Hallgerðr levou a comida para a mesa e Gunnar percebe que aqueles alimentos não são provenientes de sua produção e compra.

Gunnar [...] perguntou a Hallgerðr de onde vinha aquilo. “De onde tu podes bem comer,” diz ela, “afinal não é assunto para um homem preocupar-se com o preparo de alimentos.” Gunnar enfureceu-se e falou: “A coisa vai mal se estou desfrutando de algo roubado,” – e dá-lhe um tapa no rosto. Ela disse que se lembraria daquele tapa e que o repagaria, se pudesse¹⁰¹.

Este breve trecho é valioso por diversas razões. A primeira é que mais uma vez a saga nos indica que o papel cabível da mulher é relativo ao cuidado doméstico. Gunnar foi o responsável por ir buscar os mantimentos, através de Otkell e Njáll, mas o preparo de alimentos assim como a organização dos aspectos relativos ao recebimento de convidados caberia à Hallgerdr. Além disso, é neste trecho que o destino de Gunnar é selado. Apesar dele já ter decepcionado Hallgerdr anteriormente, sem defendê-la frente a Bergþóra, é o tapa que marca o seu fim, assim como nos casamentos anteriores de Hallgerdr. A audiência já está então familiarizada com o que está por vir, o que se confirma com a ameaça de Hallgerdr de que ela não apenas não esquecerá aquele tapa, como também o irá retribuir. Diferente do seu segundo marido, que a bateu, mas ela o amava e não desejava sua morte, Hallgerdr torna explícito seu desejo de vingança de Gunnar. Apesar de ter casado com ele sendo consultada, a

¹⁰¹ MOOSBURGER, 2014, p. 162.

decepção pela falta de coragem de Gunnar em defender sua honra de Bergþóra e pelo tapa por ela vingar-se da negativa de venda de Otkell roubando-o definiu o comportamento que ela teria a partir daquele momento. A saga então sela o destino de Gunnar para a audiência através do tapa e retoma o seu primeiro capítulo, em que Hrútr alerta Hoskuld sobre os olhos de ladra de Halgerdr.

Posteriormente, surge um novo conflito entre Gunnar e Otkell, que acaba sendo morto por Gunnar. Gunnar e Kolskegg matam Otkel e Skammkel junto com seus aliados, cientes de que enfrentarão consequências na Assembleia. Mais tarde, Gunnar é desafiado para um confronto a cavalo contra um homem chamado Starkad, que gera mais um conflito. Entretanto, Njal adverte que Gunnar nunca deve matar dois membros de uma mesma família, pois isso acarretará em sua própria morte. Mord Valgardson então aproveita a situação e planeja incitar Gunnar a matar Thorgeir, filho de Otkell, para que a predição de Njal se concretize. Mord une Thorgeir Starkadarson, filho do homem que provocou Gunnar para a luta de cavalos, com Thorgeir Otkelsson, filho de Otke, para que se juntem em um ataque a Gunnar. Após o plano de Mord se desenrolar conforme o esperado, Gunnar recebe como punição sua expulsão da Islândia por três anos. Embora inicialmente disposto a acatar a decisão, Gunnar, ao contemplar sua bela propriedade, decide retornar para casa. O descumprimento do acordo torna então Gunnar sujeito ao ataque de qualquer homem.

ele olhava para o alto, na direção da colina e da fazenda de Hlíðarendi, e falou: “É bela a colina, tanto quanto jamais se me mostrou bela, os campos de trigo pálidos e o quintal mondado, e eu cavalgarei de volta para casa e não irei a lugar nenhum.” “Não dê tamanha alegria a teus inimigos,” diz Kolskeggr, “quebrando o teu acordo, pois que ninguém esperaria isso de ti. E podes acreditar que tudo se dará conforme disse Njáll.” “Não irei a lugar nenhum,” diz Gunnarr, “e assim eu gostaria que tu também fizesses.” “Não será assim,” diz Kolskeggr; “não hei de quebrar minha palavra nesse acordo, nem em qualquer outro que me seja confiada; e isso será a única coisa que nos separará, mas dize aos meus parentes e à minha mãe que não pretendo rever a Islândia, pois receberei a notícia da tua morte, irmão, e então nada haverá que me faça viajar para cá.” Separam-se aqui, e Gunnarr cavalga de volta para casa em Hlíðarendi, enquanto Kolskeggr segue para o navio e deixa a terra. Hallgerðr alegrou-se com o retorno a casa de Gunnarr, mas a mãe dele quedou-se reticente. Gunnarr permanece agora em sua casa aquele outono e o inverno, e não tem muita gente à sua volta. E agora termina o inverno¹⁰².

¹⁰² MOOSBURGER, 2014, p. 197.

Gunnar já havia partido antes ao exterior, mas por vontade própria. Diante de uma partida forçosa e da beleza que nutria pela ilha, pela primeira vez na narrativa, agiu como um homem desonrado, quebrando o acordo que havia firmado. É interessante traçar também um paralelo entre Gudrun e Gunnar. Gudrun deseja partir com Kjartan e deixa claro que não nutre pela Islândia nenhuma importância, diferente dela, Gunnar arrisca sua própria vida pelo amor que conserva no local que cresceu e que criou sua família. O irmão de Gunnar e sua mãe ficam tristes com a decisão dele, pois sabem que isto implicaria em sua morte, como previsto por Njáll, em contraposição, é descrito que Hallgerdr está feliz com a decisão do marido. Ao tomarem conhecimento da permanência de Gunnar, seus inimigos se juntam para organizar uma investida contra ele. Njáll então, mais uma vez, busca ajudar seu amigo, alertando-o e oferecendo seus próprios filhos para lutarem e protegerem Gunnar. Este agradece, mas recusa a oferta de Njáll, visto que ele não deseja ser o causador da morte dos filhos de seu amigo.

nesse momento, Þorbrandr Þorleiksson pula sobre a cobertura da casa e acerta um golpe que corta ao meio a corda do arco de Gunnarr. Gunnarr agarra com ambas as mãos a alabarda e se volta contra ele velozmente e o trespassa e o atira para longe do telhado. Então Ásbrandr, seu irmão, salta para lá; Gunnarr acerta-o com a alabarda, e ele se protege com o escudo; a alabarda atravessa o escudo e os braços; Gunnarr torce a alabarda, de modo que o escudo se despedaça e os braços se quebram, e ele cai do alto da casa. Gunnarr até então já ferira oito homens, e matara dois; então Gunnarr recebeu dois ferimentos, e todos os homens contam que ele não estremeceu nem com os ferimentos nem com a morte. Ele falou para Hallgerðr: “Concedeme duas madeixas de tua cabeleira, que minha mãe as trançará para fazerme uma corda para o arco.” “Disso depende algo para ti?” diz ela. “Minha vida depende disso,” diz ele, “pois que eles jamais lograrão atacar-me enquanto eu puder fazer uso do arco.” “Então é agora,” diz ela, “que eu te recordarei daquele tapa, e pouco me importa se tu te poderás defender por mais ou menos tempo.” “Cada um tem algo para a sua excelência,” diz Gunnarr, “e não to pedirei novamente.” Rannveig falou: “Ages pessimamente, e tua infâmia será lembrada por muito tempo.” Gunnarr defende-se bem e bravamente e fere agora outros oito homens com chagas tão grandes que em muitos deles infligiu a morte. Gunnarr se defende até que se lhe partem as forças. Eles lhe desferiram então muitas chagas grandes, mas mesmo assim ele se livrou das mãos deles e se defendeu ainda por muito tempo, até que, por fim, acabaram por matá-lo¹⁰³.

A emboscada contra Gunnar ocorre e ele é morto, assim como previu Njáll. Mjörðr sugere atear fogo na casa de Gunnar para matá-lo, mas Gizurr recusa e Þorbrandr Þorleiksson consegue cortar a corda do arco de Gunnar. Gunnar, o melhor

¹⁰³ Ibidem, p. 200-201.

arqueiro da Islândia e um dos protagonistas da saga, chega ao seu fim como um herói, sem abaixar a guarda aos seus inimigos, derrubando vários e lutando até o fim. O ponto chave para sua morte foi definido, na verdade, 29 capítulos antes, quando ele bateu no rosto de Hallgerdr. A morte de Gunnar é a que possui maior destaque dentre os seus três casamentos, visto que poderia ter sido evitada por Hallgerdr, mas esta deliberadamente permite que sua morte ocorra. Como dito anteriormente, Hallgerdr ao receber o tapa de Gunnar afirma que não esqueceria tal agressão e iria retribuir quando pudesse. Em um conflito ao qual depende sua vida, a corda do arco de Gunnar se rompe e ele então pede a Hallgerdr duas mechas de seu cabelo para consertar tal parte do arco. Hallgerdr então recusa e aponta que não se esqueceu do tapa que ele a deu no rosto. Hallgerdr sempre descrita como tão bela e com longos cabelos, preferiu preservar seu cabelo, sua beleza e priorizar sua própria vontade e vingança do que ser submissa ao seu marido, causando-lhe o seu fim.

Após a morte de Gunnar, a saga aborda Hrappr na narrativa, que como dito anteriormente é descrito como um homem desonrado, deitando-se com a filha de Guðbrandr e incendiando o templo do jarl e de Guðbrandr. O fogo que Gizurr recusou utilizar como arma contra Njáll por ser algo desonroso, é utilizado por Hrappr como forma de ataque contra sua desavença, queimando assim o templo e que gerará a incêndio principal, o de Njáll. É na fuga de Hrappr do jarl Hákon e de Guðbrandr que ele, ao ser abrigado por Þráinn, cria um conflito contra os filhos de Njáll, Grímr e Helgi, e Kári. Foi através do apoio de Þráinn que Hrappr conhece Hallgerdr e a saga afirma que há diferentes relatos acerca da relação que se surgiu: “uns diziam que entre ele e Hallgerðr havia boa amizade e que ele a seduziu, mas outros contradisseram isso”¹⁰⁴. A narrativa então deixa em aberto se Hallgerdr envolveu-se com Hrappr ou não, mas há então o indício de que o conflito entre as famílias não está encerrado, mesmo com a morte de Gunnar. Hrappr, dito como um homem sem honra alguma, em oposição ao falecido Gunnar, envolve-se com Þráinn, tio de Gunnar, gerando um conflito com os filhos de Njáll e que é instigado ainda mais por Hallgerdr, que ainda nutre ódio para com a família devido ao seu desentendimento com Bergþóra.

A hostilidade entre as partes termina com a morte de Þráinn, Hrappr e outros homens. Njáll então, como forma de compensação, pede para criar Hǫskuldr Þráinsson, filho de Þráinn e Þorgerðr. Þorgerðr é a primeira filha de Hallgerdr de seu

¹⁰⁴ Ibidem, p. 219.

primeiro casamento e Þráinn conheceu-a na celebração de casamento de Gunnar.

Mas após Mǫrðr e Valgarðr criarem um plano para fomentar mais uma discórdia entre as famílias, os filhos de Njáll matam seu irmão de criação. É da vingança da morte de Hoskuld que a saga chega ao seu ápice, o incêndio de Njáll e sua família.

Flosi então caminhou até junto à porta e falou que Njáll deveria vir conversar com ele, e também Bergþóra; os dois assim fizeram. Flosi falou: “Desejo oferecer-te a possibilidade de saíres, pois tu não mereces ser queimado dentro de casa.” Njáll falou: “Eu não desejo sair, pois sou um homem velho e pouco preparado para vingar meus filhos, e não desejo viver com a vergonha.” Flosi falou para Bergþóra: “Vem tu para fora, senhora do lar, pois eu não desejo de modo algum que tu queimes aí dentro.” Bergþóra falou: “Eu era jovem quando fui dada em núpcias a Njáll, e prometi a ele que uma só coisa haveria de suceder a ambos nós.” Em seguida, ambos caminharam para dentro. Bergþóra falou: “O que nós dois faremos agora?”¹⁰⁵.

Apesar do incêndio ser passível de diversas formas de análise, destaco agora o ponto que concerne a este tópico: a morte de Bergþóra. O conflito entre Bergþóra e Hallgerðr ocorre diante do fato de que Bergþóra ordenou a Hallgerðr abrir mão de seu lugar para outra mulher, o que é visto em diversas sagas, como na saga Laxdaela, como uma ofensa. Isso pode indicar que Bergþóra vê Hallgerðr como menos honrada que Thorhalla, a quem ela deveria ceder o lugar, e compartilha da posição de seu marido, que de Hallgerðr viria toda a desgraça que assolaria Gunnar. Na troca de insultos que se segue, Bergþóra não se defende afirmando ser bela ou que suas mãos não são feias como Hallgerðr sugere, mas que ela nunca tramou a morte de seu primeiro marido. Diferente de Hallgerðr, que incitou a morte de seu primeiro marido e permitiu que o seu terceiro marido morresse em sua frente por vingança, Bergþóra, mesmo quando a sua vida própria está em risco, escolhe permanecer ao lado de Njáll. Bergþóra compreende que ao ser dada para Njáll em casamento deve honrar tal acordo, apenas a morte poderia separá-los. Apesar então de a narrativa da saga de Njáll tratar Hallgerðr e Bergþóra em certos aspectos como forças semelhantes, porém em lados opostos, incitando vinganças, a diferença na decisão de Bergþóra diante da morte de Njáll a difere de Hallgerðr. Bergþóra não se desespera diante da morte, mas acolhe o mesmo destino que seu marido. Acolhe tal destino não frisando o amor que poderiam nutrir um pelo outro, mas destacando o dever que ela tinha em honrar o seu matrimônio, dever ester que Hallgerðr nunca tomou para si.

¹⁰⁵ MOOSBURGER, 2014, p. 280.

Hallgerdr era uma traidora de seu primeiro marido, ela o matou. Ela traiu o princípio pelo qual uma esposa deveria viver: ela não construiu sua vida sobre o vínculo conjugal. Para Bergþóra esta é uma mulher de mau caráter e pouco aceitável socialmente. Ela merece toda humilhação e Berrhotra fica feliz em planejar isso para ela¹⁰⁶.

Ambas as sagas, portanto, traçam paralelos, Gudrun incita a morte de Kjartan por todas as frustrações que sofre, Bolli, algoz de seu irmão de criação, seu marido, é morto então por vingança. Em contraposição temos Hrefna, esposa de Kjartan, que morre de tristeza após o falecimento de seu esposo. Hallgerdr arquiteta a morte de seu primeiro marido e deliberadamente permite que seu terceiro marido morra em sua frente. Bergþóra, mesmo não acatando todas as decisões de Njáll e provocando mortes, escolhe morrer ao lado de seu marido, cumprindo o seu papel enquanto esposa e mulher, permanecendo ao lado do seu marido em todas as circunstâncias.

Desse modo, os casamentos narrados em que há a aprovação feminina geralmente seguem o padrão em que há no final o destaque para o amor que ambos nutrem um pelo outro, o que indica à audiência que ambos dentro do casal estão interessados em tornar aquela união frutífera, enquanto os casamentos que se iniciaram de modo forçoso podem acabar em tragédia. Porém, é importante ressaltar que o consentimento feminino não resulta necessariamente na ausência de tragédia para o homem e a família. Menciona então o segundo casamento de Gudrun, que teve seu consentimento, e em que seu marido morreu afogado por ações de terceiro. O consentimento, o desejo feminino no matrimônio e o tratamento do marido para com sua esposa na narrativa são indicativos de que a mulher não será uma propulsora da busca do divórcio ou do fim do seu marido e que, provavelmente, aquela aliança será vantajosa.

Jochens também aborda a tomada de mulheres forçadamente por homens nos períodos de expedição ao exterior. A prática de tomar mulheres à força e trazê-las para a Islândia permaneceu por um período após o processo de assentamento da ilha, sendo posteriormente criadas proibições legais contra isso¹⁰⁷.

As *Grágás* apresentam uma grande importância nesta discussão pois através

¹⁰⁶ “Hallgerdr was a traitor to her first husband, she had him killed. She betrayed the principle that a wife should live by: she did not build her life upon the marital bond. To berhora this is a woman of bad character and not socially acceptable. She deserves every humiliation and Berrhotra is happy to devise that for her” (DRONKE, 1981, p. 22).

¹⁰⁷ JOCHENS, 1995.

da sua análise é perceptível que havia uma preocupação e um esforço legal para definir os parâmetros do casamento e o sistema de heranças. Um destes pontos é perceptível nas restrições impostas nas *Grágás* sobre casos de bigamia e casamentos com mais uma mulher no exterior, definindo que a criança gerada em relação fora da ilha não seria considerada herdeira na Islândia:

o homem que se casa no reino de algum rei que não seja o do rei da Noruega e tem uma esposa neste país, então a criança que ele concebeu lá não tem o direito de herdar aqui. Se um homem tem duas esposas aqui no país ou onde nossas leis prevalecem, a penalidade é uma proscricção menor, e além disso se ele concebe filhos com a esposa que assumiu em segundo lugar, eles não são herdeiros legais. E ele tem duas esposas quando se casa e celebra o casamento ou paga o preço da noiva, mas já tem outra esposa. Isso é um caso de convocação. Nove vizinhos do homem processado devem ser chamados na assembleia e o caso cabe a quem quiser processar¹⁰⁸.

As *Grágás* também definem que mesmo sendo livre, um homem não necessariamente é visto como herdeiro legal, sendo requerido para ser considerado como tal que sua mãe tenha sido comprada com um preço de noiva e tido casamento celebrado¹⁰⁹. Diante disso, elas retiram da ordenação de repasse de herança crianças frutos de relações fora do casamento, “como nenhum preço de noiva foi pago por concubinas e escravas, eles eram menos destrutivos para a propriedade da família; na Islândia, a prole resultante não herdava originalmente”¹¹⁰. O casamento no decorrer da Era *Viking* objetivava assegurar a transmissão ordenada da propriedade entre as diferentes gerações de uma família. Entretanto, estas restrições não impediam que homens tomassem mulheres à força ou tivessem relações fora do casamento, mas buscavam então, diante desta realidade, impedir que as terras e o prestígio social se perdessem, controlando ao máximo quem poderia reivindicar herança de modo legal. Desse modo, apesar da geração de crianças fora do casamento, a compra de mulheres escravizadas e os casos de estupro, “as regras de

¹⁰⁸ “*The man who marries in some king's realm other than the king of Norway's and has a wife in this country, then the child he gets there has no right to inherit here. If a man has two wives here in the country or where our laws obtain, the penalty is lesser outlawry, and moreover if he gets children with the wife he took second, they are not lawful heirs. And he has two wives when he marries and celebrates the wedding or pays the bride-price but already has another wife. That is a summoning case. Nine neighbours of the man prosecuted are to be called at the assembly and the case lies with anyone who wants to prosecute*” [GRÁGAS, *Laws Of Early Iceland*. Winnipeg (Canadá): The University of Manitoba Press. 2000, p. 8].

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 5.

¹¹⁰ “*Since no bride price was paid for concubines and slaves, they were less destructive of family property; in Iceland the resulting offspring did not inherit originally*” (JOCHENS, 1995, p. 20).

herança ainda assim privilegiavam a prole produzida dentro desta instituição”¹¹¹.

Uma exemplificação disto é o caso de Hoskuld, já mencionado anteriormente. Hoskuld, casado com Jorunn, ao partir em expedição ao exterior, delegando a Jorunn os cuidados da casa e das crianças, compra uma mulher escravizada. Após ter sido narrado que este foi para a cama com a mulher, ele retorna com ela para a Islândia. Desta relação, é gerada uma criança, nominada de Olaf, que se destacou desde o nascimento por ser extremamente bela e de aparência nobre. Esta beleza de Olaf é posteriormente justificada ao se descobrir o nome da então escrava e amante, Melkorka, filha de um rei na Irlanda, tendo sido tomada prisioneira de guerra na Irlanda quando nova. É então no capítulo 26 da saga Laxdaela que se discute a possibilidade de Olaf herdar parte dos bens de Hoskuld

Hoskuld, filho de Koll o'Dales, adoeceu na velhice, e mandou procurar seus filhos e outros parentes, e quando eles chegaram, Hoskuld falou com os irmãos Bard e Thorliek, e disse: "Eu peguei alguma doença, e como não estive muito no caminho de adoecer antes, acho que isso pode me levar à morte; e agora, como você sabe, vocês dois foram gerados no casamento e têm direito a toda herança deixada por mim. Mas há um terceiro filho meu, aquele que não nasceu no casamento, e eu pedirei a vocês, irmãos, que permitam que ele, Olaf a saber, seja adotado, para que ele leve um terço de meus meios com vocês. " Bard respondeu primeiro e disse que faria o que seu pai desejasse, "pois eu procuro a honra de Olaf em todos os sentidos, tanto mais quanto mais rico ele se torna". Então Thorliek disse: "Está longe de ser minha vontade que Olaf seja adotado; ele já tem muito dinheiro; e você, pai, por muito tempo lhe deu muito e por muito tempo lidou conosco de forma desigual. Não vou desistir livremente da honra para a qual nasci. " Hoskuld disse: "Certamente você não vai roubar de mim a lei que me permite dar doze onças para meu filho, visto como Olaf é nobre por parte de mãe." Para isso Thorliek agora concordou. Então Hoskuld pegou o anel de ouro, presente de Hakon, que pesava uma marca, e a espada, presente do rei com meia marca de ouro, e os deu a Olaf, seu filho, e com isso sua boa sorte e a da família, dizendo ele não falava dessa maneira porque não sabia bem o suficiente que a sorte já havia chegado a ele¹¹².

¹¹¹ "procreation was not limited to marriage, to be sure, but inheritance rules nonetheless privileged the offspring produced within this institution" (JOCHENS, 1995, p. 18).

¹¹² "Hoskuld, Koll o' Dales' son, fell ill in his old age, and he sent for his sons and other kinsfolk, and when they were come Hoskuld spoke to the brothers Bard and Thorliek, and said, 'I have taken some sickness, and as I have not been much in the way of falling ill before, I think this may bring me to death; and now, as you know, you are both begotten in wedlock, and are entitled to all inheritance left by me. But there is a third son of mine, one who is not born in wedlock, and I will ask you brothers to allow him, Olaf to wit, to be adopted, so that he take of my means one-third with you'. Bard answered first, and said that he would do as his father wished, 'for I look for honour from Olaf in every way, the more so the wealthier he becomes'. Then Thorliek said, "It is far from my wish that Olaf be adopted; he has plenty of money already; and you, father, have for a long time given him a great deal, and for a very long time dealt unevenly with us. I will not freely give up the honour to which I am born'. Hoskuld said, 'Surely you will not rob me of the law that allows me to give twelve ounces to my son, seeing how high-born Olaf is on his mother's side'. To this Thorliek now agreed. Then Hoskuld took the gold ring, Hakon's gift, that weighed a mark, and the sword, King's gift whereon was half a mark of gold, and gave them to Olaf, his son, and therewith his good luck and

Apesar da nobreza de Melkorka, filha de um rei irlandês, e de todos os elogios rasgados a Olaf, este, ainda assim, é concebido dentro da sociedade islandesa enquanto filho de uma escrava e de uma relação fora da instituição matrimonial. O caráter ambíguo de Olaf, descrito enquanto belo e bem estimado e filho de gerado fora do casamento por uma escrava, é também perceptível em outras fontes do medievo. O traço da dualidade entre a bondade e a condição de bastardo também estão presentes em outras obras do medievo.

Retomando o caso de Olaf, este por ser filho de uma escrava não apenas enfrenta problemas no ato de recebimento de herança de seu pai, mas também na tentativa de arranjar para si um casamento. Hoskuld, antes de sua morte, negocia com Egil o casamento de sua filha, Thorgerd, com Olaf. Egil agradece a proposta, mas revela que deverá primeiro conversar com Thorgerd sobre isso. Essa ao saber de seu pai, Egil, da proposta de Olaf se frustra, por seu pai lhe propor que ela se case com um filho de uma mulher escrava. Jochens afirma que “a lei também proibia o casamento de pessoas pobres, uma vez que seus filhos se tornariam um fardo para a comunidade”¹¹³.

Onde as pessoas pobres se juntam no casamento, mesmo que esses homens declarem sua dissidência, então a menos que eles os processem por isso, é como se eles não tivessem dito nada sobre isso. É um caso de convocação e nove vizinhos do homem processado devem ser chamados na assembleia¹¹⁴.

Desse modo, como dito por Jochens, as *Grágás* também abordavam as questões relativas ao casamento de pessoas que não estavam inseridas nas prestigiadas famílias detentoras de terra.

Também é importante frisar o outro lado da mesma moeda: o divórcio. Este ocorre em ambas as sagas e é suscetível a ocorrer quando, como já mencionado, não

that of the family, saying he did not speak in this way because he did not know well enough that the luck had already come to him” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70). “I am quite tired of sitting at home like a woman” (Ibidem, cap. 26).

¹¹³ “The law also prohibited marriage for poor people, since their offspring would become a burden on the community” (JOCHENS, 1995, p. 21).

¹¹⁴ “Where poor people join in marriage even though those men declare their dissent, then unless they prosecute them for it, Where poor people join in It is a summoning case and nine neighbours of the man prosecuted [are to] be called at the assembly” (GRÁGAS, Laws Of Early Iceland. Winnipeg: The University of Manitoba Press, 2000, p. 62).

há o consentimento feminino ou o esposo não julga aquela mulher como digna para ele.

Diversos divórcio são narrados em ambas as saga e, de modo geral, há uma descrição sobre sua justificativa. Os casamentos não deveriam, de modo geral, finalizar por caprichos ou, ao menos, aparentarem isso. Como dito anteriormente, Gudrun se divorciou de seu primeiro marido e este também se divorciou de sua mulher para ficar com Gudrun. Ambos buscaram uma justificativa para anunciar a separação, o que residiu no fato que seus companheiros não se vestiam de acordo com o seu respectivo gênero.

Vigdis também é mais uma das personagens da saga Laxdaela que demonstra astúcia e coragem. A narrativa conta que Thorolf busca sua proteção após cometer um assassinato, Vigdis concorda em escondê-lo, mesmo contra a vontade de seu marido Thord. Ingjald, que busca pelo assassino, oferece pagar a Thord para que ele entregue Thorolf, que aceita a proposta. Vigdis, ao descobrir tal acordo, vai até Asgaut, escravo de Thord, oferecendo a ele liberdade e dinheiro em troca dele auxiliar Thorolf em fuga. Ingjald se enfurece, Vigdis então junta homens para recebê-lo, pega uma bolsa de dinheiro e joga a bolsa em Ingjald, visto que aquele dinheiro provém de uma ação covarde. Após o incidente, Vigdis decide se divorciar de Thord, levando consigo metade das propriedades, e é apoiada por sua própria família, mostrando o respeito que eles têm por ela.

Em relação a saga de Njáll, destacamos aqui dois divórcios: o primeiro é o que envolve Þráinn, tio de Gunnar. Þráinn ao ir para a celebração do casamento do seu sobrinho conhece Þorgerðr. Þorgerðr é filha de Hallgerðr de seu segundo casamento e é descrita como bela como sua mãe. Þráinn já é casado com Þórhildr, que se enfurece com os olhares de Þráinn para Þorgerðr, que o alerta sobre essa ação e chama suas pálpebras de molengas. Þráinn então define testemunhas e declarou seu divórcio, afirmando que apenas permaneceria na festa caso sua antiga esposa fosse embora. Þráinn então dirige a palavra a Hoskuld e afirma que quer casar com Þorgerðr, sua neta. O pai de Þorgerðr é falecido, então Þráinn direciona o acordo de casamento para o seu tutor masculino mais próximo, seu avô. Hoskuld inicialmente está receoso em relação à proposta, visto o mau tratamento que ele teve com sua antiga esposa. Entretanto, Hrútr apoia a união e Gunnar pergunta a Hallgerðr e Þorgerðr se elas também estavam a favor do acordo. Ambas apoiaram a união e

Hallgerdr prometeu sua filha ao acordo, de modo que Þorgerðr encarrega-se da administração doméstica, sendo descrita positivamente no seu papel de senhora do lar.

O segundo divórcio a ser mencionado acontece logo no início da saga, entre Hrútr e Unnr. Como dito anteriormente, Hrútr está prometido a Unnr, mas ao partir para Noruega, envolve-se com a mãe do rei. Ao resolver voltar para a ilha, Gunnhildr o amaldiçoa, condenando-o a não ter prazer com a mulher que ele está indo encontrar, apenas com outras mulheres. Após o casamento, Hrútr entregou à Unnr toda autoridade no interior da casa, mas Unnr está infeliz.

“Eu gostaria de me declarar separada de Hrútr, e posso dizer-te qual a maior queixa que lhe tenho. Ele não é capaz de realizar comigo a união matrimonial de modo que eu possa ter com ele satisfação, mas sua natureza é em tudo mais como a dos homens mais viris.” “Como isso pode ser?” diz Mǫrðr, “conta mais.” Ela responde: “Quando ele se deita comigo, sua carne é tamanha que ele não pode satisfazer-se comigo, e, contudo, nós já tentamos de todos os modos desfrutar um do outro, mas é impossível. Mas, antes de nos separarmos, ele demonstra que sua natureza é normal, como dos outros homens.” Mǫrðr falou: “Fizeste bem de mo contares; dar-te-ei um conselho que te será de valia, caso possas levá-lo a cabo sem desvios. Deves agora primeiramente cavalgar da assembleia de volta para casa, e teu marido lá estará e há de receber-te bem. Deverás portar-te com ele com ternura e diligência, e ele julgará que haverá ocorrido uma boa mudança; não deverás demonstrar nenhum sinal de abatimento. Mas, quando chegar a primavera, deves dissimular uma doença e deitar no leito. Hrútr não há de querer adivinhar qual a tua enfermidade, e em nada haverá de reprovar-te, antes pedirá que todos te guardem da melhor maneira. Em seguida, ele irá aos Fiordes do Oeste, e Sigmundr haverá de acompanhá-lo, e ele transportará todo o seu dinheiro dos Fiordes do Oeste e haverá de permanecer longe por bastante tempo te durante o verão. Mas, quando os homens cavalgarem para a assembleia, e quando todos quantos tenham intenção de cavalgar tiverem cavalgado embora dos Vales, então deverás erguer-te do leito e convocar homens para acompanharem numa jornada. E, quando estiveres completamente pronta, deverás caminhar até tua cama, acompanhada daqueles homens que te acompanharão na jornada; tu deverás nomear testemunhas ao lado do leito de teu marido e declarar-te assim separada dele por separação legal, conforme se pode proceder dentro das regras da assembleia geral e das leis comuns. Essa nomeação de testemunhas tu deves fazer diante das portas dos homens. Em seguida, vai-te embora, e segue cavalgando sobre a Charneca de Laxárdalr e então em direção à Charneca de Holtavarða, – pois não te procurarão ao longo de Hrútsfjörðr, – e continua cavalgando até chegares a mim, e então haverei eu de tratar do caso, e tu nunca mais voltarás para as mãos dele¹¹⁵.

Unnr então busca apoio em seu pai, Mǫrðr, para pedir divórcio, relatando que o seu pênis não a permite ter prazer na relação sexual entre os dois. Mǫrðr a

¹¹⁵ MOOSBURGER, 2014, p. 106.

aconselha a fingir uma doença e planejar sua separação de Hrútr durante uma assembleia, usando um procedimento legal para se separar dele.

Desse modo, insultos e ações desonrosas podem ser utilizadas como forma de legitimar um pedido de divórcio. Além disso, mais uma vez reitero o papel da tutela masculina no acordo de casamento, mesmo que haja o consentimento feminino. Também ressalto que a narrativa não carrega impedimentos de casamento mesmo diante de uma discrepância de idade, a dúvida de Hoskuld em prometer Þorgerðr perpassou o mau tratamento que Þráinn poderia ter com ela, não a sua tinha idade, 14 anos, quando foi prometida. Os divórcio narrados apresentam então uma justificativa para ocorrerem, sendo estas a mais diversas.

As sagas então descrevem de forma minuciosa os acordos de casamento porque estes implicam em diversos âmbitos da vida social, como a formação de alianças políticas entre famílias. É o casamento entre Hildigunnar e Kári que encerra a narrativa da saga de Njáll. Kári sobreviveu ao incêndio da casa de Njáll e estava presente na emboscada que vitimou Hoskuld, a quem era casado com Hildigunnar. É através do casamento que se alcança então uma resolução entre os conflitos remanescentes entre as famílias de Njáll e Gunnar. É também por meio do matrimônio que se define herdeiros legais, organizando o repasse de heranças, como no caso de Olaf, filho de uma escrava. As narrativas também demonstram a importância do consentimento feminino para a prosperidade do acordo, mas ressaltam a importância da submissão da mulher diante do seu marido ou pai. À mulher cabe então honrar seu casamento, respeitando o domínio do seu marido, de modo que os homens devem ter cautela com a periculosidade feminina. A mulher ideal então é submissa, imaculada e auxilia os seus homens na jornada por honra e fé. As mulheres que questionam tal hierarquia selam os destinos de seus homens à morte ou à vergonha. A mulher, que tem sua beleza destacada, utiliza o seu apelo tentador e sexual para impor suas vontades aos homens, como no caso de Hallgerdr e Gunnhild entrelaçando os homens em seus braços a fazerem pedidos.

3.2. Violência

As sagas de Njáll e Laxdaela carregam em suas entrelinhas uma noção precisa do que é ser homem e do que é ser mulher, apesar de, em alguns aspectos, de modo

equivalente, questionar esta mesma hierarquia.

Em relação a violência, ambas as obras trazem um cenário claro de a quem caberia tais ações. Ao mundo doméstico e aos cuidados do lar, como visto no tópico anterior, caberia à mulher. A ida ao exterior, o manejo de armas e os adjetivos relacionados à força física estão inseridos nos papéis que tange ao gênero masculino.

Os homens dignos de protagonismo nas sagas são geralmente descritos para além de sua beleza, realçando aspectos como bondade. Características como sabedoria, gentileza, generosidade podem ser atribuídos a ambos os gêneros, como nos casos de Unn, Kjartan, Gudrun, Gunnar, Njáll, mas há um padrão em descrever atribuições de força física, coragem e talento bélico aos homens. Diante disso, Kjartan e Gunnar são paralelos, os dois são descritos como únicos nas obras. Gunnar é descrito como extremamente belo, além de cortês e generoso. Kjartan também é descrito como o mais belo de todos assim como o mais gentil e cativante. Gunnar e Kjartan compartilham assim outro ponto em comum: Kjartan é dito como o mais habilidoso com armas e Gunnar o melhor de todos com o arco e flecha.

A relação do homem com a violência também é explicitada através de presentes. Na saga de Njáll, por exemplo, Kári recebe de presente uma espada e uma lança adornada com ouro e Grímr um escudo e uma espada. Já na saga Laxdaela, Kjartan, ao partir da Noruega, recebe do rei de presente uma espada ornamentada, para além do presente já mencionado de Ingibjorg. Há um padrão então de recebimentos de presentes não apenas em casamentos, mas em idas ao exterior. Estes presentes, além de jóias e roupas, destacam o aspecto guerreiro do homem que partiu ao exterior, como as espadas. Deste modo, ambos os gêneros recebem roupas e jóias como presentes, mas é notório o destaque de armas e o aspecto guerreiro, valente nos presentes destinados aos homens.

O mundo doméstico e privado, caberia à mulher, às viagens ao exterior e as famosas expedições viking, caberiam ao homem, por exemplo. Estes papéis são explícitos também na fala de Thorleik, na saga Laxdaela, que, ao expor sua vontade de ir em expedição ao exterior, justifica que está “cansado de sentar em casa como uma mulher”¹¹⁶. Na mesma obra, Thorgerd, mãe de Kjartan, além de incitar seus filhos a tomarem a ação de matar Bolli em uma vingança de sangue, deseja acompanhar seus filhos no ataque. Esses não concordaram, alegando que “esta não era uma

¹¹⁶ “*I am quite tired of sitting at home like a woman*” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

jornada para mulheres”¹¹⁷. Além disso, Kjartan, ao encontrar-se em um conflito em função do desejo do rei da Noruega pela conversão ao cristianismo dos islandeses, afirma que não será subjugado ao controle de ninguém enquanto tiver poder para se erguer e empunhar suas armas, visto que ser levado como um cordeiro para um curral ou como uma raposa.

Na saga de Njáll também há diversos trechos que evidenciam claramente o se espera do papel do gênero homem. Flosi critica Grani por não ter aproveitado uma oportunidade de vingança, afirmando que Grani não teve ousadia e hombridade suficientes. Já Kári, ao alcançar a emboscada contra Þráinn e Hrappr e deparar-se com o embate violento, declara que “é assim que um homem faz”. No episódio do incêndio de Njáll, Flosi inicialmente permite que saiam da casa em chamas as mulheres, as crianças e os servos. Posteriormente, Flosi permite que Njáll saia de sua casa, porém este recusa a possibilidade, visto que, pela idade avançada, não poderia vingar os seus filhos, o que seria uma vergonha. Ástríðr sugere para Helgi, filho de Njáll, que este vista um manto de mulher, para que possa sair escondido com as mulheres. Porém, Flosi suspeita da mulher de ombros largos, Helgi então saca uma espada que escondia, golpeia um homem, mas morre em seguida.

Diante disso, é importante destacar que as roupas também atuam como marcadores de gênero em ambas as narrativas. São as roupas que Gudrun utiliza como justificativa para legitimar seu pedido de divórcio do seu primeiro marido, que não ama, por se vestir de modo que este se veste a parecer ter o pescoço de uma mulher. Do mesmo modo, Helgi é morto por ser um homem que está buscando fugir junto com o resto das mulheres e crianças utilizando as roupas dadas por sua esposa. Apesar de então questionarem algumas ações associadas ao papel de gênero, as sagas ainda assim buscam fixar alguns marcadores, como nestes exemplos, as roupas. Estas são interpretadas, nessas narrativas específicas, de modo negativo caso utilizadas para transgredir o gênero. As sagas são, como discutido no capítulo anterior, uma fonte inestimável dos estudos das relações de gênero nas mais diversas abordagens. As roupas, alinhadas a uma análise de performance de relações de gênero, baseadas nas teorias de Butler, possuem grande potencial, apesar de não ser este o objetivo deste trabalho.

Entretanto, é válido pontuar que mesmo dentro do espaço doméstico, do âmbito

¹¹⁷ “*that such were no journeys for women*” (Ibidem, cap. 55).

privado, o homem permanece sendo a figura central, sendo a sua voz a que prevalece nas decisões. A mulher poderia então ser penalizada pelo seu marido como forma de correção de seus atos. A saga de Njáll exemplifica isso através da figura de Hallgerdr, para além de indicar para a audiência que o tapa acabará na morte daquele homem, os tapas sofridos por Hallgerdr por seus maridos foram frutos de uma correção e penalização pelos seus próprios erros, como o roubo.

Para além da violência física como tapas, alguns estupros também são narrados nas sagas como forma de correção e vingança do homem para a mulher. Friðriksdóttir aborda o estupro e a idealização e hierarquia dos papéis de gênero nas diferentes sagas. Pensando em uma análise acerca dos discursos, imagens, gênero e literatura, Friðriksdóttir problematiza os papéis que caberiam para as personagens femininas nas sagas islandesas, definidos através de seu sexo, trazendo em sua obra o corpo de gênero enquanto construção cultural¹¹⁸. Ao abordar a patriarcalidade no Ocidente, que inclui a sociedade islandesa medieval, a autora define os papéis do âmbito privado e doméstico à mulher e os papéis do âmbito público e dos espaços políticos oficiais ao homem. Friðriksdóttir aponta que as relações de gênero são a base da organização social. Deste modo, a hierarquia de gênero, que define os papéis cabíveis em uma sociedade para uma mulher, atrela-se diretamente às relações de poder. Esta divisão de papéis está presente nas sagas, especialmente nas sagas de família que aqui propomos abordar. Nestas sagas, Friðriksdóttir ainda defende que são perceptíveis questionamentos e insatisfações acerca da hierarquia de gênero¹¹⁹. Friðriksdóttir aponta que a narrativa das sagas então carrega “valores e comportamentos cortesãos recém-importados para o público islandês e, no processo, definindo e defendendo o comportamento apropriado para homens e mulheres da classe dominante”¹²⁰. Como já aqui ressaltado, o papel então apropriado à mulher seria dentro do âmbito privado e submissa ao homem.

Ao buscar algo fora deste padrão ideal e questionar a hierarquia de gênero, tentando tomar para si papéis dito masculinos, a violência sexual seria uma resposta masculina para realocar a mulher para a submissão. O estupro também ocasionaria a perda da reputação e honra da mulher em questão. A tutela masculina deveria,

¹¹⁸ FRIÐRIKSDÓTTIR, 2013, p. 9.

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ “*newly imported courtly values and behavior for Icelandic audiences, and in the process defining and upholding appropriate behavior for men and women of the dominant class*” (Ibidem, p. 108).

portanto, proteger a integridade sexual da mulher, preservando assim sua honra e valor para os acordos de casamento. O estupro então seria uma forma de penalizar a mulher, diminuindo o seu valor e também podendo ser utilizado como uma ferramenta de ataque entre disputas de família.

Além disso, Friðriksdóttir ressalta que ao nos debruçarmos sobre atos sexuais narrados nas *sagas*, é necessário questionar se estes foram de fato consensuais. A autora pontua a concepção de que “as mulheres não podiam conceber sem desfrutar das relações sexuais”¹²¹, o que implica no fato de que relações sexuais que ocasionassem em gestação sempre seriam consensuais. A autora também aborda que as *Íslendingasögur* apresentam casos em que mulheres são seduzidas, de modo que o sexo fora do casamento é aceito caso seja do interesse político dos parentes masculinos da mulher e amante¹²². Entretanto este cenário perpassa por mudanças com o fim do Estado Livre ou da Assembleia Geral e o surgimento de leis sobre herança com base na primogenitura¹²³. Friðriksdóttir também ressalta que o “dano feito à honra de uma mulher pelo estupro só poderia ser neutralizado pelo casamento”¹²⁴. Esta perspectiva em relação ao estupro e a perda do valor da mulher e sua reputação também era reforçada legislativamente. Diante disto, a autora cita o “código de lei de Jónsbók, implementado em 1281, que exige que um esturador se case com sua vítima ou então pagasse danos a seus parentes”¹²⁵.

Deste modo, a sociedade islandesa medieval concebe a mulher enquanto objeto, sendo seu valor e honra alterados negativamente diante de um estupro. Além disso, o estupro é compreendido em primeiro lugar, acima do dano e da violência para com a mulher, esta objeto e ser inferior, como um dano à honra e ao valor da família da mulher. O estupro é, pois, concebido enquanto um crime contra a honra da família e dos parentes masculinos da vítima. Outro ponto relevante abordado por Friðriksdóttir, é que os estupros feitos pelos protagonistas das donzelas-reis não ocorrem por impulso ou perda de controle, mas em função de um “ato deliberado de violência contra a mulher com o efeito pretendido e sempre bem-sucedido de subjugar

¹²¹ “*women could not conceive without enjoying sexual intercourse*” (Ibidem, p. 122).

¹²² Ibidem, p. 124.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ “*the damage done to the woman’s honor by rape could only be neutralized by marriage*” (ibidem).

¹²⁵ “*Jónsbók law code, implemented in 1281, requires a rapist either to marry his victim or else pay damages to her kinsmen*” (Ibidem).

a mulher que se eleva acima de sua posição e forçá-la de volta ao papel feminino”¹²⁶. A autora define a donzela-rei como uma figura presente nas sagas da categoria *riddarasögur* ou sagas de cavalaria.

Friðriksdóttir traz, então, um trecho da *Grettis saga Ásmundarsonar* como exemplo do estupro como forma de correção do comportamento feminino. Essa saga traz como fio narrativo a trajetória de Grettir Asmundason, sendo produzida na primeira metade do século XIV e pertencendo à categoria das *Íslendingasögur*, assim como a *Laxdœla saga* e *Brennu-Njál saga*. O caso da violência sexual ocorre no capítulo 77 da *Grettis saga*. Neste capítulo, é narrado que enquanto Grettir estava dormindo, duas mulheres entraram no local, sendo uma delas uma serva. Ao ver Grettir nu, a serva comenta com a segunda mulher que aquele é Grettir Asmundason e que “poucos podem pensar que ele seria tão pequeno de crescimento abaixo”¹²⁷, ambas acabam dando risadas. Grettir, ao ouvir a serva, segura-a, arrastando-a para a cama, sendo narrado que “a serva gritou, mas de forma sábia eles se separaram de modo que ela não colocou nenhuma culpa em Grettir quando tudo acabou”¹²⁸.

Diante deste exemplo, Friðriksdóttir defende então que o estupro funcionaria como uma forma de corrigir e penalizar a mulher que saísse e ou questionasse seu papel submisso diante do homem e a hierarquia de papéis de gênero. “Os mitos de estupro presentes nas fontes mostram que as mulheres eram vistas como propriedade, objetos que podiam ser violados e danificados a fim de afirmar o poder sobre outro homem”¹²⁹.

Fredrik Charpentier Ljungqvist, em seu artigo “*Rape in the Icelandic Sagas: An Insight in the Perceptions about Sexual Assaults on Women in the Old Norse World*”¹³⁰, analisa o estupro e outras formas de violência contra mulheres através das sagas

¹²⁶ “a deliberate act of violence on her person with the intended and always successful effect of subjugating the woman who rises above her station and forcing her back into the female role” (Ibidem, p. 125).

¹²⁷ “few might think he would be so small of growth below” (GRETTIR’S SAGA. Translation into English by William Morris and Eirikr Magnusson. [S. l.: s. n.], 1900, cap. 77. Disponível em: https://sagadb.org/grettis_saga.en. Acesso em: 22 dez. 2023).

¹²⁸ “The handmaid shrieked out, but in such wise did they part that she laid no blame on Grettir when all was over” (Ibidem).

¹²⁹ “rape myths present in the sources show that women were seen as property, objects that could be violated and spoiled in order to assert power over another male” (FRIÐRIKSDÓTTIR, 2013, p. 132).

¹³⁰ LJUNGGVIST, F. C. Rape in the Icelandic Sagas: An Insight in the Perceptions about Sexual Assaults on Women in the Old Norse World. *Journal of Family History*. 2015; 40(4), p. 431-447. Disponível em: <https://su.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A849432&dswid=99>. Acesso em: 18 jul. 2024.

islandesas medievais. O autor ressalta então o papel e importância da honra nas relações sociais e políticas da sociedade nórdica antiga. Ljungqvist, assim como Friðriksdóttir, defende que o estupro poderia ser utilizado como forma de subjugar novamente a mulher a um papel submisso e de atacar a honra de seus familiares masculinos, como seu pai. O enfoque narrativo das sagas ao abordar casos de estupro se baseiam, portanto, no dano causado à honra da família da vítima, não na vítima em si.

A literatura da saga islandesa dedica muito pouca atenção às próprias experiências de violência sexual das mulheres ou à forma como tal agressão afetava a sua honra pessoal, apesar de indicações claras de que a violação era considerada uma violação da integridade corporal da mulher e era desonrosa para a vítima. Por outro lado, o tema central nas representações de estupro na literatura da saga é que a agressão sexual era considerada altamente difamatória para os parentes masculinos da mulher, exigindo em troca vingança de sangue. Assim, a violação foi considerada principalmente uma ofensa contra os familiares masculinos da mulher e apenas em segundo lugar contra a própria mulher. Uma vez que as agressões sexuais contra as mulheres podem ser usadas para desonrar os homens, segue-se que há exemplos nas sagas de como a violação é usada como “arma” durante as rixas. É bastante claro, porém, que isto era considerado um crime de feudo, e o estupro, na maioria dos casos, era socialmente inaceitável e denunciado¹³¹.

Entretanto é importante ressaltar que a condição social da mulher estuprada era um fator decisivo para a maneira a qual o estupro seria concebido. Relações sexuais com mulheres escravizadas geralmente não possuem preocupação narrativa em esclarecer se a relação foi consensual ou não. Não há uma preocupação narrativa em considerar e discutir em qual condição a mulher se encontra, afinal, a uma mulher escravizada não caberia negar relações com seu comprador. Na *saga* Laxdaela, por exemplo, é narrado que o personagem “Hoskuld foi para cama com” uma mulher escravizada. É necessário então cautela ao analisarmos as relações sexuais narradas nas sagas, visto que não é sempre explícito se tal relação foi consensual.

¹³¹ “*The Icelandic saga literature devotes very little attention to women’s own experiences of sexual assault or to how such assault affected their personal honor, despite clear indications that rape was perceived as a violation of a woman’s bodily integrity and was dishonorable to the victim. Conversely, the central theme in the depictions of rape in the saga literature is that sexual assault was regarded as highly defamatory to the woman’s male relatives, demanding blood vengeance in return. Thus, rape was considered primarily an offense against the woman’s male relatives and only secondly against the woman herself. Since sexual assaults against women could be used to dishonor men, it follows that there are examples in the sagas of how rape is used as a “weapon” during feuds. It is quite clear, however, that this was regarded as a feud crime, and rape, in most cases, was socially unacceptable and denounced*” (Ibidem).

a maioria dos relatos de violência sexual contra mulheres centra-se na perturbação que tal agressão causa à harmonia social e à honra da sua família, e não nos sentimentos das mulheres sobre serem atacadas. Tais episódios parecem sugerir que muitos homens viam as mulheres apenas como objetos pertencentes aos seus pais ou irmãos que poderiam ser danificados, como outros bens. O que está em jogo nas agressões às mulheres é o estatuto e a honra e, em alguns contextos, os homens fazem isto para prejudicar outros homens num sistema de soma zero, em vez de satisfazer qualquer suposta atração sexual pela mulher em questão, embora esse tipo de casos pareça. [...] Demonstram que havia uma realidade por trás das narrativas de conquista sexual. A masculinidade nórdica baseava-se em parte na subjugação sexual das mulheres, e alguns homens acreditavam que o uso de métodos violentos e desonrosos era aceitável¹³².

Os relatos de violência sexual contra mulheres se concentram na desordem social e na desonra familiar que isso causa, relegando os sentimentos das mulheres agredidas a um plano secundário. As mulheres eram compreendidas como propriedade de suas famílias, sujeitas a danos como qualquer outra posse. A violência sexual e física, como estupros e tapas, são atos narrativos que geralmente então visam mais à reputação e à honra da família da mulher ou a penalização desta. Há então um traço narrativo em que se associa o ideal masculino ao dever de submeter sexualmente as mulheres, penalizando-as por seus atos, como forma de correção, ou atingindo-as para prejudicar a honra de suas famílias. Entretanto, as relações de gênero, como abordadas anteriormente, transversalizadas por outros âmbitos da vida social, implicam que na narrativas das sagas, as ações violentas contra as mulheres são concebidas de modo a variar de acordo com a nobreza da família da mulher violentada, de modo que o estupro de uma serva, como mencionado, poderia não implicar em nenhuma consequência para o homem, visto que esta e sua família não possuem valor para a elite e sua construção narrativa.

As sagas Laxdaela e Njáll ressaltam em seus corpos narrativos que a violência, a vingança de sangue, os conflitos armados recaem, portanto, de modo geral, aos homens adultos cuja família esteja envolvida no conflito. O homem é definido

¹³² “most accounts of sexual assault against women focus on the disruption such aggression causes to social harmony and their family’s honour rather than the women’s feelings about being attacked. Such episodes seem to suggest that many men saw women merely as objects belonging to their fathers or brothers that could be damaged, like other property. At stake in assaults on women is status and honour, and in some contexts, men do this to harm other men in a zero-sum system rather than to satisfy any purported sexual attraction towards the woman in question, though those sorts of affairs do appear. [...] They demonstrate that there was a reality behind the narratives of sexual conquest. Norse masculinity was partly based on the sexual subjugation of women, and some men believed that using violent, dishonourable methods was acceptable” (FRIDRIKSDÓTTIR, 2020. p. 46-48).

claramente nas sagas aqui analisadas, o homem deve ser forte, honrado, corajoso e, quando necessário, violento.

Os comportamentos masculinos que fogem deste padrão podem ser então alvos de zombarias e críticas. Na saga de Njáll, após o seu divórcio, Hrútr é zombado por crianças que fazem chacota da alegação de que não foi capaz de “foder” com sua esposa.

Þjóstólfr também cachota e despreza Glúmr antes de matá-lo, alegando que este apenas tinha força para cair nos braços de Hallgerdr. Hallgerdr, assim como Þjóstólfr, é uma personagem marcada pela proclamação de insultos, como vimos anteriormente, ela zomba de Njáll e de seus filhos pela falta de barba, que seria um aspecto viril. Hallgerdr também critica Gunnar em função deste, assim como Njáll, aceitar acordos de compensação na Assembleia e não buscar vingança, chamando ambos de frouxos.

É importante destacar que o apogeu da narrativa da saga de Njáll, o incêndio, também ocorreu devido a trocas de insultos. Diante então da ponderação legal entre Flosi e seus homens e Njáll e seus filhos, alcança-se um consenso de compensação. Njáll então coloca na pilha do pagamento de compensação uma toga de seda e um par de botas. Flosi vê a toga e questiona quem a colocou ali, mas não obteve resposta. Skarpheðinn então pergunta a Flosi quem ele acredita que a dispôs na pilha, Flosi responde que acredita que tenha sido Njáll, “o velho imberbe – pois muitos, ao vê-lo, não sabem se ele é um homem ou uma mulher”. Flosi retoma o insulto de Hallgerdr, questionando o gênero de Njáll, diante da fúria da tonga em cima da pilha de dinheiro.

os nervos de Flosi estão à flor da pele e ele ataca com um acesso de selvageria, retribuindo o insulto que pensa ter recebido: uma túnica de seda, caindo no chão, é uma vestimenta ambígua, pois pode ser usada por um homem ou por uma mulher¹³³.

A fúria de Flosi diante do objeto na pilha é seu caráter ambíguo. Esta seria uma vestimenta utilizada tanto por homens quanto por mulheres. Este presente na compensação poderia indicar a Flosi que ele também teria este caráter ambíguo, sendo um homem, mas aceitando a compensação e fugindo do seu dever como

¹³³ “*Flosi’s nerves are stretched and he attacks with a spurt of savagery, returning the insult he thinks he has been given: a silken surcoat, trailing to the ground, is an ambiguous garment, for it might be worn by a man or a woman*” (DRONKE, Ursula. *The Role of Sexual Themes in Njal’s Saga*. London: Viking Society for Northern Research, 1981, p. 13).

homem de vingar seu parente, Hoskuld. Por isso ele devolve com o insulto questionando então a masculinidade de Njáll. Skarpheðinn responde ao insulto ao seu pai também com um insulto a Flosi, mas, dessa vez, com um insulto sexual, chamando Flosi de “donzela do ogro de Svínafell, conforme se diz, a cada nove noites ele te faz mulher”¹³⁴. O propósito deste tipo de xingamento é quebrar o cenário de paz, afastando aquele indivíduo da sociedade declarando-o indigno. O indivíduo atacado precisa demonstrar seu valor, agindo conforme os princípios éticos nórdicos, desafiando seu zombador para um confronto ou buscando uma vingança de sangue¹³⁵.

O insulto de Skarpheðinn é então uma escolha deliberada, que indica na audiência que a resolução legal e a compensação do assassinato de Hoskuld não ocorrerão mais. Flosi então encontra-se em uma situação em que sua masculinidade e honra são questionados, caso ele aceitasse a zombaria ele iria portar-se como uma mulher, de modo covarde, em uma construção narrativa de uma sociedade que preza pela cultura de honra. Há então uma expectativa para que ele exerça o seu papel de gênero impondo a violência e a vingança de sangue, por seu parente e seu xingamento.

Como vimos anteriormente, Hallgerdr incita diversos insultos a Njáll e seus filhos pela falta de barba e Njáll sofre diante da morte de Hoskuld, desejando que seus outros filhos fossem mortos em seu lugar. Njáll também preve daquele incidente a desgraça de toda sua família.

No entanto, por de trás da troca de insultos, podemos discernir a estratégia de outro homem. Njáll, que afirma ter previsto toda a desordem que vai surgir deste processo, manipulou deliberadamente os boatos da região para os seus próprios fins. Colocou a peça de roupa ambígua na pilha das indenizações. Não respondeu à pergunta repetida de Flosi e não explicou a sua oferta. Quando o processo contra os seus filhos pelo assassinio de Hoskuld foi derrotado por razões técnicas, foi Njáll que se levantou, pedindo que fosse aceite uma indenização pelo assassinato, porque o homem morto, seu filho adotivo, sobrinho de Flosi por casamento, era mais querido para ele do que os seus próprios filhos e ele preferia ter perdido todos os seus filhos e que Hoskuld estivesse vivo. Assim, o próprio Njáll provoca o incêndio, obriga os seus filhos - contra o seu melhor juízo tático - a entrar em casa para serem queimados como raposas num buraco, e morre com eles, porque é

¹³⁴ MOOSBURGER, 2014, p. 271.

¹³⁵ ROSWELL, Thomas. *Gender Roles and Symbolic Meaning in Njáls Saga*. 2012. Disponível em: <https://www.medievalists.net/wp-content/uploads/2012/11/genderinNjala.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

demasiado velho para os abandonar. Njáll, com a ajuda da fofoca de Hallgerdr, consegue a vingança de sangue para o seu neto Hoskuld¹³⁶.

Njáll está ele próprio insatisfeito com as ações de seus filhos, que mataram Hoskuld, o mais amado por ele. Njáll desde o início previu que daquele ocorrido, todos os seus filhos e sua família deveriam morrer. Ao ver que a deliberação legal havia sido acordada, é ele quem coloca a tonga na pilha, para provocar Flosi, também não respondendo às perguntas destes. É Njáll quem, afinal das contas, planeja e delibera sem que ninguém perceba pela própria morte e de sua família como penalização.

Um aspecto que também pode ser utilizado como insulto à masculinidade e nas sagas é o choro. A saga de Njáll aborda o choro em diversos pontos de sua narrativa. É narrado o lamento em choro de Hallgerdr ao receber o tapa de Glúmr e de Unnr ao ser questionada por seu pai ao o que a aflige em seu casamento com Hrútr. Já Hildigunnr também é narrada chorando, mas utiliza o choro como ferramenta para persuadir Flosi a buscar vingança. Hildigunnr arruma seus cabelos de modo intencional a permitir Flosi ver suas lágrimas, explicitando sua tristeza em perder seu marido e estimulando assim uma compensação por sua morte através de uma vingança de sangue. Yngvildr também chora ao ter um pesadelo envolvendo seus filhos, que riem e afirmam que este mau presságio não irá impedi-los de partir para a Assembléia. A saga então narra mulheres chorando e lamentando-se, mas não há uma resposta negativa a isto. Apesar de no caso de Yngvildr os filhos riem dela, a risada deles perpassa a ideia de que o sonho e presságio da mãe eram tolices, não há uma zombaria pelo fato do choro em si.

Entretanto, o mesmo comportamento pode ser alvo de insultos quando desempenhado por homens. Gunnar, que é ressaltado desde o início por sua bravura e desempenho com armas, sofre um corte profundo e Skammkell zomba dele para os

¹³⁶ “*Under the exchange of insults, however, we can discern another man’s strategy. Njáll, who claims to have foreseen all the disaster which is to arise from this lawsuit has been deliberately manipulating the gossip of the region for his own purposes. He placed the ambiguous garment upon the compensation pile. He did not answer Flosi’s repeated question and explain his gift. When the case against his sons for the murder of Hoskuld had been defeated on technical grounds it was Njáll who rose to his feet, asking that compensation be accepted for the slaying, because the dead man, his fosterson, Flosi’s nephew by marriage, was deared to him than his own sons and he would rather he had lost all his own sons and Hoskuld were living. So Njáll himself provokes the burining, forces his sons - against their better tactical judgement – to go into the house to be burnt like foxes in a hole, and dies himself with them, because se is too old to avange them. Njáll, with the help of Hallgerdr gossip, wins blood-vengeance for her grandson Hoskuld*” (DRONKE, Ursula. *The Role of Sexual Themes in Njal’s Saga*. London: Viking Society for Northern Research, 1981, p. 13-14).

outros afirmando que ele chorou em função da ferida. Posteriormente, Gunnar se vinga de Skammkell e de seus aliados e, ao engajar na luta, retoma a zombaria que sofreu, alegando que agora seus inimigos poderão ver se ele chorará diante deles.

Em outro momento, no ápice da saga, no incêndio à casa de Njáll, que vítima ele e sua família, Gunnarr Lambason, um dos participantes da emboscada, zomba de Skarpheðinn, perguntando se este estava chorando diante do cenário de morte irreduzível. Skarpheðinn se defende afirmando que não está chorando, apenas a fumaça do incêndio que irrita seus olhos. Kári, que escapou do incêndio, parte e ao relatar a perda de Njáll e sua família disse que “havia coisas mais dignas de homens do que chorar por aqueles mortos, e pediu-lhe que convocasse uma tropa e fosse até Holtsvað”¹³⁷. O tema da discussão entre Gunnarr Lambason e Skarpheðinn é posteriormente retomado, quando Kári mata Gunnarr Lambason ao ouvi-lo falar para o rei Sigtryggr que Skarpheðinn chorou diante das chamas.

Tais trechos demonstram que a narrativa traz o choro enquanto uma demonstração de sentimentos como medo, dor e aflição. O choro então não é bem visto enquanto um comportamento masculino, sendo inclusive uma forma de insulto passível de vingança e morte. Ao homem caberia a coragem, as armas, a resposta violenta, a bravura diante da morte, o choro, em oposição a isso, conota covardia.

Entretanto, na saga de Njáll há um contraponto em relação ao choro que pode ser traçado entre Gunnar e Njáll. Gunnar, apesar de ser acusado de chorar, não o fez. Porém, Njáll ao receber a notícia da morte Hoskuld Thrainsson, seu filho de criação, afirma que preferia ter perdido dois de seus filhos do que ele e que isto acarretaria na morte dele e de sua família. A saga narra então que Njáll sempre rombia em prantos quando o assunto fosse tocado. Não há nenhum insulto que se segue em relação ao choro de Njáll. Porém é importante frisar que Njáll é descrito e exaltado por sua sabedoria jurídica e suas profecias, não sendo destacado características como força ou habilidades com armas, a isto cabe Gunnar. Como visto anteriormente, Njáll era, inclusive, insultado por sua falta de barba, que o descaracterizaria enquanto homem. Na saga de Laxdaela também temos um cenário parecido, no qual Gest, que também apresenta dons proféticos, ao interpretar os sonhos de Gudrun, chora ao prever que Bolli acabará matando seu amado irmão de criação, Kjartan.

Também na saga Laxdaela, Thorkell é alvo de uma profecia maligna de Halldor

¹³⁷ MOOSBURGER, 2014, p. 285.

e Thorstein, seu enteado, deseja confrontá-lo em sua defesa. Thorkell então decide partir em sua jornada, mas Thorstein o alerta, pedindo para que fique, visto que o tempo não está favorável. Apesar dos esforços de Thorstein, Thorkell partiu.

Thorkell despediu-se deles até ao próximo encontro, e Thorstein foi para casa, muito abatido. Dirigiu-se à casa de hóspedes e pediu que lhe pusessem uma almofada debaixo da cabeça, o que foi feito. A criada viu como as lágrimas dos seus olhos corriam sobre a almofada. Pouco depois, um rugido atingiu a casa, e Thorstein disse: "Agora podemos ouvir o rugido do assassino do parente Thorkell"¹³⁸.

Apesar de não ser narrado enquanto profeta, Thorstein, diante do mau tempo e da profecia maligna de Halldor, compreendeu o risco que Thorkell sofreria ao partir. Seu choro é descrito, assim como o de Gest, pelo sofrimento da morte de um homem honrado e valioso.

Desse modo, os três homens choram por preverem mortes e sofrimentos de homens preciosos, como Kjartan e Thorkell, e não são zombados por isso. Porém, Gest e Njáll são descritos como sábios e proféticos, não enquanto homens bravos e guerreiros. Aos homens exaltados por sua coragem, habilidade guerreira e que se envolvem em conflitos, como Gunnar e Skarpheðinn, o choro diante do medo da morte e da dor é um insulto.

Apesar das ambas as obras destacarem o papel do homem de exercer a violência, as narrativas também trazem contrapontos, abordando figuras femininas que tomam para si a iniciativa de uma ação violenta. Na saga Laxdaela, há três casos nítidos em que isto ocorre. O primeiro caso envolve Vigdis. Como dito anteriormente, é Vigdis que reúne homens para receber Ingjald, não seu marido. Vigdis não apenas recusa o dinheiro de Ingjald, que seria fruto de uma traição ao seu parente que a buscou por ajuda, como arremessa a bolsa de dinheiro em seu rosto, de modo que lhe sangrou o nariz, enquanto também proferia zombarias contra ele. O segundo caso é o de Aud, que após sua separação com Thord, vingá-se, golpeando-o com uma espada no peito e depois seguindo para sua casa a cavalo. Thord não buscou vingança e alegou que Aud apenas fez o que deveria fazer. Os irmãos de Aud, ao

¹³⁸ "Thorkell now bade them farewell till their next meeting, and Thorstein went home, and was exceedingly downcast. He went to the guest-house, and bade them lay a pillow under his head, the which was done. The servant-maid saw how the tears ran down upon the pillow from his eyes. And shortly afterwards a roaring blast struck the house, and Thorstein said, "There, we now can hear roaring the slayer of kinsman Thorkell" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 55).

saber dos acontecimentos no seu retorno para casa, também não a repreenderam, ficando felizes com sua ação. Por fim, cito o ocorrido de Thured. Giermund possui uma espada pela qual tem muito apreço e apaixonou-se por Thured, filha de Olaf. Giermund propõe a Olaf um acordo de casamento para Thured, porém, este recusa. Giermund então recorre a Thorgerd, mãe da pretendente, dando-lhe dinheiro, pedindo que a ajude a conseguir a permissão de Olaf, que então muda de ideia após o pedido de sua esposa. O casamento ocorre, porém não há amor entre o casal. Mais uma vez, a saga nos indica que o casamento não será próspero. Giermund decide então ir embora da ilha, deixando Thured e sua filha para trás sem nenhum dinheiro ou compensação. Olaf nada o fez, visto que era um homem brando, e forneceu a Giermund um navio para sua partida. Thured então arquitetou um plano de vingança, visto a ineficiência de seu pai em defender a sua honra. Thured ordenou que fizessem um furo no barco de Giermund e entrou no navio com sua filha. Ela colocou a bebê na rede em que seu pai dormia e pegou sua preciosa espada. Giermund acorda e pede que Thured devolva sua espada e pegue a filha de volta, de modo que ele pagaria um alto valor por isso. Thured recusa e Giermund então lança uma maldição de que aquela espada iria trazer a morte ao homem de sua família ao qual seria a maior perda. Thured parte e entrega como presente esta espada a Bolli, seu primo. Foi com esta espada que Bolli desferiu o golpe fatal em Kjartan. As ações de Thured partem então do seu descontentamento com o comportamento desonroso de Giermund, que gostaria de partir sem nenhuma compensação para com ela e sua filha, e de Olaf, que diante do descontentamento de sua filha, permaneceu inerte sem vingá-la. Thured planeja sua vingança de modo astuto, reunindo homens, dando-lhe todas as ordens e roubando o bem mais precioso de Giermund, sua espada. Além disso, ela rouba sua espada deixando no lugar dela a filha do casal. Esta troca na narrativa da saga torna ainda mais explícita a divisão acerca dos papéis masculinos e femininos. O saber gênero masculino encontra na espada sua simbologia, que atrela-se assim à violência, ao partir para o exterior. Enquanto à mulher, caberia permanecer na ilha, dedicando-se aos cuidados de sua filha e domésticos.

Na saga de Njáll também é externado o desejo feminino de exercer ações violentas. Rannveig, diante da morte de seu filho Gunnar pela recusa de Hallgerdr em fornecer a ele uma mecha de seu cabelo, acusou Hallgerdr de sua morte e quase a matou ela própria.

Apesar destes trechos, o padrão de ações violentas recaem sobre o dever masculino. Entretanto, as mulheres desempenham um papel também fundamental nas ações violentas: as incitações. Em ambas as sagas abordadas, a grande parte das personagens não exercem violência empunhando armas, mas parte das armas empunhadas tiveram como motivações as suas palavras. Na saga Laxdaela, a vingança de Thured e o roubo da espada rogaram à sua família a maldição que assolou Bolli, que recebeu o presente. Também na saga Laxdaela, é a mãe de Kjartan que rejeita a possibilidade de conciliação e compensação legal pela morte do filho. É ela quem incita seus outros filhos a honrarem seu irmão.

“aqui vive Bolli, o assassino do teu irmão, e tu és muito diferente da tua nobre família, pois não vingará um irmão como foi Kjartan; Egil, o pai da tua mãe, nunca se comportaria de tal maneira; e é lamentável ter filhos tolos; na verdade, acho que te teria servido melhor se tivesses sido filha do teu pai e tivesses casado. [...] é esta a má sorte de Olaf que eu vejo mais claramente, como ele errou ao gerar os seus filhos. E eu gostaria de te dizer isto, Halldor”, diz ela, “porque tu te consideras o mais importante dos teus irmãos. Agora vamos voltar para trás, pois tudo o que fiz aqui foi lembrar-te disto, para que não o tenhas já esquecido”¹³⁹.

Thorgerd chama seu filho e leva-o ao lugar em que mora Bolli, provocando-o e questionando a sua honra e nobreza. Halldor, ao não matar Bolli, envergonha sua mãe. Ela então destaca seu pai, que jamais iria ser passível desta maneira, seus filhos agem então de modo tolo. A fala de Thorgerd insulta e provoca Halldor, questionando que, devido a sua ineficiência em agir de acordo com o seu papel esperado, este deveria ter sido filha de Olaf e casado. Deste modo, Thorgerd destaca que um homem nobre deveria proteger a honra de sua família, impondo sua força e coragem. Egil seria então o exemplo do homem que corresponde a esta expectativa. Halldor, ao não agir de tal maneira, comporta-se tal qual uma mulher. Novamente é então ressaltado a relação entre violência e papel masculino, a passividade de Halldor o coloca em uma posição em que sua mãe questiona que este deveria ter nascido mulher e casado-se,

¹³⁹ “Here lives Bolli, the slayer of your brother, and marvellously unlike your noble kindred you turn out in that you will not avenge such a brother as Kjartan was; never would Egil, your mother's father, have behaved in such a manner; and a piteous thing it is to have dolts for sons; indeed, I think it would have suited you better if you had been your father's daughter and had married. For here, Halldor, it comes to the old saw: 'No stock without a duffer,' and this is the ill-luck of Olaf I see most clearly, how he blundered in begetting his sons. This I would bring home to you, Halldor,” says she, “because you look upon yourself as being the foremost among your brothers. Now we will turn back again, for all my errand here was to put you in mind of this, lest you should have forgotten it already” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 55).

talvez assim, pelo menos seu genro vingasse Kjarta. Thorgerd também critica Olaf, afirmando que este comportamento covarde de seus filhos é fruto dele. É importante lembrar que Olaf, pai de Halldor e Kjartan, também teve seu caráter passivo ressaltado na narrativa pela sua falta de ação em vingar Thured. Thured tomou para si a iniciativa de vingar ela própria Giermund, diante da inércia de seu pai, e Thorgerd, assim como sua filha, tomou para si o papel de buscar e estimular seus filhos a vingar Kjartan. Seu desejo em concretizar a vingança era tão forte, que ela, como visto anteriormente, parte com eles nesta jornada, que não deveria ser uma jornada para mulheres. Apesar da ressalva de seus filhos, Thorgerd acompanha estes em toda jornada, até mesmo quando eles arrancam a cabeça de Bolli.

Também acerca da saga Laxdaela, alguns autores defendem que Gudrun é a figura central da narrativa, visto que o desenvolvimento da obra perpassa, principalmente, as ações desta. A narrativa descreve seus 4 casamentos, suas frustrações e finaliza com seus descendentes. Foi o incentivo à vingança de Gudrun em Bolli e seus irmãos que ocasionou a morte de Kjartan, que também recebe grande destaque dentro do escopo narrativo. Gudrun então provoca indiretamente a morte de Kjartan e de Bolli, que posteriormente morre vingado. Também é ela quem incita seus filhos a vingarem Bolli, anos depois.

algumas noites depois de Gudrun ter voltado para casa, ela chamou os filhos para conversar com eles em seu pomar; e quando chegaram lá, viram que estavam espalhadas algumas roupas de linho, uma camisa e calças de linho, e estavam muito manchadas de sangue. Então falou Gudrun: "Essas mesmas roupas que você vê aqui clamam pela vingança de seu pai. Não direi muitas palavras sobre esse assunto, pois é impossível que você atenda a um incentivo apenas com palavras se não trouxe para casa em suas mentes dicas e lembretes como esses"¹⁴⁰.

Gudrun utiliza como ferramenta para legitimar ainda mais seu clamor por vingança as roupas ensanguentadas de Bolli que usara quando foi morto, mostrando-as aos seus filhos. São as roupas, de acordo com ela, que clamam por vingança. Este mesmo padrão, de utilizar as roupas do morto enquanto forma de estimular o desejo

¹⁴⁰ "A few nights after Gudrun had come home she called her sons to her to have a talk with them in her orchard; and when they were come there they saw how there were lying out some linen clothes, a shirt and linen breeches, and they were much stained with blood. Then spake Gudrun: "These same clothes you see here cry to you for your father's revenge. I will not say many words on this matter, for it is past hope that you will heed an egging-on by words alone if you bring not home to your minds such hints and reminders as these" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 55).

de vingança, também é visto na saga de Njáll.

Hildigunnr é a responsável por incentivar Flosi a vingar Hoskuld. Além do choro já mencionado, Hildigunnr também mostra a Flosi a roupa que este havia dado de presente a Hoskuld e que ele estava usando quando foi morto. Hildigunnr guarda a roupa de Hoskuld suja com o seu sangue para despertar em Flosi o desejo de vingança.

Também na saga de Njáll temos Hallgerdr e Bergþóra, que, em função das ofensas trocadas, enviam seus escravos e supervisores de trabalhos matarem uns aos outros, desencadeando assim o conflito entre a Njáll e Gunnar. Ambas as esposas criticam seus maridos, que são dito enquanto frouxos, que, perante os conflitos e as mortes, recorrem à Assembleia para a compensação e conciliação. Hallgerdr e Bergþóra então arquitetam por vontade própria e sem o consentimento de seus maridos as vinganças, enquanto estes buscam resoluções legais.

Há então uma padronização, em que as mulheres incitam seus parentes homens mais próximos e aptos, como filhos, pais e maridos, para vingarem algo ou alguém, defendendo assim a honra de suas famílias. São essas motivações femininas por vingança, empunhando armas ou incitando ataques, que, diversas vezes, desenrolam o fio do enredo destas narrativas. Este comportamento já foi apontado por Jochens, que apontou a divisão das figuras femininas em quatro aspectos: a guerreira, a profetisa ou feiticeira, a vingadora e a provocadora. A vingadora valoriza os laços familiares, mais do que os de casamento, e irá buscar vingança por suas próprias mãos para defender a sua honra. Julgo que um bom exemplo para esta classificação encontra-se nas ações de Aud, que ataca seu ex marido. A provocadora seria a personagem que incita seus parentes masculinos a vingar a honra de sua família, podendo utilizar recursos como insultos ou objetos para estimular tal pedido, como Hildigunnr.

Ambas as narrativas carregam entre si paralelos enquanto à vingança. Apesar de ser um papel masculino exercer a violência, as mulheres são, muitas vezes, as responsáveis por incitar tais ações. Olaf representa dentro da narrativa da saga Laxdaela este esforço em buscar soluções pacíficas, mesmo diante do roubo dos presentes de Kjartan e da morte deste e da ação de Giermund com Aud, ele permanece sem buscar vinganças. Já na saga de Njáll, este é Njáll é exaltado pelo seu conhecimento das leis, de modo a junto a Gunnar buscar por resolver os conflitos

também na Assembleia. Desse modo, há um paralelo: enquanto os homens buscam por deliberações legais, as mulheres desejam o derramamento de sangue. É diante desta padronização de comportamento que Flosi, ao se deparar com o casaco de Hoskuld ensanguentado, chamou de Hildigunnr de “pior monstra, e gostarias que nós tomássemos as providências que nos serviriam da pior maneira possível, e ‘são frios os desígnios da mulher’.”¹⁴¹ Flosi sabia que a busca por vingança de Bolli envolveria um grande esforço, visto a influência e a força dos filhos de Njáll, e que, provavelmente, esta também resultaria em novas vinganças. Frios são os conselhos e desejos de uma mulher, que provocam a morte de tantos.

Bergþóra falou, quando os homens estavam à mesa: “Fostes agraciados, pai e filhos, com presentes, e sereis camarados de pouco valor a menos que os repagueis.” “Que presentes são esses?” diz Skarpheðinn. “Vós, filhos meus, compartilhais todos o mesmo presente: sois chamados de barbas-de-esterco, já meu marido é chamado de o velho imberbe.” “Não temos o temperamento de mulheres,” diz Skarpheðinn, “que com qualquer coisa se enfurecem.” “Contudo, Gunnarr se enfureceu por vossa causa,” diz ela, “e ele é considerado de bom temperamento; e se não vos vingardes disso, jamais haveis de vingar qualquer desonra”¹⁴².

Ao saber dos insultos que sofreu, Skarpheðinn afirma que, diferente de sua mãe, ele não se ofendeu, visto que eles não compartilham do mesmo temperamento. O temperamento feminino, de modo geral, é visto então como algo volátil. Agir de acordo com o temperamento da mulher levaria a ações inconsequentes, resultando em mais mortes.

Este comportamento feminino em incitar as vinganças de sangue em oposição à busca dos homens de resolver os conflitos na Assembleia é associado por alguns autores ao fato de que as mulheres não têm acesso ao sistema legal da mesma forma que os homens. Às mulheres, como dito anteriormente, caberia o âmbito doméstico, estas não tinham permissão para falar na Assembleia, dependendo assim dos seus parentes ou aliados homens para defenderem seu caso. Um exemplo disto é o divórcio de Unnr, em que Mǫrðr, seu pai, declarou na rocha da lei a sua separação de Hrútr. A narrativa de ambas as sagas trazem então as negociações em assembleias como ações masculinas, são os homens que discutem se haverá ou não uma resolução e qual seria o valor pago em compensação pelo assissanato ou outra ação acusada.

¹⁴¹ MOOSBURGER, 2014, p. 258.

¹⁴² Ibidem, p. 156.

Frente à impossibilidade de participar das negociações e das discussões na Assembleia, as mulheres então recorrem à influência em suas famílias para fazerem valer suas vontades.

Entretanto, também é possível interpretar a oposição entre a escolha das mulheres por uma vingança violenta e a dos homens por uma deliberação legal representaria dentro da narrativa a oposição entre os velhos e novos costumes. As sagas então utilizam os papéis de gênero como uma meio de narrar o costume pagão antigo e a nova Islândia do século XIII. Há então uma oposição entre os antigos costumes pagãos, associados às mulheres e as vinganças por honra, e os novos, associados aos homens e à legalidade.

De fato, é notório em ambas as narrativas a ausência das mulheres nas negociações e disputas legais, mas é necessário atentar ao fato de que há um destaque em associar à mulher uma culpabilização pelas mortes causadas.

O papel da mulher dentro do casamento era, assim como a gestação de homens saudáveis, a submissão diante de seu marido. Homens que se deixassem levar pelas opiniões de suas mulheres estariam fadados à desgraça. Há então uma correlação narrativa e discursiva entre associar um mau monarca, um mau homem à má influência de sua esposa. Desse modo, a esposa ideal é virgem e submissa ao seu marido, fornecendo-lhe filhos saudáveis, alianças políticas e terras. Em contraposição, a esposa que fugisse dos papéis cabíveis à mulher e questionasse a hierarquia de gênero e sua submissão, seria uma esposa perigosa, que levaria seu marido à ruína, como o fez Gudrun e Hallgerdr.

De um homem é esperado então coragem e virilidade para defender a sua honra e de sua família através da imposição de sua força, agindo assim também de forma violenta. De uma mulher é esperado então gentileza e submissão, para honrar seu marido e seus filhos, cuidando do âmbito doméstico. Mas as sagas aqui analisadas, na mesma medida, questionam esta hierarquia e as consequências dessas transgressões enquanto questionam o velho e o novo, o pagão e o cristão, a violência e a legalidade.

Ambos os protagonistas da saga de Njáll, Gunnarr e Njáll, demonstram ressalvas às vinganças de sangue tradicional da Islândia pagã, questionando as

implicações dos papéis de gênero masculino¹⁴³. Gunnar, o homem mais bravo e corajoso da saga de Njáll, que tem a maior habilidades com arma, ao se vingar e matar Skammkell e seus aliados, questiona tal ação: “se acaso sou menos bravo do que outros homens, que a mim, mais que aos outros homens, parece-me pesaroso matar homens.” Olaf, mesmo diante da morte de seu filho prodígio, Kjartan, não deseja a morte de Bolli. Desse modo, apesar de ambas as obras deixarem claro que ações que perpassam a violência, como emboscadas de vingança e partir ao exterior, sejam papéis masculinos, Gunnar não demonstra felicidade ou satisfação após matar outros homens. De modo semelhante, na saga Laxdaela, é Aud que ataca Thord com a espada e vinga-se dele por seu divórcio.

A saga de Njáls e a saga Laxdaela podem ser interpretadas de modo a destacarem então em suas narrativas os homens que defendem os valores cristãos enquanto as mulheres se opõem a estes.

As figuras poderosas da sociedade eram homens e os novos costumes cristãos eram controlados e interpretados por homens. As práticas pagãs residuais foram, por isso, banidas para a periferia da comunidade masculina, onde só as mulheres idosas, as viúvas e as mães adotivas as praticavam. Embora a divisão cultural seja marcada pelo gênero no caso deste motivo literário, na saga de Njáls, tal como noutros textos nórdicos, os papéis dos gêneros são flexíveis e o poder muda entre homens e mulheres à medida que as personagens trocam de papéis¹⁴⁴.

O retrato do sistema de leis e das negociações, que perpassa a oposição entre os diferentes desejos masculinos e femininos e a participação dos homens na Assembleia e a ausência das mulheres, também é, por si só, transpassada pelo saber do gênero.

O ponto principal então, acerca da violência, é que esta em si mesma não era vista enquanto algo negativo. Havia uma associação do poder e imposição da força física e uso da violência ao homem, como analisado através das narrativas através de

¹⁴³ ROSWELL, Thomas. *Gender Roles and Symbolic Meaning in Njáls Saga*. 2012. Disponível em: <https://www.medievalists.net/wp-content/uploads/2012/11/genderinNjala.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

¹⁴⁴ “The powerful figures of society were men and the new Christian customs were controlled and interpreted by men. The residual pagan practices were therefore banished to the periphery of the male community where only old women, widows and foster mothers would practice them. Though the cultural divide is gendered in the case of this literary motif, in Njáls saga as in other Norse texts, gender roles are flexible and power shifts between men and women as characters switch roles” (ROSWELL, Thomas. *Gender Roles and Symbolic Meaning in Njáls Saga*. 2012, p. 9. Disponível em: <https://www.medievalists.net/wp-content/uploads/2012/11/genderinNjala.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024).

presentes e associações diretas. Porém a violência é compreendida negativamente a partir do momento em que é utilizada para transgredir, interferir na ordem social. Há violências legitimadas e não legitimadas, com honra e sem honra, para ambos os gêneros, havendo um destaque do papel masculino em exercer a força física e da mulher em incentivar o homem a agir violentamente fora da legitimidade e da nova ordem social nessas narrativas.

Ambas as sagas então evidenciam de modo nítido em sua narrativa quais são as expectativas e os papéis associados às relações de gênero, mas, em certo aspecto, também criticam e questionam se estes saberes de gênero são realmente restritos e fixos, como Gudrun e Gunnar, e como estes papéis estão também transversalizados com o novo e o velho mundo islandês. As relações de gênero então interferem diretamente no modo que a narrativa descreve a forma que homens e mulheres atuam nas relações de poder e violência.

3.3. Religião e Política

Como discutido no capítulo anterior, a produção das sagas e outros manuscritos islandeses estão profundamente envolvida com o processo de letramento e cristianização. A saga de Njáll e a saga Laxdaela descrevem o passado islandês, seu processo de assentamento, herança de terras, alianças de família e cristianização, já sob a perspectiva de um olhar cristão letrado. As obras aqui analisadas, portanto, devem ser analisadas e compreendidas perpassando o fato de que seus fios narrativos estão dispostos no tecido do cristianismo.

Apesar de não serem obras religiosas, ambas as sagas são obras produzidas em um mundo já cristianizado e que carregam em suas narrativas esta moral. Foram atitudes pagãs de Mjǫrðr e Valgarðr que irão conduzir ao ápice da saga de Njáll, o incêndio. Também foram ações pagãs e foras da lei que levaram o segundo marido de Gudrun à morte, afogado, na saga Laxdaela.

Diversos personagens então são descritos demonstrando comportamentos cristãos almejados, como compaixão e perdão, como Kjartan e Hoskuld. Kjartan não é malicioso e não acredita que Bolli, seu parente amado, iria planejar nenhum mal contra ele. Quando Bolli o mata, comete tal atrocidade sem Kjartan apresentar resistência. Kjartan preferiu morrer do que levantar as armas contra seu irmão de

criação. Do mesmo modo, Hoskuld, quando emboscado por seus irmãos de criação filhos de Njáll, também não se defende, de modo que suas últimas palavras pedem para que Deus perdoe os seus irmãos. Também na saga de Njáll, Bergþóra escolhe morrer ao lado de Njáll e seu neto deseja também permanecer com ela até o fim. Deitados os três na câmara, Njáll, Bergþóra e seu neto, eles são cobertos por um couro de vaca a pedido de Njáll. O casal então faz o sinal da cruz neles e no garoto e aceitam o seu destino.

Lá embaixo eles acharam o couro de boi, e ele estava como que enrugado pelo fogo. Retiraram-no, e embaixo dele estava o casal, não queimado. Todos louvaram Deus por isso, e parecia um grande milagre. Em seguida, foi retirado o menino que se deitara entre os dois, e dele queimara-se o dedo que ele estendera para fora do couro. Njáll foi levado para fora, e assim também Bergþóra. Em seguida, todos os homens se aproximaram para ver seus corpos. Hjalti falou: “Como vos parecem estes corpos?” Eles responderam: “Desejamos esperar por teu pronunciamento.” Hjalti falou: “Não me acanharei em dizer o que penso disso. O corpo de Bergþóra parece-me estar como se esperaria, e, não obstante, está bem. Mas o semblante de Njáll e seu corpo parecem-me tão brilhantes que jamais vi corpo de homem morto tão brilhante antes”¹⁴⁵.

A narrativa da saga então alcança o seu auge, o episódio do incêndio. Diante da zombaria e das violências proferidas entre os filhos de Njáll, como Skarpheðinn que arremessa em Gunnar Lambason a mandíbula arrancada de Þráinn, e Gunnar Lambason que insinua o choro de Skarpheðinn diante das chamas, temos Flosi e Njáll, que mesmo estando na mesma situação, portam-se de maneira honrada. Njáll e Bergþóra agem de maneira honrosa até o fim, morrendo juntos e simbolizando e clamando a sua fé até o último momento. Em compensação a este ato de fé, seus corpos são protegidos do incêndio.

A mentalidade cristã da ilha do século XIII se fez presente na construção dessas narrativas, como visto acima, o que resultou também na maneira a qual as relações de gênero fossem descritas nessas sagas.

Ocorre uma construção discursiva, cultural, simbólica em que a mulher ideal é submissa e obediente, virgem e imaculada. Em oposição, o não desejado comportamento feminino, apresenta características como desobediência e tentação, conduzindo o homem ao pecado.

As mulheres na narrativa de ambas as sagas, ao estimularem vinganças de

¹⁴⁵ MOOSBURGER, 2014, p. 287.

sangue que apenas conduzem a mais mortes, agem de maneira egoísta e distanciando-se do ideal cristão. A mulher ideal seria aquela que clama a fé cristã e respeita as decisões de seu marido, protegendo-o, honrando-o, como fez Bergþóra ao final de sua vida.

Também se faz necessário discutir as diferentes formas que a mulher e seu papel são vistos, através dos anos de sua vida. Na sua infância a mulher é submissa ao seu pai e irmãos, sendo essa tutela depois transferida ao marido através do casamento. Apesar de sempre dever estar submissa e sobre a tutela de um homem, a mulher em sua juventude gera maior preocupação devido ao seu apelo sexual e provocação de sua beleza. Em idade mais avançada, a mulher teria menor poder provocador e pecador. As mulheres jovens então deveriam ser analisadas e cuidados por seus tutores homens, não podendo ser confiadas¹⁴⁶.

A vida jovem adulta da mulher é então valiosa pelo controle de seus corpos e capacidade reprodutiva, por isso sua honra era baseada em sua pureza sexual, que era de responsabilidade de seu tutor masculino proteger. A mulher mais velha perde seu valor, visto que não é mais capaz de reproduzir ou seduzir como antes, não sendo alvo de propostas de casamento e arranjos de aliança. Por isso a relutância de Hallgerdr em não ser tomada como uma velha, ou seja, sem valor.

Podemos traçar, portanto, um paralelo entre esta perspectiva e Gudrun. Esta é introduzida na narrativa da *Laxdæla saga* enquanto a mulher mais bela da Islândia e gera ao longo do fio narrativo diversas vinganças de sangue e mortes a sua volta, entretanto, mais velha e já convertida à cristandade, a narrativa em sua volta é muito mais pacata e amena. Também é notório a ideia de que a velhice poderia então diminuir o valor de uma mulher, que pode ser atrelada a perda do seu auge de capacidade reprodutora¹⁴⁷. Foi a Gudrun pagã, jovem, bela, tentadora, questionadora da hierarquia de gênero que levou Bolli e Kjartan à morte. Porém, foi a Gudrun mais velha e cristã que foi enaltecida no final da saga como a primeira islandesa a saber profundamente sobre o saltério, o livro dos salmos, estando presente na Igreja recorrentemente.

Também ao final da saga *Laxdæla*, é descrito o sonho da neta de Gudrun, Herdis, no qual uma mulher a pede para avisar a sua avó que ela está insatisfeita com

¹⁴⁶ FRIDRIKSDÓTTIR, 2020.

¹⁴⁷ MOOSBURGER, 2014, p. 142.

ela, pois ela “se arrasta sobre mim todas as noites e deixa cair sobre mim gotas tão quentes que estou queimando por toda parte delas”¹⁴⁸. Gudrun ordena então que o chão da Igreja seja cavado no local em que ela ajoelhava para rezar. Foram achados ossos com aparência azul e malévola junto a um broche e uma varinha de feiticeiro, que foram então retirados para longe.

Em seu último capítulo, a saga Laxdaela permanece com seu enfoque narrativo em Gudrun, que tem sua religiosidade e nobreza exaltadas “ela foi a primeira freira e reclusa na Islândia, e por todas as pessoas é dito que Gudrun foi a mais nobre das mulheres de nascimento igual a ela nesta terra”¹⁴⁹.

As mulheres, como visto anteriormente, em diversos momentos atuam de modo a simbolizar os antigos costumes, violentos e pagãos, em oposição aos homens, que prezam pela legalidade e cristianismo. Gudrun então, apesar de não ter participado da decisão da adoção do cristianismo na ilha na Assembleia, desempenha um papel simbólico na transição do paganismo para o cristianismo, através da remoção dos artefatos pagãos e de salvação para aqueles que antes se apegavam aos costumes antigos¹⁵⁰.

É através de Gudrun então que a saga Laxdaela simboliza a passagem do mundo pagão para o cristão, mas, principalmente, a passagem da antiga para a nova ordem social. É Gudrun quem no início preza por defender sua honra e desejos de forma egoísta, questionando a hierarquia de gênero e levando seu marido Bolli a desgraça, assim como Kjartan. Foi também Gudrun quem, após convertida, retirou da Igreja os resquícios malignos do costume pagão e não causou mais mortes aos homens à sua volta.

Em relação a saga de Njáll, é perceptível o mesmo padrão, em que se enaltece valores cristãos em ações masculinas, como a de Hoskuld, e alertam aos perigos da mulher bela e tentadora, que busca a violência como resolução. Hildigunnr, como já dito, exerce o papel de estimuladora de vingança, incitando Flosi à violência. Mas ela o faz afastando-o da cristandade. Flosi ao assumir o dever da vingança está dentro de um cenário ambíguo, apesar de sucumbir à vingança de sangue na busca por

¹⁴⁸ “for she creeps about over me every night, and lets fall down upon me drops so hot that I am burning all over from them” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 76).

¹⁴⁹ “She was the first nun and recluse in Iceland, and by all folk it is said that Gudrun was the noblest of women of equal birth with her in this land.” (Ibidem, cap. 78).

¹⁵⁰ FRIDRIKSDÓTTIR, 2020.

honra, apenas toma para si tal dever quando antes permeia e procura a benção cristã. A busca de Flosi pela cristandade em suas ações culminaram posteriormente no perdão do Papa.

A posição de Flosi como arquiteto do incêndio pode ser compreendida num trecho de suma importância. Ele parte para o incêndio exortado por Hildigunnr, que lhe diz: “Este casaco, Flosi, tu que o deste a Høskuldr, e eu agora to devolvo. E vestindo-o ele foi morto. Invoco assim Deus e os bons homens como testemunhas de que te conjuro por todo o poder de teu Cristo e por tua hombridade e coragem, para que vingues cada chaga que ele recebeu ao morrer, ou, do contrário, que sejas motivo de escárnio para todos os homens.” Não vem ao caso se Hildigunnr é cristã ou não: no momento em que ela exorta Flosi, ela se afasta de Cristo, dizendo-lhe: “teu Cristo”. Será fortuito? É como se o autor da saga estivesse atenuando Flosi e jogando o peso sobre Hildigunnr. Flosi, ao mesmo tempo, tem um dever ancestral a cumprir, e deve fazê-lo em nome de Cristo¹³⁸. A importância do dever ancestral fora antecipada artificialmente na narrativa no Cap. CVI, quando Ámundi, favorecido por um milagre efêmero, recobra a visão para vingar a morte de seu pai; após esse episódio, Njáll percebe os desígnios divinos: “Não se pode culpar-te por isso,” diz Njáll, “pois algo assim é muito predestinado, e é um alerta, se acontecimentos assim se dão, para não se furta aos deveres dos laços de sangue estreitos.” Flosi vai à igreja antes de cometer o crime do incêndio, mas, diferentemente dos demais incendiários, Flosi porta-se de maneira honrada. A legitimação do ato de Flosi é mais clara no final da saga: Flosi é absolvido pelo próprio Papa (Cap. CLVIII), redimindo-se, aos olhos de um cristão, de seus pecados. A saga se encerra com a conciliação entre Kári e Flosi, conciliação plena e sem indenização paga, sem mais mortes¹⁵¹.

Mostrando a roupa ensanguentada de Hoskuldr, Hildigunnr demanda a vingança de Flosi invocando sua nova fé, assim como a coragem que está atrelada ao que significaria ser um homem. Flosi, ao mesmo tempo então que cede ao pedido de Hildigunnr, diferente de Mørðr que é artiloso e malicioso quando deseja incendiar Gunnar, antes busca a igreja e benção de Cristo. Ao incendiar a casa de Njáll, Flosi sugere tal ação com pesar, visto que ele e os outros homens são cristãos. Flosi, apesar de agir de maneira violenta, manteve sua honra, demonstrando coragem, e de acordo com a nova fé, sendo, assim, um bom homem. Hildigunnr, entretanto, age com conselhos frios, distanciando Flosi da cristandade.

Ressaltamos aqui a emblemática Hallgerdr. Hallgerdr é introduzida na saga pela sua beleza magnífica, com os cabelos mais belos, e, portanto, tentadora, que esconde sua verdadeira índole de ladra, percebida por seu tio. Hallgerdr, que não aceita a submissão da escolha do seu pai, trama pela morte de seu primeiro marido.

¹⁵¹ MOOSBURGER, 2014, p. 86-87.

Também é notório a importância simbólica do cabelo feminino nas diferentes obras do medievo. Abrir mão do cabelo, símbolo da beleza e sensualidade feminina, representa abdicação do mundo terreno, do caráter provocador feminino em prol de uma busca pelo divino e pelo submisso¹⁵². Gunnar, apesar de ter permanecido lutando, foi morto sem poder utilizar mais o seu arco, pois Hallgerdr não abriu mão de seu cabelo e de sua vingança pelo tapa. É importante ressaltar que o cabelo, dentro da representação do feminino, carrega em sua simbologia a sexualidade e a feminilidade. Hallgerd é então ardilosa, pecadora, provocadora com sua beleza e cabelo, vingativa e não submissa, o que traz para todos os homens que se relacionam com ela a ruína.

Também é necessário abordar o processo de cristianização da ilha dentro das duas narrativas. Este é descrito de maneira breve e destacando como, após a influência e interferência norueguesa, foi tomada a decisão na Assembleia. Na saga Laxdaela, é através da viagem de Bolli e de Kjartan à Noruega que o processo de cristianização se inicia. O rei Olaf mantém homens islandeses presos, em função da resistência islandesa em aceitar a nova fé. O rei então envia o sacerdote da corte, chamado Thangbrand, Gizor e Hjalti Skeggjason para a Islândia, para impô-la. É Bolli, junto a Gizor e Hjalti, que ao chegarem à ilha vão até a Assembleia e pregam a nova fé, que é então aceita. Na saga de Njáll também perpassamos alguns dos mesmos personagens. O rei Olaf prende homens islandeses de sua corte e envia Thangbrand, Gizor e Hjalti Skeggjason para a ilha com o objetivo de cristianizá-la. Entretanto, a saga de Njáll descreve com mais detalhes este processo. Em comparação com a saga Laxdaela, a saga de Njáll dá um maior destaque à resistência da ilha em aceitar a nova religião, descrevendo os embates que envolvem Thangbrand e o pagamento de três marcos de prata para Þorgeirr para que ele proclamasse as leis a favor do cristianismo. Desse modo, após a decisão da cristianização na Assembleia, “os homens pagãos julgavam que haviam sofrido uma grande traição, contudo a fé foi feita lei e todos os homens tornados cristãos nesta terra”¹⁵³. Há então uma maior dualidade narrativa, entre os homens pagãos e os homens cristãos pelo futuro

¹⁵² ZIERER, Adriana. A Morte Feminina em Dois Episódios d'A Demanda do Santo Graal: entre Eva-Pecadora e a Virgem Maria. *Mythos*, v. 3, n. 1, p. 10-30, 2018. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.1281.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

¹⁵³ MOOSBURGER, 2014, p. 246.

religioso da ilha, que também trespassava interesses políticos.

Entretanto, o ponto que mais se destaca para esta análise está centrado no fato de que nas duas obras, desde a interferência norueguesa ao processo de decisão na Assembleia, as narrativas perpassam apenas personagens masculinos. São Kjartan, Bolli, Thangbrand, Gizor, Rei Olaf, Hjalti Skeggjason e Þorgeirr as figuras centrais para o processo de cristianização da ilha. Como vimos anteriormente, havia diversos empecilhos para a presença de mulheres na Assembleia.

Apesar da ausência de figuras femininas na narrativa no processo que levou ao cristianismo, isto não impediu então que a mentalidade cristã da ilha do século XIII se fizesse presente na forma que as relações de gênero fossem descritas nas sagas, em que se alerta aos perigos de se conduzirem de acordo com os desejos da beleza e da tentação feminina.

Do mesmo modo que as narrativas das sagas perpassam o olhar cristão da Islândia do século XIII, os interesses e perspectivas políticas também se fazem presentes na obra.

Em ambas as obras a política está presente, através da formação de alianças, desenrolar de conflitos e tomadas de decisão na Assembleia. A genealogia, a política e o casamento estão profundamente entrelaçados nessas narrativas. Como vimos anteriormente, Olaf enfrenta dificuldades em se casar por ser filho de uma escrava. Na saga de Njáll, Þjóstólfr discute com Glúmr ao receber ordens deste, visto que não deverá agir como os escravos. Há então nas duas obras aqui analisadas uma distinção clara, os personagens narrados, que possuem uma destacada descrição genealógica, pertencem a famílias prestigiadas, que desfrutavam da posse de terras assim como de influência política. As relações de poder, as disputas políticas, então perpassam a forma que as relações de gênero estão dispostas no escopo narrativo. O casamento, como vimos, em ambas as obras era uma forma de criação de alianças e de passagem ordenada de heranças para herdeiros legítimos, Njal ao tentar casar seu novo filho de criação, Hoskuld, com Hildigunn Starkadardottir, sobrinha de Flosi Thordarson, recebe desta uma recusa, visto que Hoskuld não é um chefe local, um godi. Njáll então solicita um tempo maior para conceder um godi a Hoskuld e efetuarem assim o casamento. Apesar da busca de Njáll, ninguém esteve disposto a vender seu goðorð a Hoskuld. Porém, Njáll converte a situação arquitetando a criação de uma nova corte, a quinta, a qual foi assumida por Hoskuld. Diante disso, o

casamento entre Hoskuld e Hildigunn foi firmado.

O status político então transpassa diversos âmbitos da vida social, sendo crucial para, inclusive, a recusa ou aceitação de acordos de casamento. Além disso, o status política e familiar também interfere nas questões relativas ao estupro, como discutido anteriormente. A violência sexual acerca de uma mulher escrava ou de uma criada não é contestada da mesma forma que uma mulher de família alto prestígio.

Além disso, a narrativa das sagas aqui analisadas também perpassa os impedimentos que os homens livres não detentores de grandes terras passavam. As decisões na Assembleia e as disputas e formação de alianças narradas envolvem os homens mais importantes da ilha, influentes politicamente e detentores de terras e *godard*. A análise das narrativas também, como mencionamos ao abordar o processo de cristianização, permite-nos perceber que a mulher não poderia estar presente nesses espaços políticos. Para as mulheres havia diversas limitações, como a proibição para falar publicamente em assembleia e para atuar como juízes, testemunhas legais e *godir*, apesar de poder herdar um *godard*. Se uma mulher herdasse um *godard*, ela deveria então passar a liderança para um homem. Por isso diversas mulheres buscam o apoio masculino nas sagas para buscar. Unnr, como dito anteriormente, depende de seu pai para se divorciar de Hrútr, o que demonstra sua falta de independência em advogar por si mesma¹⁵⁴.

As sagas então descrevem os impasses políticos na Assembleia transcorrendo as ações dos homens que os autores julgam ser dignos de serem narrados. As mulheres, mesmo aquelas pertencentes às mesmas famílias que os homens, deveriam estar restritas ao âmbito doméstico. Na saga de Njáll, Hildigunnr, ao receber Flosi, afirma que os homens de sua casa deverão recebê-lo do lado de fora, aguardando sua chegada, enquanto as mulheres deverão limpar a casa e estender as tapeçarias, arrumando também o assento de honra para Flosi.

Ao homem caberia então, para além do papel de exercer a violência e coragem de forma honrada e demonstrar adjetivos cristãos como compaixão, as deliberações legais. À mulher caberia então os cuidados domésticos, honrando seu marido e a fé cristã, sendo submissa aos seus parentes masculinos e suas decisões políticas.

¹⁵⁴ O'DONOGHUE, Heather. Women in Njáls Saga. In: HINES, John; SLAY, Desmond (Eds.). *Introductory Essays on Egils Saga and Njáls Saga*. London: Viking Society for Northern Research, 1992.

Apesar de não participar do espaço político oficial como os homens, as mulheres tinham papel fundamental na produção têxtil, que, como visto no primeiro capítulo, era essencial para a economia islandesa do medievo. Produzido dentro do âmbito doméstico por mulheres, a produção têxtil está presente em ambas as sagas. Na saga Laxdaela, Gudrún está fiando enquanto seu Bolli está matando Kjartan. As sagas não são obras, como discutimos previamente, que retratem com exatidão a vida da Era Viking, mas, diante dos complexos dramas, também descrevem em sua narrativa aspectos do cotidiano como os cuidados com a fazenda e a produção e fiação têxtil dentro das casas.

Entretanto, apesar de tais restrições, as mulheres desenvolvem nessas narrativas grande relevância e impacto. A responsabilidade pela administração da casa e suas dependências, apesar de ser um cuidado doméstico, também transpassa as alianças políticas. É Hallgerdr quem cuida e organiza os alimentos servidos aos convidados que irão à Assembleia. É a atitude de Hallgerdr que também coloca Gunnar em uma situação de disputa legal e conflito diante do roubo dos alimentos. Helgi Þorláksson, professor de História da Universidade da Islândia, ressalta que as esferas pública e privada estão separadas por uma linha tênue dentro deste cenário. Aspectos como os cuidados da casa, a manutenção de seus dependentes, a organização da recepção de convidados em momentos de festividade, como casamentos, estavam entrelaçados à vida política social, visto que demonstravam prestígio, honra e riqueza. Estes eram pontos relevantes para a criação de alianças entre famílias e eram organizados pelas mulheres.

Mesmo diante das limitações mencionadas, a atuação feminina no mundo político da Islândia dessas narrativas também se fazia pela sua influência dentro de suas famílias. As mulheres então, mesmo não sendo descritas enquanto frequentando os espaços oficiais, fazem-se presentes no cenário das deliberações. Na saga Laxdaela, Vigdis é uma das personagens que demonstra grande influência política, sendo suas ações aclamadas por honra, em comparação ao seu marido, que age de maneira covarde. É ela quem protege seu familiar, reúne homens e recusa o dinheiro de uma traição, divorciando-se de seu marido, que possui temperamento frouxo dentro da narrativa. Em resumo, Vigdis emerge como uma personagem central naquele cenário de disputa, demonstrando integridade e liderança, em contraste com a fraqueza evidente em Thord. Ela então conquista o respeito de sua família e de seus

dependentes. Na mesma obra, é introduzida logo em seu primeiro capítulo a personagem Unn, a de Mente Profunda. Unn, após a morte de seu filho e seu pai, toma para si papéis ditos enquanto masculinos, ordenando a construção de um barco e partindo da Escócia e chegando à Islândia. Unn obteve sucesso salvando seus parentes restantes e assumindo a divisão e organização de suas terras na ilha. É ela quem organiza as questões relativas à sua propriedade e família, organizando o casamento de seu neto, que diz escolher uma noiva que não interfira nas decisões da avó. Até mesmo em seu leito de morte, é narrado que Unn foi encontrada pelo neto sentada, de modo que “todos acharam uma coisa maravilhosa como Unn manteve sua dignidade até o dia de sua morte”¹⁵⁵. Deste modo, assim como Vigdis, Unn foi aclamada por ter apresentado maestria em exercer papéis dito masculinos, sendo constantemente exaltada na narrativa como extremamente sábia na administração de sua família e terras.

A saga Laxdaela então traz diversas personagens femininas que questionam e tomam para si papéis ditos masculinos, inclusive dentro das questões relativas à administração política de sua própria família, que perpassam aspectos como casamento e divisão de propriedades. Entretanto, é importante ressaltar que Unn só é exaltada por desempenhar papéis masculinos com maestria visto que ela só alcançou tal possibilidade diante da ausência de um parente homem para sua submissão, visto que todos estavam mortos. A situação que levou Unn a desempenhar tais ações foram a morte de seu marido e filho, Unn não negou ser submissa aos homens de sua família e suas mortes não foram causadas por ela. Em relação a Vidgis, apesar de seu marido estar vivo, este não se portou da maneira que o homem ideal deveria se portar, com honra e proteção à família, de modo que ela então exerceu tal função.

Em contraposição, personagens femininas que questionam a hierarquia de gênero e tomam para si papéis e funções masculinas desrespeitando a submissão e os valores cristão conduzem a um fio narrativo de desgraça os homens a sua volta, como vimos nas vinganças de sangue estimuladas pelas mulheres.

Gudrun é enaltecida tanto por sua beleza exuberante, como, em mesma proporção, sua inteligência. Gudrun questiona a hierarquia de gênero frequentemente,

¹⁵⁵ “Every one thought it a wonderful thing, how Unn had upheld her dignity to the day of her death” (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

desejando partir ao exterior com Kjartan e, apesar de não frequentar a Assembleia da mesma forma que os homens, planeja bem as suas ações e influencia seus parentes, como seu irmão e maridos. Em seu último casamento, Gudrun recebe Gunnar, o matador de Thridrandi, para proteção. Há então um conflito entre o desejo de Gudrun, de acolhê-lo, e o de Thorkell, seu marido, que deveria matá-lo. Thorkell ao descobrir a presença de Gunnar ordena seus homens a colocarem as mãos nele.

Gudrun estava sentada no estrado, na extremidade superior do salão, junto com outras mulheres com toucas de linho branco, e quando percebeu isso, levantou-se do banco nupcial e chamou seus homens para ajudarem Gunnar, e disse-lhes para não darem trégua a nenhum homem que demonstrasse qualquer comportamento duvidoso. Gudrun tinha o maior número de seguidores, e o que não estava previsto acontecer parecia estar a acontecer. Snorri Godi foi entre os dois lados e pediu que acalmassem essa tempestade. A única coisa que tu tens de fazer, Thorkell, é não insistir tanto nas coisas; e agora podes ver como a Gudrun é uma mulher agitada, pois ela domina-nos aos dois juntos". Thorkell disse que tinha prometido ao seu homónimo, o filho de Thorleik Geitir, que mataria Gunnar se ele viesse para os campos do oeste. "E ele é o meu maior amigo", disse Snorri. "Tens muito mais obrigação de agir como nós desejamos; e para ti, é um assunto da maior importância, pois nunca encontrarás outra mulher como Gudrun, por mais longe que procures". E por causa do raciocínio de Snorri, e vendo que ele falava a verdade, Thorkell acalmou-se, e Gunnar foi mandado embora naquela noite¹⁵⁶.

Este curto trecho nos fornece pontos que devem ser ressaltados: apesar de estar com outras mulheres, com uma roupa branca, e em seu casamento, Gudrun ainda assim foi rápida ao perceber a movimentação que rondava Gunnar e ordenou seus homens a agirem. Thorkell então lida pela primeira vez com o dito temperamento forte de Gudrun. Snorri então destaca que Gudrun é domina a ambos, de modo que Thorkell deve permitir que ela tenha a última palavra, pois ele não irá achar nenhuma outra esposa como ela. Mais uma vez é ressaltado a inteligência de Gudrun e seu

¹⁵⁶ "Gudrun sat on the dais at the upper end of the hall, together with other women becoifed with white linen, and when she got aware of this she rises up from the bridal bench and calls on her men to lend Gunnar help, and told them to give quarter to no man who should show any doubtful behaviour. Gudrun had the greatest number of followers, and what never was meant to happen seemed like to befall. Snorri Godi went between both sides and bade them allay this storm. The one thing clearly to be done by you, Thorkell, is not to push things on so hotly; and now you can see what a stirring woman Gudrun is, as she overrules both of us together". Thorkell said he had promised his namesake, Thorleik Geitir's son, that he would kill Gunnar if he came into the countrysides of the west. 'And he is my greatest friend', Snorri spake. 'You are much more in duty bound to act as we wish; and for yourself, it is a matter of the greatest importance, for you will never find such another woman as Gudrun, however far you may seek'. And because of Snorri's reasoning, and seeing that he spoke the truth, Thorkell quieted down, and Gunnar was sent away that evening. The feast now went forward well and bravely, and when it was over the guests got ready to go away. Thorkell gave to Snorri very rich gifts, and the same to all the chief men. Snorri asked Bolli Bollison to go home with him, and to live with him as long as he liked" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 70).

caráter único. Gudrun perguntou a Thorkell o que deveria ser feito em relação a Gunnar. Thorkell disse que seria melhor Gudrun assumir a decisão desse assunto. Desse modo, mesmo não falando e decidindo na Assembleia como os homens, Gudrun persuade seu marido a aceitar a proteção de Gunnar. A política então não está, nessas narrativas, restrita ao espaço oficial, ela também se faz nas redes de aliança, nas festividades, nos casamentos, na separação e troca de propriedades. As mulheres então se fazem presentes politicamente, mesmo fora dos espaços oficiais. Mas esta atuação não há uma definição exata de se esta ação será narrada de modo positivo ou negativo. Unn e Vidgis agem de modo honrado diante de sua família, tomando para si papéis ditos masculinos diante da ausência ou ineficiência de seus parentes homens. Gudrun questiona a hierarquia de gênero, mas desrespeitando a submissão masculina e seus desejos pessoais vingativos, causando a morte de seus maridos.

Na saga de Njáll percebemos este mesmo padrão. Apesar de não ter a mesma voz que Njáll nas ponderações legais, Bergþóra toma diversas decisões que não perpassam o consentimento de seu marido e que decorrem em disputas legais posteriormente. Bergþóra ordena que Atli mate Kolr, vingando-se de Hallgerdr. Atli estava inicialmente buscando por Njáll e questiona se Bergþóra está no comando de algo na região, ela então responde que é a esposa de Njáll e tem tanto poder quanto ele para contratar e ordenar serviços. Njáll não desejava que houvesse uma vingança de sangue, tendo deliberado uma compensação legalmente junto a Gunnar. Bergþóra, assim como Hallgerdr, ignoram os desejos de seus maridos e agem por vontade própria.

Na mesma obra também temos a figura de Gunnhildr, mãe do rei Haraldr Casaco-Cinza. Hrútr parte para a Noruega junto a Qzurr, seu tio, para reivindicar a herança que seu irmão declarou na assembleia de Gula. É Gunnhildr quem primeiro toma conhecimento da chegada de ambos e busca mais informações. Tão logo tomou conhecimento disso, Gunnhildr procurou informar-se sobre que homens islandeses estariam a bordo. O servo de Gunnhildr, a mando desta, encontra-se com Hrútr e Qzurr, dizendo que esta os convida para passarem o inverno com elas e que, caso as coisas se sucedem como ela gostaria, ela os auxiliaria em sua jornada em busca da herança. Qzurr alerta então Hrútr do temperamento de Gunnhildr, que caso não ajam como ela deseja, logo serão expulsos da Noruega. Porém, se agirem de acordo com

o que ela pediu, ela irá cumprir sua palavra e honrá-los em sua jornada.

Gunnhildr avisa através de um recado que não receberá os recém-chegados islandeses antes que estes se encontrassem com o rei, para evitar que pensem que ela está propondo uma troca de favores com eles. Além disso, ela recomenda que Hrútr peça ao rei para se tornar um cortesão. Partem então ao encontro do rei e agem como Gunnhildr falou, de modo que, no momento da deliberação acerca dos pedidos de Hrútr, ela aconselha seu filho a acatar os pedidos de Hrútr. Apesar, então, de termos a figura oficial do rei definindo as deliberações, foi sua mãe que desde o início planejou como se daria a jornada de Hrútr na Noruega. Caso ele não fizesse o que ela desejasse, ele seria expulso do país. Como ele agiu da maneira a qual ela ordenou, ela garantiu as honrarias e apoio que prometeu, influenciando seu filho nas decisões que ela mesma já havia antes incitado.

Diante disto, é possível notar que diferentes fontes medievais carregam em suas narrativas personagens opostos que representam o feminino próximo ao divino, submisso, que auxilia os homens ao seu redor à cristandade e à prosperidade, e o feminino não submisso, questionador, atraente e belo, que leva os homens próximos à desgraça. É perceptível também que o feminino constitui-se enquanto um elemento essencial para o desfecho dos homens, seja ele positivo ou negativo.

Como vimos, apesar de não participarem, de modo geral, nas vinganças de sangue e nas disputas políticas, as mulheres utilizavam a influência em seus maridos, filhos e pais como forma de buscar impor seus desejos de justiça e luta por honra, por exemplo. É necessário então cautela ao seguir os desejos femininos, que possuem um temperamento, como descrito na saga de Njáll, como volátil e ardiloso. É nos homens então que reside a maior capacidade para as deliberações e disputas legais.

Entretanto, reitero que este trabalho centra-se nas relações de gênero e de como estas estão dispostas nas sagas e transpassadas por outros aspectos da vida social. A figura da mulher que instiga seu marido à vingança, visto sua incapacidade de participar do espaço público político oficial, é um padrão perceptível na narrativa de diversas sagas, um padrão literário dessas narrativas. Isto não implica, necessariamente, dizer, que as mulheres da Islândia da Era Viking tinham tal influência sob seus maridos ou desejavam tais vinganças. Este padrão de ações indica mais que esta é uma chave literária conhecida pela audiência e que se atrela a uma culpabilização da mulher pelos cenários de morte em cadeia. Em função disso, os

conselhos das mulheres, o seu temperamento e sua beleza pecadora devem ser alvos de atenção dos homens que não desejam serem levados às ruínas¹⁵⁷.

¹⁵⁷ JESCH, 1991.

CONCLUSÃO

Em meio aos costumes antigos e a cultura oral, o letramento e a cristianização formaram um contexto de produção de manuscritos particular no medievo nórdico. No seio do norte do oceano Atlântico, a Islândia desenvolveu no período em questão um cenário literário abundante, singular e extraordinário. Para além do Livro do Assentamento e do Livro dos Islandeses, as sagas islandesas se destacam por serem um gênero literário que versa sobre o desenvolvimento de diferentes famílias e personagens na ilha, perpassando cenários de disputa política, alianças, conflitos, casamentos, vinganças, cristianização, entre outros aspectos, enquanto busca criar uma narrativa sobre seu passado e legitimar sua elite. As sagas, em junção aos demais manuscritos, demonstram o esforço islandês em contar sua própria história.

Apesar de serem fontes valiosas sobre a ilha e os escandinavos da Era Viking, aqui escolhemos priorizar o caráter do contexto de produção das sagas e a sua distância temporal. Dito isso, não foi nosso objetivo analisar tais manuscritos tomando-os enquanto uma fonte de acesso imaculável da realidade da Era Viking. Conforme aponta Jesch, “estudos recentes tendem a enfatizar a estrutura cristã e medieval dentro da qual o livro foi escrito, mas não há dúvida de que ele se baseia num conhecimento profundo das crenças do passado pagão”

¹. As sagas aqui são então concebidas priorizando o aspecto de que estas são obras do século XIII que versam sobre o passado islandês, mas que se encontram em um diferente contexto sobre o qual narram. A Islândia do século XIII já havia sido cristianizada e entrado em contato com a cultura letrada e outras produções manuscritas. Foi a junção da antiga e nova ordem social, do contexto de cristianização e da cultura antiga oral que tornaram possível a riqueza dessas obras.

É neste recorte em que insiro meu trabalho, destacando as relações de gênero nestas narrativas considerando seu contexto de produção, mais preocupada então em como essas estão dispostas. Não é, então, minha preocupação analisar a História das Mulheres Vikings, como estas de fato viveram na ilha na Era Viking, mas como as relações de gênero, que envolvem a identidade e a diferença, o masculino e o

¹ “Recent studies have tended to emphasise the Christian, medieval framework within which the book was written, but there is no doubt that it is based on a thorough knowledge of the beliefs of the pagan past” (JESCH, 1991, p. 134).

feminino, a nova, influenciada pela visão cristã, e antiga ordem social, estão presentes nestas narrativas e perpassam a sua atualidade de produção.

É claro que o Cristianismo trouxe todo tipo de mudanças sociais e muitas delas alteraram radicalmente a vida das mulheres. Quer estas mudanças tenham sido para o bem ou para o mal, elas certamente afetaram a vida dos homens e é a sua confusão que encontra expressão literária na literatura do período pós-Viking².

O gênero, aqui tomado enquanto um saber sobre as diferenças sexuais e um saber não fixo e relacional, é passível de historicidade, estando atrelado a diversos outros aspectos da vida social, sendo também, por fim, transversal. Questiono aqui então como as relações de gênero, transversais, são perpassadas na narrativa por aspectos como o cristianismo, conflitos políticos e a cultura antiga, analisando o casamento, a genealogia, a violência, a política e a religião.

O aspecto cristão não pode, portanto, ser negligenciado quando analisamos tais produções. A saga de Njáll e a saga Laxdaela são obras de um mundo cristão, para cristãos, que buscam contar suas histórias e que ainda assim carregam aspectos de sua cultura oral.

O cenário da ilha do século XIII, influenciada pela cultura continental, submetida à coroa norueguesa, cristã, letrada não é o mesmo cenário da Islândia da Era Viking que essas narrativas buscam retratar. Conclui-se que a produção das sagas são também, assim como o gênero, transversais, sendo transpassada por elementos culturais, políticos, econômicos, religiosos e sociais.

As possibilidades de análise historiográfica dessas obras são então inesgotáveis. Suas narrativas carregam consigo uma série de significados e discursos acerca das relações de gênero e das demais formas de organizações sociais do seu período de produção. É nesta dinâmica de perturbação de limites e fixação que os discursos e as representações se entrelaçam nas relações humanas e estão presentes nas narrativas aqui analisadas.

O corpo textual das sagas estão carregadas de historicidade, de uma realidade social e material de seu contexto de produção, funcionando, também, enquanto veículos de legitimação e/ou contestação de discursos.

² *"It is clear that Christianity brought about all sorts of social changes and many of these radically altered the lives of women. Whether these changes were for good or ill, they certainly impinged on the lives of men and it is their confusion that finds literary expression in the literature of the post-Viking period"* (JESCH, 1991, p. 175).

As *sagas* surgiram na efervescente sociedade islandesa medieval dentro de um conjunto de encontros e desencontros no seio do Atlântico Norte em um emaranhado de fios de tradição oral e cultura letrada. Nosso objetivo foi então interrogá-las, historicizando-as, percebendo seus recortes, buscando seus padrões, problematizando a presença das relações de gênero em sua narrativa. Não foi nosso objetivo discutir se os fatos narrados realmente ocorreram desta maneira da Era Viking, mas problematizar de que forma podemos perceber os valores sociais, os padrões, as perturbações da hierarquia de gênero carregados em suas entrelinhas narrativas que estão imersas complexa Islândia do século XIII, enquanto olham para a Islândia da Era Viking.

As sagas então definidas para serem analisadas, priorizando as relações de gênero, foram a saga de Njáll e a saga Laxdaela.

O centro narrativo da saga Laxdaela não é a história de Kjartan ou de seu conflito com o seu irmão de criação, Bolli, mas a história de Gudrun. Foi a negativa de Kjartan em levar Gudrun consigo para o exterior e a imposição a ela do mundo doméstico, tendo que exercer os cuidados de seus parentes homens e casar forçadamente com Bolli, que desencadearam amargura, vingança e conflitos. Ao final da saga, Bolli, seu filho, pergunta a ela quem ela mais amou, a qual ela responde: "para ele quem mais amava fui a pior."³ Bolli aceita a devolutiva da mãe como verdadeira. A narrativa não deixa evidente à audiência a quem Gudrun estava se referindo, se a Kjartan, ao qual ela ordenou a vingança de sangue, a Bolli, marido que seguiu suas orientações e acabou morto em resposta à morte de Kjartan, Thorkell ou Thord. A saga Laxdaela finaliza sua narrativa abordando o falecimento de Gudrun em Holyfell e os feitos de seu filho com Thorkell, Gellir, e seus netos, "aqui é o fim da saga dos homens do Vale do Rio do Salmão"⁴.

A saga Laxdaela então inicia sua narrativa com a sábia Unn e desenvolve e finaliza seu fio narrativo através de Gudrun. A obra, portanto, inicia e finaliza com mulheres em destaque.

"O objetivo parece-me claro, que a saga trata diretamente dos problemas das mulheres fortes no que diz respeito ao seu potencial para funcionar na sociedade num

³ "To him I was worst whom I loved best" (THE LAXDAELA SAGA, 1880, cap. 78).

⁴ "Here is the end of the Saga of the men of Salmon-river-Dale" (Ibidem).

nível de igualdade com os homens”⁵. Há então um esforço narrativo na obra em demonstrar a forma que mulheres também podem impactar, positiva ou negativamente, na dinâmica das diversas relações sociais à sua volta. É este caráter narrativo da saga Laxdaela, em demonstrar a potencialidade feminina em exercer papéis ditos masculinos, como ir ao exterior em expedição ou administrar politicamente sua família e terras, que corroboram com a possibilidade de uma autoria feminina ou de uma produção que visasse esta audiência⁶.

Em relação a saga de Njáll, esta, apesar de não desenvolver sua estrutura narrativa na figura de uma mulher, atrela a esta as ações essenciais que desencadeiam o decorrer de sua prosa. Através de Hallgerdr e Bergþóra e seus conflitos segue-se uma série de vinganças que irão terminar no ápice da saga, o incêndio da família de Njáll. Se a saga Laxdaela, evidencia claramente o papel da mulher e seu aspecto doméstico, a saga de Njáll destaca o papel do homem em defender a sua honra, impondo sua força e coragem sem chorar, agindo de forma violenta.

Ambas as obras narram de maneira nítida as expectativas de papel de gênero: a mulher deveria ser submissa aos seus tutores masculinos, honrando o seu casamento mesmo diante da iminência da morte e não desviando seu marido da cristandade. O homem deveria ser bravo e corajoso, impondo sua força física quando necessário, prezando por preceitos cristãos e legais, como a deliberação e compaixão. As mulheres que questionam a hierarquia de gênero e transgridem seus papéis, não aceitando o domínio masculino, conduzem suas famílias à desgraça e desonra em busca de vinganças intermináveis.

Apesar de as duas sagas trazerem em suas narrativas figuras femininas que são exaltadas por sua sabedoria e imponência, estas que se destacam narrativamente de modo positivo geralmente não questionaram a hierarquia de gênero negando a submissão feminina. Já as mulheres que questionam o seu papel desafiando os homens, conduzem a uma série de eventos negativos, como as mortes de seus maridos. Unn, Mente-Profunda, que se sobressai por sua sabedoria, apenas tomou a frente da administração de sua família e propriedade após a morte de seus parentes

⁵ “The purpose seems clear to me, that the saga is dealing directly with the problems of strong women with regard to their potential to function in society on an equal level to men” (AUERBACH, 1998-2001, p. 40).

⁶ JESCH, Judith. *Women in the Viking Age*. Woodbridge, Suffolk: Boydell Press, 1991.

masculinos. Unn só é então exaltada por desempenhar papéis masculinos com maestria porquê se deram de modo que ela só alcançou tal possibilidade diante da ausência de um homem para sua submissão, visto que todos estavam mortos. Unn não negou ser submissa aos homens de sua família e suas mortes não foram causadas por ela. Já Hallgerdr, na saga de Njáll, ao ser acordada em um casamento sem o seu consentimento e ter levado um tapa de seu marido, arquiteta a sua morte, desrespeitando a decisão de seu pai e seu esposo.

Dito isso, apesar de algumas mulheres narradas nas sagas serem descritas de forma espetacular, a “completa independência feminina dos homens é impossível, embora em circunstâncias excepcionais as rainhas e as mulheres bem nascidas pudessem exercer algum poder individual na esfera pública”⁷.

a função estrutural das personagens femininas da saga Laxdaela também é diferente da de outras sagas. A saga de Njáll, por exemplo, que também é famosa pelas suas mulheres, segue um padrão de saga mais típico no sentido de que as mulheres, embora importantes, são apenas engrenagens da maquinaria da trama. Eles estão lá para mover a trama por meio de suas ações; os eventos são então tratados e controlados pelos homens. As mulheres desempenham uma função específica de contraponto aos homens; não fazem com que a saga cresça e se desenvolva emocionalmente como as mulheres orgânicas de Laxdaela. Na saga de Njáll, uma saga tipicamente “masculina”, essa tarefa é deixada aos personagens masculinos. Na saga Laxdaela são as mulheres o canal emocional. A autora parece ser capaz de transmitir emoções através da persona feminina, o que dá origem à atmosfera muito diferente, à “qualidade particular de atitude e temperamento” que tantas vezes tem sido notado em Laxdœla quando comparado com outras sagas⁸.

As duas obras então compartilham esta similaridade, o alerta sobre os perigos da não submissão feminina, porém a saga Laxdaela, devido ao seu protagonismo feminino, aprofunda mais a complexidade que envolve as mulheres, que parecem

⁷ “complete female independence from men (e.g., that depicted in *Nitida saga*) is impossible, although in exceptional circumstances queens and high-born women could exercise some individual power in the public sphere” (FRIDRIKSDÓTTIR, Jóhanna Katrín. *Women In Old Norse Literature: Bodies, Words, And Power*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 131).

⁸ “The structural function of the female characters in *Laxdœla saga* is also different from that in other sagas. *Njáls saga*, for example, which is also famous for its women, follows a more typical saga pattern in that the women, though important, are merely cogs in the machinery of the plot. They are there to move the plot along by their actions; the events are then dealt with and controlled by the men. The women perform a specific function as a foil to the men; they do not cause the saga to grow and develop emotionally like the organic women of *Laxdœla*. In *Njáls saga*, a typically ‘masculine’ saga, that job is left to the male characters. In *Laxdœla saga* it is women who are the emotional channel. The Female Experience and Authorial Intention 45 author seems to be able to transmit emotion through the female persona, which gives rise to the very different atmosphere, the ‘particular quality of attitude and temper’ which has so often been noticed in *Laxdœla* when compared with other sagas” (AUERBACH, 1998-2001, p. 45).

perturbar os limites de suas ações e agir com honra e de acordo com a nova ordem social. Os personagens masculinos “são estereótipos, quase caricaturais, diante da complexidade das mulheres”⁹. O contraste entre as personagens masculinas e femininas na *Laxdaela* expõe que as personagens femininas carregam uma maior profundidade e desenvolvimento narrativo do que as masculinas, além de demonstrar que tais personagens também podem estar alinhadas ao desejável moral da nova ordem social.

Em contraposição, a saga de Njáll parece perturbar o que seria o ideal de masculinidade, através, por exemplo, de Gunnar, que se pergunta sobre a sua insatisfação em matar homens.

Diante disto, é possível notar que diferentes fontes medievais carregam em suas narrativas personagens opostos que representam o feminino próximo ao divino, submisso, que auxilia os homens ao seu redor à cristandade e à prosperidade, e o feminino não submisso, questionador, atraente e belo, que leva os homens próximos à desgraça. É perceptível também que o feminino constitui-se enquanto um elemento essencial para o desfecho dos homens, seja ele positivo ou negativo, como Jorunn, que aconselha sabiamente Hoskuld, e Hallgerdr, que deixa seu marido morrer.

As mulheres, ao se utilizarem de sua beleza e tentação sexual, levam os homens à violência e à perdição. As suas figuras mais icônicas, como Hallgerd e Gudrun (*Laxdæla saga*), são narradas enquanto belíssimas mulheres, mas que questionaram seus casamentos e levaram seus maridos à desgraça. Gudrun, no início da narrativa da saga de *Laxdaela*, ao questionar a hierarquia e os papéis de gênero e ser desobediente, traz uma onda de vingança e violência para a sua e outras famílias. O grande perigo feminino então está alocado em conduzir o homem à antiga ordem social. O cabelo de Hallgerdr, que simboliza a sua beleza e a sensualidade femininas, foi o meio pelo qual ela se vingou de Gunnar. O seu cabelo, para além de uma simbologia aos cuidados que o homem deve ter para com a beleza de uma mulher, também serviu como ferramenta de poder, em que ela pôde então decidir o futuro do seu marido: a morte.

as atitudes medievais (mais uma vez, predominantemente masculinas) em relação às mulheres, quer históricas ou fictícias, na Era Viking, são claras nos

⁹ “By comparison, the male characters are one-dimensional. They are stereotypes, almost caricatures, compared to the complexity of the women” (Ibidem, p. 43).

escritos [...] A posição das mulheres na Era Viking, ou mesmo na Escandinávia medieval, não deve ser romantizada. Não há dúvida de que as mulheres eram tratadas "como mulheres" e sofriam os perigos físicos do trabalho árduo, do parto, da violência masculina e da escravatura¹⁰.

Apesar da violência ser um dever masculino, essa ainda deve estar atrelada à honra. Ações de violência por caprichos ou por satisfações individuais são associações, de modo geral, femininas. Ocorre então uma associação entre a violência legítima, honrada e cristã, aos personagens masculinos, enquanto às mulheres caberiam desencadear violências ilegítimas, como as inúmeras vinganças de sangue.

É através das relações de gênero que as narrativas nos trazem a complexidade do mundo novo e antigo, do oral e do letrado, do cristão e do que se associava ao antigo pagão. É deste emaranhado que surgem novos conflitos morais, que perturbam o caráter engessado que os discursos das relações de gênero propõe. Se a violência é um dever masculino, mas o cristianismo prega pela compaixão, a quem caberia incitar a violência neste novo contexto? Quem deveria ser o culpado por estas ações dentro do desenrolar narrativo? Como as narrativas podem associar a submissão feminina a algo positivo e a insubordinação à desgraça?

As sagas carregam em suas narrativas o medo misógino do que poderia acontecer ao se permitir às mulheres papéis masculinos e insubordinação.

as atitudes medievais (mais uma vez, predominantemente masculinas) em relação às mulheres, quer históricas ou fictícias, na Era Viking, são claras nos escritos [...] A posição das mulheres na Era Viking, ou mesmo na Escandinávia medieval, não deve ser romantizada. Não há dúvida de que as mulheres eram tratadas "como mulheres" e sofriam os perigos físicos do trabalho árduo, do parto, da violência masculina e da escravatura¹¹.

As narrativas das sagas aqui analisadas carregam em suas entrelinhas um caráter binário do gênero, influenciado por uma visão cristã, que deposita na mulher

¹⁰ "Medieval attitudes (again, predominantly male) to women, whether historical or fictional, in the Viking Age, are clear in the writings [...] The position of women in the Viking Age, or indeed in medieval Scandinavia, should not be romanticised. There is no doubt that women were treated 'as women' and suffered the physical perils of hard work, childbirth, male violence and slavery" (JESCH, Judith. *Women in the Viking Age*. Woodbridge, Suffolk: Boydell Press, 1991. p. 206-207)

¹¹ "Medieval attitudes (again, predominantly male) to women, whether historical or fictional, in the Viking Age, are clear in the writings [...] The position of women in the Viking Age, or indeed in medieval Scandinavia, should not be romanticised. There is no doubt that women were treated 'as women' and suffered the physical perils of hard work, childbirth, male violence and slavery" (JESCH, 1991, p. 206-207).

a culpa pelas ações violentas dos homens que se afastam da honra e da cristandade, através de seus frios conselhos e de sua beleza tentadora¹². Apesar de não serem todos os homens que buscam as resoluções na Assembléia, apenas eles demonstram esforço nisto¹³. Em oposição aos homens, que se destacam então em optar por mediações legais, como Njáll e Olaf, são sobretudo as mulheres que incitam as vinganças e são as mandantes por trás de tantas mortes. Desse modo, nas duas sagas, ambos os gêneros incitam a violência, a morte e as características não cristãs. Gudrun e Hallgerdr buscam vinganças e mortes em nome da honra individual, Mjörðr insinua mentiras que levam as mortes de Hoskuld e Njáll e Kotkell lança feitiços para matar Thorkell. Porém, é perceptível um padrão narrativo em associar a ação feminina como desencadeadora das tragédias que seguem as famílias, culpabilizando assim as mulheres por provocar os homens em ações pecaminosas, enquanto figuras masculinas, como Kjjartan e Hoskuld, são exaltados com características e ações cristãs, como a compaixão.

Entretanto, a análise destas mesmas sagas nos permite avaliar que os escritos também nos mostram transgressões do que seriam os papéis de gênero. A saga de Njáll apresenta homens que questionam a tomada de ações violentas e a saga Laxdaela indaga o caráter doméstico do papel feminino.

Se a selvageria é feminina, então Gunnar e Flosi são ocasionalmente femininos. Se a passividade é feminina, as mulheres são as acusadoras dos homens neste aspecto. Se matar é masculino, Njáll e Mjörðr são igualmente homens, mas um é honrado e o outro não¹⁴.

As narrativas questionam o caráter fixo dos papéis de gênero, mesmo sem ter uma palavra para gênero, diante da complexidade do período em reunir aspectos cristãos e pagãos, orais e letrados, cultura de honra e perdão, em uma única narrativa. As sagas narram claramente as expectativas sobre o papel de cada gênero, ao homem força, coragem e honra, à mulher submissão e cuidados domésticos. Mas no mesmo papiro as sagas também questionam o caráter fixo desses papéis.

¹² ANDERSON, Carolyn. No Fixed Point: Gender and Blood Feuds in Njál's saga. *Philological Quarterly*, University of Iowa, v. 81, n. 4, 2002.

¹³ Ibidem.

¹⁴ "If savagery is feminine, then Gunnar and Flosi are occasionally feminine. If passivity is feminine, women are the accusers of men in this regard. If killing is masculine, Njáll and Mjörðr are equally men, but one is honored and the other is not" (ANDERSON, Carolyn. No Fixed Point: Gender and Blood Feuds in Njál's saga. *Philological Quarterly*, University of Iowa, vol. 81, n. 4, 2002. p. 30).

embora seja claro que a sociedade nórdica tinha duas categorias binárias, algumas sagas levantam a questão de saber se alguém nascido com um corpo feminino poderia assumir um papel masculino com o vestuário e o comportamento corretos, como sabemos que as pessoas têm feito com sucesso ao longo da história. À luz de todas estas diferentes possibilidades, não podemos simplesmente equiparar os cromossomas ao gênero social¹⁵.

A simbologia e os discursos que envolvem a construção do saber gênero, por mais que busquem se mostrar fixos, são transbordantes e vazios. As narrativas, de alguma forma, demonstram isso. As narrativas então carregam a complexidade das relações de gênero, construções sociais, passíveis de historicidade, que são atravessadas pelas disputas de poder e todo aspecto da vida social. As sagas demonstram que a transgressão dessa hierarquia tensiona os limites do que acreditamos ser esse saber.

Não devemos então promover uma generalização completa, apesar da possível autoria feminina e da preocupação da autoria nessa audiência, a saga Laxdaela ainda permeia padrões literários, em que a mulher que contesta a hierarquia de gênero e outros aspectos da vida social são incitadoras da violência desnecessária e desonrosa. Porém, a obra oferece uma idealização de sua protagonista, uma redenção, através de sua conversão. A saga de Njáll também reforça estes padrões de gênero, mas seu maior guerreiro, Gunnar, questiona a satisfação em matar outros homens por vingança.

A violência, antes caráter latente das narrativas da tradição oral e da cultura da defesa da honra, entra em choque com os novos valores cristão e da nova ordem social islandesa do século XIII. Essa efervescente nova sociedade, que se vira sobre o seu passado, encontra nas obras aqui analisadas uma forma de abordar estes novos e velhos questionamentos por meio das simbologias e discursos das relações de gênero. Os personagens então possuem ações ambíguas que se encontram fora dos limites do que seria o gênero, diante de um contexto de produção complexo. A violência, mesmo que uma ação ainda masculina, não deve ocorrer por caprichos e incitações do temperamento volátil feminino, mas alinhada à cristandade, como Flosi,

¹⁵ “Although it is clear that Norse society had two binary categories, a few sagas raise the question whether someone born with a female body could take on a male role with the correct clothing and behaviour, as we know people have successfully done throughout history. In light of all these different possibilities, we can’t simply equate chromosomes with social gender” (FRIDRIKSDÓTTIR, 2020, p. 60).

que buscou a bênção de Deus antes e depois de sua jornada. Estas obras expressam o medo dos homens em relação às mulheres que buscam ultrapassar o seu papel submisso, culpabilizando-as em suas narrativas enquanto chaves literárias que indicam na audiência o temperamento feminino em busca de vinganças. São as mulheres que, questionando a sabedoria e as escolhas de seus tutores masculinos, instiga-os à violência e à vingança, afastando-os da cristandade. Porém, é possível e preferível que mulheres utilizem esta mesma sabedoria para aproximar sua comunidade e seu marido da nova ordem social, como Gudrun, que no final de sua vida remove os resíduos pagãos da Igreja.

De que forma a cristianização está atrelada à narrativa das sagas no que tange ao gênero? De que modo este processo transpassou as relações de gênero e o ideal feminino? A economia e a vida política narradas nas sagas, pautadas na terra e sua propriedade, perpassam a hierarquia de gênero de que maneira? De que maneira a antiga e nova ordem social islandesa, do seu período narrativo e seu tempo de produção, estão presentes nessas obras?

As relações de gênero nestas obras estão, portanto, alinhadas ao olhar cristão e político islandês do século XIII, buscando, inseridas neste cenário, aplicar a nova cultura e perspectiva literária acerca de suas narrativas de tradição oral. As perturbações dos limites das relações de gênero, portanto, presentes nessas obras, implicam em um esforço narrativo de abordar os novos preceitos islandeses diante de seu passado. A influência cristã da Islândia do século XIII transborda na narrativa então o incentivo ao consentimento feminino no acordo de casamento e sua submissão, assim como a associação positiva de valores cristãos, como a compaixão. As características ditas masculinas são associadas a algo positivo, como inteligência, perspicácia, força, coragem, honra, enquanto as características associadas à mulher, como a beleza, conduzem o homem ao pecado, à provocação e à desgraça. A mulher deveria então ser submissa ao homem, para evitar seu pecado e para manter o controle sobre seus corpos, dominando assim a geração de herdeiros legítimos e a formação de alianças.

As relações de gênero estão, portanto, presentes nas duas sagas e questionam, emergidas em diferentes âmbitos da vida social, como a religião e a política, como este saber perpassa os atritos presentes na Islândia do século XIII acerca dos ideais literários entre o antigo e o cristão, o oral e o letrado. As sagas aqui

expostas destacam a hierarquia de gênero, reforçam a culpabilização e perigos femininos e a violência masculina, mas questionam se estes aspectos deveriam ainda ser compreendidos do mesmo modo no novo mundo cristão islandês. As sagas surgiram em um contexto islandês medieval dinâmico, entre tradições orais e cultura escrita, descrevendo um mundo de casamentos, alianças, conflitos, genealogia e posse de terra, reforçando e perturbando os padrões de gênero que se encontram também neste cenário. A violência deveria ser um papel masculino, mas, diante do questionamento de Gunnar e Flosi, deveria ser exercida com honra e perante a bênção divina. A inteligência deveria ser exercida pela mulher, como demonstrado por Gudrun, mas deveria auxiliar assim a sua comunidade na direção à cristandade e à prosperidade, não desencadeando mortes. É através das relações de gênero que as narrativas questionam os ideais do antigo mundo islandês, sua violência, paganismo e vingança. É na figura feminina, principalmente, que residem tais perigos. Desse modo, apesar de reforçar aspectos como a violência masculina e a submissão e os perigos femininos, ambos os gêneros devem agir com honra, inteligência e cristandade. As mulheres que seus homens, pais e maridos, falham nestes aspectos ou estão mortos podem assumir tal papel, como Unn e Vidgis. Os homens que cedem à violência sem fim e vingança, podem questionar tais atos, como Gunnar. As relações de gênero são, portanto, essenciais para o desenrolar do fio narrativo dessas obras, que formam um tecido complexo.

As sagas surgiram em um contexto islandês medieval dinâmico, entre tradições orais e cultura escrita, descrevendo um mundo de casamentos, alianças, conflitos, genealogia e posse de terra. Este cenário criou narrativas que reforçam e perturbam os padrões de gênero que se encontram também neste âmbito ambíguo.

A saga de Náll e saga Laxdaela destacam a hierarquia de gênero, reforçando através de chaves literárias a culpabilização e os perigos femininos. As obras aqui analisadas então associam o feminino às ações da tradição antiga, como a busca sem fim por vingança. As sagas também reforçam que a violência deve ser um papel masculino, assim como as deliberações legais e a vida oficial política. Porém, as sagas também questionam, diante dos novos aspectos do ideal da conduta moral e social cristã, se estes aspectos, como violência e vingança, quais violências são legítimas ou não. É através das relações de gênero que essas narrativas então questionam os ideais do antigo mundo islandês, sua violência, paganismo e vingança, e exaltam os

novos valores cristãos e da nova ordem social. As mulheres que incitam seus parentes a buscarem vinganças e agem de maneira egoísta, seduzindo os homens com sua beleza para acatarem suas decisões, desencadeiam a desgraça de sua família. Os homens que se deixam levar por tais ações e mentem também encontram tragédias em seu caminho. Desse modo, as sagas aqui analisadas ainda permeiam fixações discursivas de hierarquia de gênero, alertando sobre os perigos do caráter volátil feminino, mas tensionam esta mesma barreira do saber gênero frente ao que deveria ser o novo ideal cristão. Na saga de Njáll temos Flosi receoso em causar o incêndio de Njáll e Gunnar triste ao se questionar em matar homens. Na saga Laxdaela temos Unn que age sempre de maneira sábia e Vidgis, que diante da desonra de seu marido, tomou para si a administração de sua família. As sagas então demonstram que a violência ainda deveria ser um papel masculino, mas deveria ser exercida com honra e perante a bênção divina. A inteligência também deveria ser exercida pela mulher, como demonstrado por Gudrun, mas com o objetivo de auxiliar assim a sua comunidade na direção à cristandade e à prosperidade, não desencadeando mortes.

Ao reduzirmos as sagas em obras de um passado da Era *Viking* inalterado, não conseguimos alcançar de fato a complexidade de sua compreensão. Ao olharmos para o emaranhado de linhas que formam essa teia não vemos em seu meio o processo de cristianização da Islândia, mas, apenas ao considerarmos isso em nossa análise, é que podemos de fato nos aproximar da compreensão da visão de sua autoria. Desse conflito e emaranhado entre o justo e o ético, a violência legítima e não legítima, que torna-se reluzente a ótica cristianizada do presente de produção do seu autor, de uma Islândia já cristã, que critica sua antiga ordem social frente a valorização da nova que utiliza as relações de gênero para simbolizar tal atrito.

O âmago da saga de Njáll e da saga Laxdaela está então em apontar a fraqueza da antiga ordem social, não cristã, de modo que, as mulheres, ao agirem de acordo com essa antiga ordem e questionarem a hierarquia de gênero, conduzem seus homens à morte.

Na saga de Njáll, o grande destaque neste embate da velha e nova ordem social está em Gunnar que, juntamente a Njáll, encara a incapacidade dos acordos feitos nas Assembleias que não implicam no fim de vinganças. Apesar da sua força e do ressalte narrativo em sua imponência em empunhar armas, é Gunnar quem questiona com lamento a morte de homens e em um ciclo ilegítimo de violência da

antiga ordem social.

Em relação à saga Laxdaela, esta é uma narrativa singular frente ao corpo das sagas de família por trazer uma figura feminina para simbolizar o conflito entre a nova e antiga ordem social e a capacidade desta e outras personagens em também agir de acordo com a nova ordem, com sabedoria. Gudrun no início narrativo questiona a hierarquia de gênero e corrobora com violências ilegítimas, enquanto também é a Gudrun quem ao final narrativo utiliza sua inteligência em prol de ações de acordo com a nova ordem social e a cristandade após sua conversão.

As sagas constituem um gênero literário singular em meio ao medievo em função de sua complexidade narrativa que critica a antiga ordem social, enquanto demonstra suas falhas e atritos diante da nova ordem social, carregada de um olhar cristão, e legitima sua elite e discurso histórico, utilizando as relações de gênero como meio. É no cerne do questionamento da antiga ordem social através de valores cristãos que “a saga nos mostra a tensão entre mulheres e homens como uma luta entre o velho e o novo”¹⁶. O questionamento da hierarquia de gênero, é, acima de outras coisas, nestas obras, o questionamento do antigo modo de vida, enquanto reforçam também padrões e hierarquias da nova sociedade.

Essas obras reforçam então papéis de gênero, como a imposição da força física e a ação política masculina e a submissão feminina, porém também causam perturbações em seu aparente caráter fixo. As autorias dessas sagas criaram personagens narrativos que tensionam a ideia do que é o saber gênero frente ao questionamento dos velhos costumes e da antiga ordem social, enquanto ao mesmo momento buscam firmar novos papéis e expectativas. Os papéis de gênero não são, portanto, fixos, mas são utilizados como um meio para construir a narrativa do que é o desejado e indesejado, moral e não moral, o legítimo e não legítimo, nessa nova ordem social. As sagas versam sobre o passado islandês em um esforço de contar sua própria história e legitimar sua elite, mas com as mãos carregadas do presente da ilha do século XIII. A saga de Njáll e Laxdaela encontram-se em uma via dupla entre relatar o passado islandês e os novos valores cristãos, políticos e de cultura letrada, a nova e antiga ordem social. As narrativas reforçam novos padrões para os

¹⁶ “*the saga shows us the tension between women and men as a struggle between the old and the new*” [O’DONOGHUE, Heather. Women in Njáls Saga. In: HINES, John; SLAY, Desmond (Eds.). *Introductory Essays on Egils Saga and Njáls Saga*. London: Viking Society for Northern Research, 1992, p. 90).

papeis de gênero enquanto também problematizam esses papeis ao questionar o mundo da Era Viking pré-cristã e sua configuração de organização social.

As *sagas* e as relações de gênero elaboram uma paisagem infinita, que nos fornece olhares frente a um inesgotável de possibilidades e abordagens. Esses caminhos inesgotáveis de análise perpassam então a construção e a desconstrução, a legitimação e a contestação, a naturalização e a historicidade do saber acerca do gênero, que neste caso também perpassam o antigo e novo, o cristão e o pagão, o oral e o letrado.

Aqui encerramos a análise das relações de gênero nas obras mais prestigiadas de um corpo literário único.

REFERÊNCIAS

1. Fontes

GRÁGAS, Laws Of Early Iceland. Winnipeg: The University of Manitoba Press, 2000.

GRETTIR'S SAGA. Translation into English by William Morris and Eirikr Magnusson. [S. l.: s. n.], 1900. Disponível em: https://sagadb.org/grettis_saga.en. Acesso em: 22 dez. 2023.

LANDNÁMABÓK, The Book of Settlements. Translated with introduction and notes by Hermann Pálsson and Paul Edwards. Winnipeg: University of Manitoba Press, 2007 [introdução, parte VI].

THE LAXDAELA SAGA. [S. l.]: Muriel A. C. Press, 1880. Disponível em: https://sagadb.org/laxdaela_saga.en. Acesso em: 18 jul. 2024.

2. Estudos

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Carolyn. No Fixed Point: Gender and Blood Feuds in Njáls saga. **Philological Quarterly**, University of Iowa, v. 81, n. 4, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/9879298/No_Fixed_Point_Gender_and_Blood_Feuds_in_Njal_s_Saga. Acesso em: 19 nov. 2024.

ANTÓN, TEODORO MANRIQUE. Las sagas de islandeses. In: BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan Marques (eds.). **El mundo nórdico medieval**: una introducción. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2017.

ANTÓN, Teodoro Manrique. Laxdaela Saga. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Luís: Hedra, 2017.

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 3-4.

AUERBACH. L. Female Experience and Authorial Intention in Laxdœla Saga. In: **Viking Society For Northern Research**. Saga-Book, v. XXV. London: University College, 1998-2001. Disponível em: <http://www.vsnrweb-publications.org.uk/Saga-Book%20XXV.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 34.

BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (eds.). **El mundo nórdico medieval**: una

introducción. Buenos Aires: SAEMED, 2017.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 190.

BIRRO, Renan Marques. A Batalha de Hafrsfjord (c. 890) na Egils saga (c. 1220-1230). **Aedos**, v. 2, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9852>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BIRRO, Renan Marques. Colonização, alimentação, sobrevivência e cultura: a dieta islandesa durante a era viking (c. 800-1066). **Anais do VIII Encontro de História da ANPUH/ES**. Vitória: ANPUH, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/1274898/COLONIZA%C3%87%C3%83O_ALIMENTA%C3%87%C3%83O_SOBREVIV%C3%8ANCIA_E_CULTURA_A_DIETA_ISLANDESA_DURANTE_A_ERA_VIKING_C_800_1066. Acesso em: 22 dez. 2023.

BITENCOURT, Silvana Maria. A contribuição de teóricas feministas para os estudos de gênero. **Ártemis**, v. XVI n. 1; ago-dez, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/17356/9870>. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRØNDSTED, Johannes. **Os Vikings**: História de uma fascinante civilização. São Paulo: Hemus, 2004, p. 47.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras**: uma antologia de estudos queer. Barcelona: Icaria, 2002, p. 55-81.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 25.

BYOCK, Jesse L. **Viking Age Iceland**. London: Penguin, 2001

CAMPOS, Luciana. **Literatura e Mito na Escandinávia Medieval**: aspectos da Mulher Guerreira na Saga De Hervör. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2018, p. 4. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13066?locale=pt_BR. Acesso em: 22 dez. 2023.

CATLOS, Brian A. Why the Mediterranean? In: CATLOS, Brian A.; KINOSHITA, Sharon (eds.). **Can We Talk Mediterranean?** Conversations on an Emerging Field in Medieval and Early Modern Studies. London: Palgrave MacMillan, 2017.

DARNTON, R. O que é a história do livro? **ArtCultura**, v. 10, n. 16, 2008. Disponível

em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1503>. Acesso em: 7 mai. 2024.

DRONKE, Ursula. **The Role of Sexual Themes in Njal's Saga**. London: Viking Society for Northern Research, 1981.

FORTES, Carolina Coelho. Estudos de gênero, história e a idade média: relações e possibilidades. **Signum**, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/489/0>. Acesso em: 22 dez. 2023.

FRIDRIKSDÓTTIR, Jóhanna Katrín. **Valkyrie: The Women of the Viking World**. London: Bloomsbury, 2020.

FRIDRIKSDÓTTIR, Jóhanna Katrín. **Women In Old Norse Literature: Bodies, Words, And Power**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad, 2005.

GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; BIRRO, Renan Marques. Um ensaio historiográfico sobre a Escandinavística brasileira. In: AMARAL, Clinio; LISBÔA, João (Org.). **A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017**. Curitiba: Prismas, 2019.

Grzybowski, Lukas. A Escandinávia Na Idade Média Em Suas Múltiplas Leituras. **Signum**, v. 16, n. 3, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/77560559/A_Escandin%C3%A1via_Na_Idade_M%C3%A9dia_Em_Suas_M%C3%A9ltiplas_Leituras. Acesso em: 18 dez. 2023.

GRZYBOWSKI, Lukas. O início da missão cristianizadora da Escandinávia e sua interpretação nas Gesta Hammaburgensis de Adam de Bremen. **Signum**, v. 17, n. 1. 2016, p. 160. Disponível em: https://www.academia.edu/31906482/Grzybowski_2016_O_in%C3%ADcio_da_miss%C3%A3o_cristianizadora_da_Escandin%C3%A1via_e_sua_interpreta%C3%A7%C3%A3o_nas_Gesta_Hammaburgensis_de_Adam_de_Bremen. Acesso em: 22 dez. 2023.

HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWM, Eric.; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JESCH, Judith. **The Viking Diaspora**. London and New York: Routledge, 2015.

JESCH, Judith. **Women in the Viking Age**. Woodbridge, Suffolk: Boydell Press, 1991.

JÚNIOR, Álvaro. Viking e Alemanha Moderna. In: LANGER, Johnni (org). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. Hedra, 2017.

LANGER, Johnni. História E Sociedade Nas Sagas Islandesas: Perspectivas

Metodológicas. **Alétheia**, v. 1, 2009, p. 6. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Aletheia/article/download/32/27/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

LANGER, Johnni. Viking. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Luís: Hedra, 2017

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Marcelo Pereira. Fazendo gênero na medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão Da Silva. **Veredas da História**, v. 9, n. 2, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48028/26166>. Acesso em: 22 dez. 2023.

LIMA, Marcelo Pereira. Os Gêneros, Os Poderes e as Aporias Binárias da e na Idade Média. **Sacralidades Medievais**, 2021. Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais/f/os-g%C3%AAneros-os-poderes-e-as-aporias-bin%C3%A1rias-da-e-na-idade-m%C3%A9dia?fbclid=IwAR0Zr2XchIHJwLLI3sEBiHS5MXrly6x9T3vgVZmekBTX6xrXNICsamoP3kl>. Acesso em: 7 set. 2021.

LJUNGQVIST, F. C. Rape in the Icelandic Sagas: An Insight in the Perceptions about Sexual Assaults on Women in the Old Norse World. **Journal of Family History**. 2015; 40(4), p. 431-447. Disponível em: <https://su.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A849432&dswid=99>. Acesso em: 18 jul. 2024.

MARINÉ, Sebastián Mortensen. “La tradición manuscrita”. In: BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (eds.). **El mundo nórdico medieval: una introducción**. Chile: Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2017.

MIRANDA, Pablo Gomes. Grágas. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Luís: Hedra, 2017, p. 319-320.

MOOSBURGER, T. B. **Brennu-Njáls saga**: Brennu-njáls saga: projeto tradutório e tradução para o português. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132415>. Acesso em: 22 dez. 2023.

NASCIMENTO, Isabela de Albuquerque Rosado. **As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos**: uma comparação do Reino de Wessex com a região da Danelaw (séculos IX-X). Rio De Janeiro: UFRJ, 2017. Disponível em: https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=228-as-relacoes-identitarias-entre-anglo-saxoes-e-escandinavos-uma-comparacao-do-reino-de-wessex-com-a-regiao-da-danelaw-seculos-ix-x&category_slug=teses&Itemid=155. Acesso em: 22 dez. 2023.

NICOLAU, Marcio. Gênero: Uma categoria útil de análise? In: BUENO, André et al (orgs.). **Gêneros e Sexualidades em Perspectiva Histórica**. Rio de Janeiro: Sobre

Ontens/UERJ,

2020.

O'DONOGHUE, Heather. Women in Njáls Saga. In: HINES, John; SLAY, Desmond (eds.). **Introductory Essays on Egils Saga and Njáls Saga**. London: Viking Society for Northern Research, 1992.

OLIVEIRA, André Araújo de. A Importância dos Bispos na Cristianização da Islândia Medieval. **Anais do V Encontro Internacional UFES/ Université Paris-Est**. Vitória: UFES, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/view/11747>. Acesso em: 22 dez. 2023.

OLIVEIRA, L. V. Invasão viking na atual historiografia brasileira. **Hydra**, v. 2, n. 3, jun. 2017. Disponível: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/9111>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PEREIRA, Valéria Sabrina. Táticas de poder empregadas por personagens femininas em A Canção dos Nibelungos e A Saga Volsungos. **Brathair**, v. 8, n. 2, 2008. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/502>. Acesso em: 22 dez. 2023.

RENAN, Ernest. O que é uma nação. **Aulas**, Unicamp, v. 4. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2014.

ROSWELL, Thomas. **Gender Roles and Symbolic Meaning in Njáls Saga**. 2012, p. 9. Disponível em: <https://www.medievalists.net/wp-content/uploads/2012/11/genderinNjala.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024).

SCOTT, Joan Wallack. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 3, p. 11–27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, p. 13, jul-dez 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 22 dez. 2023.

SIGURÐSSON, Gísli. The North Atlantic Expansion. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (eds.). **The Viking World**. New York: Routledge, 2008, p. 563.

SIGURÐSSON, Jón Viðar. Iceland. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (eds.). **The Viking World**. New York: Routledge, 2008.

SILVA, Carolina Gual da. Processo de normatização do casamento nos séculos XI e XII: a construção de uma doutrina do matrimônio. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH)**, 2007. Disponível em: <https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.24/ANPUH.S24.0789.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Aline Dias. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, n. 72, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/LdkmyrPVNBspz559rMBdDKw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2024

SIQUEIRA, Tatiana L. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Ártemis**. v. 8, 2008, p. 110-11. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2310>. Acesso em: 22 dez. 2023.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2023.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. Dourados: UFGD, 2012, p. 31-32. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1046>. Acesso em: 22 dez. 2023.

ÞORLÁKSSO, Helgi. Historical Background: Iceland 870–1400. In: MCTURK, Rory (ed.). **A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture**. London: Blackwell, 2005

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu** (3) 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1723/1707>. Acesso em: 22 dez. 2023.

VÉSTEINSSON, Orri. Archaeology of Economy and Society. In: MCTURK, Rory (ed.). **A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture**. London: Blackwell, 2005.

ZIERER, Adriana. A Morte Feminina em Dois Episódios d'A Demanda do Santo Graal: entre Eva-Pecadora e a Virgem Maria. **Mythos**, v. 3, n. 1, p. 10-30, 2018. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.1281.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.